MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

TAINÁ CAMILA DOS SANTOS

DO PODER AO DISCURSO DE MERITOCRACIA:

A UNIVERSIDADE ENQUANTO LUGAR A SER CONQUISTADO

CATALÃO (GO)

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[X] Dissertação [ ] Tese

2. Nome completo do autor

Tainá Camila dos Santos

3. Título do trabalho

DO PODER AO DISCURSO DE MERITOCRACIA: A UNIVERSIDADE ENQUANTO LUGAR A SER CONQUISTADO

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Bruno Franceschini**, **Orientador**, em 28/09/2021, às 14:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **TAINÁ CAMILA DOS SANTOS**, **Discente**, em 28/09/2021, às 15:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2378547** e o código CRC **4D925130**.

Referência: Processo nº 23070.030504/2021-69 SEI nº 2378547

TAINÁ CAMILA DOS SANTOS

DO PODER AO DISCURSO DE MERITOCRACIA:

A UNIVERSIDADE ENQUANTO LUGAR A SER CONQUISTADO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - nível de Mestrado - da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.
Apoio financeiro: CAPES.

Linha de Pesquisa: Discurso, Sujeito e Sociedade.
Orientador: Prof. Dr. Bruno Franceschini.

CATALÃO (GO)

2021

O PPG encontra-se vinculado à UFG, pois não houve ainda migração pela CAPES à UFCAT (criada pela Lei 13.634 de 20 de março de 2018, por desmembramento da Universidade Federal de Goiás-UFG).

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos, Tainá Camila dos
Do poder ao discurso de meritocracia [manuscrito] : a universidade enquanto lugar a ser conquistado / Tainá Camila dos Santos. - 2021.
cc, 200 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Franceschini.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2021.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.

1. Estudos Discursivos Foucaultianos. 2. Arquegenealogia. 3. Práticas de objetivação e subjetivação. 4. Meritocracia. 5. Universidade. I. Franceschini, Bruno, orient. II. Título.

CDU 81

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ATA UAELL-RC 14/2021

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS E LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO.

Defesa: nº 145/2021

Às quatorze horas do dia vinte e dois de julho de dois mil e vinte e um, reuniu-se a Banca Examinadora - à distância, Via Videoconferência - designada pela Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, área de concentração: Linguagem, cultura e identidade, composta pelos docentes: Prof. Dr. Bruno Franceschini (Orientador), da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior, da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, para proceder à Defesa Pública de Dissertação intitulada **DO PODER AO DISCURSO DE MERITOCRACIA: A UNIVERSIDADE ENQUANTO LUGAR A SER CONQUISTADO**, de autoria da mestranda **Tainá Camila dos Santos**, matrícula 2019101033. Iniciando os trabalhos, o Presidente da sessão apresentou a Banca e a candidata ao título de Mestra. Em seguida, agradeceu a presença do público e passou a palavra à mestranda para a apresentação do trabalho. A seguir, o Presidente concedeu a palavra aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. A duração da apresentação da discente e a arguição dos examinadores aconteceram conforme regulamento do Programa. Ao término da arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta para atribuir os conceitos finais da Dissertação. Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou a candidata: **aprovada**, estando **apta** a fazer jus ao Título de Mestra em Estudos da Linguagem. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, dia vinte e dois de julho de dois mil e vinte e um. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra. O diploma correspondente será emitido após cumprimento dos demais trâmites, conforme normas do Programa e legislação da Universidade Federal de Goiás, especialmente o Artigo 62 da Resolução CEPEC 1403/2016.

Observações: O PPG encontra-se vinculado à UFG, pois não houve ainda migração pela CAPES à UFCAT (criada pela Lei 13.634 de 20 de março de 2018, por desmembramento da Universidade Federal de Goiás-UFG).

Banca Examinadora de Qualificação/Defesa Pública de Dissertação/Tese realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo:

Art. 2o A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação.

Documento assinado eletronicamente por **Bruno Franceschini**, **Orientador**, em 22/07/2021, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Cleudemar Alves Fernandes**, **Usuário Externo**, em 22/07/2021, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Antônio Fernandes Júnior**, **Professor do Magistério Superior-Visitante**, em 03/08/2021, às 14:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2228092** e o código CRC **23E5BA29**.

Referência: Processo nº 23070.030504/2021-69 SEI nº 2228092

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a todas as pessoas que lutam reivindicando um mundo sem silenciamento e sem conformidade diante de práticas que as desumanizam e excluem, sendo inventivamente resistência.

A todas as pessoas que participaram da minha pesquisa, especialmente as entrevistadas. Sem elas, nada disso aconteceria.

À Universidade Pública brasileira, principalmente à Universidade Federal de Catalão (UFCAT) e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), lugares em que cresci muito, tive a oportunidade de me formar como profissional e como a pessoa que sou.

À minha mãe, Alcione, que, desde a minha infância, representa o empoderamento que uma mulher pode ter em si.

Ao meu pai, Norival, grande influência a essa pesquisa, pelas suas frequentes falas sobre "não ter mérito, pela falta de oportunidade para manter seus estudos", porque trabalhou desde cedo.

Às minhas irmãs Aline e Lorraine, que nunca deixaram o apoio a mim de lado.

Ao meu sobrinho Kenai, que nasceu me trazendo felicidade e me deu coragem para seguir escrevendo.

Aos meus animais, em especial ao meu cachorro Mischa, por me trazer tanta tranquilidade em momentos difíceis e, consequentemente, me dar energia e satisfação indispensáveis para pesquisar.

Aos meus amigos, Magno, Rennika, Raquel, Yuri e Príscila, que desde a graduação me acompanham, dividindo momentos e propondo inúmeros debates que salientam o meu interesse em AD.

Ao meu professor orientador, Bruno, imprescindível para meu passo inicial nos estudos discursivos foucaultianos, incentivador da pesquisa e sempre pertinente nas suas considerações e visões de mundo.

À professora Erislane, que me marcou nessa trajetória e com quem tive a honra de cursar, pela primeira vez, disciplinas da AD.

Ao meu professor Tony e ao meu amigo de curso Marcelo, por contribuírem tanto com indicações de leituras valiosíssimas.

À minha professora Grenissa, pelo incentivo constante, pela oportunidade de estagiar em sua disciplina de AD na graduação e pelas discussões realizadas.

Aos membros da minha banca de qualificação e de defesa, Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior e Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes.

À CAPES, fomentadora da pesquisa, fundamental para me manter pesquisando.

E, por último, ao Michel Foucault, que me inspira à escrita e à coragem de ser. Conhecer seus escritos foi, sem dúvidas, essencial para a pesquisa e também para minha vida.

A possibilidade não é um luxo. Ela é tão crucial quanto o pão.

É crucial que resistamos às forças da censura que prejudicam a possibilidade de viver em uma democracia igualmente comprometida com a liberdade e a igualdade.

(Judith Butler)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa de mestrado que analisa a relação do discurso de meritocracia com a constituição do espaço da universidade, sendo inscrita no domínio dos Estudos Discursivos Foucaultianos e, portanto, baseando-se principalmente na obra de Michel Foucault, com ênfase na arquegenealogia. Apresentam-se, como *corpus* para a constituição do arquivo desta pesquisa, dez enunciados institucionais retirados de propagandas do Ministério da Educação (MEC), que circularam na TV aberta entre os anos de 2016 e 2017, discorrendo acerca do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, em um segundo momento, um recorte de noventa e dois enunciados retirados de dez entrevistas com ingressantes em cursos de graduação da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão/UFCAT em transição, realizadas de setembro a novembro de 2020. Primeiramente, discute-se a relevância da problematização ao estudo realizado, elevando o problema do corpo como objeto político, do mérito e do neoliberalismo. Posteriormente, há a explanação dos conceitos fundamentais ao desenvolvimento da análise, seguida da discussão acerca do neoliberalismo e biopolítica no ENEM e da apresentação da série enunciativa dos enunciados institucionais. Na próxima etapa, a modalidade da entrevista semi-estruturada é disposta (MINAYO, 2001) e, também, o tipo de transcrição, nesta pesquisa, a naturalista, adotada para o trabalho (AZEVEDO, *et al*., 2017). Em seguida, são elaboradas as séries enunciativas (FOUCAULT, 2019) de enunciados das entrevistas, distribuídas em três trajetos temáticos (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1997), a saber: 1) A objetivação da universidade; 2) A qual demanda a universidade responde? e 3) Os efeitos de verdade na produção de subjetividade do ingressante. A partir disso, pode-se visualizar a relação do sujeito ingressante com a universidade, inclusive enquanto um espaço meritocrático, uma vez que a análise identifica o discurso de meritocracia no *corpus*. Assim, considerando a análise arquegenealógica como método, chega-se às práticas de confissão (FOUCAULT, 2006a) do sujeito, ao confessar-se em relação com a universidade e ao objetivá-la no que enuncia. Desta forma, observa-se a heterogeneidade da universidade ao sujeito ingressante, visto que por configurar-se como muitos espaços e diversos, com corpos e sujeitos diversos circulando, aproximando-se do que Foucault (2010b) chama de heterotopia, marcando corpos, arquiteturas e estruturas de funcionamento nos espaços. Ao longo da análise, discorre-se acerca do dispositivo da universidade enquanto lugar a ser conquistado, salientando as práticas que objetivam e subjetivam o sujeito ingressante, como o discurso institucional de meritocracia e, também, o espaço da universidade, incluindo o processo que seleciona quem a ocupa. Nas considerações finais são revistos, de forma breve e resumida, as discussões e os resultados da pesquisa, abarcando os objetivos traçados, sobretudo o de analisar a relação do discurso de meritocracia com o espaço da universidade, a partir dos enunciados recortados.

Palavras-chave: Estudos Discursivos Foucaultianos; arquegenealogia; práticas de objetivação e subjetivação; meritocracia; universidade.

ABSTRACT

This dissertation aims to present the results of this research which analyzes the relationship of the meritocracy discourse with the constitution of the university space, being included in the domain of Foucauldian Discourse Studies and, therefore, based mainly on the work of Michel Foucault, with emphasis on archegenealogy. It is presented, as *corpus* for the constitution of the archive of this research, ten institutional statements taken from advertisements of the Ministry of Education (MEC), which circulated on broadcast TV between the years 2016 and 2017, discussing the National High School Exam (ENEM) and, in a second moment, a selection of ninety-two statements taken from ten interviews with freshmen students in undergraduate courses at the Federal University of Goiás - Regional Catalão/UFCAT in transition, conducted from September to November 2020. First, we discuss the relevance of the problematization of the study, raising the problem of the body as a political object, of merit and of neoliberalism. Subsequently, there is the explanation of the fundamental concepts to the development of the analysis, followed by the discussion about neoliberalism and biopolitics in ENEM and the presentation of the enunciative series of institutional statements. In the next step, the modality of the semi-structured interview is presented (MINAYO, 2001) and, also, the type of transcription adopted, in this research the naturalistic one (AZEVEDO, *et al*., 2017). Then, the enunciative series (FOUCAULT, 2019) of statements from the interviews are elaborated, distributed in three thematic paths (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1997), namely: 1) The objectification of the university; 2) To which demand does the university respond? and 3) The effects of truth in the production of subjectivity of the freshmen. From this, one can visualize the relation of the freshmen subject with the university, including as a meritocratic space, since the analysis identifies the discourse of meritocracy in the *corpus*. Thus, considering the archegenealogical analysis as a method, we arrive at the confession practices (FOUCAULT, 2006a) of the subject, when confessing in relation to the university and objectifying it in what he/she enunciates. In this way, the heterogeneity of the university is observed to the freshmen subject, since it is configured as many and diverse spaces, with diverse bodies and subjects circulating, approaching what Foucault (2010b) calls heterotopia, marking bodies, architectures and structures of operation in the spaces. Throughout the analysis, we discuss the device of the university as a place to be conquered, highlighting the practices that objectify and subjectivize the new student subject, such as the institutional discourse of meritocracy and, also, the space of the university, including the process that selects who occupies it. In the closing remarks, the discussions and the results of the research are briefly reviewed, covering the objectives set out, especially that of analyzing the relationship between the discourse of meritocracy and the space of the university, based on the selected enunciations.

Keywords: Foucauldian Discourse Studies; archegenealogy; objectification and subjectification practices; meritocracy; university.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 14
1. O MÉRITO COMO PROBLEMA POLÍTICO: A EMERGÊNCIA DA MERITOCRACIA E SUA RELAÇÃO COM O NEOLIBERALISMO 20
1.1 A problematização no pensamento arquegenealógico 21
1.2 O corpo político 27
1.3 O problema do mérito e a configuração da meritocracia 33
1.4 Considerações teóricas sobre o neoliberalismo 39
2. A UNIVERSIDADE ENQUANTO ESPAÇO MERITOCRÁTICO 46
2.1 Arquegenealogia: conceitos fundamentais 47
2.2 Neoliberalismo e biopolítica no ENEM 53
2.3 Dos enunciados institucionais 56
2.4 O espaço meritocrático da universidade 60
3. DO "SONHO REALIZADO" À "BALBÚRDIA": ANÁLISE DAS ENTREVISTAS 66
3.1 Das entrevistas: análise discursiva em perspectiva 70
3.2 O sujeito ingressante e a universidade 75
3.2.1 A objetivação da universidade 77
3.2.2 A qual demanda a universidade responde? 87
3.2.3 Os efeitos de verdade na produção de subjetividade do ingressante 97
3.2.4 Considerações sobre a análise 103
CONSIDERAÇÕES FINAIS 107
REFERÊNCIAS 113
APÊNDICES 119
ANEXOS 189

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na minha vida, a meritocracia vem sendo, por muito tempo, um objeto questionável. Lembro-me que, na escola, nós tínhamos os ditos alunos-destaques, as medalhas, as olimpíadas. No Ensino Médio, quando fui selecionada para estudar em uma escola técnica, ouvi felicitações e encorajamentos como: "você merece, é inteligente, estude e você vai longe".

Recordo, também, do meu pai dizendo ter algum "não merecimento" porque não estudou. Dizia que simplesmente não merecia tanto um cargo tachado de superior ao que ele tinha até então, pois "não tinha se esforçado tanto para ter um". Aquilo me causava angústia e um sentimento de inconformidade, pois para mim, não era justo (no que eu entendia como justiça), que meu pai não merecesse alguma coisa porque não fez um curso superior.

Sem dúvidas os relatos do meu pai, que na minha infância era empregado em uma universidade, sobre vez e outra parar para ouvir as aulas de História, lecionadas na sala ao lado da qual ele trabalhava, me instigaram a ter uma visão de universidade para muito além de merecer frequentá-la, pensando, inclusive, em como este lugar "universidade" pode ser vivenciado de modos tão plurais, com tantas histórias diversas e tantos mundos que se aproximam e se distanciam.

Aos meus vinte anos, eu fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e fui para a universidade, mudando de cidade, de Estado, de rotina, vivendo essa tal universidade da minha forma e dentro do possível naquele momento. Foi então que durante o curso de Letras, o curso ao qual concorri para cursar, um amigo próximo me sugeriu assistir a a uma série brasileira que, nas palavras dele, tinha como tema a meritocracia. Após conhecer a primeira temporada de 3% (NETFLIX BRASIL, 2016), por mais que se tratasse de um universo distópico, eu senti uma grande semelhança, uma grande familiaridade com toda aquela trama.

Na série, jovens de vinte anos de idade passavam por um processo seletivo (um direito dado à população unicamente nessa idade), chamado de Processo, que consistia em um conjunto de provas para selecionar 3% de todos os que estavam na disputa. O prêmio? Uma vaga. Uma vaga para cada ganhador sair do "Lado de cá" (de realidade muito precária) e passar para o "Lado de lá" (um lugar dito sem miséria e abundante em recursos). O "Lado de lá" era tão dito perfeito aos habitantes, tão rico de recursos, que

havia, no "Lado de cá", pessoas que se reuniam para ovacionar simplesmente a existência do Processo, posto que, para essas pessoas, era a maior oportunidade da vida delas. Não seria isso tudo familiar? Quer dizer, para alguém que se depara, constantemente, com propagandas de cursinho pré-vestibular, com chamadas do MEC ao ENEM, com enunciados que discorrem acerca da importância de ter um diploma, a forma da ascensão, o *status* que o Ensino Superior pode oferecer, enfim, para o sujeito cujo discurso de meritocracia é um combustível a seus desejos e práticas, a universidade não poderia soar como uma espécie de "Lado de lá"? Um questionamento inicial.

Assim, desenvolvi, com o meu orientador, o professor Bruno Franceschini, um projeto de Iniciação Científica (IC)[1] que estudava as práticas de confissão e o discurso de meritocracia em 3%, me aproximando de Foucault, das relações de saber-poder, das práticas de objetivação e subjetivação e da sua grande preocupação: o sujeito.

Essa preocupação acabou por ser a minha preocupação também, enquanto pesquisadora. No TCC[2], eu sentia que o "cá" de 3% era muito semelhante ao "cá" de inúmeras pessoas da nossa sociedade. O Processo, por sua vez, selecionava 3% dos jovens para ocupar uma vaga do outro lado (outro lugar, um lugar dito de *status*, dito de abundância) e era semelhante a tantos processos que passamos cotidianamente, como o vestibular. Daí meu trabalho de conclusão surgiu do intuito de traçar diálogos entre enunciados institucionais do Processo (de 3%) e do Ministério da Educação (MEC), ambos enunciando processos seletivos e, sobretudo, quem é o sujeito merecedor e não- merecedor para ocupar determinado espaço, um espaço apresentado, nesse discurso, como proveniente de conquista, isto é, das ações individuais.

Se há quem passa, se há quem ganha uma vaga e, se como disse o próprio ministro da Educação, Weintraub[3] (2020) "o ENEM é para selecionar as melhores pessoas", do outro lado, há quem não passa, quem não ganha uma vaga e, ainda, quem não é incluso no que se enuncia como sendo "melhores pessoas". Eis, então, o questionamento que inspirou essa pesquisa, agora, discorrida em uma dissertação: seria a universidade um espaço meritocrático, enunciada como um lugar a ser conquistado? Quem são os sujeitos que ocupam a universidade, como eles veem a universidade e como se veem nela?

---

[1] Modalidade de pesquisa acadêmica existente em diversas áreas de conhecimento e desenvolvida por alunos de graduação orientados por professores.

[2] Trabalho de Conclusão de Curso.

[3] Foi ministro da Educação nomeado por Jair Bolsonaro em 2019, permanecendo até junho de 2020, pressionado a deixar o cargo após realizar declarações públicas anti-democráticas, visto que pediu a prisão de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) motivado por divergências políticas-ideológicas.

Esta pesquisa tem um rumo distinto das duas anteriores (a IC e o TCC), haja vista que, desta vez, deixa o universo de 3% e vai ao objetivo de estudar, a partir dos estudos discursivos foucaultianos, a configuração da universidade enquanto espaço meritocrático, prosseguindo, todavia, nos estudos do objeto discursivo meritocracia. Mais especificamente, o objetivo geral, agora, é pesquisar, por meio da análise discursiva dos enunciados que compõem o arquivo retirado do *corpus constituído nesta pesquisa*, como se dá, partindo da perspectiva foucaultiana, a relação do discurso de meritocracia com a configuração da universidade enquanto lugar a ser conquistado. Essa relação será investigada por meio da análise de enunciados retirados de entrevistas com dez participantes (ingressantes na UFG-Regional Catalão, entre os anos de 2018 e 2019) de diversos cursos de graduação[4].

Nas entrevistas, serão colocadas oito questões norteadoras relacionadas à experiência tópica do participante com o vestibular e a universidade, cujos resultados serão transcritos integralmente, formando parte do *corpus* de análise. A partir desse corpus, faremos emergir o arquivo da pesquisa.

Assim posto, a pesquisa possui quatro objetivos específicos. São eles:

1- Discutir como, nas entrevistas realizadas, a universidade é objetivada nas práticas de confissão do sujeito ingressante, tendo em vista o funcionamento do dispositivo de confissão e a relação com as práticas de objetivação do objeto de discurso universidade;
2- Cartografar a constituição de um dispositivo de universidade como um espaço meritocrático, de modo a evidenciar como o campo associado do objeto "universidade espaço de meritocracia" é constituído por diferentes ordens discursivas;
3- Descrever os efeitos de verdade no processo de objetivação e subjetivação dos sujeitos configurados pelos discursos presentes no *corpus* de análise, observando o funcionamento do conceito de memória discursiva como um conceito-motor para a produção dos discursos sobre a universidade e os discursos meritocráticos relacionados a ela. Ademais, visa-se observar como o sujeito se vê na universidade enquanto "um lugar de conquista",

[4] Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFG-RC. CAAE: 26381619.6.0000.8409. O parecer da versão 3, cujo ajuste foi necessário dadas as medidas de isolamento frente à pandemia, encontra-se no ANEXO A.

> compreendendo como se dá a objetivação do sujeito por si mesmo no discurso de meritocracia;

Nas pesquisas anteriores, iniciação científica e trabalho de conclusão de curso, por meio da análise do discurso institucional de meritocracia nas propagandas do ENEM, concluímos que há um discurso de meritocracia institucional dirigido à universidade pública, à medida que o sujeito candidato é objetivado como quem deve se preparar, se esforçar para "se dar bem", em outros termos, para entrar na universidade. Portanto, dando continuidade aos estudos, buscamos, agora, traçar a relação entre esse discurso e o espaço da universidade, configurando-a como "lugar a ser conquistado".

Deste modo, quando refletimos acerca do novo projeto, as entrevistas foram, desde o início, um ponto relevante, aplicável teoricamente como uma parte da metodologia. Isso porque, para chegarmos à configuração desse espaço de conquista (pelo discurso de meritocracia), em hipótese, a universidade, nos deparamos com as práticas de objetivação e subjetivação (FOUCAULT, 2019). Essas práticas seriam imprescindíveis para a constituição da relação do discurso com o sujeito e, ainda, com o objeto.

Se a hipótese é a de que a universidade se apresenta discursivamente como um lugar a ser conquistado, funcionando inclusive como dispositivo, existem questões a serem apuradas, ligadas à subjetividade de quem está nesse lugar, de quem entra e de quem não entra. Portanto, a escuta do sujeito ingressante, que outrora foi candidato a ocupar a universidade, é um caminho relevante para apurarmos essas questões. Assim, selecionamos o tipo de entrevista semi-estruturada (MINAYO, 2001), isto é, de modo que a abordagem seja mais ou menos dirigida, apresentando questões referentes à vivência no processo de seleção do vestibular, no caso, o ENEM, para, nas respostas dos participantes, investigarmos o que a universidade é para eles, como ela é (ou não) um objeto desejado, um lugar almejado.

Diante disso, lidamos com, além das práticas de objetivação e subjetivação, as práticas de confissão, pensando, conforme coloca Foucault (2006a, p. 212-213) que "aquele que fala é, ao mesmo tempo, de quem se fala". Então, as entrevistas nos possibilitam analisar, no nosso trabalho, como o sujeito se confessa em sua relação com o discurso de meritocracia que, por sua vez, compõe a universidade, ocupada por esse sujeito subjetivado pela instituição.

O *corpus*[5] é contemplado por dez enunciados coletados de propagandas do MEC (publicadas entre os anos de 2016 e 2017), que apresentam a universidade-espaço meritocrático, e noventa e dois enunciados selecionados das entrevistas realizadas (de setembro a novembro de 2020), com ingressantes incluídos nos critérios de inclusão à participação (com mais de dezoito anos e que ingressaram na já mencionada instituição em 2018 ou 2019, na modalidade de graduação).

Deste modo, esta dissertação é dividida em três capítulos. O primeiro, intitulado *O mérito como problema político: a emergência da meritocracia e sua relação com o neoliberalismo*, trará à tona discussões que partem da relevância da problematização na arquegenealogia e vão ao denominado corpo político (em diversas perspectivas do pensamento), que abordam um corpo pensado para além de "natural-biológico", mas também político. Posteriormente, o texto seguirá à emergência da meritocracia na sociedade neoliberal, especialmente, na cultura e política ocidentais, compreendendo, aí, o Brasil. Neste capítulo, discorreremos acerca da meritocracia constitutiva do lugar-universidade, refletindo sobre o sujeito "empreendedor de si" (DARDOT; LAVAL, 2016), ou seja, o sujeito neoliberal, entre o senso de coletividade e de individualidade, o sujeito competitivo, colocado como responsável por si mesmo e por seus resultados e, consequentemente, como "merecedor" ou "não-merecedor".

Em *A universidade enquanto espaço meritocrático*, que é o segundo capítulo, nos aprofundaremos na configuração da universidade enquanto lugar de conquista, abordando a história da universidade no Brasil, considerando os embates entre público e privado, e o ENEM como exemplo de biopolítica em funcionamento, observando os acontecimentos que emergiram e emergem discursos sobre a universidade, indo à objetivação do sujeito ingressante nos enunciados do MEC. Para este capítulo, explicaremos conceitos-base como discurso, relações de saber-poder, arquivo, documento e monumento.

Já no terceiro capítulo, *A subjetividade do sujeito ingressante à universidade: análise das entrevistas*, o foco será nas entrevistas realizadas, na descrição de detalhes de recortes de perfis de participantes e limitações durante esse processo, como a mudança de entrevistas presenciais para vias online, em virtude da pandemia pelo novo coronavírus[6], em pleno período de desenvolvimento do nosso projeto. Aqui, traremos à discussão os resultados obtidos dessas entrevistas, propriamente os enunciados retirados delas, com o

[5] Corpus (entrevistas integrais) disponíveis em APÊNDICE C.
Arquivo analisado: ver em p. 50-51 e 61-93.
[6] Respectivamente o vírus SARS-CoV-2, da família dos coronavírus.

objetivo de problematizar o processo de subjetivação do sujeito ingressante, a partir das confissões observadas em tais enunciados. Partiremos dos questionamentos: Como o sujeito se vê no processo seletivo para a universidade? Como ele se vê na universidade, após o ingresso? Como ele vê a universidade? Existe, conforme enunciado pelo sujeito em questão, relação do discurso de meritocracia com a universidade?

Seguidamente, traremos as considerações finais, retomando o que essa pesquisa nos trouxe de indagações pertinentes em se tratando de subjetividade, de relações de poder exercidas entre sujeitos e sobre a meritocracia constituinte do neoliberalismo e da universidade no Brasil.

CAPÍTULO I

1. O MÉRITO COMO PROBLEMA POLÍTICO: A EMERGÊNCIA DA MERITOCRACIA E SUA RELAÇÃO COM O NEOLIBERALISMO

Para o início do trabalho de escavar discursivamente a meritocracia, este capítulo é subdividido em quatro pontos relevantes, sendo eles: *1.1 A problematização no pensamento arquegenealógico*, em que discorreremos sobre a relevância da problematização no pensamento foucaultiano, abordando linhas de pensamento consideradas pertinentes ao desenvolvimento do "problematizar"; *1.2 O corpo político*, cujo objetivo é abordarmos o corpo como um problema político levantado em diversos pensamentos, fato imprescindível para o entendimento do sujeito; *1.3 O problema do mérito e a configuração da meritocracia*, que apresenta o mérito como um problema também político e como isso configura a meritocracia e *1.4 Considerações teóricas sobre o neoliberalismo*, que visa o tema do neoliberalismo e faz um breve levantamento de sua historicidade (no Brasil afora), com o intuito de visualizar a sua relação-constitutiva com a meritocracia.

À discussão da problematização, trazemos Foucault (em sua arquegenealogia), Nietzsche (1998), que é inegavelmente um grande influenciador do pensamento foucaultiano, Deleuze e Guattari (2011), ao apresentarem a visão rizomática do pensamento, importante para partirmos à multiplicidade filosófica, além das colocações de Orlandi (1987) e Navarro (2008), referentes às concepções foucaultianas. Já acerca do corpo político, buscamos a visão de Foucault sobre o corpo, escavando, para mais, os pensamentos que vislumbram o corpo como não-restrito ao natural-biológico. Aqui, percorremos as ideias de Aristóteles (1991), Platão (1992), Descartes (2002) e Spinoza (2009), este último apresentando refutação da ideia de dualidade do corpo e alma e corpo e mente. Para salientar o corpo como constituído politicamente (o que concorda com Foucault), nos apoiamos em Fernandes e Fernandes Júnior (2016), Courtine (2013), Candiotto (2010) e Milanez (2013).

No terceiro item, que trata do problema do mérito e da configuração da meritocracia, partimos dos escritos aristotélicos relacionados à ideia de justiça pelas ações individuais. Também nos fundamentamos em Maluf Chaves (2012), Young (1958; 2001) (autor de uma distopia que possui o tema central da meritocracia, intitulada "A ascensão da meritocracia"), Mendes (2018) e, no que se refere à emergência do problema, Foucault

(2019). As colocações foucaultianas contempladoras do neoliberalismo são parte das referências do quarto item, somadas aos escritos de Dardot e Laval (2016) e, partindo aos acontecimentos políticos no Brasil, Tavares e Melin (1998), Soares (2001), Braz (2004) e Porto (2009).

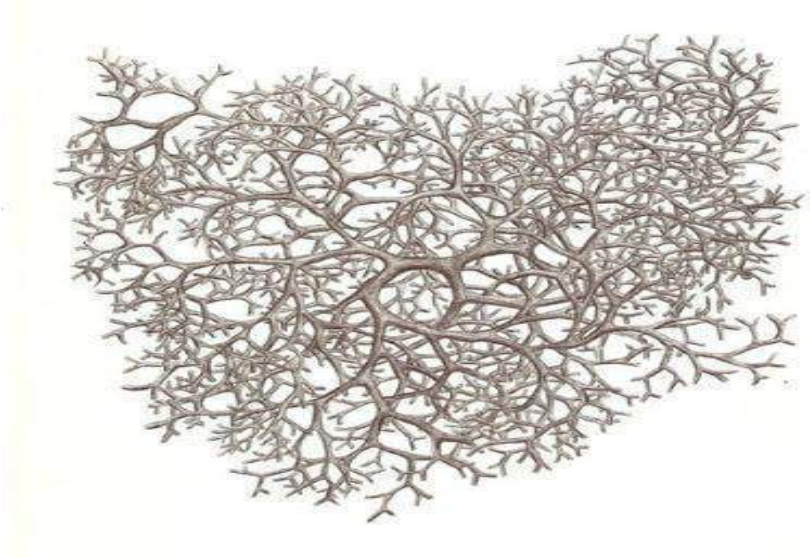
1.1 A problematização no pensamento arquegenealógico

> *O trabalho do pensamento não consiste em denunciar o mal que habitaria secretamente tudo que existe, mas em pressentir o perigo que ameaça tudo o que é habitual e tornar problemático tudo o que é sólido* (FOUCAULT, 1994, p. 212, grifos nossos).

Quando falamos da emergência do discurso, seja referente a qualquer objeto, precisamos nos locomover do lugar de linearidade histórica, reconhecendo as heterogeneidades constitutivas do objeto. Em outras palavras, a uma investigação discursiva arquegenealógica, é necessário adentrar um processo de escavação, em um movimento acima de tudo instigado, que não é restrito às interpretações estabelecidas de uma forma tradicional (do que se define como análise histórica global) de deparar-se com a história.

É o que, buscando em Deleuze e Guattari (2011), podemos chamar de multiplicidade, metaforicamente, o rizoma, termo encontrado na Botânica e aplicado à Filosofia. A imagem cujas linhas são inúmeras e polimorfas (rizoma), desprovidas de definição e de direção, configura uma forma de pensar os objetos constituídos por conexões que se multiplicam, incessantes, de maneira que as linhas confundem-se entre si, sem delimitação de início e fim ou de pontos postos em duas extremidades. O rizoma, nesse sentido, é distinto da raiz por suas multiplicidades e movimentos de desterritorialização (que não centralizam e não definem linhas como fundantes ao pensamento). Eis, como dizem os autores, um "riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio" (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48-49).

Imagem 1: Representação do rizoma.



Fonte: Publicação de João Rizzo referente ao texto *Deleuze: rizoma*, de Rafael Trindade, no site Razão Inadequada[7].

A visão de multiplicidade para se pensar no discurso opõe-se à ideia de fatos fundantes e, também, de fixação e homogeneidade do que é dito. Nesse viés, as linhas são mutáveis e móveis, o que caracteriza um desejo fluído, atrelado a um inconsciente que, por sua vez, diz sobre o sujeito e o que é produzido, inclusive discursivamente (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Deste modo, o pensamento partido da linearidade (do método cartesiano, que descreve linhas retas) é, para seus opositores, algo problemático, uma vez que foi instituído como verdade em campos da análise histórica, social e filosófica. Colocam os autores:

> Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48-49, grifos dos autores).

Essa forma de apurar o "ser" enquanto "sacudido" pela conjunção "e" marca, então, um rompimento com a contemplação determinista de um "eu" imutável, ausente de contradições e possibilidades de existência. Isso implica, para mais, o que se entende

[7] Disponível em: https://pt.slideshare.net/joaorizzo1/deleuze-rizoma-razo-inadequada?from_action=save.

acerca do sujeito, concepção que moveu o que se tinha do homem que, por sua vez, é um termo bastante utilizado em determinado período na Filosofia[8].

Ainda sobre essa ruptura, Nietzsche (1998), cuja obra foi de intensa presença nos escritos foucaultianos, traz uma abordagem crítica a temas relacionados ao homem como provedor do bem e do mal, o que culmina na sua genealogia, em trocadilho com a genealogia científica[9]. Em *Genealogia da moral: uma polêmica*[10], o autor rebate a visão dualista de bondade e maldade (bem como ruindade) do ser humano, contestando a moral, como, por exemplo, pelo questionamento crítico da culpa e "má consciência" dos indivíduos, que são encontradas nos ditos do cristianismo. Ao explanar a sua obra, respectivamente na segunda dissertação, Nietzsche (1998, p. 48-49, grifos do autor) diz:

> Esta é a longa história da origem da *responsabilidade*. A tarefa de criar um animal capaz de fazer promessas, já percebemos, traz consigo, como condição e preparação, a tarefa mais imediata de tornar o homem até certo ponto necessário, uniforme, igual entre iguais, constante, e portanto confiável. O imenso trabalho daquilo que denominei "moralidade do costume" (cf. *Aurora*, 9, 14, 16) – o autêntico trabalho do homem em si próprio, durante o período mais longo da sua existência, todo esse trabalho *pré-histórico* encontra nisto seu sentido, sua justificação, não obstante o que nele também haja de tirania, dureza, estupidez e idiotismo: com ajuda da moralidade do costume e da camisa-de-força-social, o homem foi realmente *tornado* confiável.

A contestação do pensador alemão, partindo do trecho acima, se estende rumo à história da moral e apresenta-se como divergente à medida que possui uma forma de investigação da moral que não considera algo justificado como historicamente fixo e imutável, já que, inclusive, a ideia de algo "historicamente justificável", como fixado no pensamento, é bastante criticada na sua obra.

Quando Nietzsche fala do homem, engloba processos incessantes que atuam no pensamento, como o que ele chama de vontade de poder (ou potência) que, indo de encontro aos pensamentos transcendentais, constitui um homem movido por suas ambições

---

[8] De acordo com Foucault (1984, p. 22): O trabalho de um intelectual não é modelar a vontade política dos outros, é através das análises que ele faz nos domínios que são seus, reinterrogar as evidências e os postulados, sacudir os hábitos, as maneiras de fazer e de pensar, dissipar as familiaridades aceitas, retomar a medida das regras e das instituições, e ao partir desta reproblematização (onde ele desempenha seu papel específico de intelectual), participar da formação de uma vontade política (onde ele tem seu papel de cidadão a desempenhar).

[9] Pensada cientificamente como a "investigação histórica da pessoa sob estudo" (Schaeffer, 1960, p. 488). Tal investigação é relacionada à genética, estudo da Biologia.

[10] Nietzsche estrutura o livro em três dissertações. Em suas palavras, a primeira trata da verdade da psicologia do cristianismo, a segunda da verdade da psicologia da consciência, e a terceira traz uma resposta à questão "de onde procede o tremendo poder do ideal ascético" (NIETZSCHE, 1998, p. 2-3).

e realizações, em movimento. Logo, essa filosofia não focava, como no caso da transcendental, no homem para "além-vida", tampouco no alcance de algo maior do que o tido em vida, como o divino.

Em meio a essa contestação, o filósofo chega ao que se tinha sobre "bem" e "mal" (para ele, ligado aos preceitos do cristianismo), questionando a moral sobre o homem tanto na figura do dominante "ave de rapina", quanto na da fragilizada "ovelha de rebanho". Maldade e bondade são, aí, vistas pelos valores de acordo com a perspectiva de cada ser, posto que a vontade de poder seja sempre presente, o que é expresso com sarcasmo pelo filósofo:

> Que as ovelhas tenham rancor às grandes aves de rapina não surpreende: mas não é motivo para censurar às aves de rapina o fato de pegarem as ovelhinhas [...] Exigir da força que não se expresse como força, que não seja um querer dominar, um querer vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força (NIETZSCHE, 1998, p. 35).

Em uma das análises presentes no livro, chegamos ao latim *malus* (mau) e sua relação com *melas* (negro), adjetivo atribuído aos plebeus. Desta forma, a investigação genealógica do filósofo é compreendida na Filosofia como importantes reflexões acerca dos chamados valores do homem, haja vista que, em se tratando de "homem bom" em oposição ao "homem mau", eram os valores que determinavam a bondade, os valores do homem branco e nobre (o bom) e os dos plebeus (o mau), enquanto que na perspectiva dos escravos e plebeus, a maldade podia estar nos ditos "senhores", pois tudo dependia dos valores em suas distintas perspectivas.

Com uma linguagem carregada de ironia, Nietzsche levantou, ao longo de sua produção, problemas, isto é, questões para serem problematizadas e, por conta das críticas às ideias de outros filósofos, como a história interpretada pelos aristocratas (cujo conceito moral é dito como a verdade dos fatos), sua obra caracterizou-se como polêmica. Partindo à moral, as colocações sobre a necessidade de observar as verdades ditas e legitimadas como verdadeiras eram, para ele, a grande motivação de seus escritos. Então, a visão genealógica nietzschiana traz noções que desafiam, sobretudo, as formas de pensamento cujo objeto era o homem. Para ele, o homem não tem ideias fixas, tampouco é constituído por atributos "dignos" ou "indignos", visto que isso são valores configurados por verdades,

dizeres e pensamentos postos como verdadeiros: sobre as coisas, sobre as condutas, sobre as crenças, modos de vida, culturas e mundo.

O estudo da "história da origem da responsabilidade" (NIETZSCHE, 1998, p. 48) surge contrariando a forma tradicional de se analisar um objeto pela sua historicidade. Tradicionalmente, a origem confunde-se com a fundação de algo que não se move fora de um trajeto linear, como se apresentasse começo, meio e fim, não destoando de uma "linha reta da história". Diante disso, tanto Deleuze e Guattari (2011), ao discorrerem acerca das "linhas tortas" (multiplicidade), quanto Nietzsche (1998), ao descrever a história da moral como heterogênea e marcada por verdades ditas como verdadeiras (genealogia), opõem-se às designações tradicionais de "se ler e interpretar a história".

Em contato com essas e outras ideias, Foucault caminha para uma história das problematizações, trazendo, ao longo de seu percurso, a arquegenealogia, uma forma de investigação que se ocupa a escavar o objeto, sob incessante movimento de problematizar o que é aparentemente sólido, o que é dito e enunciado (FOUCAULT, 2014a). Deste modo, é imprescindível exercitar, enquanto pesquisadora, a descrição da regularidade de um objeto que "vai e vem", emergindo em diferentes recortes de tempo e em diversas condições de possibilidade.

Se Foucault conduziu seu pensamento a uma genealogia, no que tange aos estudos dos processos de objetivação e subjetivação do sujeito, de suas práticas de liberdade, discursivas, na resistência, na transgressão e, relevantemente, no exercício das relações de saber-poder, também o fez arqueologicamente "no trabalho de elucidação de um complicado arquivo que nos delimita" (ORLANDI, 1987, p. 29). Assim, um trabalho arquegenealógico se ocupa a analisar as relações de saber-poder que, na perspectiva foucaultiana, acontecem, também, em níveis micromoleculares, isto é, para além da relação do Estado e da população, que define um nível macromolecular (FOUCAULT, 1998). Igualmente, a arqueologia consiste na tarefa da escavação de enunciados, na investigação da emergência de discursos, seja na descrição da sua regularidade, seja na do arquivo (salientando que ambas as coisas interligam-se). É como frisa Orlandi (1987, p. 29, grifos do autor), a respeito da teoria do enunciado de Foucault:

> Pois bem, essa teoria, com seu horizonte e seu encaminhamento, é exercitada como engrenagem decisiva no funcionamento daquilo que Foucault chama de *arqueologia*. De um lado, e em termos genéricos, arqueologia é o nome do conjunto de todas essas pesquisas, análises e

> descrições. Em termos técnicos, "a arqueologia", diz ele, "descreve o discurso como práticas especificadas no elemento do arquivo".

A partir desses debates, rumo ao homem, ao sujeito, ao enunciado, ao discurso, à verdade e ao poder, observamos a relevância da problematização para os estudos discursivos de múltiplos e variáveis objetos, como, no caso desta pesquisa, a meritocracia. Em outras palavras, problematizar é indispensável para a investigação arquegenealógica. Diversas vezes, em seus escritos e entrevistas, Foucault fala em pensar no problema das coisas, como faz com a sexualidade, com a loucura e com a punição.

No caso da meritocracia, o exercício de problematizar é direcionado à captação dos momentos de emergência do mérito pensado como sistema político, apresentado como um tipo de justiça social ou como algo que em sua funcionalidade é ilusório (essas questões serão melhor discutidas na seção 3). Nesse sentido, a multiplicidade (contrária à noção de verdade homogênea e irrefutável), é um ponto relevante ao nosso trabalho.

Destacamos, portanto, que como o pensamento rizomático de Deleuze e Guattari (2011) e genealógico de Nietzsche (1998), o pensamento arquegenealógico foucaultiano se desloca dos métodos interpretativos tradicionais e transcendentais utilizados em algumas análises filosóficas. Navarro (2008), ao discorrer sobre o discurso e sua relação com a história e o poder, pontua as características do que seria essa maneira de explanar um objeto pelo viés da análise discursiva orientada em Foucault. Em uma de suas pontuações, visualizamos a história geral em contraposição à global, o que é discutido na *Arqueologia do Saber*. Enquanto a primeira é mostrada como o estudo cujo enfoque é nos saberes e não nas "ações de determinadas personalidades históricas", a segunda parte do pressuposto de que "o sujeito é origem de todo devir e de toda prática" (NAVARRO, 2008, p. 61).

Assim, partindo da problematização da história global, a história geral surge como o direcionamento às ideias de Foucault (além de representar outros autores contrários à visão de linearidade e homogeneidade históricas). Para Foucault (2010a) é preciso partir não de um fato fundante ao estudo de um objeto e, para mais, é preciso deslocar-se da ideia de criação de um discurso, mobilizando-se à investigação do que é dito como verdadeiro e falso:

> Problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem tampouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o

> pensamento (seja sob a forma da reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política etc.) (FOUCAULT, 2010a, p. 242).

Problematizar é, então, um constante exercício de mobilidade, em que o pensamento não cessa em nenhum ponto específico, visto que exercita uma atividade de questionar tudo aquilo que é dado, afirmado e dito como verdade posta em uma homogeneidade que desconsidera as descontinuidades, as possibilidades e as "linhas tortas" descritas pelo rizoma: com conexões caóticas, não dispostas em linhas retas, que não definem pontos de início e fim, distantes de apresentarem um tempo histórico linear, em que objetos são criados, desenvolvidos e dissolvidos.

Neste estudo, delimitamos um recorte de enunciados, considerando a seleção do arquivo por meio da escavação de "sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização)" (FOUCAULT, 2019, p. 157).

Ou seja, buscamos problematizar a emergência do discurso de meritocracia na universidade e declaramos a pesquisa como arquegenealógica, nos colocando em constante problematização da meritocracia, a fim de investigar a constituição deste objeto, o que nos leva a determinadas concepções, como corpo, práticas de objetivação e subjetivação, sujeito (com ênfase no sujeito neoliberal e meritocrático), enunciados e conceitos ligados ao discurso e sua emergência. Partimos do questionamento acerca de como o mérito é tido como um problema, caracterizando a meritocracia.

A seguir, iniciamos a descrição de tal investigação com o problema do corpo político, problema este fundamental para pensarmos nas relações de saber-poder e nas práticas que objetivam e subjetivam o sujeito ingressante à universidade, como no discurso de meritocracia, atuante no corpo, na conduta e nos desejos do sujeito.

1.2 O corpo político

> *O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as*

> *nego pelo poder indefinido das utopias que imagino.*
> (FOUCAULT, 2013b, p. 14, grifos nossos).

No percurso da análise discursiva, investigadora, sobretudo, da constituição do sujeito, nos deparamos com uma questão existente em diversos registros de pensamento, inclusive no foucaultiano. Essa questão, que é a do corpo político, é imprescindível para a nossa apuração, uma vez que em algum (alguns) momento(s) o corpo ocupou e ocupa um lugar no pensamento diverso do lugar biológico e dito natural: um lugar de inscrição do "ser político".

O corpo político é referente ao corpo para além de uma perspectiva do natural e orgânico. Portanto, a reflexão do corpo enquanto uma questão problematizável nos possibilita a chegar a outros problemas, como ao dessa pesquisa, entendendo o sujeito e as práticas que o objetivam e subjetivam, por exemplo, no discurso de meritocracia.

As noções de política e de corpo foram e são muito debatidas em determinadas esferas, como a acadêmica. Há diversos documentos que tratam dessa temática, documentos teóricos, de nomes como Aristóteles e filósofos inclusos em uma dita legítima produção de saber filosófico. Um exemplo disso está no texto *A política* (ARISTÓTELES, 1991a), em que o filósofo grego defende a hipótese de que o homem foi criado como ser político, pois as ações dele estariam ligadas ao sentimento comunitário, de vida em sociedade, nas cidades (pólis). Deste modo, para esse pensamento, é característica humana (lembrando, entretanto, que a cidadania aos gregos, nesse tempo, não era atribuída a todas as pessoas da comunidade, como no caso das mulheres), que se exerça, constantemente, a política, o que aponta a um corpo político.

É importante destacar que, nos escritos aristotélicos, que são numerosos em se tratando de política, o homem é definido, *por natureza*, como animal político (ARISTÓTELES, 1991a). Esse dado é importante para analisarmos, nos documentos históricos-filosóficos, a retratação do ser humano (em suas várias perspectivas) e sua relação com a sociedade em que vive, observando o posto pelo estatuto dos saberes, como o que é dito e legítimo da Filosofia.

Partindo disso, cabe fazermos um questionamento inicial: o corpo político pode ser contemplado nos estudos dos objetos discursivos e dos sujeitos? Se partirmos para o que pergunta Foucault, "quem somos nós?" (FOUCAULT, 2009, p. 4), poderíamos nos interrogar acerca de nossos corpos?

Pensando na pertinência da abordagem do corpo político para a contemplação da meritocracia, uma vez que o mérito é dirigido a determinados sujeitos, os que "fazem por merecer", aqueles que "alcançam um objetivo", o corpo, então, exerce o mérito, sendo inserido como político, por praticar a política de si mesmo. Se nos indagarmos, hoje, sobre como nossos corpos exercem a política, podemos pensar em fatos tanto individuais, quanto coletivos, mais uma vez, nos deparando com o que se teorizou sobre corpo e política, envolvendo as relações com a sociedade e com as leis e deveres sociais. Afirma Aristóteles (1991a, p. 4-5):

> O Estado, ou sociedade política, é até mesmo o primeiro objeto a que se propôs a natureza. O todo existe necessariamente antes da parte. As sociedades domésticas e os indivíduos não são senão as partes integrantes da Cidade, todas subordinadas ao corpo inteiro, todas distintas por seus poderes e suas funções, e todas inúteis quando desarticuladas, semelhantes às mãos e aos pés que, uma vez separados do corpo, só conservam o nome e a aparência, sem a realidade, como uma mão de pedra. O mesmo ocorre com os membros da Cidade: nenhum pode bastar-se a si mesmo. Aquele que não precisa dos outros homens, ou não pode resolver-se a ficar com eles, ou é um deus, ou é um bruto. Assim, a inclinação natural leva os homens a este gênero de sociedade.

Assim, chegamos ao embate entre ação política exercida individualmente e coletivamente, sendo o corpo dito individual-político e, ao mesmo tempo, social-político, uma vez que, em nossas práticas cotidianas, vivemos em sociedade. Essa visão, presente nos registros aristotélicos, não se distancia (nessa questão específica) de filósofos e estudiosos variados, que discorrem sobre as relações humanas. Apresentamos, então, a questão do corpo político como proveniente da problematização das relações dos corpos com a política e, também, da política com os corpos. Aqui, salientamos o embate entre ética e moral, que são temas presentes em se tratando do corpo político.

Na história do pensamento, um objeto-problema tem diversos dizeres, definições e apurações. Podemos afirmar que o corpo é, ao longo dos estudos das Ciências Humanas, inserido como objeto de saber anátomo- político, sendo essa apuração encontrada não só em Aristóteles, como, ainda que de forma tão divergente, em Michel Foucault. Constatamos, na problematização do corpo, diversos pensamentos documentados na Filosofia, Sociologia, Psicologia, dentre outros campos de saber.

Em Platão (1972), Aristóteles (1991a) e Descartes (2002), o corpo existe em uma relação dicotômica com a alma. Enquanto Platão considera a alma a guia do corpo,

Aristóteles declara o corpo como o grande aperfeiçoamento da alma, colocando-o, inclusive, como político, à medida que compõe a sociedade política e coletiva (o todo político). Na mesma linha dualista, Descartes afirma que o corpo é a morada da alma e que a união de ambos é o que constitui o homem. Em suas palavras:

> […] não basta que esteja alojada no corpo humano, assim como um piloto em seu navio, a não ser talvez para mover seus membros, mas que é necessário que esteja junta e unida a ele mais estreitamente, para ter, além disso, sentimentos e apetites semelhantes aos nossos, e assim compor um verdadeiro homem (DESCARTES, 2002, p. 123-124).

A ideia de que o homem é formado por partes segregadas e complementares (como o caso do corpo e alma) postulou não somente crenças religiosas, como, também, a medicina, com destaque às colocações de Hipócrates de Cós (460 a. C) acerca dos quatro fluídos formadores do corpo: bile amarela, bile negra, fleuma e sangue. Assim, o corpo era apurado como resultado de uma soma de fluídos, visto como uma máquina em funcionamento e objeto da medicina, enquanto a mente (ligada à consciência) passou a ser dirigida aos estudos da religião e filosofia.

De encontro ao dualismo, a visão da *Ética* de Spinoza (2009) apresenta o corpo e a mente como uno, isto é, uma só substância, haja vista que o filósofo considera a mente como constitutiva do corpo, o que o caracteriza como monista[11]. Na crítica espinozana, o corpo passa a uma perspectiva ética, distinta da moral, cuja experiência não deve conduzir julgamentos (como algo certo ou errado, divino ou pecaminoso), mas sim como essencial a um corpo provido de potência (um corpo que pode muito). A mente não simplesmente complementa o corpo, como é, nele, a potência de consciência de si por meio dos afetos, que são modificações no corpo e na mente (SPINOZA, 2009), fato que marca uma forma de vislumbrar o *eu* como expressado como substância única, não pela separação "em duas partes". Então:

> Aquele que tem um corpo capaz de muitas coisas, tem uma mente que, considerada em si mesma, possui uma grande consciência de si, de Deus e das coisas. Assim, esforçamo-nos, nesta vida, sobretudo, para que o corpo de nossa infância se transforme, tanto quanto o permite a sua natureza e tanto quanto lhe seja conveniente, em um outro corpo, que seja capaz de muitas coisas e que esteja referido a uma mente que tenha

[11] De acordo com Christian Wolff, o termo monista (*monist*) é atribuído a filósofos e pensadores que reconhecem a substância como única, ao contrário do dualismo, conforme Rusmando (2018, p. 108).

> extrema consciência de si mesma, de Deus e das coisas (SPINOZA, 2009, p. 119).

As concepções espinozanas, principalmente no que tange à potência do corpo, são inegavelmente relevantes para a capitulação do corpo político, tendo em vista que, seguindo a linha foucaultiana, Foucault, ultrapassando o conceito de "homem transcendental"[12], eleva a política ao nível de práticas do sujeito, em contraposição a uma verdade política estabelecida (cuja legitimidade da politização é dita como restrita a escolhas ideológicas de sistemas, correntes e partidos políticos) [13]. Deste modo, o corpo é político não em detrimento de uma verdade, mas quando exerce o poder, no revezamento do poder, sobretudo quando fala, sonha e imagina. Eis, para Foucault (2013b, p. 2), o corpo "ator de todas as utopias", que sonha com a imensidade de si. Em outros termos, "o corpo não será transparente, ele torna visível um sujeito em sua potência, ele é finito em duração, conectado a ações, visível, desprotegido, e, como na utopia, sempre transfigurado" (FERNANDES; FERNANDES JÚNIOR, 2016, p. 9-10).

Assim, o corpo político é aqui visto como o que constitui quem somos nós, seres políticos que exercem poder, que cuidam de si e que se governam. O debate da potência do corpo nos mostra, sobretudo, que existem questionamentos constantes, que se estendem sobre o que somos e o que fazemos, além de como vivemos. A questão do individual e do coletivo, por sua vez, é também um problema, em alguns momentos posto em uma relação de oposição novamente dualista, em que o corpo é individualizado, distanciado da noção de coletividade ou de individualidade. De qualquer forma, a abordagem de Michel Foucault não admite tal relação dualista e se faz relevante aos estudos do corpo enquanto objeto. É o que afirma Courtine (2013, p. 16-17, grifos do autor):

> [...] é realmente no pensamento de Foucault que o corpo iria verdadeiramente aceder ao estatuto de objeto de pleno direito, quando ele

[12] Contestando o dualismo que pretere o corpo em função da alma, como na visão transcendental de Platão, comenta Foucault, sobre o corpo dos condenados, em *Vigiar e Punir*: "a alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; alma, prisão do corpo" (FOUCAULT, 2014, p. 33).

[13] Foucault viveu, na França e no mundo, a exaltação de uma teoria política marxista em oposição às ideias liberais e neoliberais, portanto, o que era exigido no meio acadêmico partia a uma politização que fosse referente a uma dessas duas linhas de pensamento político, o que caracterizava, ao filósofo, um viés totalizante de exercício político. Questionado, diversas vezes, sobre "qual era a sua teoria política", principalmente por suas abordagens que assumiam uma microfísica de poder, contestou o uso da verdade para uma teoria determinante ao "que seria fazer política", negando essa intenção em suas ideias. Isso pode ser visto em alguns de seus escritos, como em *Introdução à vida não-fascista* (prefácio do livro *O Anti-édipo*, de Deleuze e Guattari). No trecho referente às negações de um não-fascista, diz Foucault: "Os ascetas políticos, os militantes sombrios, os terroristas da teoria, esses que gostariam de preservar a ordem pura da política e do discurso político.".

> mostra como, em *Vigiar e Punir*, a generalização dos encarceramentos e a sistematização das disciplinas haviam feito do corpo o alvo essencial de uma tecnologia política, de uma "microfísica" do poder. [...] É, portanto, em grande parte à obra foucaultiana que se deve o enraizamento inicial do corpo no discurso das Ciências Humanas.

Se Foucault teve como grande enfoque o debate do sujeito, suas ideias conduzem, também, às tecnologias que incidem sobre o corpo e podem ser vistas como práticas que subjetivam o sujeito. Essas tecnologias (conforme o trecho acima) são observadas na sistematização das disciplinas, como podemos buscar no panoptismo, descrito em *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 2014c), que se configura em um sistema de vigilância, em que o espaço, os horários e regras aos presos são estrategicamente divididos e instaurados, sob pena de morte e castigos físicos. Toda a organização da prisão (a distribuição de vigilantes, da arquitetura, a agenda e a identificação dos presos) implica as disciplinas dirigidas aos corpos que ali habitam.

O que extraímos disso, portanto, é que o corpo político é atrelado ao conjunto de noções foucaultianas, desde as disciplinas ao governo de si. Nesta pesquisa, discorreremos sobre o corpo político inscrito pelo discurso de meritocracia, do sujeito individualizado, que empreende si mesmo, agente da sociedade neoliberal, governando a si enquanto é constituído por discursos individualizantes rumo à subjetividade consumista e neoliberal.

Candiotto (2010), no artigo *Ética e política em Michel Foucault*, destaca que ao governo de si, o sujeito se posiciona criticamente diante de ações de condução diversas. Daí surgem as contracondutas, isto é, "um cuidado político de si [...] em virtude da relação política do governo de si mesmo em face do governo dos outros" (CANDIOTTO, 2010, p. 162). O cuidado de si constitui uma dimensão política existente em um corpo em relação com outros corpos, nas contracondutas e no governo de si e dos outros.

O que nos interessa, nesta pesquisa, é, no ato da escavação, escavar, além de tudo, o corpo político, esse corpo que se configura no discurso de meritocracia, na perspectiva genealógica[14], o corpo que visibiliza o sujeito merecedor e o corpo que visibiliza o sujeito sem mérito, quais as marcas discursivas que o configuram, o que se fala sobre eles, como eles são objetos políticos e exercem seus próprios governos. De forma mais explícita, pretendemos refletir acerca dos corpos que adentram a universidade: eles, que enunciam,

[14] Acerca dessa perspectiva, destacamos a citação "O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissolução do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia (...) está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo" (FOUCAULT, 1998, p. 22).

que visibilizam sujeitos. Para tanto, se faz necessário pensarmos no lugar-universidade, as linhas que o delimitam, suas grades e seu trajeto histórico, social e político. Afinal, se "as normas podem variar de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, mas o rompimento desse contrato social traz consequências visíveis em nossos corpos" (MILANEZ, 2013, p. 387), é imprescindível que consideremos, à nossa análise, o corpo político, bem como o que, por ele e por seus movimentos, se torna visível.

Após esse breve levantamento do problema do corpo como político, discorreremos, a seguir, como esse corpo político, no discurso neoliberal, é constituído de forma individualizada e distante da coletividade. Uma verdade que subjetiva os sujeitos e que, diante de diversos acontecimentos, torna possível pensarmos em outro problema: o do mérito como objeto discursivo inscrito nos corpos.

1.3 O problema do mérito e a configuração da meritocracia

> *[...] um tipo de justiça ideológica que se baseia na concepção de que o indivíduo deve receber aquilo que se desempenha para ter.* (MALUF CHAVES, 2012, p. 6, grifos nossos).

Aristóteles (1991b, p. 21 *apud* MALUF CHAVES, 2012, p. 6) trouxe, em seus registros, uma definição acerca do mérito que, conforme acima, era pensada na ideia de justiça ao possuir aquilo que se desempenha para ter. Do latim *meritum* e do grego *–kpatia,* o sistema de poder (cracia) baseado no mérito (merecimento), tem enfoque no indivíduo, isto é, nas suas práticas individuais. Tais práticas seriam determinantes aos "frutos colhidos", aos objetivos conquistados, consequentemente, ao destaque desse indivíduo, podendo ele ser bem-sucedido ou não.

Quando o mérito surge como um problema, a exemplo nos documentos escritos de Aristóteles, há diversos aprofundamentos filosóficos relacionados a tipos de sistemas políticos de poder, inclusive sistemas que são definidos por formas ditas justas de funcionamento, cabendo salientar as divergências do que se tinha nas concepções de "o que é justo, o que é justiça", que atravessam distintos tempos.

Em *Ética a Nicômaco* (1991b), o filósofo grego apresenta o tema da ética, destacando, entre o hábito e a prudência, a virtude, que deve, segundo ele, ser mediadora do homem. Deste modo, na mesma obra, fala-se de uma forma de poder justa, que

considere os feitos do indivíduo para a conquista da sua virtude, uma forma de justiça dita idealizada.

O mérito, utilizado como elemento essencial a essa estrutura política idealizada, emerge, então, como um problema. Em outras palavras, é trazido ao pensamento, de uma maneira que referencia um sistema que se baseia no indivíduo merecedor e não-merecedor, no virtuoso e não-virtuoso. Visualizamos, portanto, um registro que nos traz a problematização da constituição do objeto discursivo meritocracia.

Destacamos, aqui, que selecionamos o registro de Aristóteles como um dos documentos mais antigos que trazem o problema do mérito e da meritocracia, embora isso não seja o suficiente para tratarmos da emergência do objeto naquele tempo e naquela sociedade. Por isso, o que pretendemos é caracterizar uma problematização não-linear, tampouco homogênea, que constitui o objeto em diversos recortes temporais e, no caso da nossa pesquisa, na sociedade brasileira, o que resulta na dispersão e na regularidade do que é dito sobre a meritocracia. Apresentamos, assim posto, de que modos o mérito aparece como um problema e em quais documentos podemos visualizar a meritocracia, para então buscarmos vislumbrar esses documentos, a partir da crítica ao documento, de Foucault (2019), não como verdades interpretadas, mas como monumentos em que se é possível descrever e identificar um objeto em suas heterogeneidades discursivas.

Seguindo a este levantamento, a distopia[15] *A ascensão da meritocracia*, escrita por Michael Young e lançada em 1958, repercutiu como uma obra que ascendeu a discussão da "meritocracia" (constando que esse "ascender" não é entendido como fundante), sendo referenciada diversas vezes por estudiosos do tema[16]. Young (2001) admite que a grande motivação para ter escrito o seu livro era provocar uma reivindicação e uma advertência frente à política vigente na Grã-Bretanha em 1958, uma política marcada por discursos liberais e neoliberais, em prol de privatizações institucionais e sob forte apelação da existência de igualdade de condições para o auto-empreendimento. Satírico, o narrador constrói o texto como se fosse escrito em 2033, a fim de traçar uma retrospectiva da meritocracia na sociedade britânica (MENDES, 2018).

[15] Resumidamente, é um conceito relacionado a criações ficcionais que retratam sociedades opostas à utopia. Um exemplo de autor de literatura distópica é George Orwell, com destaque à sua obra *1984*. Atualmente, destacamo *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins. No Brasil, a série *3%* (NETFLIX BRASIL) também se configura como uma distopia.

[16] O norte-americano economista e professor da Universidade Cornell, Robert H. Frank (2016), retoma Young (1958) no seu livro *Success and Luck: Good Fortune and the Myth of Meritocracy* (Sucesso e Sorte: a Boa Sorte e o Mito da Meritocracia).

No enredo, o mérito fundamenta a política na sociedade de 2033, sendo colocado como modelo ideal. O narrador, frequentemente ironizado, é um burocrata inglês em constante conflito com críticos da sociedade "idealmente meritocrática" (MENDES, 2018, p. 1308). Em referência ao que chamamos de *darwinismo social*[17], ao longo da história, surge a medida do QI para designar profissões e cargos de acordo com a fórmula Mérito = QI + esforço, o que também era utilizado pelas escolas para avaliar e classificar alunos. Um dado relevante é que o sistema meritocrático da sociedade fictícia da obra é justificado pelo "progresso social" defendido pelo discurso científico, que pode ser pensado, se buscarmos em Foucault (2019), uma instância de saber. Tal instância configura-se como provedora da verdade política e social daquela sociedade.

Young (1958), frente aos acontecimentos políticos de sua época, em que o mérito emergia, cada vez mais, no discurso relacionado às políticas (por exemplo, as educacionais), critica a meritocracia, bem como o discurso determinista biológico que era apropriado em ideologias político-sociais. Essa apropriação, segundo o autor, pode ser vista no *self made man*[18], o empreendedorismo burguês que contestou os princípios feudais agrários, contrariando a posse de terras às famílias e suas gerações, nos fundamentos da hereditariedade de posse.

Pertencente à elite meritocrática, o narrador se contraposiciona às críticas do Partido Trabalhista a respeito da divisão das escolas britânicas, entre as escolas de elite e as escolas democráticas (destinadas às massas), o que alude às políticas liberais existentes na educação, tanto na Inglaterra, como no Brasil. Deste modo, ao narrador, os questionamentos pró-justiça para a maioria (as massas) caracterizava a injustiça para a minoria – vista como, por natureza, genial:

> Ao mostrar que todos os homens eram igualmente astutos em algo – o que poderia ser mais fácil? – eles foram tão longe quanto podiam mostrando que nenhum homem é um gênio em alguma coisa – o que pode ser mais perigoso? Em nome da igualdade eles sacrificaram os poucos aos muitos (YOUNG, 1958, p. 46).

[17] Baseado nos estudos sociais do filósofo Herbert Spencer (1820-1903), o conceito buscou, na teoria da evolução de Charles Darwin (1808-1882), uma versão que descreve a seleção natural a nível social. Tal premissa sustentou o pensamento eugenista, de que alguns indivíduos "são mais aptos à sociedade" do que outros.

[18] Traduzido para o português, significa "empreendedor de si", "o homem que faz por si mesmo". Há registros de que teria sido um termo utilizado pelo então senador Henry Clay, em um discurso realizado no dia 2 de fevereiro de 1832, nos Estados Unidos. O discurso se referia aos trabalhadores cujo sucesso estava "neles mesmos" e em seus feitos, não externamente. Posteriormente, o termo foi apropriado por uma série de palestrantes de autoajuda. Mais informações no texto *The Self-Made Man: The story of America's most pliable, pernicious, irrepressible myth* (SWANSBURG, 2014).

Era, pois, uma minoria que “fazia por merecer”, se destacando daqueles que possuíam outras “utilidades profissionais” (propriamente, os trabalhos manuais, não-intelectuais). A reivindicação feita pelos “críticos da meritocracia” era entendida como um risco à elite meritocrática.

Tendo em vista os elementos da obra de Young, que suscitaram ainda mais debates envolvendo o tema e o termo “meritocracia”, podemos, seguindo a arquegenealogia foucaultiana, pensar na configuração da meritocracia por meio do problema do mérito. As motivações do sociólogo diante dos acontecimentos da Grã-Bretanha nos levam a refletir acerca das condições de possibilidades à emergência do discurso de meritocracia: as questões que envolvem partidos políticos, as divergências entre liberais, neoliberais, esquerdistas e marxistas e a herança monárquica que faz, ainda, soar a aristocracia.

Partindo para a configuração do objeto, observamos os acontecimentos científicos e políticos como pontos extremamente relevantes para a investigação de que forma a meritocracia é constituída como sistema em que há separação dos melhores dos piores, considerando os feitos individuais. O desenvolvimento de concepções “irrefutáveis”, como o QI, pensado a partir dos estudos de Pearson rumo à quantificação de habilidades e a psicologia escolar são fundamentalmente constitutivos desse objeto. Logo, a meritocracia encontrada no livro de Young é encontrada em enunciados cotidianos, em diversas instâncias, dizendo sobre corpos e sujeitos, como aqueles que fracassam e aqueles que vencem.

Por isso, é válido afirmarmos que a obra distópica em questão não funda o objeto, ao passo que só é possível enunciá-lo por sua historicidade. A meritocracia emerge de acontecimentos que a configuram, em suas diversas condições de possibilidade discursivas, estas que de acordo com Foucault (2019) ligam-se a acontecimentos que, escalonados, configuram o que é possível de ser dito, considerando as heterogeneidades.

Na linha de tais possibilidades emerge, também, um discurso refutador da meritocracia, salientando as desigualdades sociais que impedem que os indivíduos tenham as mesmas condições para “agir por algo”. Aqui, o mérito é dito um problema de injustiça social, o que contradiz o ideal de meritocracia como justiça social. Esse discurso, no Brasil, pode ser identificado em alguns dos enunciados que circulam na mídia (ainda que em

mídias adjetivadas como alternativas[19]), em que falam filósofos, sociólogos e outros estudiosos, argumentando, com dados estatísticos da desigualdade da sociedade brasileira, que a meritocracia é, na realidade, um mito que fortalece o neoliberalismo e a divisão de classes.

Na imagem 2, a seguir, um teórico do Direito opina a respeito do objeto. Além do enunciado "Por que a ideia de meritocracia privilegia quem já é rico?", nos deparamos com o efeito do imagético, tendo em vista a figura de uma "disputa de corrida" em que um indivíduo, já na largada, começa à frente de outros.

Imagem 2: *Print screen* de publicação de um artigo de opinião que aborda a meritocracia.

Fonte: Artigo escrito por Carlos Eduardo Araújo (2019) e publicado no site *Democracia e Mundo do Trabalho em Debate (DMT).*[20]

[19] Mídia alternativa ou mídia contra-hegemônica é atribuída a veículos de comunicação que contrapõem a hegemonia da Grande Mídia (a mídia hegemônica), apresentando conteúdos em que os posicionamentos políticos-ideológicos deslocam-se do que é, geralmente, apresentado pelos veículos da mídia hegemônica (cf. RODRIGUES, 2019), no *Glossário de publicações alternativas*.

[20] *Por que a ideia de meritocracia privilegia quem já é rico? (*ARAÚJO, 2019). Disponível em http://www.dmtemdebate.com.br/por-que-a-ideia-de-meritocracia-privilegia-quem-ja-e-rico/.

Ao ler o enunciado em uma perspectiva arquegenealógica, precisamos, primeiramente, nos perguntar de que maneira podemos identificar a meritocracia nesse exemplo. De forma mais clara, em quais condições de possibilidade esse enunciado (tanto verbal, quanto imagético) configura a meritocracia, sendo necessário, nesse exercício de investigação, descrevermos a dispersão e a regularidade do objeto, compreendendo os enunciados como heterogêneos, embora ativos no mesmo objeto: é o caso dos enunciados de ordem meritocrática e dos enunciados fora dessa ordem, que apontam a meritocracia como um mito e um sistema injusto. No que tange à dispersão e regularidade, diz Foucault que trata-se de:

> [...] definir esses objetos sem referência ao *fundo das coisas*, mas relacionando-os ao conjunto de regras que permitem formá-los como objetos de um discurso e que constituem, assim, suas condições de aparecimento histórico; fazer uma história dos objetos discursivos que não os enterre na profundidade comum de um solo originário, mas que desenvolva o nexo das regularidades que regem sua dispersão (FOUCAULT, 2019, p. 58, grifos do autor).

Destarte, a constituição da meritocracia (enquanto objeto discursivo) é dada historicamente, como veremos ao longo do texto, por acontecimentos que, agrupados e relacionados, formam o objeto. São esses acontecimentos (como a crescente política neoliberal e os discursos sobre uma subjetividade voltada ao consumo e à visão do autoempreendedorismo) que atuam à emergência da meritocracia, tanto a respeito das práticas políticas estatais, quanto à subjetividade que, em teoria, é incessantemente formada pelas práticas de objetivação e subjetivação, definidas por meio do sujeito como objeto discursivo (FOUCAULT, 2004a).

Diante do exposto, o que podemos colocar, inicialmente, é que como um problema, o mérito idealizado como sistema político, é constitutivo da meritocracia que, por sua vez, é presente no discurso, no que se refere à justiça da conquista, ao que é merecido, ao engajamento, esforço e consequência de tudo o que é praticado pelo indivíduo, sendo isso afirmado e contestado. Como visto, temos a meritocracia como um sistema político e filosófico no qual a ideia "do que é justo" está no que é merecido frente aos feitos do indivíduo. É dada à associação do mérito, que é possível identificarmos esse discurso, inclusive nos enunciados do MEC, no Brasil, que objetivam um indivíduo que conquista uma vaga, que faz para ocupar a universidade.

Seguindo pelos acontecimentos no país, refletimos como se dá a meritocracia em um campo de possibilidades do que é dito dentro e fora da esfera institucional de poder (o estatuto), nos questionando, ainda em exercício da problematização do mérito, desde as práticas que objetivam e subjetivam o sujeito "de mérito" e ingressante à universidade às séries enunciativas configuradoras do discurso de meritocracia. Desta maneira, a meritocracia é constituída por práticas (no dito e no não-dito) que configuram modos de vida, condutas, políticas e subjetividades existentes em uma conjuntura de individualização e responsabilização dos sujeitos, correspondente ao neoliberalismo (que é associado à meritocracia, uma vez que pelo discurso meritocrático, afirma políticas de privatização em defesa do Estado Mínimo).

No processo de escavação do objeto, chegamos à historicidade da meritocracia no Brasil, abarcando acontecimentos históricos, como idas e vindas de determinados governos e suas políticas nacionais, especialmente as que são voltadas para a educação. Portanto, é sobre uma questão imprescindível que discutiremos no próximo tópico: o neoliberalismo, em sua total conexão à meritocracia.

1.4 Considerações teóricas sobre o neoliberalismo

> *O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades.*
> (DARDOT; LAVAL, 2016, p.16, grifos nossos).

Em *A Nova Razão do Mundo* (2016), Dardot e Laval abordam o nascimento do neoliberalismo desde a crise do liberalismo. Segundo eles, a sociedade neoliberal vem se configurando por uma crise política que a qualifica como vivente de uma era pós-democrática[21]. Um adendo que os autores fazem, que consideramos importante à nossa análise, é o entendimento para além de uma concepção que descreve projetos político-

[21] No *Prefácio à Edição Brasileira*, cujo título é *Um sistema pós-democrático*, os autores dizem que "compreender politicamente o neoliberalismo pressupõe que se compreenda a natureza do projeto social e político que ele representa e promove desde os anos 1930. Ele traz em si uma ideia muito particular da democracia, que, sob muitos aspectos, deriva de um antidemocratismo: o direito privado deveria ser isentado de qualquer deliberação e qualquer controle, mesmo sob a forma do sufrágio universal. [...] O sistema neoliberal está nos fazendo entrar na era pós-democrática" (DARDOT; LAVAL, p. 8).

estatais, regras e instituições, sendo imprescindível ampliar essa concepção à formação da subjetividade, a objetivação e subjetivação do sujeito.

A sociedade neoliberal ascende indissociável do *homo agens*, isto é, o homem-indivíduo que é ativo, que faz para melhorar sua situação real (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 139). Indivíduo, pois com o acontecimento e posterior declínio do liberalismo, o que se produz é uma subjetividade individual, cujo próprio senso de coletivo depende dela, a subjetividade do homem produtivo, que se autoconstrói e que é empreendedor de si (o sujeito neoliberal), visto que:

> [...] a ação coletiva se tornou mais difícil, porque os indivíduos são submetidos a um regime de concorrência em todos os níveis. As formas de gestão na empresa, o desemprego e a precariedade, a dívida e a avaliação, são poderosas alavancas de concorrência interindividual e definem novos modos de subjetivação. A polarização entre os que desistem e os que são bem-sucedidos mina a solidariedade e a cidadania. Abstenção eleitoral, dessindicalização, racismo, tudo parece conduzir à destruição das condições do coletivo e, por consequência, ao enfraquecimento da capacidade de agir contra o neoliberalismo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 9).

É nos deparando com essa concepção de subjetividade individual, que podemos compreender o reflexo disso ao que é atribuído à funcionalidade do Estado. Aqui, utilizamos o termo neoliberalismo para nos referirmos inclusive a uma subjetivação que não está fora da conjuntura da sociedade brasileira, esta que vivencia uma série de políticas liberais e neoliberais. Além disso, pretendemos contemplar a transição, não delimitada, do liberalismo para o neoliberalismo.

Desta forma, não podemos ignorar a multiplicidade do que se diz a respeito dessas políticas em relação com o que se pratica em sociedade, como sujeito de uma sociedade e vivente dessas mesmas políticas. Não temos, no Brasil, um tempo histórico de estrita separação de práticas liberais às neoliberais, pois considerando o liberalismo e o neoliberalismo para além das práticas políticas estatais, observamos, em um dado recorte de tempo, pensamentos e discursos heterogêneos, escapando de qualquer classificação única. E se o neoliberalismo não deve ser reduzido a tais práticas (estatais), temos não uma separação, mas um processo de subjetivação decorrente do sujeito dito como útil e produtivo, que “faz a sua parte” na sociedade, ou seja, uma ascensão do pensamento neoliberal, que está no corpo e na subjetividade.

Os fatores que individualizam o sujeito podem também ser vistos no discurso de meritocracia, por isso, a relação desse objeto com o neoliberalismo, à medida que o sujeito neoliberal, no exercício do eu individual, responsável e empreendedor de si, é, também, meritocrático. Em ambos os casos, temos a concepção de indivíduo que, tal como uma empresa, investe em si e obtém resultados a partir desse investimento. Isso é evidente em enunciados aqui estudados, como "Quem se preparar vai se dar bem" (BRASIL, 2017), *slogan* do ENEM.

Logo, o que inicialmente destacamos é que não existe isolamento da subjetividade neoliberal e meritocrática do discurso institucional, afinal, no caso do MEC, que é uma instância estatal (institucional), há objetivação do sujeito ingressante, isto é, o sujeito ingressante é objeto nos enunciados divulgadores do ENEM. Um objeto individualizado, auto-empreendedor e responsável por seus resultados no exame. Como constatamos, essa forma de objetivação é observada no neoliberalismo, o que reforça a sua conexão com a meritocracia.

O interesse de Foucault, ao longo de sua produção, no neoliberalismo, se deu, principalmente, quando o autor se debruçou nos estudos da biopolítica. Em seus escritos, o neoliberalismo foi pensado como uma governamentalidade (FOUCAULT, 2008b) que conduz o sujeito a um empreendedorismo de si mesmo. É assumida, então, a condução a um individualismo intensificado (em relação ao liberalismo), o que é observado nas ideias compositoras do Estado Mínimo, ou seja, o Estado que não investe em políticas públicas, que se desvincula sob o discurso do fortalecimento do Mercado e que caminha rumo às privatizações (da saúde, da educação, da segurança etc.). É como diz Foucault (2008b, p. 181):

> Para o neoliberalismo, o problema não era um absoluto saber, da mesma maneira que no liberalismo do tipo Adam Smith, no liberalismo do século XVIII, como, no interior de uma sociedade política já dada, era possível recortar, arranjar um espaço livre que seria o do mercado. O problema do neoliberalismo é, ao contrário, saber como se pode regular o exercício global do poder político com base nos princípios de uma economia de mercado. Não se trata portanto de liberar um espaço vazio, mas de relacionar, de referir, de projetar numa arte geral de governar os princípios formais de uma economia de mercado.

Diante disso, a crise do liberalismo não pode ser vista como o declínio dos ideais individualizantes, posto que seja o fortalecimento desses ideais, perante o efeito político das potências então emergentes no século XIX, respectivamente os Estados Unidos e a Alemanha. As estratégias de mercado eram concorrenciais e não correspondiam às pautas

ditas “ultrapassadas” da indústria. Refutado, o capitalismo histórico, que se fundamentava em uma “harmonia econômica”, passou por um processo de reconstrução que não só se ateve às práticas políticas de um mercado individualista que se expandia a cada dia, revelando potências econômicas. A reconstrução foi vantajosa, inclusive, a uma nova subjetividade: a neoliberal, estendida no governo de si e dos outros. Consequentemente, a contradição entre liberais movidos pelo princípio da reforma social e liberais que defendiam, acima de tudo, a “liberdade individual”, foi vista, pelo mercado, como uma grande oportunidade de crescimento. Por isso, nos termos de Foucault (2008b), trata-se de uma crise da governamentalidade liberal, que abriu caminho a governos estritamente diferentes.

O governo, por sua vez, é permeado por divergentes definições que envolvem governar: governamentalidade, governabilidade e governança são algumas. Dardot e Laval (2016) discorrem sobre essas definições, descrevendo o processo que levou a “governança empresarial” à “governança do Estado”, em função do discurso da economia de mercado e das necessidades da globalização. Essa teria sido, segundo eles, a motivação da produção de uma subjetividade empresarial, de autogerenciamento e dita independente de qualquer interferência do Estado. Essa subjetividade se dá, justamente, porque o neoliberalismo se apresenta como uma racionalidade. Em outras palavras, desperta a concorrência como norma de conduta dos governados:

> O termo racionalidade não é empregado aqui como um eufemismo que nos permite evitar a palavra “capitalismo”. O neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral de vida. O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 15).

Apesar de o neoliberalismo, em sua diferença crucial comparado ao liberalismo, dizer sobre a não-interferência estatal no mercado, o que acarreta em inúmeros projetos de privatização, na realidade, ele exige, sistematicamente, um papel de vigília do Estado, isto é, de monitoramento, mesmo que em uma afirmação “anti-intervencionista”. Assim, o Estado assume a função de guardião do “direito privado” (DARDOT; LAVAL, 2016).

Cabe afirmarmos que governo, para nós, se distingue de Estado, visto que “Trata-se [...] não da instituição ‘governo’, mas da atividade que consiste em reger a conduta dos

homens no interior de um quadro e com instrumentos de Estado" (FOUCAULT, 2008b, p. 324). A governamentalidade, então, segundo o autor, é o ponto de encontro das técnicas de dominação de si e dos outros. É ela o governo de si e dos outros, constitutiva da subjetividade do sujeito neoliberal.

No Brasil, há um leque de fatores que trazem à visão o neoliberalismo. Pensando a partir das concepções foucaultianas registradas em *A Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 2019) e *A Ordem do Discurso* (FOUCAULT, 2008a), fazer um estudo arqueológico consiste em descrever acontecimentos discursivos, sendo que Foucault aborda duas noções distintas do termo (porém associadas): primeiramente o acontecimento histórico, referindo-se à singularidade de ocorrências históricas e, posteriormente, o acontecimento discursivo, direcionado à regularidade existente em práticas ao longo da história. As duas definições são apuradas na arqueologia, fundamentando o escalonamento (que descreve o sistema de relações entre os acontecimentos).

Assim, as ocorrências no país, em suas instâncias singulares, considerando a historicidade e questões discursivas, as quais são determinantes à regularidade de práticas que respondem sobre a atualidade e descontinuidade de quem somos nós, em relação à meritocracia, nos levam a fatores políticos e culturais, ativas na constituição do sujeito (em seus possíveis lugares ocupados). Como acontecimentos, podemos aqui descrevê-los com a saída do desenvolvimentismo interno para o externo, a partir da década de 90, posteriormente à industrialização no país. Após a ditadura militar, diante da realidade da conjuntura mundial, o país passou ao investimento em políticas externas, que se baseavam na liberalização econômica (TAVARES; MELIN, 1998). Diante disso, Soares (2001, p. 54) afirma que com a recaída do desenvolvimento interno, o país se viu na "onda neoliberal", o que é reafirmado por Braz (2004), ao afirmar que essa onda permaneceu, haja vista os contínuos investimentos em políticas externas de interesses internacionais.

As influências políticas externas foram sentidas no Brasil e, no governo Collor, as propostas de estratégias político-econômicas eram defendidas pelo ideal de "modernização estatal", cujo objetivo era voltar o Estado aos investimentos de iniciativas privadas, conforme o documento de campanha *Diretrizes de Ação do Governo Fernando Collor de Mello*[22]. Porto (2009, p. 4) consta que a falência do Estado desenvolvimentista ocorreu por meio de uma "erosão da autoridade governamental", na gestão de José Sarney, em meio a

[22] Texto na íntegra disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/243024/01928.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

uma crise de profunda hiperinflação. Assim, a instabilidade política foi crucial para o sentimento rumo à mudança radical e política no país e, tal como em tantos outros países, o neoliberalismo mostrou-se oportuno no Brasil.

Sob o discurso de "estabilização do país", o plano econômico vigente no governo Collor prometia o combate à inflação, apresentando o chamado de Plano de Estabilização e executando projetos inspirados no conceito de Estado Mínimo, em que apenas se visava o que era dito "elementar", rumo ao processo de internacionalização brasileira, na abertura do mercado internacional e estímulo das importações que circulavam pelo país. Esses projetos tinham inúmeras propostas estruturadas no neoliberalismo, especificamente:

> Dentre essas propostas, destacam-se: a desregulamentação da economia, que visava à abolição da regulação do Estado, simultaneamente, sobre a economia e sobre a relação capital-trabalho, perspectivando a plena liberdade dos mercados; a sumária retirada do Estado como agente produtivo, derivando daí as propostas de privatização das empresas estatais e de "Estado mínimo", esta última direcionada no sentido da compreensão da esfera estatal respaldada num compromisso que se pautava na implementação de apenas algumas funções elementares, a exemplo da educação básica e da saúde pública, além da criação e/ou manutenção de uma infraestrutura essencial ao desenvolvimento econômico; e a liberalização do comércio exterior, em seu propósito de tornar a economia brasileira ao mesmo tempo internacionalizada e moderna, por meio do estímulo às importações (PORTO, 2009, p. 5).

Os efeitos intensificados pelas políticas de Collor colocam questões que vão em direção à tensão vivida pela população frente à desigualdade social e sucateamento de serviços públicos e, também, em direção às formas de subjetividade individualizantes que, conforme o neoliberalismo, se constituem pelo empreendedorismo de si, pela ação individual e pela responsabilização do indivíduo pelo o que ele vivencia, desconsiderando fatores externos. Nesse sentido, embora tenha havido investimentos na política externa, o país também vivenciou inúmeras políticas internas, inclusive no que tange à subjetividade.

A relação dessa subjetividade com o governo de si e dos outros, considerando tanto os sujeitos quanto os governos estatais pode ser abordada no que se entende por biopolítica, como veremos no capítulo seguinte. Um exemplo é o ENEM, posto como um processo de seleção de quem entra na universidade. Não restritos ao funcionamento do exame enquanto um exame de vestibular, pensamos na subjetividade do sujeito ingressante perante a um discurso individualizante em enunciados do MEC, isto é, em instância institucional, que diz de uma linha oposta ao senso de coletividade, algo que marca a

constituição da meritocracia e que se faz presente no neoliberalismo. Desta forma, observamos que a meritocracia é um componente elementar do neoliberalismo, associada a ele ao caminhar a uma subjetividade individual, em oposição ao coletivo e ao "bem comum" da população.

Essa "nova subjetividade" – neoliberal e meritocrática é, nos dias de hoje, um problema pertinente aos estudos discursivos, haja vista que emergem, nos últimos tempos e de inúmeros acontecimentos, enunciados que podem ser pensados como compositores de um discurso acerca de uma forma de ser individual e auto-empreendedora, nas palavras de Dardot e Laval (2016, p. 321), "a fábrica do sujeito neoliberal", que fabrica corpos dóceis, com ideias individualizantes e inscritas no distanciamento do *eu* e do outro. Portanto, aqui encerramos o primeiro capítulo, para início do segundo, a fim de prosseguir escavando esse objeto – a meritocracia –, contemplando os seus efeitos discursivos no espaço meritocrático da universidade.

CAPÍTULO II

2. A UNIVERSIDADE ENQUANTO ESPAÇO MERITOCRÁTICO

"(...) prova do ENEM, ***quem se preparar*** *vai se dar bem"*

(BRASIL, 2017, grifos nossos).

O destaque (em negrito) no enunciado acima marca um sujeito: aquele que passa no ENEM, isto é, (aquele) que *se prepara*, obtendo uma boa nota. Por outro lado, também marca, pelo não-dito, o sujeito *que fracassa*, aquele que não *se preparou*, afinal, *se dar bem* é consequência *a quem*[23] *se prepara*. Assim, não é de qualquer sujeito que se fala. É sobre aquele que se esforça para tal, que faz para isso, que age para, no caso, passar no vestibular. Esse seria o candidato merecedor, que colhe a vaga na universidade, por ter *merecidamente* se *saído bem* no exame, o sujeito que tem mérito.

Enunciados como esse são recorrentes em propagandas do ENEM, produzidas pelo MEC, e emergem um objeto em questão, que é constituído por um campo associado, contemplado, por exemplo, na escolha lexical. Em outras palavras, conseguimos identificar um objeto quando o associamos ao que se tem sobre ele, conforme Foucault (2019, p. 119):

> O campo associado que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado e que lhes permite ter um contexto determinado, um conteúdo representativo específico, forma uma trama complexa. Ele é constituído, de início, pela série das outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento (um jogo de réplicas formando uma conversação, a arquitetura de uma demonstração - limitada, de um lado, por suas premissas, do outro, por sua conclusão -, a sequência das afirmações que constituem uma narração).

O discurso de meritocracia, quando o identificamos, por exemplo, no enunciado acima, emerge de algum modo, em tempos históricos inúmeros, percorrendo acontecimentos, ligado a tantos outros objetos que, por meio de práticas discursivas, atuam na sua configuração. É objetivando chegar nessa configuração, detalhando-a, descrevendo-

[23] "Quem", do ponto de vista sintático e no caso apresentado, atua como pronome com efeito restritivo, isto é, "se dar bem" é restrito a quem "se preparar".

a e, principalmente, problematizando-a, que trazemos a discussão sobre como o discurso de meritocracia constitui a universidade, objetivada como um espaço meritocrático.

À problematização desse discurso, buscamos em Michel Foucault, a escavação de enunciados, considerando, desta forma, a historicidade do objeto escavado. Eis, então, o surgimento do problema: como emerge a meritocracia no que se diz sobre a universidade? O que é possível dizer sobre ela? Esse é o exercício de problematizar, segundo o autor nos mostra, dentre tantas obras, na *História da Sexualidade: o uso dos prazeres* (FOUCAULT, 2018), quando escreve o primeiro capítulo, problematizando a moral dos prazeres.

Pretendemos, ao longo do texto, discorrer acerca da configuração do discurso de meritocracia, inicialmente, destacando o discurso institucional do MEC ao divulgar o ENEM e ao objetivar e subjetivar um sujeito merecedor de ocupar a universidade, atribuindo a ele *status* e ascensão social por ter conseguido conquistar este lugar. Portanto, nos fundamentaremos nos conceitos de Michel Foucault, no que se refere à arquegenealogia, neoliberalismo e biopolítica, além da heterotopia para abordarmos o espaço da universidade.

Partiremos, então, para os seguintes pontos distribuídos neste capítulo: *2.1 Arquegenealogia: conceitos fundamentais*, propondo, primeiramente, discutir os conceitos que fundamentam a análise discursiva da nossa pesquisa, com base nos escritos de Michel Foucault*; 2.2. Neoliberalismo e biopolítica no ENEM*, em que pretendemos fazer uma breve a descrição histórica das políticas educacionais no Brasil, que culminaram no ENEM enquanto vestibular, considerando a configuração do neoliberalismo e de que modo o vestibular pode ser um exemplo de funcionamento da biopolítica; *2.3 Dos enunciados institucionais*, em que seguiremos à análise de parte do *corpus* selecionado ao estudo (os enunciados do MEC), orientados pela elaboração de séries enunciativas descrita por Foucault (2019) e, por fim, *2.4 O espaço meritocrático da universidade*, em que trataremos a configuração da "universidade-lugar a ser conquistado" por meio do discurso de meritocracia que apontamos na pesquisa.

2.1 Arquegenealogia: conceitos fundamentais

Nesta etapa, apresentaremos conceitos que, ao longo do trajeto de investigação, orientaram esta pesquisa. Inicialmente, constamos que a arquegenealogia é referente a

linhas do pensamento foucaultiano ligadas à "arqueologia do saber-poder" e aos estudos acerca da constituição do sujeito (a genealogia).

Em *A Arqueologia do Saber* (2019), o filósofo discorre sobre noções direcionadas ao discurso e enunciado e, o que é relevante aqui, dedica a quarta parte do livro à descrição arqueológica. Essa descrição considera as noções trabalhadas anteriormente e problematiza a verdade da História Global, indo na contramão da linearidade e homogeneidade ao se tratar de historicidade.

Embasado no problema da verdade[24], o autor polemiza ao abordar as relações de poder para além da macrofísica, como no que se afirmava no marxismo (que o poder era representado pelo Estado-burguês, oprimindo a classe trabalhadora)[25]. Segundo Foucault (1998) o poder se dá também em microfísica, não como sinônimo de opressão, mas como exercício. Exercer o poder, de forma breve, é entendido como dentro dos jogos de revezamento direcionados à condução de conduta do outro. Desta maneira, o poder é descentralizado no viés desse pensamento, ocorrendo em macro e micro esferas das relações entre os sujeitos.

O discurso, sendo "aquilo pelo o que se luta, poder do qual podemos nos apoderar" (FOUCAULT, 2008a, p. 9-10), seguindo por essa linha, é atrelado constitutivamente ao poder. Aqui, ele não é visto como simplesmente um sistema de signos, mas como um conjunto de enunciados arquivados em uma mesma formação discursiva (FOUCAULT, 2019), que apresentam a positividade de ir e vir, de emergir e re-emergir, sem deixar a sua raridade[26], em vista dos acontecimentos e das condições de possibilidade que regulam o objeto discursivo, o configurando. Disserta o filósofo:

> [...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por

[24] Em *A Verdade e as Formas Jurídicas*, Foucault (2002) retoma Nietzsche e o problema da verdade, que na obra do filósofo alemão é indicada como possuinte de uma origem fabricada, não natural, pensamento que refuta o conceito inato de verdade das ideias. Trata-se, então, de uma origem "não fundada", mas fabricada, meticulosamente construída e isso é dito por Foucault por meio da sua explanação problematizadora de uma origem da verdade, o que implica um contra-argumento à verdade irrefutável, posto que ela é fabricada. Essa é a base do que Foucault entende por saber: inseparável do poder, que legitima o que é dito como verdade, a depender de quem diz, como no caso do discurso sobre o sujeito louco, legitimado como verdade pelo saber médico.

[25] No *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels (2008) discorrem acerca da luta de classes por meio da consciência da exploração opressora dos trabalhadores pelo Estado-burguês e capitalista.

[26] Nas palavras de Foucault (2019, p. 145-146): A análise enunciativa leva em conta o efeito de raridade. [...] A análise dos enunciados e das formações discursivas abre uma direção inteiramente oposta: ela quer determinar o princípio segundo o qual puderam aparecer os únicos conjuntos significantes que foram enunciados. Busca estabelecer uma *lei de raridade*.

> meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2019, p. 59-60, grifos do autor).

Dando ênfase a tais afirmações, em *A Ordem do Discurso*, Foucault (2008a) apresenta que o acontecimento para a emergência do discurso é um ponto imprescindível à análise da formação discursiva. Assim, o discurso emerge de um acontecimento, de uma historicidade e carrega em si uma memória, considerando a não-linearidade histórica, portanto estando em uma lei de raridade, cujo princípio de rarefação torna possível visualizar o objeto discursivo, o que surge como o valor do enunciado (ORLANDI, 1987). Se pretendemos, então, investigar discursivamente um objeto, temos de levar todas essas questões em consideração. O autor, partindo desse modo de investigação, coloca, acerca de um dos seus objetos de estudo, a loucura:

> Fazer um estudo estrutural do conjunto histórico – noções, instituições, medidas jurídicas e policiais, conceitos científicos – que mantém cativa uma loucura cujo estado selvagem não pode nunca ser recuperado em si mesmo; mas à falta desta inacessível pureza primitiva, o estudo estrutural deve remontar até a decisão que une e separa, ao mesmo tempo, razão e loucura; deve tender a descobrir a troca perpétua, a obscura raiz comum, o afrontamento originário que dá sentido à unidade quanto à oposição do sentido e da insensatez (FOUCAULT, 2005, p.158).

O trecho acima propõe a compreensão do discurso a partir de suas condições de existência, ligadas à análise histórica, pois evocam as relações de saber-poder essenciais na regularidade desse discurso e em sua dispersão. Por isso, optamos por um estudo arquegenealógico, como Foucault (2019) explicita bem, ao refletir acerca das condições de historicidade, possibilidade, bem como práticas de objetivação e subjetivação etc. Isso é que ele apresenta ao debruçar-se em "escavar a historicidade", as possibilidades em uma conjuntura de relações de poder, em que certos saberes são configurados como verdadeiros.

Se "o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta" (FOUCAULT, 2008a, p. 26), sabemos que os enunciados que apresentam o discurso de meritocracia, como os citados acima, são indissociáveis do que possibilitou sua

emergência. É dessa maneira que o ENEM se torna um acontecimento indispensável para esta investigação, um acontecimento que, estendido como biopolítica no Brasil, vai além de fatos histórico-políticos, sendo utilizado como política pública de seleção e o cerne para o discurso de meritocracia dirigido ao "lugar universidade".

Assim, sobre a função de existência, se "trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presente ou não" (FOUCAULT, 2019, p. 105), faz-se necessário que não reduzamos o enunciado a uma estrutura sintática.

O enunciado é a própria função de existência, conforme:

> O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita); é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2019, p. 105).

A partir de um enunciado, é possível encontrar o seu campo associado, que implica os domínios ligados a ele, às margens dele, como outros enunciados existentes. Assim, a função enunciativa se dá por elementos imprescindíveis para a configuração do enunciado, estabelecida, portanto, na própria função de existência. Em outros termos, a existência de um enunciado é dada pela função enunciativa. Foucault (2019) dedica uma seção da *A Arqueologia do Saber* para desenvolver o respectivo conceito, descrevendo o que seus estudos indicaram acerca dele e dos seus elementos fundamentais. O primeiro dos pontos levantados é o elemento fundamental de existência do enunciado que, por sua vez, não sendo definido como sintagma ou uma regra de construção, deve ser pensado a partir de sua existência, isto é, "o que faz com que existam tais conjuntos de signos e permite que essas regras e essas formas se atualizem" (FOUCAULT, 2019, p. 106).

O autor então apresenta que o enunciado, embora tenha materialidade linguística, não se restringe à ordem estrutural-gramatical (como nos mostra a Sintaxe), exemplificando com o teclado de uma máquina de escrever e caracteres tipográficos, pois estes, ainda que não obedeçam uma ordem sintática-gramatical, possuem signos indicados, pela forma com a qual são identificados, como "o teclado de uma máquina" ou "caracteres

tipográficos". O mesmo no caso do reconhecimento do alfabeto, ao agrupar letras, signos que o enunciam como alfabeto. Em ambos os casos, podemos nos perguntar: "o que ocorreu para que houvesse enunciado?" (FOUCAULT, 2019, p. 106). O que configura o "enunciado das letras do alfabeto" como "o alfabeto" e o que o diferencia de outros enunciados?

A materialidade linguística existente no enunciado, por sua vez, não deve ser confundida com a estrutura sintática, visto que não se trata de uma frase ou sentença e sim da função de existência à enunciação. Esta função é direcionada às correlações possíveis de um enunciado, como diz Foucault (2019, p. 107):

> Uma série de signos se tornará enunciado com a condição de que tenha com "outra coisa" [..] uma relação específica que se refira a ela mesma [...] O enunciado, mesmo se está reduzido a um sintagma nominal ("O barco!"), ou se está reduzido a um nome próprio ("Pedro!"), não tem com o que enuncia a mesma relação que o nome mantém com o que designa ou significa.

No segundo ponto, o filósofo distancia o sujeito dos estudos estruturalistas-linguísticos do sujeito do enunciado, abrangendo as possíveis relações dos sujeitos com o que se enuncia. Em suma, uma série de signos ou uma frase (assim entendida pelos estudos estruturalistas da língua), não estabelece uma única relação com os sujeitos, haja vista que tais relações interdependem das esferas em questão: uma mesma sentença pode ser diferentemente enunciada pelo sujeito se ora estiver em um livro e ora em uma conversa entre amigos (FOUCAULT, 2019). Portanto, mais uma vez o enunciado é diferenciado de uma frase, estrutura e sentença, posto que é pela sua função de existência que emerge como algo enunciável (e em possibilidades plurais).

Na terceira característica, Foucault (2019) frisa a questão do domínio associado para a função enunciativa. Esta questão, posta como conceito, é ligada à singularidade do enunciado, em outros termos, o que o diferencia de outros enunciados e, principalmente, de uma frase ou proposição. Logo, as condições de existência do enunciado compreendem o seu domínio associado: o que se relaciona a ele.

Partindo à quarta condição da função enunciativa, o autor coloca a existência material como imprescindível: sem voz o enunciado não aparece, assim como sem uma superfície que registre os seus signos. Mais explicitamente, a inscrição do que se enuncia, o corpo, a voz e a superfície, isto é, sua existência material, é fundamental para como o enunciado é configurado enquanto enunciado. Quando Foucault (2019) levanta a questão

do por que um enunciado e não outro em seu lugar, considera quem enuncia, de onde se enuncia, quais os lugares possíveis para se enunciar. Por consequência, a existência material é intrínseca ao enunciado e ao exercício de fazer um estudo arqueológico do que se enuncia, histórico e filosoficamente.

Na linha da escavação dos enunciados, podemos destacar o arquivo, que reúne o que foi e é dito e o que pode ser dito sobre um objeto. O arquivo, ligado à emergência, apresenta-nos a regularidade do discurso, ou seja, a dispersão dos enunciados que o configuram, bem como as condições de possibilidade. Por isso, falamos em fazer uma arqueologia do saber-poder, isto é, fazer um estudo do arquivo, que é o que nos mostra um enunciado como acontecimento, como configurado no exercício de poder. Disserta Foucault (2019, p. 158) que:

> O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento de enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura.

Diante disso, podemos compreender o arquivo não simplesmente pelo registro das coisas ditas, mas, para mais, pelo "como" elas são ditas, de que forma as "coisas ditas" formam os objetos discursivos, como elas emergem, configurando-se como acontecimentos, possuindo raridade e positividade para emergirem e circularem dentro de uma regularidade, compondo um objeto. Assim, nos questionamos: como podemos descrever o arquivo da meritocracia? Como é o que é dito desse objeto discursivo, que podemos identificar nos enunciados do MEC? Respondemos a tais indagações apresentando a relação de coexistência entre a sociedade neoliberal e a meritocracia. A ascensão de um discurso anti-coletividade e pró-individualismo marca um acontecimento e se configura no arquivo da meritocracia. Na perspectiva foucaultiana, isso implica a constituição da subjetividade[27], sendo ela estudada pelo autor na chamada genealogia.

Logo, consideramos que as noções de arquivo e de domínio associado são essenciais para escavarmos o enunciado, afinal, como exposto pelo próprio Foucault (2019), todo enunciado tem em si a coexistência, sendo ligado a outros enunciados e

[27] Segundo Foucault (2019), a constituição da subjetividade se dá pelas práticas que objetivam e subjetivam os sujeitos. A objetivação diz respeito à prática de "tornar o sujeito objeto no discurso", isto é, de quem se fala. Já a subjetivação, indissociável da primeira, é definida pelas práticas que subjetivam os sujeitos, inclusive o modo com o qual eles se veem.

constituindo um objeto. Se parte do nosso objeto de análise é a meritocracia no discurso do MEC sobre o ENEM, é essencial correlacioná-lo com o sistema político ou, ainda, como um sistema justo e/ou injusto (compreendido quando escavamos a história da meritocracia), pois essas são as associações e correlações que assumem um conjunto de possibilidades no discurso, cujas condições, no caso deste estudo, nos levam ao neoliberalismo como associado, dado o acontecimento do ENEM e a conjuntura em que o exame se deu como vestibular.

2.2 Neoliberalismo e biopolítica no ENEM

> *A economia de mercado não subtrai algo do governo. Ao contrário, ela indica, ela constitui o indexador geral sob o qual se deve colocar a regra que vai definir todas as ações governamentais. É necessário governar por causa do mercado.*
> (FOUCAULT, 2008b, p. 165, grifos nossos).

Foucault, em *Nascimento da Biopolítica* (2008b), discute o neoliberalismo como ascendido de uma necessidade governamental de priorizar, em amplas práticas, a economia de mercado. A partir disso, a biopolítica se constitui nessas práticas, como políticas de condução à vida que vão ao encontro do neoliberalismo, uma vez que é a economia de mercado o combustível para as ações governamentais.

Atrelado à biopolítica está o biopoder, que compreende a biorregulação da existência, como a docilização dos corpos vivos, da vida e da morte. A biopolítica está, portanto, nas formas políticas de cuidado da população, seja na saúde, seja no nascimento e na educação, conforme:

> Biopolítica: eu entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças… (FOUCAULT, 2008b, p. 431).

Desta maneira, a concepção de biopolítica abarca uma visão de vida que "incide sobre a população enquanto espécie humana" (SOUSA, 2012, p. 44). Assim, as estratégias

são voltadas ao governo da natalidade e da mortalidade, bem como da longevidade. Aqui, incluem-se políticas de saúde, higiene, segurança e educação, em que há regulação da vida e da morte, da acessibilidade e da inacessibilidade, posto que o corpo, alvo de tais políticas, é mobilizado como um suporte de funcionamento biológico. Além das disciplinas sobre o corpo, ele é apurado anátomo-politicamente, contemplado como máquina biológica, que vive, reproduz e morre. De forma mais explícita:

> [...] a noção de biopolítica é formulada por Foucault (2001) para demonstrar que o poder passa a ser exercido por meio de controles precisos e regulações de conjunto e mecanismos de segurança, como forma de exigir mais vida e de aumentar e gerir essa vida. A constituição da biopolítica só é possível no contexto da invenção da vida biológica, da entrada da vida nas ideias e práticas políticas. Num sentido mais amplo, o biopoder é uma forma de normalizar a própria conduta da espécie, de regrar, manipular, incentivar e observar macrofenômenos como as taxas de natalidade e mortalidade, as condições sanitárias das cidades, o fluxo das infecções e contaminações, a duração e as condições da vida (SOUSA, 2012, p. 47).

Diante da questão da acessibilidade e inacessibilidade, consideramos que, no Brasil, à medida que o neoliberalismo se intensificava, foram implantadas políticas estruturadas pelo "efeito catraca"[28], ou seja, políticas que diferenciam corpos e sujeitos por uma demanda de seletividade: o que é oferecido e a quem e como é oferecido. No eixo educacional, por exemplo, passam a ser oferecidas bolsas ao Ensino Superior, integrais e parciais, que, entretanto, não asseguram o curso a todos aqueles que desejam uma vaga na universidade, sendo alguns selecionados de acordo com os resultados no vestibular.

Ademais, esse tipo de política (que seleciona alguns) é discursivizada de modo que os corpos ficam dóceis, sob o discurso de que depende do indivíduo o sucesso de ocupar o lugar almejado, uma vez que isso é oferecido pelo Estado. A partir disso, podemos pensar no ENEM como esse tipo de política, selecionando "os aptos", aqueles que obtêm uma dada nota "suficiente" ao curso disputado. A responsabilização dos candidatos não deixa de lado as estratégias políticas ao governo da população, dos corpos existentes, pelo contrário, faz parte de tais estratégias.

Quando surgiu, em 1998, o ENEM, tinha como finalidade avaliar o desempenho do Ensino Médio nas escolas. Em 2005, com o Programa Universidade Para Todos (ProUni),

[28] Efeito da política da seletividade ao acesso a algum serviço, como nos eixos da saúde e educação, e a determinados espaços e lugares. Para "passar pela catraca", é preciso estar apto(a) às exigências políticas e sociais. Por exemplo, obter determinada nota no ENEM.

o exame passou a funcionar como vestibular, passando a valer como critério de seleção de bolsistas parciais e integrais em universidades privadas. No ano de 2009, a prova foi reformulada, passando a ter questões divididas em quatro áreas de conhecimento e mais a exigência da redação. Com a reformulação e também ampliação das instituições federais de Ensino Superior, nesse mesmo ano, o ENEM passou a ser o maior vestibular do país, funcionando como porta de entrada para a universidade pública por meio do Sistema de Seleção Unificada (SiSU).

Mesmo hoje, tendo perpassado por diversos governos, o ENEM continua sendo, no Brasil, o maior vestibular existente nacionalmente[29] (BRASIL, 2018), abrangendo, por ano, milhares de estudantes. A criação dos Institutos Federais (IFs) e Universidades Federais (UFs), uma das políticas públicas mais visibilizadas no país e, posteriormente, a criação do SiSU, facilitaram o acesso de diversas pessoas ao Ensino Superior. Com o sistema, candidatos passaram a disputar vagas em duas instituições, podendo concorrer à distância, pelo site mantido pelo Governo Federal.

Como acontecimento, o exame parte de uma instância institucional (o MEC), na função de vestibular e contemplando a maior parte das universidades públicas e privadas, seja pelo SiSU ou pelo ProUni. O primeiro, vigente a partir de 2010, é um tipo de sistema virtual de inscrição de estudantes à concorrência a instituições federais e estaduais existentes em diversas regiões do país e o segundo, um sistema que concede bolsas parciais e integrais desde 2005. Em ambos os casos, o ENEM é utilizado como processo de seleção.

Consequentemente, se alguns são selecionados, outros são excluídos, o que pode nos apresentar um importante exemplo de biopolítica, no caso, um mecanismo adotado em um Governo apoiado em estratégias neoliberais. Em 1998, no governo de Fernando Henrique Cardoso, o ENEM foi instaurado como exame nacional do Ensino Médio. Em 2010, no governo Lula, passou a ser amplamente um vestibular pelo Brasil.

À política de seleção de uns e exclusão de outros, retomando o biopoder, podemos afirmar que o vestibular funciona em um mecanismo de controle e docilização dos corpos, a denominada dominação do Estado sobre a população, discutida no livro *Segurança, Território, População* (2008c). Ainda assim, cabe apontarmos a resistência desses corpos, desses sujeitos, quando, por exemplo, ocupam o lugar universidade, passando pelas seleções e se fazendo presentes no espaço e no funcionamento acadêmico e institucional e

[29] De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2020, o ENEM teve 5,8 milhões de inscritos. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/5-8-milhoes-estao-inscritos-para-fazer-o-enem-2020/21206.

político. Assim, se existe poder, existe resistência (FOUCAULT, 1998), o que não anula a questão da biopolítica e a subjetividade do indivíduo competidor. Diz o autor:

> O conjunto de instituições que exerce uma forma de poder específica, o que configura a própria biopolítica como sendo as políticas aparentemente positivas sobre a vida humana e populacional. Essas políticas investem em um aniquilamento sistemático de uma população, enquanto estimulam o nascimento seguido do abandono (FOUCAULT, 2008c, p.56).

É o que ocorre no caso do ENEM, posto que enquanto o MEC promove o exame como oportunidade, enunciando a universidade como espaço "a ser conquistado", há aqueles que não conquistam esse espaço. E são esses mecanismos de seleção de alguns e exclusão de outros que se sustentam e mantêm a condução de condutas dirigidas à competitividade e individualização, afastando o pertencimento de coletividade à questão da acessibilidade, o que é um traço componente do neoliberalismo. Cabe salientarmos que, apesar disso, o sujeito resiste nos espaços ocupados, ingressando, por exemplo, na universidade, o que define o embate da nossa pesquisa (entre os discursos institucional, o neoliberal e individualizante e o sujeito ingressante).

2.3 Dos enunciados institucionais

Nesta seção, apresentaremos o desenvolvimento e os resultados de parte da nossa análise. Primeiramente, fizemos um recorte de enunciados de propagandas do MEC promovendo o ENEM, observando a meritocracia. Essas propagandas circulam na televisão, divulgando datas e regras para a realização do exame. Embasados na análise arqueológica de enunciados foucaultiana, partimos de uma fundamentação essencial para a compreensão da elaboração das séries enunciativas, o que nos possibilitou classificar os enunciados em questão como institucionais.

A identificação do objeto é possibilitada devido às relações de coexistência, isto é, o que se tem relacionado, no caso desta pesquisa, à meritocracia, constituindo-a enquanto objeto discursivo. Vejamos o trecho sobre o campo associado (que compreende as relações de coexistência):

> O campo associado que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado e que lhes permite ter um contexto determinado, um conteúdo

> representativo específico, forma uma trama complexa. Ele é constituído, de início, pela série das outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento (um jogo de réplicas formando uma conversação, a arquitetura de uma demonstração - limitada, de um lado, por suas premissas, do outro, por sua conclusão -, a sequência das afirmações que constituem uma narração). (FOUCAULT, 2019, p. 111).

Considerando essa noção e, também, a objetivação do sujeito ingressante pelo discurso do MEC, chegamos ao que diz Foucault (2019, p. 56-60), ao levantamento dos pontos traçados à análise dos enunciados e seguindo as seguintes reflexões para elaborarmos as séries enunciativas a partir da identificação das modalidades: a) quem fala?; b) Quais os lugares no discurso? e c) Qual a relação do sujeito com o objeto do discurso?

Diante disso, chegamos aos resultados da modalidade do discurso institucional, compreendendo o MEC como essa instância, que fala do lugar institucional, representando o Governo Federal e dizendo quem é o sujeito ingressante à universidade, bem como quais são as regras do vestibular ENEM, as dicas para a realização da prova e, sobretudo, apresentando a responsabilização do candidato, parabenizando aquele que tira uma boa nota e consegue uma vaga, com ênfase no esforço individual como a forma de alcançar esse lugar almejado. Então, o que é dito pela modalidade institucional é atuante na subjetivação do sujeito candidato e ingressante que se configura no discurso de meritocracia.

Destarte, temos a série enunciativa:

1- Quem passou o ano inteiro só falando, pensando e vivendo o *ENEM*, *merece* uma *nova chance* (BRASIL, 2017);

2- Você, que fez a prova do *ENEM* em 2017, vai ter mais uma *oportunidade* para *conquistar* uma *vaga* na *universidade* por meio do SiSU e uma bolsa no ProUni (BRASIL, 2017);

3- A Rávila é uma das mais de seis milhões de pessoas inscritas no exame. Ela sabe que *se tirar uma boa nota*, tem a *chance* de *conseguir* uma *vaga* na faculdade (BRASIL, 2017);

4- Ela vai sair mais cedo de casa para *evitar imprevistos*. Uma *alimentação leve e uma boa noite de sono* vão ajudar (BRASIL, 2017);

5- Vem aí a prova do *ENEM, fique esperto e se prepare bem* (BRASIL, 2017);

6- *Quem se preparar vai se dar bem* (BRASIL, 2017);

7- *Chegue* antes de fechar o portão (BRASIL, 2017);

8- Estudantes *se preparam* para o segundo dia do *ENEM* (BRASIL, 2017);

9- O *ENEM* é assim, cheio de *histórias grandiosas*, e ele é o seu *caminho de oportunidades* (BRASIL, 2016);

10- *Parabéns* a todos que *se dedicaram* ao *ENEM* (BRASIL, 2016).

Observação: grifos nossos.

Constamos que a série enunciativa foi elaborada como procedimento metodológico da pesquisa, respondendo às questões sobre quem fala, de qual instância fala (qual o lugar institucional ocupado no discurso) e a relação da instituição em questão (o MEC) com a meritocracia e, para mais, como o sujeito é objeto desse discurso. Logo, podemos afirmar, a partir de tais observações, que a meritocracia é presente nas práticas de objetivação e subjetivação dos sujeitos candidatos e ingressantes que são, no discurso, marcados pelo processo de seleção, como merecedores, ganhadores ou fracassados. Essa relação de "investimento em si mesmo" em prol de "melhores resultados" é visualizada na constituição do sujeito neoliberal, empreendedor de si.

Foucault (2004a) discorre sobre a relação do objeto do discurso com os sujeitos quando explica o que são as práticas de objetivação, que tornam o sujeito em objeto de discurso e as práticas de subjetivação, que são constitutivas da subjetividade. Em se tratando do discurso do MEC, há práticas que configuram o sujeito candidato em objeto do discurso, uma vez que esse sujeito passa por um processo de individualização que determina a sua responsabilização por passar ou não à universidade. Tais práticas são observadas na passagem do ENEM como avaliação do Ensino Médio para o ENEM enquanto vestibular. Há, portanto, uma mudança significativa no que tange à funcionalidade do exame, o que é considerável nas práticas institucionais, por exemplo, na divulgação feita pelo MEC, voltada ao ENEM-vestibular, por meio de propagandas anuais que enunciam o exame como oportunidade de ganho de *status* acadêmico e profissional e, sobretudo, como a porta de entrada para as universidades públicas (as federais) e privadas (cujos programas sociais oferecem bolsas integrais e parciais, como o ProUni). Em ambos os casos, o ENEM possui a funcionalidade de ferramenta aos processos seletivos de tais instituições.

Os enunciados acima objetivam a universidade como um lugar conquistável, almejável e desejado, garantia de ascensão social. Seguindo pela existência material desses enunciados, levamos em consideração a instância institucional e estatal em questão (o MEC) e o suporte institucional da propaganda, que circula em todos os canais midiáticos da televisão brasileira, no horário publicitário.

Quando enuncia imperativos, como "*fique* esperto","*se prepare* bem" e "*chegue* antes", quem fala (o MEC) e o lugar que ocupa (instância estatal) materializam a função institucional, de quem dá instruções e seleciona aqueles que entram na universidade (colocada como a grande recompensa a quem cumpre as instruções). Partindo à posição-sujeito ocupada pelo MEC, a característica de instruir o sujeito-candidato ao atribuir a responsabilidade de todos os possíveis resultados a ele, é visualizada como prática discursiva dessa instância, cuja regularidade é encontrada também nas escolhas lexicais (verbos no imperativo) que, no caso, configura a posição de quem enuncia de um lugar institucional, aplicando a política de seleção em questão.

Explicitando as possibilidades de exercício dessas práticas, temos um processo de seleção que funciona por meio da aplicação de uma prova (o ENEM) de conteúdos gerais e diversas dicas enunciadas que sugerem a "preparação devida para a prova", como podemos ver em 4 e 7. Tal processo de seleção é aplicado por uma instância estatal, o que configura o ENEM como política institucionalizada: que enuncia "as regras" para a realização da prova, ofertando "um lugar" ao sujeito candidato (o de dentro da universidade e o de fora desta). Logo, a universidade é objetivada como uma recompensa, como aquilo que se ganha pelo esforço e pelo cumprimento às ordens como imperativo para ocupar uma vaga: eis, aqui, a meritocracia.

É relevante, também, observarmos quais os campos que sinalizam a modalidade institucional desses enunciados, em outros termos, o que nos permite reconhecer quem fala e sobre o que se fala. As escolhas lexicais instruem o sujeito a investir no exame e dedicar-se a ele para conseguir uma vaga (enunciados 5 e 6). Notamos que as palavras "merece" e "conquista" são presentes: "... merece uma nova chance" (BRASIL, 2017). O léxico em questão correlaciona a meritocracia com o "mérito", mas para além de um merecimento, de um resultado colhido, é um sistema ideal e justo, algo dado pela instituição, um tipo de justiça conquistada com esforço e dedicação. Portanto, o discurso de meritocracia constitui uma subjetividade que, em uma conjuntura de crescentes políticas neoliberais, é dirigida ao sujeito individualizado, que age individualmente, ocupando espaços por meio de políticas seletivas, distante do dito princípio de coletividade. Esta subjetividade não é vista aqui como fixa e determinada, mas é visualizada nas práticas que objetivam e subjetivam o sujeito ingressante à universidade, tornando-o "merecedor" por ser selecionado entre outros.

Então, temos o efeito de sentido que aponta para a meritocracia não só como um tipo de retorno a algum feito, mas como um sistema político que se baseia em justiça: o sujeito recebe aquilo que ele luta para ter, como exemplo, o próprio lugar universidade. Esse lugar é conquistado com dedicação e o preparo (termo que aparece inúmeras vezes no recorte de enunciados analisado), exigindo, assim, precauções ("Chegue antes de fechar o portão") e, para um corpo preparado, uma dieta balanceada ("Uma alimentação leve e uma boa noite de sono vão ajudar"), o que retoma a questão do tratamento anátomo-político do corpo.

Todo esse conjunto de enunciados configura o discurso de meritocracia institucional: o discurso instrucional, que apresenta instruções e orientações para a realização do ENEM e obtenção de uma boa nota, por exemplo, em relação à alimentação e horas de descanso na véspera do exame. Ligadas a isso, estão as já referidas práticas estendidas aos processos de objetivação e subjetivação, visto que "os processos de subjetivação e de objetivação que fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento." (FOUCAULT, 2004a, p. 236). Para o estudioso, tais processos ocorrem pelos jogos de verdade, isto é, "não a descoberta das coisas verdadeiras, mas as regras segundo as quais, a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso." (FOUCAULT, 2004a, p. 235).

Nesse sentido, o sujeito "objeto de conhecimento" no discurso de meritocracia é objetivado e subjetivado como responsável para chegar a ter o que almeja, docilizado frente a práticas neoliberais e resistindo quando ocupa determinados lugares, considerando a história desses lugares: quem está neles, o que é dito sobre eles e quais são as práticas que os formam. Nesse sentido, a meritocracia se faz presente no discurso não só acerca dos sujeitos que competem e ingressam na universidade, mas também na constituição do espaço da universidade.

2.4 O espaço meritocrático da universidade

Imagem 3: *Print screen* de reportagem.

Fonte: Escrita por Ana Mendonça e publicada no Diário de Pernambuco.[30]

Em 2020, a COVID-19[31] assolou o mundo, chegando ao Brasil e matando milhares de pessoas. Diante do caos da doença infecciosa, a OMS recomendou medidas de isolamento social, considerando a situação de alto contágio por meio do contato entre as pessoas. O Governo Bolsonaro[32], nesse período, vem sendo marcado por discursos que amenizam a realidade da pandemia, reduzindo a gravidade das mortes. Em uma de suas

[30] Disponível em: https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2020/05/weintraub-sobre-enem-nao-e-para-atender-injusticas-sociais-e-para-s.html.

[31] De acordo com o Ministério da Saúde, é uma doença infecciosa provocada pelo vírus SARS-CoV-2, um tipo de vírus da família dos coronavírus. Novo para a Ciência e Medicina, o vírus foi identificado em 2019, como altamente contagioso, podendo ser transmitido por contato próximo (por meio de gotículas da saliva, de apertos de mão e até pelo contato com superfícies contaminadas). Em 2020, em pouco tempo, o novo coronavírus assolou o mundo, matando milhares de pessoas. No grupo de risco, estão idosos e pessoas com doenças cardíacas, respiratórias, que afetam a imunidade e as diabetes. Os sintomas se assemelham aos de uma gripe comum, mas podem se agravar em pouco tempo, causando febre exorbitante e paradas cardiorrespiratórias. Diante do quadro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou medidas protetivas de isolamento social e uso de máscaras durante atividades imprescindíveis que levam ao contato com outras pessoas. Atualmente, (ago. 2020), o número de mortos no Brasil ultrapassa a marca dos cem mil (colocando o país em segundo lugar na lista de países de maior quantia de óbitos pela doença, sendo o primeiro os Estados Unidos da América). A expectativa para a vacina é alta em todos os países. Disponível em: https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca.

[32] Jair Messias Bolsonaro está no Governo do Estado como presidente da república desde janeiro de 2019, sendo conhecido pelos discursos ultra-reacionários, em prol do armamentismo dos brasileiros, da perseguição aos esquerdistas (pedindo a volta da ditadura militar) e da retirada de direitos sociais. Os discursos do presidente também atingem a universidade pública, colocando-a como desnecessária e desvalorizando a pesquisa. A polêmica das ideias bolsonaristas, que mobiliza brasileiros (seja por serem contra, seja por concordarem), tem causado turbulências políticas e sociais que envolvem políticas públicas, grupos marginalizados, como LGBTQIAs+, pretos, indígenas e mulheres e a elevação do neoliberalismo, reivindicando a privatização de serviços públicos e a negligência estratégica da Ciência, da pesquisa, das Ciências Humanas, dos direitos humanos e trabalhistas, das áreas da saúde, segurança e educação. Desde que chegou ao poder, Bolsonaro tem atacado políticas que investem em áreas públicas, promovendo, em sua equipe de gestão, cortes elevados desses investimentos.

aparições públicas, Bolsonaro disse que a pandemia, na verdade, "é só uma gripezinha" e, posteriormente, acerca das milhares de mortes, "vamos tocar a vida".[33]

Assim como Bolsonaro, membros da sua equipe de governo também se declararam frente à doença. Weintraub, na época ministro da Educação, se recusou a adiar o ENEM, ainda que a aglomeração fosse um risco e que a realização do exame por vias *online* não fosse possível a todos os candidatos. A imagem acima (3) mostra uma reportagem com a declaração do então ministro: "O ENEM não é para atender injustiças sociais, é para selecionar os melhores" (WEINTRAUB, 2020).

O enunciado é, pela memória discursiva, correlacionado a outros que colocam a universidade como um espaço de mérito, como aqueles que promovem cursos pré-vestibulares, prometendo "selecionar os melhores". É o caso do Objetivo, que tem uma série de colégios particulares por todo o Brasil e oferece, entre tantos cursos, o pré-vestibular. Em uma de suas propagandas para promoção dos seus cursos, divulgando fotos dos aprovados em diversos cursos de graduação, encontramos o enunciado verbal: "As melhores cabeças nas melhores universidades"[34]. Tal enunciado, bem como o dito pelo ministro da Educação, responde a uma ordem do discurso de universidade-lugar a ser conquistado, o que vimos nos enunciados institucionais do MEC. A palavra "melhores" salienta o sentido de conquista, de ganho e de acesso a um espaço privilegiado "aos melhores", isto é, um espaço em que não são todos que circulam.

Antes da polêmica de resistir ao adiamento do ENEM na pandemia, Weintraub, em defesa de cortes de verbas destinadas às instituições federais de ensino, justificou a medida dizendo que a universidade pública, no Brasil, era uma balbúrdia.[35] Pensando na fala do ministro, visualizamos a contradição[36] com o que ele colocou ao enunciar que o ENEM seleciona os melhores, nos questionando "como é possível que a universidade seja dita um espaço 'aos melhores' e, ao mesmo tempo, seja dita uma balbúrdia?". Uma resposta viável está nesta contradição entre enunciados, no caso, que dizem sobre um mesmo objeto

---

[33]Disponível em: https://extra.globo.com/noticias/brasil/da-gripezinha-ao-vamos-tocar-vida-relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-pandemia-do-novo-coronavirus-24572492.html.

[34] Um dos exemplos da utilização do enunciado "as melhores cabeças nas melhores universidades" está nas publicações de páginas do Objetivo em rede social. Objetivo Araraquara. Disponível em: https://m.facebook.com/curso.objetivo.araraquara/photos/a.414561478668932/699572693501141/?type=3.

[35] Informações em: https://catracalivre.com.br/videos/mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia/.

[36] A contradição é abordada na arqueologia foucaultiana como um tipo de característica apurada na regularidade discursiva, respectivamente, nos pontos de difração de objetos discursivos. Foucault (2019, p. 78) define como característica desta difração, "inicialmente, [...] pontos de incompatibilidade, compreendendo dois objetos ou dois tipos de enunciação, ou dois conceitos", que "podem aparecer na mesma formação discursiva, sem poderem entrar — sob pena de contradição manifesta ou inconsequência — em uma única e mesma série de enunciados.

discursivo (a universidade), sendo, porém, incompatíveis a uma mesma série enunciativa. Portanto, os enunciados de universidade como lugar de conquista e os de universidade como balbúrdia estão em séries enunciativas distintas, o que caracteriza a regularidade discursiva (abarcando compatibilidades e incompatibilidades).

A partir disso, nos indagamos acerca de como a universidade pública tem emergido cada vez mais como lugar de resistência e transgressão, dada a entrada crescente de pessoas de baixa renda, vindas de escolas públicas e que, pelo discurso do ministro, são objetivadas como promovedoras de "balbúrdia". Isso incide, ademais, nos corpos que circulam e enunciam sujeitos marcados por um saber proveniente dos jogos de verdade (a objetivação), sujeitos estes que também se veem, conhecendo a si mesmos, habitando espaços, ocupando e reivindicando lugares (subjetivação).

Segundo a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), em estudo realizado em 2014, a maioria dos estudantes das instituições são de classe D e E. É um fato importante a levantarmos defronte ao discurso anti-cotas sociais e étnico-raciais, uma vez que as políticas públicas apresentam um aumento significativo à acessibilidade desses estudantes ao Ensino Superior público.

Assim, nos deparamos com o ENEM posto como a porta de entrada à universidade que, por esse discurso, dispensa abarcar questões sociais ou injustiças sociais. O ENEM nada mais é, aqui, do que uma ferramenta de seleção dos aptos, em outras palavras, os melhores, que merecem a universidade. Todavia, há movimentos de resistência[37], com a entrada de sujeitos marginalizados, o que é deslegitimado em determinados enunciados, como se a universidade deixasse de ter qualquer qualidade por conta de quem são os sujeitos que a habitam e de que forma esses sujeitos são objetivados discursivamente.

Deste modo, a universidade é configurada como um lugar possuinte de corpos que a habitam, de território, de sistemas típicos dela: as salas de aula, os horários das aulas, as disciplinas, os eventos, os temas discutidos, os autores e autoras lidos e lidas, os editais, as políticas sociais (como o oferecimento dos restaurantes universitários, as bolsas de assistência estudantil etc.).

Ao estudo do espaço da universidade, buscamos a problematização de Michel Foucault por uma ciência que estude diferentes espaços. Para o estudioso, a heterotopia

[37] Foucault (1998) aponta que o poder só é exercido se há resistência, isto é, a possibilidade de fuga da condução de condutas por outrem (sendo outro sujeito ou Estado, tudo o que governa). O poder trata-se de jogos de exercício de condução de condutas e resistência, esta exigindo inventividade frente "às linhas de fuga" possíveis em tal exercício.

constitui o mundo em que vivemos, no contraste dos espaços, em como transitamos neles, em como vivemos neles. No documentário *Michel Foucault por ele mesmo* (parte 1) conseguimos visualizar o seu pensamento:

> Nós não vivemos num espaço neutro, plano. Nós não vivemos, morremos ou amamos no retângulo de uma folha de papel. Nós vivemos, morremos e amamos num espaço enquadrado, recortado, matizado com zonas claras e escuras, diferenças de níveis, degraus de escadas, cheias, corcovas, regiões duras e outras friáveis, penetráveis, porosas. Há regiões de passagem: ruas, trens, metrôs; regiões do transitório: cafés, cinemas, praias, hotéis e também as regiões fechadas do repouso e do lar. Eu sonho com uma ciência que teria como objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Essa ciência não estudaria as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que não tem lugar. Mas ela estudaria as heterotopias, espaços absolutamente outros e forçosamente a ciência em questão se chamaria, ela se chama já "Heterotopologia" (FOUCAULT, 2010b, parte 1).

Então, a universidade é um dos espaços que o sujeito habita, vivenciando-a, sendo imprescindível pensar em quais são os corpos que circulam nesse espaço, em vista da sua acessibilidade. Mesmo que colocadas como públicas, às universidades federais é preciso passar no vestibular e ser aprovado dentro de uma nota de corte ao curso visado. Pensando na heterotopia, tanto os corpos que circulam nos espaços, quanto a estrutura arquitetônica e o sistema de funcionamento são questões relevantes. Esse espaço meritocrático é constituído por sujeitos que cursam diversos cursos, de graduação e de pós, professores e funcionários (muitos terceirizados). A multiplicidade de sujeitos e suas divergências funcionais ao espaço-universidade diz acerca de que forma a universidade se estrutura: há os professores que lecionam, os alunos que cursam e os funcionários (terceirizados, técnicos, dentre outros) que efetuam serviços como portaria, segurança, administração, cozinha (para manter os restaurantes universitários), limpeza etc.

Essa análise, porém, necessita de um aprofundamento aos sujeitos, porque consideramos as diferenças das vivências e do modo que os corpos diversos circulam na universidade. Por exemplo, há diferenças entre professores e alunos e entre professores, alunos e funcionários: como eles sentem esse espaço, como eles o habitam, circulam e o vivenciam. Por isso, a concepção foucaultiana de espaço é extremamente útil na investigação da constituição do espaço meritocrático da universidade, colocando-a como espaço autêntico, diferente de outros espaços pela sua estrutura, pelo seu sistema de funcionamento, pela sua arquitetura (de salas de aula, bibliotecas, laboratórios) e,

sobretudo, pelas regras que ditam quem é quem nesse espaço, conferindo jogos de poder e de resistência a tais objetivações e condução de condutas.

Conforme vimos anteriormente, um dos sujeitos objetivados pelo discurso relacionado à universidade é o ingressante, colocado como merecedor que, ganhou, como resultado do seu esforço, uma vaga nesse espaço e, também, o lugar de aluno vinculado institucionalmente. Para mais, os corpos que transitam nesse espaço são objetos dos discursos que os qualificam ou desqualificam enquanto "merecedores" e "melhores". Assim, o discurso de meritocracia, muitas das vezes, se mostra legitimador de determinados corpos (e não de todos), que é o que os enunciados do ex-ministro da Educação nos permitem visualizar: o ENEM deve selecionar os melhores (e não se preocupar com demandas sociais), mas a universidade é uma balbúrdia porque tem sido cada dia mais um espaço habitado por corpos marginalizados (de pretos, indígenas e LGBTQIAs+) e tem levantado temáticas como gênero e sexualidade.

Sabemos que uma característica do espaço da universidade é o processo seletivo, propriamente, o vestibular que, sendo biopolítica, responsabiliza, no discurso de meritocracia, o sujeito que compete para ocupar uma vaga na instituição. Por isso, o sujeito sofre um processo de individualização, algo que também é observado no caso da configuração do sujeito neoliberal, haja vista que o sujeito é deslocado (e se desloca) do senso de coletividade e sociedade para ser firmado (se firmar) como indivíduo-individual. Esse discurso se distancia de pautas sociais que reconhecem as desigualdades como uma realidade do país, por isso, na medida em que o discurso neoliberal emerge e se intensifica, há enunciados contrários às políticas sociais como as cotas a assistência estudantil.

Defronte às questões acima, no terceiro capítulo, discutiremos acerca do sujeito ingressante, por meio da análise das entrevistas realizadas com dez participantes voluntários. Nesta etapa, será vislumbrada a relação do sujeito com o espaço-universidade e com o discurso de meritocracia que a configura.

CAPÍTULO III

3. DO "SONHO REALIZADO" À "BALBÚRDIA": ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Ao capítulo final desta dissertação, discorreremos sobre todo o trajeto de análise da parte fundamental deste trabalho, o *corpus* retirado das entrevistas realizadas. Para tanto, serão apresentados elementos imprescindíveis da pesquisa, como a escolha das entrevistas semi-estruturadas e de que modo observamos essa escolha discursivamente, isto é, o que podemos buscar, em Michel Foucault, como questões relevantes, no que tange ao método da entrevista, para a compreensão das práticas que objetivam e subjetivam o sujeito ingressante à universidade. Em vista disso, teremos as seguintes subseções:

3.1 Das entrevistas: análise discursiva em perspectiva – aqui, o texto se direcionará para dados e informações acerca das entrevistas, desde a fundamentação (modalidade e tipo de transcrição) ao processo de realização, com embasamento em Minayo (2001) e Azevedo (*et al*., 2017). Além disso, com o objetivo de pensarmos no método pelo viés dos estudos discursivos foucaultianos, discutiremos de que modo visualizamos as práticas de confissão como ponto relevante para a realização e análise das entrevistas, nos fundamentando, a respeito de tal conceito, em Foucault (2006b), para então chegarmos à elaboração de séries enunciativas.

3.2 O sujeito ingressante e a universidade – seguindo o método arquegenealógico, nesta subseção traremos o debate das temáticas do discurso (FOUCAULT, 2019) como uma forma de visualizar as séries distribuídas em três trajetos temáticos, com aporte teórico-metodológico em Guilhaumou e Maldidier (1997), a saber: 1) A objetivação da universidade; 2) A qual demanda a universidade responde? e 3) Os efeitos de verdade na produção de subjetividade do ingressante. Posteriormente, apresentaremos algumas considerações acerca da análise.

A escolha da realização de entrevistas foi dada rumo ao objetivo de analisar discursivamente a universidade como lugar a ser conquistado, levando em consideração os estudos anteriormente realizados na IC e no TCC, cuja temática era o discurso de meritocracia no MEC, especificamente em enunciados retirados de propagandas do ENEM, por exemplo, no *slogan* "Quem se preparar vai se dar bem" (BRASIL, 2017), no qual observamos o discurso institucional de meritocracia em um processo de objetivação da universidade como lugar almejado, a ser conquistado, selecionado "aos melhores"

(WEINTRAUB, 2020), considerando o que expusemos anteriormente na seção 2.3 *Dos enunciados institucionais* (p. 49). A partir desses levantamentos, como questão inquietante, pensamos em como a universidade é configurada ao sujeito que ingressa nela, sob a hipótese de que há relação, nos enunciados do sujeito ingressante, entre essa configuração e a meritocracia. Isso, então, se tornou crucial para o desenvolvimento da dissertação.

Por meio da escuta de dez estudantes de cursos de graduação da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão/Universidade Federal de Catalão (em transição), nos propomos a trazer questões norteadoras que apresentam temáticas da experiência na universidade e do processo que antecedeu o ingresso, a fim de visualizarmos as práticas de confissão nos enunciados coletados. Por isso, constando esta pesquisa como qualitativa e social – ao visar a interpretação de dados com base na observação e descrição –, optamos pela modalidade semi-estruturada, isto é, por formular questões que norteiam os participantes e que são atreladas à temática debatida e ainda, no caso, compreendidas em um determinado momento vivido (a história de vida tópica) (MINAYO, 2001), o vestibular e o ingresso na universidade.

Destacamos, além disso, que os participantes selecionados obedeceram aos critérios de inclusão: com idade igual ou superior a 18 anos e matriculados exclusivamente em cursos de graduação na supracitada instituição, com ingresso entre os anos de 2018 e 2019. A seguir, apresentamos a distribuição dos participantes entrevistados em seus respectivos cursos:

Tabela 1: Cursos x número de participantes entrevistados

Cursos (UFG-RC/UFCAT em transição)	*Número de participantes (total: 10)*
Física – Licenciatura	1
Letras – Português	4
Letras – Português e Inglês	2
Psicologia	3

Fonte: Elaborada pela autora.

A todos os participantes selecionados, foram propostas, durante as entrevistas, as seguintes questões norteadoras, planejadas visando a escuta discursiva dos entrevistados

acerca da experiência de si, no funcionamento de um dispositivo confessional com o vestibular e com a universidade:

1) Como você imaginava a universidade antes de seu ingresso na instituição? E agora?

2) Qual é o seu sentimento frente ao seu ingresso? O que você pensa sobre a sua classificação e consequente aprovação no curso que você escolheu?

3) Sobre a política de cotas, o que você pensa sobre essa questão da reserva de vagas em suas diferentes modalidades?

4) O que você pensa sobre a sua preparação para o vestibular/ENEM com relação à rotina das aulas, horas de estudo e a sua vida pessoal?

5) Para você, há diferença entre o espaço universitário e os demais espaços ocupados por você cotidianamente?

6) Você conhece alguém que prestou vestibular, especificamente, o ENEM, e não conseguiu a vaga que pretendia em uma universidade?

7) Qual é a sua posição frente ao enunciado "quem se preparar vai se dar bem" (BRASIL, 2017)?

8) Você acha que estar na universidade garante algo para você no futuro?

Tais questões fizeram parte do projeto que, inicialmente foi desenvolvido, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – UFG-RC) em 2019, para possível realização das entrevistas de forma presencial, entretanto, nos meses iniciais de 2020, a pandemia causada pelo novo coronavírus (a COVID-19) chegou ao país, exigindo a interrupção de aulas presenciais e de atividades promotoras de aglomeração, segundo medidas indicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Diante do fato, suspendemos as entrevistas presenciais e, com isso, tivemos que repensar o projeto inicial, reescrevendo o texto e submetendo um novo projeto na Plataforma Brasil para, novamente, ser avaliado pelo CEP.

O novo projeto foi aprovado, após ressalvas do comitê, no dia 31 de agosto de 2020 (cf. ANEXO A), provocando, assim, um reajuste total do cronograma inicial de entrevistas, além da forma de realização *online*, a fim de evitarmos qualquer aglomeração, em cumprimento das medidas indicadas.

Assim, seguimos as seguintes etapas:

1) Divulgação de um formulário de participação a grupos de cursos de graduação da instituição (APÊNDICE A), para informação acerca da pesquisa e seleção de

participantes voluntários dentro dos critérios estabelecidos. O formulário foi criado no *Google Forms* e encaminhado por *link* de acesso;

2) Encaminhamento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B) aos possíveis participantes, seguindo as normas do CEP. O documento foi elaborado também pelo *Google Forms,* a partir das recomendações a respeito de pesquisas *online* do CEP;

3) Contato com os dez participantes para quaisquer esclarecimentos necessários sobre a pesquisa. Nessa etapa, as datas das entrevistas foram marcadas;

4) Realização das entrevistas de acordo com a disponibilidade de cada participante. A saber, a primeira entrevista foi realizada no final de setembro de 2020 e a última no início de novembro do mesmo ano (cf. APÊNDICE C).

Para a realização das entrevistas *online*, o recurso selecionado, considerando a acessibilidade da pesquisadora e dos participantes, foi o *Google Meet*, serviço (e aplicativo) *online*, oferecido pela *Google*, que possibilita a realização de chamadas de vídeo entre duas ou mais pessoas, cujos *links* de acesso às chamadas foram gerados e encaminhados antecipadamente às datas acordadas. Durante as entrevistas, alguns episódios de queda de internet ocorreram, exigindo que as salas virtuais fossem reabertas, porém, sem maiores dificuldades para o seguimento e finalização do diálogo (cf. APÊNDICE C).

Anteriormente às videochamadas realizadas, os participantes autorizaram (o que também foi manifestado no TCLE) a gravação de áudio dos diálogos. Para fins de registro e arquivamento do material, utilizamos o aplicativo "gravador de voz" em *notebook* e celular, simultaneamente.

Após isso, as entrevistas foram transcritas seguindo a transcrição naturalista, à medida que esse tipo de transcrição opta por preservar os elementos das entrevistas (verbais e não-verbais) e registra minuciosamente o que foi dito e como foi dito, englobando, inclusive, pausas e vocalizações involuntárias (AZEVEDO et. al, 2017). Selecionamos o tipo naturalista por considerarmos que melhor se aproxima dos objetivos desta pesquisa, inscrita na análise discursiva foucaultiana, sendo, então, imprescindível mantermos ao máximo o que foi dito e a disposição dos enunciados.

Salientamos que as identidades dos entrevistados (tais como os registros civis) não foram mantidas, tendo sido utilizados nomes-fantasia (ou pseudônimos) selecionados pelos próprios participantes. Durante esse capítulo, retrataremos os participantes pelos

pseudônimos, seguidos dos números indicativos da ordem das entrevistas (de 01 a 10) e ano (2020). Exemplificando: Sara foi a primeira entrevistada. Portanto, nos referimos a ela como "(SARA, n. 01, 2020)".

Apresentadas as considerações imprescindíveis no que tange à metodologia aqui adotada, frisamos o intuito de responder aos objetivos traçados para a pesquisa por meio da abordagem da objetivação da universidade ao sujeito ingressante e dos processos que o subjetivam. Destarte, utilizaremos Bourdieu e Passeron (1992), Brown (2019), Dardot e Laval (2016), Foucault (1998; 2000; 2006b; 2008b; 2014b; 2019) e Orlandi (1993) para a discussão acerca da constituição da meritocracia e da universidade como espaço a ser conquistado, considerando, inclusive, o conceito de dispositivo do discurso (FOUCAULT, 2006b).

3.1 Das entrevistas: análise discursiva em perspectiva

> *(...) a confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizadas para produzir a verdade. Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda* (FOUCAULT, 2006b, p. 67, grifos nossos).

Em perspectiva discursiva, o método de entrevista surge como um processo de escuta ativo que possibilita elevar a confissão, temática debatida com dada relevância na obra de Foucault, de tal maneira que o autor discorre acerca do surgimento, a partir da cultura ocidental, da sociedade confessanda, isto é, que tem a confissão como técnica, praticada em inúmeros espaços e esferas: por exemplo, desde uma consulta médica, em que o paciente confessa ao médico, dito apto a diagnosticar a partir dessa confissão, até no auto-reconhecimento do sujeito em temas como a sexualidade, religião, estilo musical, estilo de vestimentas, classificação partidária, classificação política etc. Nas palavras do filósofo:

> A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões

> impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. Confessa-se – ou se é forçado a confessar. Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum imperativo interior, é extorquida; desencavam-na na alma ou arrancam-na ao corpo. A partir da Idade Média, a tortura a acompanha como uma sombra, e a sustenta quando ela se esquiva: gêmeos sinistros. Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissões. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente (FOUCAULT, 2006b, p. 67-68).

Eis, então, a confissão como constitutiva de uma subjetividade ocidental, observada a partir de um sujeito que confessa a si como um modo de libertação que não se separa das relações de poder (FOUCAULT, 2006b). Assim, a confissão configura-se a partir da produção de verdade e das tecnologias de poder, caracterizando um sujeito confidente que nem sempre é obrigado a confessar, afinal, mais do que isso, sente que deve confessar, necessita confessar, "mostrar a sua verdade", dizer e assumir quem é, inclusive nas práticas cotidianas. Esse "ardil da confissão", fundamental à subjetividade confidente, é observado nas práticas do cristianismo, no que tange à sujeição dos homens frente aos hábitos da Igreja, como no "ajoelhar-se e confessar todas as suas culpas, sem omissão de uma só" (FOUCAULT, 2006b, p. 69). Tal prática encontra-se na constituição do sujeito, este, que necessita confessar-se e, portanto, mostrar-se discursivamente, visibilizado no que enuncia.

A questão do sujeito confidente é indispensável à nossa discussão, uma vez que as entrevistas realizadas possibilitaram que o ingressante falasse de si e sobre si, objetivando a universidade como um espaço heterogêneo e relevante em suas diversas proporções, como para a própria subjetividade. Para mais, o caráter norteador das perguntas exige do entrevistado uma resposta, isto é, que ele se visibilize, que diga sobre si mesmo.

Partindo disso, traremos alguns dos enunciados analisados, dispostos em uma série enunciativa na qual o sujeito ingressante à universidade objetiva a si mesmo, isto é, discorre acerca de como se vê, definindo-se e colocando-se defronte às questões que abarcam a universidade e, sobretudo, referindo-se a ela como um lugar "de conquista", selecionado a alguns, posicionando-se em relação a isso, evidenciando, deste modo, a sua subjetividade e permitindo a nós a descrição do processo de sua subjetivação no espaço institucional em estudo. Portanto, elaboramos a seguinte série, correspondente à confissão do ingressante em sua relação com a universidade:

> 1- Quando *eu vi* o resultado, *eu caí* nessa ideal meritocrática, que *eu pensei* 'ah, minha classificação'[...] (BERNARDO, n. 04, 2020);

> 2- Nossa, *eu acho* que *eu sou* bem privilegiado, porque, mesmo tendo vindo de uma cidade pequena, ser de família pobre e tudo mais, a minha classificação foi, no curso, foi altíssima, sabe? Foi em segundo, *eu acho*, ah... da lista de classificação" (ARIEL, n. 02, 2020);
>
> 3- [...] *eu esperava* uma discussão teórica mais densa... *eu esperava* um comprometimento maior do... dos meus colegas e... assim, não era o que *eu esperava*, sabe, *pra te falar a verdade*, do curso, do corpo docente, da Psicologia enquanto ciência..." (ROSA, n. 09, 2020);
>
> 4- Nossa! Então, é... especialmente a Universidade Federal, *eu tinha* uma ideia um *pouquinho* (ênfase com a entonação) engessada, ainda. Então *eu achei* que ia ser, tipo assim, os professores bem hostis e grossos, já cobrando milhões de coisas já de primeira [...] (CLARICE, n. 06, 2020);
>
> 5- [...] *quando eu entrei foi totalmente diferente*, pelo menos os professores que eu peguei, no primeiro período, foram todos muito legais, muito amáveis, eles sempre conversavam com a gente, eles fez um ambiente bem... tipo, fez a gente se sentir confortável (CLARICE, n. 06, 2020).
>
> Observação: grifos nossos.

Nos enunciados acima, as inúmeras recorrências lexicais de "eu" marcam um sujeito que enuncia sobre si, à medida que tem em si mesmo o objeto do que diz. A objetivação de si e de outrem é presente nos estudos do dispositivo de sexualidade, em que Foucault (2006b, p. 26) compreende a confissão como

> a tarefa, quase infinita, de dizer, de se dizer a si mesmo e de dizer a outrem, o mais frequentemente possível, tudo o que possa se relacionar com o jogo dos prazeres, sensações e pensamentos inumeráveis que, através da alma e do corpo tenham alguma afinidade com o sexo.

No que se refere ao sujeito ingressante, chegamos à confissão por meio da exposição dos pensamentos e sensações frente ao ingresso e classificação no curso selecionado, sendo recorrente o uso de *eu* como autoreferencial, isto é, característico do sujeito que "se diz a si mesmo e a outrem" (FOUCAULT, 2006b, p. 26).

Quando questionado, o sujeito ingressante se mostra em sua relação com a universidade, assumindo-se como ocupante desse lugar. Essa relação do sujeito com o que ele enuncia acerca de si mesmo e do lugar que ocupa configura a subjetividade confidente, como, por exemplo, pode ser visto em "*Nossa*, *eu acho* que *eu sou* bem privilegiado, porque, mesmo tendo vindo de uma cidade pequena, ser de família pobre e tudo mais, a minha classificação foi, no curso, foi altíssima, sabe? Foi em segundo, *eu acho*, ah... da

lista de classificação" (ARIEL, n. 02, 2020, grifos nossos). O sujeito que enuncia assume ocupar determinada posição, que ele apresenta como sendo a de "privilegiado", atribuindo a "altíssima classificação" a tal "privilégio". A recorrência de "nossa", além disso, possibilita o efeito de sentido da expressão do "eu" e sua associação subjetiva com o tema em diálogo.

Acionando os estudos discursivos de orientação foucaultiana, a prática de "dizer sobre si mesmo" integra a cultura ocidental, sendo indissociável do cristianismo (FOUCAULT, 2006b). Nas palavras do filósofo, ao estudar a sexualidade, é com o advento do capitalismo e a soma deste à repressão e o sexo que "o diagnóstico" tem efeito no Ocidente, sendo, portanto, as práticas de confissão imprescindíveis ao diagnóstico da sexualidade e, por sua vez, do sujeito. Todavia, estas práticas não se restringem à sexualidade, à medida que o sujeito cotidianamente é confidente: no que pensa, no que sente, no que tem como experiência, no que toma para si mesmo e para os outros (definições, declarações etc.).

Na série enunciativa disposta, observamos o sujeito ingressante enunciando acerca de si, abarcando questões que o envolvem: sociais, políticas e econômicas. Além disso, há a exposição de pensamentos sobre a universidade, que se constituem nos efeitos de verdade que ela representa, incluindo este espaço como privilegiado, associado à classificação, aos resultados do ENEM, temas que, ao longo da análise, são recorrentes em se tratando da meritocracia: a vivência do ingressante ao ser classificado na universidade, ao deparar-se com as notas no exame.

À questão "O que você imaginava da universidade antes de seu ingresso? E agora?" visualizamos enunciados que apresentam uma universidade em contraste com a que é experimentada após o ingresso, conforme: "*eu esperava* uma discussão teórica mais densa... *eu esperava* um comprometimento maior do... dos meus colegas e... assim, não era o que *eu esperava*, sabe, pra te falar a verdade, do curso, do corpo docente, da Psicologia enquanto ciência..." (ROSA, n. 09, 2020, grifos nossos), em que o sujeito ingressante ocupa a posição de confidente acerca dos sentidos de universidade, a esperada, almejada e a inesperada. Então, nos deparamos com os efeitos de verdade da universidade: um espaço de comprometimento, de amplitude teórica, ou ainda um espaço ausente de comprometimento e com barreiras frente às demandas teóricas.

Salientamos, nesse ponto, a diversidade de verdades produzidas discursivamente que configuram a universidade, lembrando que a verdade, para Foucault (2013a), é

mobilizadora da subjetividade, ou seja, contrariando a noção de objetividade (como visto no discurso científico). Desta forma, a subjetividade constitui-se pelos jogos de verdade, sendo "a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual se relaciona consigo mesmo" (FOUCAULT, 2004c, p. 236).

Em vista disso, os enunciados aqui analisados apresentam múltiplos sentidos de universidade, de espaço universitário, contendo divergências em relação à função institucional em questão (ora para formação profissional, ora para o fortalecimento de vínculos sociais etc.) e, portanto, levantando a heterogeneidade discursiva como ponto indispensável aos nossos estudos.

Ainda na mesma questão, em "Nossa! Então, é... especialmente a Universidade Federal, *eu tinha* uma ideia um *pouquinho* (ênfase com a entonação) engessada, ainda. Então *eu achei* que ia ser, tipo assim, os professores bem hostis e grossos, já cobrando milhões de coisas já de primeira (...)" (CLARICE, n. 06, 2020), o sujeito ingressante exibe a universidade objetivada a partir de um saber conservador em relação às práticas de ensino, em oposição ao que experimentou ao adentrar este lugar: "*quando eu entrei foi totalmente diferente*, pelo menos os professores que eu peguei, no primeiro período, foram todos muito legais, muito amáveis, eles sempre conversavam com a gente, eles fez um ambiente bem... tipo, fez a gente se sentir confortável" (CLARICE, n. 06, 2020).

Dada a disposição de alguns dos enunciados coletados à análise discursiva, afirmamos a importância do entendimento das práticas de confissão (discorridas em obras foucaultianas) para a motivação do método de entrevista, que selecionamos à pesquisa, sobretudo na escolha da modalidade (semi-estruturada), visto que foram elaboradas oito questões para nortear esse processo de coleta de *corpus*. Os diálogos ocorridos nos permitiram a levantar pontos específicos da experiência na universidade, além de, como Foucault (2006b) aborda, visualizar a confissão dos entrevistados, propondo a escuta do que tinham a dizer em relação à temática discutida.

O objetivo de trazermos o debate da confissão e, especificamente, do sujeito confidente, se dá pela relação discursiva do sujeito ingressante com a universidade, apresentando heterogeneidade no que é dito, ao mesmo tempo em que essa heterogeneidade não equivale a colocar que o discurso é individualizado e que, por sua vez, o sujeito é visto individualmente. Pelo contrário, se Foucault (2006b), ao abordar o dispositivo de sexualidade, descreveu a cultura ocidental de confissão, esta "arrancada" à força ou não, consideramos o que ele chama de sujeição (a constituição do homem e

indivíduo como sujeito) e, assim, as técnicas de poder para que confessar-se seja imperceptível, atrelando-se ao que queremos, ao que somos e ao que fazemos, configurando uma sociedade confessanda, em que confessar é cultural e até vislumbrado como uma prática de libertação, opondo-se à censura do dizer e à invisibilidade do ser, emergindo a necessidade da identificação e da autoafirmação.

Desta forma, nesta pesquisa, o sujeito ingressante é também confidente, respondendo às questões assumindo-se de algum lugar, ocupando alguma posição, colocando-se crítico ao discurso de meritocracia, ao passo que vivenciou um processo de seleção a um espaço universitário seletivo, com embates e apontamentos às políticas e instituições públicas e privadas, liberais, neoliberais e assistencialistas, assumindo uma ideia, um pensamento, um desejo e uma problematização observada em si e na universidade. Mas este é também o sujeito indissociável das relações de poder, que compete para cursar o curso desejado, que anseia por uma boa nota no ENEM, que se afirma bom concorrente, bom aluno, detalhando o processo de vestibular, apontando privilégios e dificuldades vivenciadas. É um sujeito que se frustra frente à universidade e é um sujeito que se surpreende nesse mesmo lugar.

Considerando a subjetividade do ingressante e pensando a partir de Michel Foucault na articulação da objetivação, subjetivação e confissão ao entendimento do sujeito, partimos, agora, à análise arquegenealógica dos enunciados selecionados das entrevistas, estas que podem ser encontradas integralmente em APÊNDICE C, nesta dissertação, constando todo o diálogo transcrito e informações sobre os entrevistados (pseudônimo de identificação, curso, ano de ingresso e dia da entrevista).

3.2 O sujeito ingressante e a universidade

> *O método arqueogenealógico permite, pois, uma compreensão histórica de como certos mecanismos infinitesimais do poder consolidaram-se e estabeleceram-se como práticas de um saber sobre o homem, por corolário, sobre seu corpo.*
> (NAVARRO, 2020, p. 14).

É fato que a análise em viés discursivo nos possibilita problematizar a verdade, cuja produção é incessante, uma vez que os acontecimentos, imprescindíveis à emergência e

circulação de enunciados, são irruptíveis e agentes reguladores discursivos (FOUCAULT, 2019). A verdade, nessa linha de pensamento, está no que chamamos de efeitos de verdade: múltiplos e, ao mesmo tempo, possíveis.

Neste trabaluho, para além do exercício de problematização, buscamos um método de análise de modo a organizar e esmiuçar os enunciados selecionados e, por isso, a arquegenealogia de Michel Foucault ocupa um lugar na condução filosófica e, também, metodológica nesse percurso. Nesse sentido, podemos considerar a arqueologia como escavação histórica da formação de determinado objeto discursivo, em direção às condições de possibilidade e dos estudos dos saberes em um recorte de tempo (FOUCAULT, 2019), enquanto a genealogia se estende sobre o estudo dos jogos de poder, inclusive em micro-exercício, observando o poder fora da perspectiva de repressão ou contenção genérica de um indivíduo (FOUCAULT, 1998).

Como já dito, inscrevemos esta dissertação como produto de um estudo arquegenealógico, que abarcamos arqueologicamente (pelos marcos históricos essenciais à universidade pública no Brasil) e genealogicamente (pelos jogos de poder que configuram a universidade como lugar a ser conquistado ao sujeito ingressante).

No que se refere à análise de enunciados, buscamos o método de elaboração de séries enunciativas, descrito por Foucault (2019), selecionando enunciados de acordo com a possibilidade de formar agrupamentos que apresentam o sujeito ingressante e sua relação com a universidade e, consequentemente, as posições-sujeito, identificando os domínios associados (FOUCAULT, 2019) e quais acontecimentos implicam o discurso de meritocracia dirigido ao espaço da universidade pública, como a instauração de políticas públicas voltadas ao Ensino Superior no país, a própria Constituição de 1988, ao reger princípios de "igualdade e equidade" e a crescente onda neoliberal em cenário global, constituinte não somente de um sistema econômico, mas da subjetividade.

Assim, com a pretensão de melhor dispor as séries enunciativas, decidimos organizá-las em três trajetos temáticos (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1997), salientando o que Foucault (2019, p. 43) debate na *Arqueologia do Saber*, "para reagrupar os enunciados, descrever seu encadeamento e explicar as formas unitárias sob as quais eles se apresentam: a identidade e a persistência dos temas". Temos os seguintes trajetos:

1- A objetivação da universidade: respondendo aos objetivos referentes à análise da universidade como objeto discursivo (ao sujeito ingressante);

2- A qual demanda a universidade responde?: em que visaremos o funcionamento do dispositivo da universidade-espaço meritocrático, apresentando enunciados que trazem à tona as demandas em diversas esferas (individuais e coletivas) da universidade, por exemplo, as políticas de cotas;

3- Os efeitos de verdade na produção de subjetividade do ingressante: finalizando os trajetos, este tratará de enunciados direcionados ao sujeito ingressante em constante processo de subjetivação, inclusive de que forma ele vê a si mesmo e o que ele diz acerca de si mesmo, a partir dos efeitos de verdade visíveis em tais enunciados.

3.2.1 A objetivação da universidade

Foucault (2019), ao problematizar as unidades formadas no discurso e conceituar as formações discursivas, ressalta que, apesar de ser possível encontrarmos um conjunto de enunciados ligado a um objeto, este, por sua vez, não pode ser pensado como único e homogêneo. Se o princípio da descontinuidade é relevante na obra do filósofo, também está na forma de compreender a multiplicidade do objeto discursivo. Então, a universidade não é única discursivamente, não é, pois, dita de uma única forma, em um mesmo "estilo de enunciação" (FOUCAULT, 2019, p. 42), tampouco dentro de uma linearidade estendida em uma origem a uma finalização.

Destarte, ao estudo da regularidade do discurso, é necessário compreendê-la não por um isolamento de enunciados, mas na dispersão, pois:

> [...] mais do que buscar a permanência dos temas, das imagens e das opiniões através do tempo, mais do que retraçar a dialética de seus conflitos para individualizar conjuntos enunciativos, não poderíamos demarcar a dispersão dos pontos de escolha e definir, antes de qualquer preferência temática, um campo de possibilidades estratégicas? (FOUCAULT, 2019, p. 45).

É na via das possibilidades que pensamos na formação do objeto universidade como inscrita em regras, especificamente, em saberes, com destaque à historicidade. Mais do que "ter uma história", o objeto é constituído em um regime de existência (FOUCAULT, 2019), e as condições de possibilidades o mobilizam historicamente.

Defronte à necessidade de discutirmos a formação da universidade, retomando Foucault (2019, p. 50-51), temos três pontos relevantes: 1) As superfícies de emergência: os códigos, a racionalização, a teoria que qualifica o objeto (o que seria universidade? Qual a funcionalidade?); 2) As instâncias de delimitação: as instituições (em se tratando da

universidade são o Estado, a escola, a designação dada pelo discurso institucional do MEC) e 3) As grades de especificação: a derivação do objeto, as possibilidades em sua formação discursiva, as correlações com outros objetos (os domínios associados, por exemplo, universidade e meritocracia).

Para exemplificação, no que se refere às superfícies de emergência, elevamos o processo da abertura de universidades públicas no país e o percurso que a sucedeu, o que inclui a passagem do ENEM de exame qualificador do Ensino Médio para vestibular. Conforme discorremos no capítulo II, o Brasil vem passando por Governos investidores em políticas liberais e neoliberais, constando desde as políticas sociais (de âmbito público, como o SiSU, o SUS, a bolsa-família etc.), às políticas de liberalização do mercado, que priorizam sistemas de privatização (a crescente abertura de universidades e escolas privadas, a terceirização crescente em empresas, e, em 2017, o marco da votação da Reforma Trabalhista, no governo de Michel Temer[38]). Esta reforma culminou em centenas de alterações na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), trazendo a chamada "flexibilização" para acordos entre empregadores e empregados, no que se refere à jornada de trabalho, bancos de horas e afins.

As Organizações Sociais (OSs) foram, igualmente, propostas e em muitos casos consolidações massificadas rumo à prestação de serviços privados a escolas e hospitais públicos. Em Goiás, um estudo realizado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos[39] (DIEESE), revela que, após a iniciativa privada agenciar os maiores hospitais do estado, entre os anos de 2012 e 2014, apesar do aumento considerável dos investimentos do Governo, constatado pelo repasse 77,97% maior às entidades privadas, o número de atendimentos e procedimentos realizados não cresceu na mesma proporção, pelo contrário, foi irrisório. Por consequência, houve maior restrição de casos atendidos, delimitando mais ainda o acesso da população goiana aos serviços de saúde.

Observamos, historicamente, implantações políticas voltadas ao neoliberalismo, à privatização de serviços em diversos setores e, nesse mesmo tempo, a circulação de enunciados configuradores da individualidade e não-coletividade, como o discurso *coaching*, em uma versão brasileira, o do autoempreendedorismo, do "treinador" que ensina como "ser seu próprio empreendedor", independentemente de contingências sociais.

[38] Disponível para consulta: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm.
[39] Disponível para consulta: https://www.dieese.org.br/.

Partindo dessas relevantes discussões, trazemos a primeira série enunciativa, cujo sujeito no discurso objetiva a universidade como espaço meritocrático, o que vemos por meio dos efeitos de verdade de saberes institucionais (diretamente ligados à emergência da universidade), visibilizando o discurso institucional de meritocracia sobre a universidade: de que é um lugar seletivo, ou seja, dirigido a alguns e não a outros:

1- No terceiro ano tinha aquele concurso, aquele discurso constante de que *só entrava quem dava o sangue pra entrar* [...] (ISABELA, n. 10, 2020);

2- E a gente vê os professores falando "ah, *cê tem que estudar dez horas por dia*, dezesseis horas por dia *porque é concorrência*" (ISABELA, n. 10, 2020);

3- Quando leram o meu nome, todos os técnicos tavam em cima do palco, *aplaudiram, gritaram, vibraram, né*... (ROSA, n. 09, 2020);

4- [...] e aí aquilo me devastou, porque *ela perdeu a vaga que eu ganhei* (ROSA, n. 09, 2020);

5- [...] eu pensei muito naquela época de *quantas pessoas querem, né, estar na universidade, sonham em entrar pra universidade* [...] (ROSA, n. 09, 2020);

6- A primeira coisa foi *satisfação pessoal*, porque *foi algo que eu estudei pra conseguir e eu consegui*, então a primeira coisa foi satisfação pessoal (HELLEN, n. 07, 2020);

7- Eu entendo que *eu me preparei*, mas não sei se no mesmo, no mesmo grau que eles pedem, né. E eu acho que não, porque *se eu não consegui passar*... (CAROLINA, n. 05, 2020);

8- [...] eu acho que a gente tem muito essa visão quando a gente tá de fora, né, como você falou no início, é da *meritocracia*, né... do... *de um lugar selecionado para alguns só* (TIAGO, n. 08, 2020);

9- Então, quando eu vi a minha aprovação pelo... pelo resultado do SiSU, eu falei assim "gente, que delícia*, agora eu consegui!"* (BERNARDO, n. 04, 2020).

Observação: grifos nossos.

Se retomarmos os enunciados institucionais dispostos no capítulo anterior, por exemplo, em "*quem se preparar* vai se dar bem" (BRASIL, 2017), observamos a recorrência de verbos instrutivos direcionados ao sujeito ingressante, demarcando a vaga como resultado. Assim, é enunciável que quem ingressa "se prepara", "estuda" para "conseguir passar", efeitos de verdade que também são encontrados nos enunciados da série acima, conforme: "foi algo que *eu estudei para conseguir e eu consegui*" (HELLEN, n.07, 2020), "que delícia, agora *eu consegui*!" (BERNARDO, n. 04, 2020), "[...] *se eu não consegui passar*..." (CAROLINA, n.05, 2020) e "cê *tem que estudar* dez horas por dia" (ISABELA, n. 10, 2020).

Estar na universidade, de forma recorrente tanto nos enunciados do MEC quanto nos expostos acima, é efeito do *conquistar*. O vestibular do ENEM, nesse sentido, é objetivado como chance dada, uma oportunidade: "Você, que fez a prova do ENEM em 2017, vai ter *mais uma oportunidade para conquistar* uma vaga na universidade por meio do SiSU e uma bolsa no ProUni" (BRASIL, 2017); "Ela sabe que se tirar uma boa nota, *tem a chance de conseguir* uma vaga na faculdade (BRASIL, 2017). Deste modo, a entrada na universidade é enunciada como "satisfação pessoal" (HELLEN, n. 07, 2020), motivação para que pessoas "aplaudam, gritem e vibrem" em comemoração, algo que alguns "ganham e outros perdem", e que as pessoas "sonham" em ter, pois "sonham em entrar pra universidade" (ROSA, n. 09, 2020).

Esta análise só pode ser traçada em viés arquegenealógico se considerarmos o problema do mérito no discurso, isto é, as condições de possibilidade que tornam o mérito enunciável e, conforme a hipótese aqui colocada, associado ao espaço da universidade. Tais condições são essenciais à constituição do arquivo que, nesta pesquisa, apresenta o discurso de meritocracia sobre a universidade. Escavar o arquivo, assim, é a proposta da arqueologia, compreendendo que

> Ela não trata o discurso como documento, como signo de alguma coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém a parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um "outro" discurso mais oculto. Recusa-se a ser "alegórica" (FOUCAULT, 2019, p. 169-170).

Acerca da questão do documento e monumento, Foucault (2019) dedica-se, logo nas primeiras páginas da *Arqueologia do Saber*, a relevância da monumentalização do documento, apontando que a História Tradicional tendia a documentalizar monumentos, ou seja, arquitetando um processo contrário ao apresentado como imprescindível pelo filósofo. Monumentalizar o documento significa, então, pensar os acontecimentos não restritamente ao que se tem de registro oficial, uma vez que "registrar ou não legitimamente um acontecimento como histórico" é uma prática indissociável das relações de saber-poder:

> Digamos, para resumir, que a história, em sua forma tradicional, se dispunha a "memorizar" os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente

> são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos (FOUCAULT, 2019, p. 8).

Tendo em vista a perspectiva foucaultiana de pensar a história, cujo movimento problematiza a visão tradicional, monumentalizar é considerar a história como transformadora dos documentos. Partindo disso, as entrevistas nos levam para além de uma interpretação dos enunciados dispostos, mas, acima de tudo, para a problematização do discurso de meritocracia que, por sua vez, configura-se em dada materialidade linguística: as escolhas lexicais, os recursos presentes que marcam a oralidade (as pausas, as retomadas, as associações feitas entre a universidade e a meritocracia). Por isso, destacamos recorrências lexicais e referenciais encontradas nos enunciados selecionados, no que tange ao espaço da universidade e sua constituição associada à meritocracia. Logo, observamos um lugar de "satisfação pessoal", de "privilégio" e que tem, como um efeito, o sentimento de "conquista", conforme o sujeito ingressante.

Rumo à "monumentalização" proposta pela história, Foucault (2019) apresenta pontos relevantes aos estudos discursivos. Há, deste modo, determinadas questões úteis à descrição arquegenealógica, que elevam a história e as relações de saber-poder para a compreensão da formação discursiva. O primeiro ponto que discorremos é o das instâncias de delimitação (FOUCAULT, 2019), estas formadoras do objeto discursivo universidade à medida que tratam dos processos que implicam a distinção da universidade entre tantos outros objetos: a sua nomeação, designação e instauração.

Nesta etapa da análise, é válido não só fazermos um estudo histórico (da instauração da universidade pública como política), mas um estudo da funcionalidade que mobiliza a criação da universidade como instituição encarregada de formar ao Ensino Superior. Ademais, o que essa instituição como política pública traz de novo: o que é a universidade pública em uma conjuntura de Ensino Superior pago, privado, financiado e como ela resiste frente às demandas neoliberais, de privatização de instituições de ensino.

Inicialmente, é preciso ressaltar que as condições de aparecimento do objeto (FOUCAULT, 2019, p. 54) universidade ligam-se às suas instâncias de delimitação, uma vez que trata-se de uma instituição de ensino, designada como tal, cuja função é, a nível institucional, formar profissionais, diplomar sujeitos. Todavia, concordando com a heterogeneidade do objeto, em perspectiva foucaultiana, a universidade é também outros

espaços, possuinte de outras funcionalidades: a de auto-realização, a de socialização, a de resistência, como veremos a seguir.

Nos questionando acerca das condições que possibilitam essas configurações discursivas da universidade, chegamos à ruptura histórica apresentada pelas políticas públicas, deslocando a universidade do setor privado por meio da expressiva expansão crescente de fundação de instituições federais (institutos e universidades) entre os anos de 2003 a 2010.

Segundo dados publicados no portal do Ministério da Educação, o aumento significante de instituições públicas de Ensino Superior se deu durante o Governo Lula (2003-2011), período com maiores investimentos em setores públicos na história do país. Até 2002, totalizavam 140 as escolas técnicas federais fundadas, já em 2010 eram 342 (BRASIL, 2010), aumentando em 148% o número de estudantes matriculados na rede federal de ensino. Nesse mesmo espaço de tempo, foram criadas 14 novas universidades federais, desta vez, com *campus* funcionando em cidades do interior dos estados do Brasil, um dado relevante em se tratando da centralização dos polos educacionais (as grandes universidades localizadas nos grandes centros).

Com a criação de novas universidades, a demanda de vagas mais do que dobrou: em 2003 eram ofertadas 109, 2 mil, passando para 222, 4 em 2010. Nesse mesmo ano, o SiSU começou a funcionar como portal de inscrição e seleção de estudantes a partir da nota final no ENEM, englobando, hoje, 5.685 mil cursos de graduação em 110 instituições públicas em todas as regiões brasileiras (BRASIL, 2021).

Os dados discorridos mostram, então, a mobilização que a fundação de universidades públicas trouxe ao país, no que tange às perspectivas de cursar o Ensino Superior de forma gratuita. Deste modo, o acesso à universidade sofreu um aumento tão significante (de mais de 100%) que o ENEM consolidou-se como o maior vestibular do Brasil, visto que ele atua como processo seletivo para tais instituições (algumas hibridizando o ENEM com vestibulares próprios).

Considerando o aumento do acesso à universidade, que se deu quantitativamente pelas políticas públicas do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e pelo avanço do Programa de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI) (BRASIL, 2010), a universidade pública distanciou-se da privada, tanto pelo fato da gratuidade do ensino, quanto pelas avaliações governamentais e

internacionais, que qualificaram as universidades públicas como legítimas em termos de qualidade de ensino e notas de cursos diversos.

Simultaneamente, as universidades privadas também cresceram em termos de criações de unidades e ofertas de vagas, considerando, entretanto, um tipo de ensino não voltado à pesquisa e investimento científico (como no caso do setor público), mas dirigido a uma formação em período mais curto e apoiado, muitas das vezes, em isenções e auxílios provenientes de políticas públicas, como no caso do ProUni e do Fies (SAMPAIO, 2011). Assim, o número de matriculados em instituições privadas passou de 101.691 (1960) para 5.449.120 (2010) (BRASIL, 2010), havendo, porém, o deslocamento da pesquisa científica e tecnológica para o setor público.

Todos os pontos colocados acima implicam as condições de formação da universidade pública, possibilitando a distinção entre público e privado, conforme os enunciados:

> 1- Ah, *faculdade particular qualquer um entra, cê pagou, cê entrou*. Agora *a pública não, é só quem deu o sangue pra entrar* (ISABELA, n. 10, 2020);
>
> 2- [...] *tem muita diferença*, logicamente a gente sabe o que tá por trás da diferença *do que é setor privado, do que é setor público*, têm *muitas diferenças* (GRADA, n. 03, 2020);
>
> 3- [...] *a universidade pública* tem algo maravilhoso que a *universidade particular* não tem, que é *essa questão da pesquisa e da formação de um sujeito crítico* (...) (GRADA, n. 03, 2020).
>
> Observação: grifos nossos.

O destaque dado à diferença entre setor público e privado não só nos auxilia a compreender discursivamente os embates do objeto universidade (pública) *vs* universidade (privada), como a atuação do ENEM como um tipo de biopolítica (FOUCAULT, 2008b) e de que modo isso, de selecionar alguns e não outros, configura esse lugar – universidade pública – como conquistado, uma vez que "entrar" não é para todos os sujeitos. Este lugar é, com isso, um sonho a ser realizado, um lugar de ascensão e prestígio.

Daí que, partindo às grades de especificação (FOUCAULT, 2019), temos diferentes modos de objetivação da universidade: pública e privada, investidora de pesquisas, lugar de formação profissional, de *status* social, de garantia profissional, de desenvolvimento e experimento pessoal, de socialização e, como vemos na primeira série que trazemos, um lugar a ser conquistado.

Portanto, chegamos ao domínio associado: as correlações do objeto com outros, uma vez que a função enunciativa

> não pode se exercer sem a existência de um domínio associado. Isso faz do enunciado algo diferente e mais que um simples agregado de signos que precisaria, para existir, apenas de um suporte material - superfície de inscrição, substância sonora, matéria moldável, incisão vazia de um traço. Mas isso o distingue, também e sobretudo, da frase e da proposição (FOUCAULT, 2019, p. 116).

No caso, por meio da objetivação da universidade como lugar a ser conquistado, visualizamos a meritocracia como associada, emergente em uma conjuntura de racionalidade neoliberal, uma vez que, como vimos, é na subjetividade neoliberal que a meritocracia emerge, à medida que responsabiliza o indivíduo pelo o que ele vem a ter. Nesse mesmo viés, emerge o discurso *coaching*: o agir para ter, o se esforçar para conseguir, elementos que encontramos nos enunciados do MEC sobre o ENEM e na primeira série apresentada nesse capítulo.

Acerca do discurso de meritocracia relacionado à universidade, especificamente no que se refere à produção de saberes, a questão de fracassar ou ter sucesso constitui o sujeito como "alguém individual", "que faz para merecer", portanto, se não aprovado no vestibular ou, ainda, ao longo de seu processo de formação escolar, é fracassado. Tal observação se dá a partir do entendimento da subjetividade, considerando as condições históricas que, nesse caso, atuam no sujeito como agente individualizado, responsável por si, em relação constante com os jogos de verdade, em sujeição e, ao mesmo tempo, exercendo si mesmo "em práticas de liberação e liberdade" (FOUCAULT, 2010a, p. 291).

Haja vista as condições históricas ligadas à universidade e o neoliberalismo, pensamos, aqui, seguindo a linha teórica do interdiscurso (relação entre discursos) (ORLANDI, 1993), no que é dito do fracasso escolar, chegando à questão debatida em âmbito do saber acadêmico, especificamente em Sociologia, levantada por autores como Bordieu e Passeron (1992). Por meio dos registros sociológicos destes autores do fracasso escolar, visualizamos a emergência de um problema da instituição escolar e do setor político-social da educação ao determinarem justificativas individualizantes ao não-desempenho e baixos resultados de rendimento de aprendizado do aluno. A emergência de um problema é, para Foucault (2013a), presente na produção de discursos verdadeiros. Portanto, o "fracasso escolar" apresenta uma verdade acerca do desempenho na escola e, consequentemente, na universidade: quem fracassa não é admitido como aluno com bom desempenho (BORDIEU; PASSERON, 1992), sendo isto questionado no sistema de ensino.

Nos deslocando da conceituação do termo, observamos o fracasso escolar como algo levantado discursivamente, problematizador do desempenho escolar, lembrando a conceituação foucaultiana à problematização, essencial para a mobilização da subjetividade na modernidade, conforme:

> Talvez o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos deste 'duplo constrangimento' político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno. Temos que promover novas formas de subjetividade, através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos (FOUCAULT, 2009, p. 239).

A conceituação sociológica do fracasso escolar é colocada, aqui, sem o objetivo de trazermos uma definição ao termo, mas a fim de visualizarmos como tal conceito emergiu da problematização do sistema escolar. Isso contempla, além da escola, a universidade, visto que é pensado tendo como ponto de partida os modelos meritocráticos de instituições de ensino. Desta forma, é possível encontrarmos "meritocracia e fracasso" inter-relacionados discursivamente, objetivando um sujeito produto do próprio esforço, responsável por suas ações, inclusive no que tange aos resultados escolares, estendidos ao vestibular – na relevância das notas avaliativas e da média das provas realizadas. Eis, então, a universidade como recompensa, conquistada por mérito.

Ainda nesse primeiro trajeto, apesar de a universidade ser objetivada, nas entrevistas, como esse lugar a ser conquistado, parte que responde à nossa hipótese principal (de que este espaço, ao sujeito ingressante, relaciona-se com a meritocracia), observamos, também, a objetivação da universidade como espaço de experimentação e de liberdade ao sujeito ingressante, um lugar que proporciona novas relações e possibilidades de ser, de pensar, de conduzir a si, de resistir nas práticas cotidianas e enquanto parte de uma diversidade, de um movimento e de uma militância.

Logo, o sujeito ingressante é mobilizado pela experiência na universidade, transformando-se, modificando-se por suas práticas de si, um exercício filosófico. Essa questão é amplamente discutida por Foucault, que a direciona à estilização da vida, à estética da existência e, para mais, ao que o filósofo chama de "artes da existência":

> [...] estas devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se. Modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos

> valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 2010a, p. 198-199).

Nesse viés, a próxima série elaborada apresenta, como tema, a universidade como espaço de possibilidades de liberação e liberdade, promovendo novas formas de se conduzir e de pensar:

> 1- [...] o espaço da universidade é uma bolha que muita das vezes seria o mundo, em muitos aspectos seria *o* mundo que a gente gostaria de viver, com *liberdade de expressão, liberdade sexual* (...) (GRADA, n. 03, 2020);
>
> 2- [...] na universidade eu me sinto mais... como eu posso falar... mais tranquila, porque *eu posso ser eu mesma, posso fazer o que eu quiser*... (CLARICE, n. 06, 2020);
>
> 3- Então eu vejo a universidade bem dessa forma mesmo, assim, dá pra gente ter essa *oportunidade de participar* de... de *ser protagonista*, também, desse processo de ensino, é... E também nos prepara pra isso, né, como *seres pensantes* [...] (TIAGO, n. 08, 2020);
>
> 4- [...] eu vejo a universidade como um espaço muito democrático, ela *dá voz, e a gente tem uma voz muito grande* [...] (TIAGO, n. 08, 2020);
>
> 5- É muito mais *diversificado* no sentido de *etnia* e também no sentido de *minorias LGBT*, essas coisas... (ISABELA, n. 10, 2020);
>
> 6- [...] a universidade sempre foi *um campo de militância*, sempre foi um *campo de luta, de construção e realização* (ROSA, n. 09, 2020).
>
> Observação: grifos nossos.

Nos enunciados dispostos, a universidade emerge como espaço relevante ao sujeito para a sua própria condução, sua forma de existência e de pensamento na esfera da sexualidade e das questões de esfera interacional (na relação com outros – e diversos outros), nas possibilidades frente a "ter voz", "uma voz muito grande" (TIAGO, n. 08, 2020).

Se, para Foucault (1998), resistir culmina no deslocamento dos jogos de poder, por meio de mecanismos de fuga, e o poder é exercido nas formas de conduzir o outro, essas possibilidades de "ser protagonista", de "ter voz", de "se construir e se realizar", de "lutar", de "ter liberdade de expressão e sexual" e de "poder ser si mesmo, poder fazer o que quiser", configuram a resistência desses sujeitos – diversos – nesse espaço que, por sua vez, proporciona a experiência de ser, da luta e do contato com a diversidade étnica e ligada às sexualidades e suas identificações, como vemos na referência direta aos LGBTTQIA+s.

Deste modo, nos deparamos com a heterogeneidade da objetivação da universidade, esta que, como objeto discursivo, é diversa, ressaltando as condições de possibilidade nos enunciados. Neste trajeto, vimos como um objeto – a nível enunciativo – pode emergir de forma diversificada, mesmo que apresentando uma regularidade. São nos pontos da dispersão, retomando Foucault (2019), que analisamos a formação dos objetos, pautando-se nas questões levantadas pelo autor ao estudo dos objetos da Psicopatologia:

> Pode-se estabelecer a regra a que seu aparecimento estava submetido? Pode-se saber segundo que sistema não dedutivo esses objetos puderam se justapor e se suceder para formar o campo retalhado - lacunar ou pictórico segundo os pontos - da Psicopatologia? Qual foi seu regime de existência enquanto objetos de discurso? (FOUCAULT, 2019, p. 50).

No caso aqui estudado, a meritocracia apresenta um regime de existência emergente como temática política e presente no discurso neoliberal que, conforme vimos anteriormente, constitui a universidade como lugar a ser conquistado. Trata-se de um espaço meritocrático que é, ao mesmo tempo, um lugar de resistência de corpos que circulam, de pensamentos, consequentemente, de sujeitos, daí a necessidade de pensarmos as demandas desse objeto (universidade).

Dito isto, a seguir, será apresentado e discutido o segundo trajeto temático que elaboramos na nossa pesquisa.

3.2.2 A qual demanda a universidade responde?

Neste trajeto, a demanda é pensada junto às estratégias existentes historicamente, delimitando a funcionalidade da instituição (universidade): que lugar é esse? Qual a sua função? Quem o habita? Quais as regulamentações, as leis, as proposições filosóficas, políticas e morais que o configuram? Se, como vimos, a universidade pública tem como função, institucionalmente, formar ao Ensino Superior, e tem como procedimento regulamentador o vestibular (para a seleção de estudantes), podemos pensar o discurso institucional de meritocracia do MEC a partir destas questões, uma vez que trata-se de

> um discurso que pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade (FOUCAULT, 2000, p. 244).

Em se tratando da função estratégica do dispositivo de meritocracia, os efeitos de verdade da universidade operam, também, na relação do sujeito ingressante consigo mesmo e com os outros, isto é, no governo de conduta: o fato de "prestar o ENEM", de pretender tirar uma boa nota, de comemorar uma boa nota, a entrada na instituição etc. Assim, o dispositivo "está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles" (FOUCAULT, 2000, p. 246).

Alguns dos enunciados retirados das entrevistas nos permitiram visualizar o funcionamento estratégico do dispositivo de meritocracia na universidade, considerando os jogos de verdade e efeitos das relações de saber-poder que subjetivam o ingressante. Inicialmente, destacamos a recorrência temática das reivindicações do sujeito ingressante nos enunciados, ou mesmo problematizações levantadas e correspondidas na série:

1- Quando o Ministério fala essa frase eu penso que eles tão pintando a cara de um aluno que *não representa todos os alunos do Brasil* (ISABELA, n. 10, 2020);

2- É aquele aluno que terminou a aula e ele pode ir pra casa, não tem nada pra fazer além de estudar e essa *não é a realidade de todo mundo*, alunos do Brasil, *é dos privilegiados* (ISABELA, n. 10, 2020);

3- [...] é a parte da universidade que mais me frustra, porque você reproduz uma *lógica determinista*, é como se... é... basta você querer, é tipo *coaching*, né, parece uma coisa de *coaching* (ROSA, n. 09, 2020);

4- [...] é impossível você achar que *condições de classe*, *gênero* e *raça* não interferem na... no seu desenvolvimento dentro da universidade (ROSA, n. 09, 2020);

5- [...] isso começa lá na entrada, né, quer dizer, você passa *se* (ênfase com a entonação) *você for o melhor*, como se fosse assim, né, como se existisse essa coisa de "eu sou o melhor", "eu sou o pior", né (ROSA, n. 09, 2020);

6- E a *meritocracia*, ela é extremamente perversa, porque ela esconde atrás do indivíduo um *problema que é social*, né, então ela pega um *fracasso* e joga nas tuas costas, um *fracasso que é social*, né, vira um fracasso pessoal [...] (ROSA, n. 09, 2020);

7- (...) então não dá pra dizer pra um menino, que é da *comunidade indígena*, *onde que não tem internet*, que se ele se preparar, ele vai conseguir passar no ENEM (...) (GRADA, n. 03, 2020);

8- Isso é um mito, *nem sempre a gente, a pessoa que se prepara se dá bem* (SARA, n. 01, 2020);

9- [...] teve aquela propaganda, lá, de "estude, se reinvente", não sei o que, aí tipo, *não considerou* que têm *pessoas que não têm acesso à internet*, e meses depois eles aumentam o preço dos livros, sabe? (ARIEL, n. 02, 2020);

10- [...] não tá nem um pouco preocupado em *criar mecanismos* para que essas pessoas tenham, para que *consigam realmente estudar* para tentar nota boa e entrar no vestibular (ARIEL, n. 02, 2020);

11- Quem *não tem tempo de estudar*, quem *não consegue estudar*, quem tem muita *dificuldade* e não, e *não tem condições de pagar um cursinho*?! (HELLEN, n. 07, 2020);

12- [...] esse mundo é "ah, quem estudar consegue passar", mas por que que eles não apresentam *meios pras pessoas conseguirem estudar*? (HELLEN, n. 07, 2020);

13- Tá bom que "quem se prepara se dá bem", mas não é só isso que a gente tem que levar em conta, *é quem pode* (ênfase com a entonação) se preparar, quem tem esse di, esse *privilégio* [...] (CLARICE, n. 06, 2020);

14- Quando você fala isso, você meio que *exclui as condições das pessoas*, né, *generalizando*, como se todo mundo tivesse as mesmas condições para se preparar (TIAGO, n. 08, 2020);

15- Aí a gente acaba entrando nisso, que é a *meritocracia*, "ele não se preparou, ele não se esforçou, então ele não merece estar naquele local", porém, é, várias, várias pessoas se preparam, mas elas não conseguem naquele momento (TIAGO, n. 08, 2020);

16- [...] fortalece essas ideia, aí, *meritocrática*, *coaching*, "estude enquanto eles dormem", né? "Façam enquanto eles estão descansando", mas talvez seja a ideia, mesmo, do Ministério (BERNARDO, n. 04, 2020).

Observação: grifos nossos.

Constamos, em primeiro lugar, que os enunciados acima foram coletados a partir do levantamento da questão "Qual é a sua posição frente ao enunciado 'quem se preparar vai se dar bem (BRASIL, 2017)'?". Neles, observamos um sujeito do discurso que, frente ao objeto da meritocracia na universidade, posiciona-se problematizador, visto a recorrência das reivindicações diante de diversas condições sociais, econômicas e culturais, ditas imprescindíveis e apontadas como irrelevantes no discurso do MEC.

Deste modo, elementos como as condições de acessibilidade estrutural, tecnológica, a um ensino que ofereça o conteúdo exigido no vestibular e até mesmo a disponibilidade de tempo são encontrados na série, conforme "as pessoas *que não têm acesso à internet*", "*quem pode* se preparar" e "*que não têm tempo de estudar*". Além disso, destaca-se o preparo ao ENEM como não-assegurador de uma vaga na universidade, como em: "[...] nem sempre a gente, a pessoa que se prepara se dá bem" (SARA, n. 01, 2020).

Os efeitos de verdade da universidade que não assegura ascensão social marcam a existência da contradição entre o discurso do MEC e o do sujeito enunciador da série indicada, haja vista que, no discurso institucional, a entrada na universidade é fruto de mérito, estudos, esforços, resultando na conquista de um sonho, o que apuramos nos enunciados das propagandas do ENEM (BRASIL, 2017). Nos enunciados elencados aqui, o sujeito enuncia enfrentamentos econômicos cotidianos vivenciados, além de culturais, como a exclusão das "condições das pessoas", "generalizando" as realidades diversas (TIAGO, n. 08, 2020).

Há, também, a referência direta à meritocracia (destacadas) de forma que o sujeito discursivo ocupa a posição de crítico ao funcionamento da universidade como espaço meritorático, diferenciando o que diz do que é dito na modalidade enunciativa da instituição, visto que questiona o discurso institucional o retomando enquanto problema. Destarte, o sujeito ingressante mobiliza-se ao que Foucault (2009, p. 239) denomina como "recusa do que somos": desloca-se, nesse momento, da universidade objetivada pela instituição, no caso, o Estado, confrontando o que é dito sobre si mesmo.

No que tange ao dispositivo, ainda que haja diversidade em relação à posição-sujeito discursivo no que se refere à universidade enquanto lugar a ser conquistado, a funcionalidade da instituição é observada e retomada nos enunciados, à medida que são recorrentes elementos como o vestibular, códigos, leis e demais processos comuns da universidade. Em outros termos, o dispositivo de meritocracia na universidade delineia, traçando as linhas do funcionamento estratégico, a instituição: esta, um lugar limitado a determinado público, que é quem passa no processo seletivo. A meritocracia surge, nesse sentido, como esse discurso, apontado por Foucault (2000, p. 244), funcional à instituição, "justificando e mascarando" uma prática.

Ainda acerca desse dispositivo e das demandas da universidade, obtemos a segunda série deste trajeto temático, em que outro elemento é apontado discursivamente: a política de cotas. Logo, temos a série enunciativa cuja temática é a política de cotas:

> 1- [...] quando eu entro dentro de uma sala, seja como aluna, seja como professora, e que eu vejo *a diversidade que a universidade se transformou graças à questão de cotas*, né, então eu acho que é uma *política fundamental, essencial*, que mudou a universidade (ROSA, n. 09, 2020);
>
> 2- [...] eu sou completamente (ênfase com a entonação) favorável à política de cotas, visto que *nosso país foi o último país a abolir a escravidão*, e mesmo assim, quando aboliu, ainda... ainda continuou tendo o tráfico negreiro, né... (GRADA, n. 03, 2020);

3- [...] se não fosse a política de cotas pra dar uma *oportunidade às pessoas que não tiveram ensino, é... muito bem preparado*, é, um ní, um nível de qualidade pra entrar na universidade, essas pessoas não estariam lá (GRADA, n. 03, 2020);

4- é uma *dívida histórica*, sou completamente favorável não só nas universidades, para concursos públicos e para qualquer tipo de processo seletivo (pausa) (GRADA, n. 03, 2020);

5- Tipo assim, a questão da escola pública, tanto a das cotas raciais, a questão de baixa renda... É muito importante, porque *ajuda pessoas que não tinham*, que... *condições de entrar na universidade* (SARA, n. 01, 2020);

6- A gente *deve isso às pessoas*, é *um passado que o Brasil tem*, é extremamente necessário a política de cotas, é extremamente necessário! (HELLEN, n. 07, 2020);

7- [...] eu acho que é de extrema importância, por diversos aspectos. É... Falando assim, de uma forma geral, por todas as cotas, eu acho que tem muito a questão de *insegurança pela forma de... preparo que a pessoa teve* a oportunidade durante a sua vida (TIAGO, n. 08, 2020).

Observação: grifos nossos.

Os saberes, como nos mostra Foucault (2019), são indissociáveis do poder, afinal, são

> a base a partir do qual se constroem proposições coerentes (ou não), se desenvolvem descrições mais ou menos exatas, se efetuam verificações, se desdobram teorias. Formam o antecedente do que se revelará e funcionará como um conhecimento ou uma ilusão, uma verdade admitida ou um erro denunciado, uma aquisição definitiva ou um obstáculo superado […] Um saber é aquilo que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico (FOUCAULT, 2019, p. 219-220).

Seguindo essa linha conceitual, os saberes sobre a política de cotas são possivelmente observados quando o sujeito ocupa, na ordem do discurso, uma posição frente ao tema, destacando elementos como o reconhecimento das desigualdades sociais existentes na sociedade. Assim, este domínio constitui-se pelos discursos sociológicos, emergentes do campo da Sociologia: a "dívida histórica" em função de efeitos de acontecimentos como a escravidão (GRADA, n. 03, 2020), a ajuda às "pessoas que não tinham condições de entrar na universidade" (SARA, n. 01, 2020), a mudança da universidade por consequência da política de cotas, a "transformação do espaço" dada aos corpos que circulam nele (ROSA, n. 09, 2020) etc.

Ainda, encontramos enunciados cujas demandas ligadas ao objeto "cotas na universidade" são postas por meio de outras reivindicações do sujeito do discurso, estas que não são atendidas unicamente por essas políticas, conforme:

> 1- Na Universidade de São Paulo tem *cota pras pessoas trans*, aí as pessoas trans entram nessa universidade, elas não podem usar o banheiro do qual gênero elas se identificam, e elas se deparam com *alunos e funcionários transfóbicos*, aí o que que acontece? Ela vai lá e sai do curso [...] (ARIEL, n. 02, 2020);
>
> 2- [...] é muito (ênfase com a entonação) fácil você *burlar* isso, sabe, uma pessoa branca passar pela cota de pardo [...] (CLARICE, n. 06, 2020);
>
> 3- [...] quando pega as pessoas que vão passar por cotas, ao mesmo tempo que eu tô entrando nesse, nessa condição de cotista, tem exclusão de outras pessoas juntas a mim (BERNARDO, n. 04, 2020);
>
> 4- [...] talvez eu não conseguiria *me manter* também, na universidade, porque exemplo, vou almoçar e jantar todo dia no *RU*, só isso dá o que, duzentos golpes, quase, duzentos, trezentos reais (BERNARDO, n. 04, 2020).
>
> Observação: grifos nossos.

Observamos, então, a questão das *falhas das políticas de cotas* e de suas implantações na universidade, desenvolvidas, nos enunciados, pela apresentação de problemáticas que tais políticas não apuram em seu funcionamento, desde a possibilidade de "burlar" o sistema às questões de permanência na instituição: a pessoa trans que é admitida pelas cotas, mas que não permanece na instituição porque se depara com "alunos e funcionários transfóbicos" e um sistema excludente vigente nesse espaço (ARIEL, n. 02, 2020). Ademais, outras demandas são elevadas como imprescindíveis à permanência do aluno, como o acesso à política de assistência à alimentação em restaurantes universitários (os RUs) (BERNARDO, n. 04, 2020).

Evidencia-se, nesse ponto, o que Foucault (2019) apresenta como as possibilidades em nível discursivo. De forma mais explícita, são as possibilidades que atuam à heterogeneidade do discurso e do objeto: portanto, as cotas emergem como demandas, entretanto, não únicas demandas, nem suficientes ao sujeito ingressante.

O funcionamento da universidade inclui múltiplas demandas e reivindicações do sujeito discursivo: a forma de seleção, a forma de aplicação das cotas e de políticas assistencialistas, o acesso aos espaços, banheiros e restaurantes, acesso aos materiais (livros, por exemplo) e, ainda, é priorizada a questão da permanência do sujeito aluno

considerando as diversas realidades vividas, isto é, medidas que possibilitam a estes corpos (em sua diversidade) a ocuparem este lugar, de forma que permaneçam nele.

É partindo disso que pensamos o dispositivo da universidade, posto que seja

> um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2000, p. 244).

Se uma das propostas deste trabalho é cartografar o dispositivo de universidade considerando a objetivação de "lugar a ser conquistado", destacamos esse conjunto funcional observado nos enunciados discutidos, com elementos como o discurso de meritocracia, a instituição (o MEC, o Governo Federal, a universidade), as decisões regulamentares e leis (a criação das universidades federais, as políticas de assistência estudantil, as cotas etc.) entre outros.

Em face das "linhas visíveis" do objeto aqui escavado, chegamos à heterogeneidade que o configura, incluindo o que se enuncia sobre. Outrossim, se um objeto é sempre ligado a outros (de modo associado), caracterizando o domínio associado, (FOUCAULT, 2019) observamos, a partir do estudo realizado, a associação da meritocracia com o neoliberalismo, ambos objetos que constituem a universidade, levando em consideração o processo de subjetivação do sujeito "empreendedor de si", individual e responsável, no caso, por entrar ou não na universidade.

Entretanto, esse não é o único sujeito possível discursivamente, há, também, o sujeito que resiste, que se esquiva do lugar de mérito, problematizando a questão, reivindicando a ocupação da universidade por corpos em suas multiplicidades. Este sujeito se mostra conhecedor e vivente do sistema institucional no qual se insere, objetiva políticas públicas e apresenta demandas sociais e econômicas, baseando-se em saberes sociológicos, no que tange às relações sociais e culturais de sua sociedade.

O conjunto de saberes que implicam a universidade também pode ser visto na objetivação de disciplinas cursadas, de cursos e programas, de áreas teóricas e nas referências a códigos e leis internos, como elementos do dispositivo levantados na enunciação do sujeito ingressante:

1- [...] por exemplo, a *Psicologia Sócio-histórica*, que é do *campo do marxismo*, de onde eu venho, ela... ela é muito frágil enquanto *teoria* mesmo, muito jovem, muito nova, muita coisa pra fazer ainda [...] (ROSA, n. 09, 2020);

2- [...] não era o que eu esperava, sabe, pra te falar a verdade, do curso, do corpo docente, da *Psicologia enquanto ciência*... (ROSA, n. 09, 2020);

3- [...] eu tô no meio de um *processo seletivo* porque eu também sou do *Programa Interdisciplinar de Direitos Humanos*, em Goiânia, e eu tô no meio de um *processo seletivo* (ROSA, n. 09, 2020);

4- Então, assim, *do campo que eu venho do saber, da Geografia*, né, a gente tem uma *corrente epistemológica* que se chama *determinismo*, né, e o princípio básico é, é, é esse, né, "você pode, você consegue!" (ROSA, n. 09, 2020);

5- Aí têm umas *aulas* que são super bacanas, por exemplo, eu adorava fazer *Filosofia*, fiz um ano de *Filosofia* (riso) (ROSA, n. 09, 2020);

6- Eu fiz *Enfermagem*, terminei, trabalhei, depois eu entrei, eu fiz um ano e meio de *Medicina* na Argentina, eu fiz quase um ano de *Farmácia* em Goiânia, porque eu sempre quis *Medicina* (pausa) (GRADA, n. 03, 2020);

7- Eu, na minha mente eu queria entrar na *Psicologia* pra fazer *pesquisa*, então eu já fui pensando na *pesquisa*, eu não fui pra *Psicologia*, acabei indo pra *Letras* [...] (SARA, n. 01, 2020);

8- [...] a *Física-bacharelado* entrou naquele ano, então a gente teve *aula* junto durante todo o ano, e depois teve uma divisão [...] (ARIEL, n. 02, 2020);

9- [...] na *Letras*, eu pensava totalmente diferente, eu pensava que fosse uma coisa mais, é... É assim também, só que eu pensava que seria mais, é, de mais *leitura*, eu pensava que era *um livro por... por aula*, assim (CAROLINA, n. 05, 2020);

10- Quando eu vim, eu pensava que ia ser mais *análise sintática*, essas coisas, e não foi, não foi isso. Assim, a gente já começou com *Introdução aos Estudos da Linguagem*, né? (CAROLINA, n. 05, 2020);

11- [...] como membro da *Comissão de Assédio*, a gente recebe n relatos de aluno, né [...] (ROSA, n. 09, 2020);

12- Tem uma *normativa que regulamenta as nossas ações dentro da universidade*, que é o *RGCG* [...] (GRADA, n. 03, 2020);

13- Têm no caso, por exemplo, a *bolsa permanência*, a *bolsa moradia*, a *bolsa alimentação*, o *repasse financeiro para a inclusão digital* que tem agora, durante a pandemia, tanto quanto o *repasse financeiro para a implantação do RU* [...] (ARIEL, n. 02, 2020).

Observação: grifos nossos.

Os destaques em itálico mostram a recorrência de referências a cursos, disciplinas, programas, termos teóricos de áreas específicas, procedimentos e regulamentos institucionais. Tratam-se, então, de elementos comuns à universidade, configurados a partir de sua funcionalidade, ou seja, um conjunto constituinte do dispositivo de universidade: indicando sua estrutura, cursos oferecidos, seus códigos, suas organizações e domínios associados: campos de saber destacados em disciplinas e cursos, teorias e terminologias, por exemplo, em "determinismo", "corrente epistemológica" e "campo do marxismo".

Ao refletirmos acerca do dispositivo de universidade como espaço meritocrático, abarcamos o funcionamento institucional, chegando à biopolítica existente no vestibular, agenciando corpos para a seleção destes, ou seja, os aptos à instituição. Nesse sentido, lembramos que

> Todos esses problemas giram em torno de um tema e de uma noção: a noção, é claro, do *homo economicus*, do homem econômico. Em que medida é legítimo e em que medida é fecundo aplicar a grade, o esquema e o modelo do homo economicus a todo ator não só econômico, mas social em geral, na medida por exemplo em que ele se casa, na medida em que comete um crime, na medida em que cria seus filhos, na medida em que dá afeto e passa tempo com os filhos? Validade, portanto, da aplicabilidade dessa grade do homo economicus (FOUCAULT, 2008b, p. 366, grifos do autor).

Frente à manutenção de políticas de cotas e assistencialistas, consideramos a seleção de "quem frequenta esse espaço" e de que forma ela perdura em práticas discursivas ou não-discursivas: na delimitação de vagas, na elaboração das provas, no lócus dado ao sujeito (de fracassar ou ter sucesso), configurando, assim, o "ator econômico e social" (FOUCAULT, 2008b), isto é: o sujeito que estuda para o vestibular, que dedica-se a obter uma determinada nota e que visa a formação superior, acadêmica e profissional.

Ao mesmo tempo em que o lugar da universidade assume relevância às práticas do sujeito ingressante, é enunciado como um lugar de balbúrdia nas mídias, desde que foi este o adjetivo utilizado para justificar cortes de verbas públicas às instituições federais de Ensino Superior, em um pronunciamento do ministro da educação (em 2019), Weintraub.

Brown (2019), ao dissertar acerca do neoliberalismo, concorda com Dardot e Laval (2016) ao referir-se às "novas formas de governar", apresentando a ascensão de uma política antidemocrática, no sentido em que o "direito ao privado" e "ao individual" é elevado, inclusive acima da democracia.

Diante disso, o princípio da coletividade é rejeitado, seja no que é dito pelas instâncias de poder, seja no que não é dito, mas que está sempre no âmbito das práticas: o funcionamento das leis, projetos de lei, tipos de políticas implantadas e afins. O "sujeito individual", isto é, "que age por si só" é, é objetivado e subjetivado como responsável por seus resultados e a função estatal não mais visa investimentos à população de nenhum modo, orientando-se para a preservação do direito privado e, especialmente, do mercado.

Esses elementos são visíveis no conjunto do dispositivo da universidade enquanto lugar a ser conquistado, não apenas no que tange ao processo seletivo, o ENEM, mas também à produção de uma subjetividade afastada da coletividade, em que "indivíduos" respondem por si mesmos, independentemente de qualquer fator social, econômico e cultural.

Assim, ao longo deste trajeto temático, vemos o sujeito ingressante objetivando a universidade enquanto lugar a ser conquistado, todavia, reivindicando uma abordagem que considere as diferenças, as desigualdades, os fatores econômicos e culturais diversos. Se o ingressante objetiva este espaço inscrito nos jogos de verdade, por sua vez, é também objetivado pela instituição, compreendendo, no processo de objetivação, o que Foucault (2014c, p. 187) chama de "exame", que estuda e classifica o indivíduo, ou seja, o captura para a acepção de uma individualidade:

> O exame, cercado de todas as suas técnicas documentárias, faz de cada indivíduo um "caso": um caso que ao mesmo tempo constitui um objeto para o conhecimento e uma tomada para o poder. O caso não é mais, como na casuística ou na jurisprudência, um conjunto de circunstâncias que qualificam um ato e podem modificar a aplicação de uma regra, é o indivíduo tal como pode ser descrito, mensurado, medido, comparado a outros e isso em sua própria individualidade; e é também o indivíduo que tem que ser treinado ou retreinado, tem que ser classificado, normalizado, excluído, etc.

A partir do exame no processo de objetivação do ingressante, é que podemos pensar os efeitos de verdade da universidade inter-relacionados aos corpos que circulam nesse espaço, elevando questões de singularidade econômica, étnica-social, sexual etc. Desta forma, a ascensão de tais corpos como também parte deste espaço provoca a constituição de efeitos de verdade qualificadores da universidade pública: lugar de oportunidade, de conquista, portanto, que "qualquer um" pode, "por merecimento", vivenciar e, por outro lado, "balbúrdia", uma vez que é um lugar ocupado por "determinados indivíduos", deslocando-se de um território centrado em corpos

homogêneos, de indivíduos de alta classe econômica, brancos, e inseridos no discurso verdadeiro de que a intelectualidade acadêmica é predestinada à elite.

Em suma, o Estado "examina" a universidade e os indivíduos que, em sua diversidade, ocupam seu espaço, o que atua como condição de possibilidade ao que é dito sobre este lugar: espaço de resistência, de luta, de autoconhecimento, enfim, de diversidade, para além da diplomação.

Ainda que o sujeito esteja inserido no processo seletivo, revelando tensão, cobranças e dificuldades no vestibular, visualizamos a possibilidade de objetivar criticamente o espaço meritocrático da universidade e o discurso institucional de meritocracia (do MEC), por exemplo, pela elevação das cotas. Em outras palavras, as demandas sociais e políticas são estendidas como temática do discurso sobre a universidade.

3.2.3 Os efeitos de verdade na produção de subjetividade do ingressante

A questão da verdade teve, na genealogia nietzschiana, um redirecionamento que Foucault (2013a) identificou como a problematização do discurso verdadeiro. Se a verdade no viés científico é estabelecida de forma objetiva, na visão foucaultiana é contemplada em como "um certo número de regras de jogo são definidas – regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios-de-objeto, certos tipos de saber" (FOUCAULT, 2013a, p. 20-21).

É nessa perspectiva que a verdade, neste trajeto temático, será apurada como efeito, considerando a produção da subjetividade do sujeito ingressante, isto é, as práticas de subjetivação (FOUCAULT, 2019), dadas, nos enunciados aqui postos, por meio da relação do sujeito com a universidade, relação esta que dirige também o sujeito para objeto discursivo de si mesmo.

Como vimos anteriormente, o sujeito confidente confessa a si no que enuncia, admitindo lugares que ocupa, posições e, o que nos é relevante nesse ponto: *como ele se vê*. É esse como que nos possibilita visualizar os efeitos de verdade que constituem o ingressante, as práticas discursivas que o tomam como objeto e, simultaneamente, atuam em seu processo de subjetivação. Destarte, refletimos a partir da "constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito, em relação aos jogos de verdade" (FOUCAULT, 2010a, p. 275).

A priori das séries enunciativas, observamos o sujeito ingressante na ordem do discurso de meritocracia na universidade, aquele que é envolvo pelas práticas institucionais, pelo vestibular e pela classificação, a saber:

> 1- Sim, eu entrei numa *posição muito boa*, em comparação, assim, no *ranking*, numa *classificação muito boa* (SARA, n. 01, 2020);
>
> 2- [...] a minha *classificação* foi, no curso, foi *altíssima*, sabe? Foi *em segundo*, eu acho, ah... *da lista de classificação* (ARIEL, n. 02, 2020);
>
> 3- [...] e eu consegui uma *classificação boa* nos dois e foi o que me deixou muito confusa [...] (CLARICE, n. 06, 2020);
>
> 4- Então, eu tinha muito essa questão, assim, de ser, de *ser bem classificado*, até ver de uma forma um pouco diferente [...] (TIAGO, n. 08, 2020);
>
> 5- Eu acho que a gente preocupa muito com isso, até pela questão do *status* [...] (TIAGO, n. 08, 2020);
>
> 6- Então, se... se eu não me engano, eu acho que eu fui *aprovado em primeiro lugar* nessa cota (TIAGO, n. 08, 2020);
>
> 7- Quando, quando eu vi o *resultado* eu caí nessa *ideal meritocrática*, que eu pensei "ah, minha *classificação*..." (BERNARDO, n. 04, 2020).
>
> Observação: grifos nossos.

Os enunciados acima posicionam o sujeito ingressante como parte da prática de seleção da universidade, um sujeito que assume a "classificação", a "posição" e o "status" acarretados pelo vestibular, inserindo-se nessas práticas. Deste modo, "ele é constituído em práticas verdadeiras - práticas historicamente analisáveis. Há uma tecnologia da constituição de si que perpassa os sistemas simbólicos ao utilizá-los" (FOUCAULT, 2009, p. 275).

Em se tratando da constituição de si (FOUCAULT, 2009), no processo de subjetivação, o sujeito conduz a si mesmo, ultrapassando o simbólico, haja vista que a subjetividade configura-se por práticas de si. Portanto, o sujeito não deve ser visto como resultado do simbólico, mas nos usos dos sistemas simbólicos para constituir-se em meio a possibilidades, isto é: ele é constituído indissociavelmente com a história, sendo que as suas práticas são positivamente exercidas nas relações de saber-poder (FOUCAULT, 2000). Por isso, ao autor, a concepção de simbólico não responde a uma totalidade do sujeito, uma vez que o sujeito constitui-se na descontinuidade de práticas discursivas e não-discursivas, em movimentos não-lineares e permanentes: "Ir em direção ao eu é ao mesmo tempo retornar a si: como quem volve ao porto ou como um exército que recobra a cidade e a fortaleza que a protege" (FOUCAULT, 2004a, p.192).

A seguir, temos mais uma série enunciativa, cuja rotina pré-vestibular é objeto do discurso e o sujeito ingressante, por sua vez, é compreendido em elementos dessa rotina: cumprimento de horários de estudo, de trabalho e de execução de tarefas domésticas:

> 1- Então, *de manhã* eu *estudava, à tarde eu ia pro emprego,* ou pro *curso*, que era em dias intercalados, e quando eu chegava *à noite, seis horas da tarde*, eu tinha que fazer *atividade da escola*, depois tinha que *ir pra escola estudar* [...] (ISABELA, n. 10, 2020);
>
> 2- [...] eu comprei um curso online, então *eu deixava meus filhos, de manhã, na creche, a outra na escola, e ia pra biblioteca* de uma faculdade perto da minha casa (GRADA, n. 03, 2020);
>
> 3- Eu passava a *manhã* inteira com o celular desligado, muito intenso, *aos sábados eu ia, todo sábado, pra biblioteca, e só resolvia prova do ENEM* [...] (GRADA, n. 03, 2020);
>
> 4- E aí eu já *chegava tarde em casa*, tinha uma *rotina de estudo*, eu *colocava eles pra dormir nove horas*, ainda tinha uma *rotina de estudos* até... *nove horas da noite* (GRADA, n. 03, 2020);
>
> 5- Era... *estudo de manhã, à noite, à tarde*... era muito corrido (pausa) (SARA, n. 01, 2020);
>
> 6- Do meu, da metade do meu segundo ano e terceiro ano fui tendo *aula no colégio militar integral das sete e quinze da manhã às cinco da tarde* e chegava em casa e *repassava no caderno, repassava os estudos*, *no fim de semana eu não estudava* (HELLEN, n. 07, 2020);
>
> 7- [...] aí *eu trabalhava meio período, estudava* o terceiro ano e ainda *ia pro cursinho à noite*, porque eu tinha conseguido uma bolsa no cursinho social (CAROLINA, n. 05, 2020);
>
> 8- Eu *estudava em tempo integral na escola*, e aí *eu chegava à noite e tinha a aula do preparatório do ENEM, vida pessoal, assim, só final de semana* e olha lá [...] (CLARICE, n. 06, 2020);
>
> 9- [...] eu *estudava o dia inteiro, né, manhã e tarde, à noite* era um horário que eu queria chegar e descansar, tipo, fazer nada, e às vezes eu tinha que *ficar na escola até mais tarde pra fazer alguma outra coisa, tipo projeto*, essas coisas... (TIAGO, n. 08, 2020).
>
> Observação: grifos nossos.

As recorrências de "rotina de estudo", "trabalho", menções aos períodos (manhã, tarde e noite), aos lugares ocupados no dia-a-dia (casa, escola, trabalho, faculdade) e esferas de vida (profissional, pessoal e social) visibilizam um sujeito que eleva as atividades de seu cotidiano, especificamente, no período tópico pré-vestibular.

Partindo aos domínios associados (FOUCAULT, 2019), o período pré-vestibular associa-se a enunciados outros, objetos outros, no caso explanado, à rotina de estudo e de

trabalho. Desta maneira, os efeitos de verdade do sujeito são vistos na descrição que ele apresenta de elementos que associa à fase pré-vestibular, elementos estes que são parte da sua experiência. O sujeito ingressante assume, então, condutas rumo às esferas de atividade de estudo e trabalho, dividindo e atribuindo as suas atividades diariamente, em uma extensão temporal: "eu estudava o dia inteiro, né, manhã e tarde [...]" (TIAGO, n. 08, 2020).

Se Foucault (2010a) se refere aos jogos de poder como analisáveis historicamente, consideramos, nesta análise, os enunciados associados ao vestibular, que emergem da funcionalidade de processo seletivo ao ingresso na universidade, quando o sujeito do discurso enuncia a rotina de estudo, as atividades cotidianas rumo à preparação para a prova, em lugares que apresentam como função "preparar para o vestibular": cursinhos, escolas, bibliotecas. Por outro lado, o sujeito divide-se entre suas ocupações: a vida social, pessoal, os filhos, o trabalho e a casa, o que atua na configuração de formas de subjetividade a partir de esferas múltiplas de vida social e profissional, isto é, um sujeito em exercício cotidiano, compreendido na ordem do discurso neoliberal, porque trabalha e estuda, ocupando-se de práticas ligadas ao sistema em que está inserido.

Em perspectiva foucaultiana, podemos denominar esse conjunto de práticas de "modos de subjetivação" (FOUCAULT, 2018), considerando o processo de constituição do sujeito. Por meio das práticas de si, subjetiva-se e, no caso, em uma conjuntura histórica neoliberal, voltada ao trabalho e ao consumo de produtos como modos de existência. Destarte, se nos interrogarmos "através de que jogos de verdade o ser humano se reconheceu como homem de desejo?" (FOUCAULT, 2018, p. 12), vislumbramos o neoliberalismo como condição histórica constituinte do sujeito ingressante como quem se vê cotidianamente entretido em práticas de trabalho, estudo e consumo, almejando, inclusive, estar na universidade e obter um diploma de nível superior. Eis, assim, jogos de verdade atuantes ao desejo do ingressante de "estar na universidade", considerando, pois, os efeitos de sentido deste espaço: de *status*, de ascensão, de preenchimento empírico, socialização e formação.

É no viés de reconhecimento de experiências de vida que a questão do *privilégio* na etapa do vestibular reservou, na análise, outra série enunciativa, em que "quem fala" (FOUCAULT, 2019) é um sujeito que se vê como privilegiado durante o processo do vestibular, colocando como privilégio poder dedicar-se somente aos estudos, poder fazer um cursinho pré-vestibular, estudar em instituições consideradas de qualidade, ou por

qualquer fator considerado “privilégio” na enunciação, como observamos em “ser homem, cisgênero e branco” (ARIEL, n. 02, 2020). Segue a série:

> 1- Eu me sinto *privilegiada, eu pude fazer cursinho, eu pude estudar bastante* em comparação a outras pessoas que eu conheço que não tiveram a mesma oportunidade que eu, então *eu me sinto muito privilegiada* no meu ingresso no curso de Letras (pausa) (SARA, n. 01, 2020);
>
> 2- Nossa, eu acho que eu sou *bem privilegiado*, porque mesmo tendo vindo de uma cidade pequena, ser de família pobre e tudo mais, a minha classificação foi, no curso, foi altíssima, sabe? (ARIEL, n. 02, 2020);
>
> 3- Então acho que o meu privilégio foi nesse sentido, sem contar que eu também *sou homem, sou cisgênero e sou branco*, então [...] (ARIEL, n. 02, 2020);
>
> 4- Eu *não precisava trabalhar*, eu consegui me organizar cedo, até, para estudar pro ENEM [...] (ARIEL, n. 02, 2020);
>
> 5- [...] não deveria ser *privilégio*, mas essa condição que a gente tá de *desigualdade* acaba sendo um *privilégio*, né, porque eu *não preciso preocupar com trabalho*, mas *eu preciso preocupar somente com o estudo* (BERNARDO, n. 04, 2020);
>
> 6- [...] eu *tive o meu computador, eu tive a minha internet*, então isso também *favoreceu* essa questão de estudar [...] (BERNARDO, n. 04, 2020).
>
> Observação: grifos nossos.

O privilégio é objetivado pelo sujeito ingressante a partir elementos de saberes sociológicos e, também, da própria experiência: por exemplo, ter o tempo destinado unicamente ao estudo seria uma vantagem, visto que não é preciso se “preocupar com trabalho” (BERNARDO, n. 04, 2020).

Aqui, o sujeito se vê no lugar de privilegiado, relacionando o privilégio às questões sociológicas: ter ou não bens materiais, ter ou não estrutura adequada para estudar, ter ou não acesso aos cursos pré-vestibular, a um bom ensino, enfim, ter condições para dedicar-se ao vestibular.

Os efeitos de verdade constituintes da subjetividade são múltiplos: vemos o ingressante na ordem do discurso de meritocracia institucional e também vemos o deslocamento da meritocracia como efetiva para a entrada na universidade. O sujeito é contestador e apropria-se de discursos verdadeiros outros, como sociológicos, destacando aspectos sociais que marcam a existência de desigualdades no que tange ao acesso à universidade. Logo,

> O sujeito se constitui através das práticas de sujeição (assujeitamento) ou, de uma maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural (FOUCAULT, 2010a, p. 291).

É pensando nas práticas de liberdade, que chegamos à última série enunciativa, cujo sujeito se apresenta como mobilizado pela universidade, mutável, em constante relação com outros corpos, ideias, estendido em outras inúmeras experiências:

1- [...] você *aprende muito sobre diversidade*, aprende de tudo, *completamente diferente a minha visão anterior com a minha visão agora* (SARA, n. 01, 2020);

2- [...] eu não imaginava que ia estudar com gente mais velha que eu, com pessoas que já tem família formada. Então, acho que eu tive essa... *a minha perspectiva ampliou*, é, nesse sentido (pausa) (ISABELA, n. 10, 2020);

3- [...] toda pessoa de qualquer idade precisa de uma universidade também pra, pro *processo de desenvolvimento, conhecimento, de autoconhecimento*, é... a universidade é muito potente, né, ela é muito potente (ROSA, n. 09, 2020);

4- [...] *sexualidade*, e todas essas coisas, inclusive dentro da universidade eu *consegui me politizar mais sobre isso*. E é isso, tem bastante, tem diferença (riso) (pausa) (ARIEL, n. 02, 2020);

5- [...] imaginei que mudaria, mas *realmente mudou*, a minha, *a vida de todo mundo muda* como um *ciclo novo*, né, era *um ciclo novo que tava começando*, eu estava animada pra eles e *mudou a minha vida* (pausa) (HELLEN, n. 07, 2020);

6- Eu *fiz muitas amizades, conheci muita gente*, então foi bem diferente do que eu imaginava (CLARICE, n. 06, 2020);

7- [...] é essa questão de *conhecer coisas novas*, né, de *conviver com pessoas* que vêm de ci, *de lugares diferentes, né, que têm sotaques diferentes, que têm costumes diferentes, que têm religiões diferentes* [...] (TIAGO, n. 08, 2020);

8- [...] a gente *se depara* e a gente *se constitui*, né, nesse *movimento* aí (BERNARDO, n. 04, 2020);

9- E uma das coisas que eu mais achei legal no processo de entrar na universidade, foi *ter essas perspectivas que eu não teria*, que eu não tinha, e se eu não tivesse entrado, eu não teria (pausa) (BERNARDO, n. 04, 2020);

10- Dentro da universidade eu vi que tem mais *diversidade*... não, diversidade não! *Diferença* entre as pessoas [...] (ARIEL, n. 02, 2020);

11- Têm *vários tipos de... vários pensamentos, pessoas de todas as formas*... e eu acho isso muito legal! (TIAGO, n. 08, 2020);

> 12- [...] um *gosto musical diferente*, é *conversa diferente*, é um *se posicionar diferente*, é *se vestir diferente* (pausa) (BERNARDO, n. 04, 2020).
>
> Observação: grifos nossos.

Nesse sentido, ao destacar diversidades, diferenças e possibilidades de mudança de ser, o sujeito ingressante revela-se em constante exercício de liberdade, em movimento, isto é, um sujeito que experimenta a universidade para além do discurso de meritocracia e das práticas institucionais. Este é o sujeito que governa a si[40] e, ainda que constituído por um número de regras e sujeições, é ativo no processo de subjetivação, constituindo-se e exercendo a si mesmo.

A confissão do sujeito ingressante pode ser vista no relato das mudanças subjetivas (de pensamento, de socialização, de perspectivas) proporcionadas pela universidade entendida como um espaço de diversidades e diferenças. Em outros termos, o sujeito assume que se não fosse a universidade não teria "essas perspectivas" (BERNARDO, n. 04, 2020), provenientes de uma universidade que ele "não imaginava" (CLARICE, n. 06, 2020).

Visualizamos a potência da universidade em sua heterogeneidade de efeitos de verdade: lugar meritocrático, lugar de resistência, e o sujeito que ingressa constituído por práticas institucionais, à medida que é aluno, que é selecionado no vestibular, mas, ao mesmo tempo, constituído por práticas de liberdade, ocupando uma universidade cujo lugar ultrapassa o mérito, portanto, um lugar que mobiliza aqueles que transitam, possibilitando novas experiências e, consequentemente, processos de subjetivação além do discurso institucional. Esse movimento de "fuga" frente ao discurso institucional pode ser compreendido como prática de resistência, uma vez que exige inventividade dos corpos que experimentam a universidade de diversos modos.

3.2.4 Considerações sobre a análise

> *E é interessante perceber, também, que desde que as pessoas que não são da elite vêm ocupando esse espaço público, é... vamos dizer, assim... a fase da universidade vem*

[40] O "governo de si e dos outros" (FOUCAULT, 1997; 2008c; 2009) é debatido nos estudos da governamentalidade que, primeiramente, foi conceituada como ligada à economia política da população e, em segundo momento, como a "atividade que consiste em dirigir a conduta dos homens em quadros e com instrumentos estatais" (FOUCAULT, 1997, p. 90). Enfim, a governamentalidade é compreendida como o governo do sujeito (de si e dos outros), orientada pelo poder de condução pastoral.

> *caindo, as críticas tão sendo maior... sabe?* (ISABELA, n. 10, 2020, grifos nossos).

Por consequência da análise dos enunciados não só chegamos à relação do discurso de meritocracia com a constituição da universidade, como, além disso, chegamos às diversas universidades destacadas pelo sujeito ingressante: a universidade como lugar a ser conquistado, a universidade como lugar possível para constituir-se, mobilizar-se, mudar a si mesmo, a universidade como lugar de liberdade afetivo-sexual e de diversidade de pensamentos e corpos que transitam, a universidade como um espaço de circulação de discursos sobre o sujeito cotista, o sujeito transexual, o ingressante etc., de disputas constantes entre sujeitos, um lugar inesperado e um lugar de resistência, de lutas e militâncias.

Observamos, frente aos vários sentidos expostos, uma universidade heterogênea, constituída de outros espaços, outros corpos, outros pensamentos, outras formas de vida, outras relações. E, buscando no pensamento foucaultiano, nos deparamos com as possibilidades e a positividade do discurso (FOUCAULT, 2019), a não-homogeneidade do que é dito.

O sujeito ingressante é constituído por e em um lugar "de conquista", passando pelo vestibular, enunciando o objetivo de estar naquele espaço, na universidade, impulsionado pelo desejo, pelo "sonho". Em outro viés discursivo, encontramos o sujeito problematizador das políticas estatais, um sujeito que assume lutas, demandas, que objetiva esse lugar como competitivo, disputado, mas também um lugar em que é possível constituir-se, mudar de opinião, conhecer novas coisas, outros corpos, outras culturas, outras crenças. É um sujeito que fala de liberdade e do quanto encontra a liberdade na universidade, no âmbito afetivo-sexual ou mesmo das ideias, diferenciando, nesse sentido, os espaços em que circula. Em suma, trata-se de um experimentador, que cuida de si e conhece a si (FOUCAULT, 2014b), deparando-se com o inesperado e permitindo-se às experiências.

Sabemos que a memória de um objeto discursivo liga-se a acontecimentos, à emergência de enunciados, à possibilidade do que é dito, do que pode ser dito, à singularidade do que se enuncia. Houve a procura, nesta dissertação, de trazer alguns desses acontecimentos configuradores da universidade enquanto espaço meritocrático, chegando às políticas liberais e neoliberais que fundamentam as instituições federais públicas enquanto selecionam "os aptos" à universidade. A prática da seletividade como

política pode ser atribuída, conforme visto, à biopolítica (FOUCAULT, 2008b), uma vez que tem como funcionalidade "selecionar" os que vivem e os que "são deixados para morrer". No caso desta pesquisa, é a prática política-institucional que seleciona os que entram na universidade, descartando outros.

A partir disso, visualizamos a universidade objetivada pelo MEC (conforme os enunciados institucionais aqui analisados) como um lugar de conquista e resultante do esforço individual de cada candidato e encontramos enunciados retirados das entrevistas com ingressantes que posicionam o sujeito nessa ordem do discurso institucional. Porém, esse não é o único lugar ocupado pelo sujeito ingressante: há o que se opõe ao discurso de meritocracia institucional, o que aponta a responsabilização individual como um problema, crítico às práticas discursivas e políticas do Estado, ainda que inserido nessas relações.

Um acontecimento que apuramos é o das políticas de cotas, questão que foi colocada como essencial para que determinados grupos acessem a universidade (indígenas, negros e pessoas de classe baixa, com escolaridade pública) e, também, insuficientes para o acesso e a permanência de sujeitos, como os transexuais, quando é dito que não permanecem na universidade porque, ainda que ingressando, não podem exercer a si mesmos, a sua identidade de gênero na instituição, impedidos de usar os banheiros que os representam. O problema da permanência, para além do acesso, é evidenciado nessa série enunciativa, com menção às necessidades básicas do estudante para permanecer na instituição.

Outro acontecimento é disposto em alguns enunciados, respectivamente, a emergência de um discurso pejorativo à universidade, crítico desse lugar, com referência à "balbúrdia" que, como discorremos na dissertação, foi associada à universidade em um discurso político de Weintraub (2019), na época, ministro da educação, em defesa aos cortes de verbas destinadas à universidade pública. "Balbúrdia" também aparece no enunciado abaixo:

> As pessoas que estão ao meu redor, elas nunca fizeram faculdade, as poucas que fizeram e faziam me falavam do, do espaço da universidade como um lugar meio pervertido, tipo que tinha de tudo, cê ia ver tudo o que pensasse na vida, me falavam um monte de coisa, tipo o que o (nome do atual presidente do Brasil) fala em relação à universidade, *as balbúrdias*, só falavam isso (SARA, n. 01, 2020, grifos nossos).

A “balbúrdia” não só é enunciada por um ministro da educação, mas pela própria instituição, o MEC e o Governo Federal, considerando o lugar do sujeito discursivo (que é o institucional). Por isso, podemos compreender, analiticamente, a não-distinção entre “o ministro” e “o presidente” quando há a retomada, no exemplo acima, ao acontecimento do enunciado referente: “[...] *tipo o que o (nome do atual presidente do Brasil) fala em relação à universidade, as balbúrdias*, só falavam isso (SARA, n. 01, 2020, grifos nossos)”. Trata-se, sobretudo, de um discurso que circula para além da esfera do Ministério e da universidade, chegando ao que é dito cotidianamente, em outros espaços.

Se há a retomada da “balbúrdia” como algo dito acerca do espaço da universidade, há, também, a problematização das “críticas à universidade” motivadas pela inserção de sujeitos e corpos nesse espaço. No caso, sujeitos e corpos não inclusos na elite: “desde que as *pessoas que não são da elite* vêm ocupando esse espaço público, é... vamos dizer, assim... a fase da universidade vem caindo, as críticas tão sendo maior... sabe?” (ISABELA, n. 10, 2020, grifos nossos).

Em vista disso, trazemos outra questão observada na análise: a questão da resistência, conceituada por Foucault (1998) como ligada ao exercício de poder. Assim, vemos a resistência como a possibilidade de fuga mediante as conduções de conduta exercidas: não se equivale a dizer que ela é sempre existente nas relações de poder, entretanto, é sempre possível.

No que tange à universidade, elencamos enunciados que se referem à “militância” e “lutas” como existentes nesse lugar, entretanto, a resistência pode ser pensada não restritamente ao “militar” e “lutar”, mas inclusive ao próprio circular, adentrar, ingressar na instituição. A afirmação do enunciado acima, de que a universidade “vem caindo e sofrendo críticas desde que as pessoas que não são da elite vêm ocupando esse espaço público”, em uma perspectiva discursiva e foucaultiana, mostra os jogos de poder e resistência que envolvem os espaços e os corpos. Em outras palavras, a resistência ultrapassa o processo seletivo de entrada à universidade, estendendo-se à inventividade dos corpos que ali habitam, circulam e permanecem, em incessante e descontínua constituição de si e de suas práticas.

Deste modo, a universidade é heterotópica, à medida que não é apenas “um” espaço, mas sim diversos, com diversas possibilidades de ser dita e, consequentemente, enunciada em diversas instâncias e modalidades. É, para mais, possuinte de uma estrutura de funcionamento (horários, tempos de aula, sistemas de divulgação de conteúdo e notas),

estrutura arquitetônica singular (salas de aula, restaurantes universitários, laboratórios, bibliotecas), ou seja, demarcada enquanto espaço e lugar. A diferença, tão associada a este espaço, coloca os múltiplos corpos, sujeitos e ideias que circulam nele: quem está na universidade não é um único corpo, nem uma única ideia, um único modo de ser e de pensar. Portanto, o sujeito ingressante, tal como a universidade, não é unívoco, nem individual, estando em constante constituição da subjetividade (processos de subjetivação) nos jogos de saber-poder, concordando com Foucault (1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> *Eu não quis dizer que somos sempre presos, pelo contrário, que somos sempre livres. Enfim, em poucas palavras, há sempre a possibilidade de mudar as coisas* (FOUCAULT, 2004b, p. 268, grifos nossos).

Ao longo da pesquisa, a temática da problematização emergiu diversas vezes, tanto no pensamento foucaultiano, quanto na análise dos enunciados. Inicialmente, apresentamos como problematizar torna-se não só um dos destaques de Michel Foucault, mas igualmente ao longo da história do pensamento. Nomes como Aristóteles (1991), Descartes (2002), Spinoza (2009), Nietzsche (1998), Deleuze e Guattari (2011) emergem marcando uma história e, entre a genealogia da moral e o pensamento rizomático, a problematização faz-se na mobilização do que pensamos, dos problemas que levantamos.

Para Foucault (em toda a sua obra) “buscar o problema das coisas”, isto é, “quando e como as coisas são um problema” (FOUCAULT, 2018) é o próprio trabalho do pensamento, “questionando tudo o que é sólido” (1994, p. 212), inclusive, é a sua proposta quando aborda a loucura e a sexualidade, dois dos tantos objetos estudados em sua trajetória.

A questão da problematização é visível, também, nos enunciados das entrevistas, quando o sujeito ingressante ocupa a posição de problematizar, objetivando a meritocracia um problema, por vezes, opondo-se a ele. Ou, ainda, quando o sujeito ingressante confessa-se sujeito crítico, pensante e móvel, isto é, mutável e mobilizado pelas experiências.

Visto isso, iniciamos a dissertação elevando a problematização, inclusive como uma motivação aos estudos discursivos realizados anteriormente ao mestrado, na IC e no

TCC. Assim, a preocupação para com o sujeito foi se intensificando, até chegarmos ao sujeito ingressante à universidade.

A subjetividade do ingressante, algo explanado em nosso estudo, é visualizada pela sua relação com o objeto do discurso, no caso, a universidade. Assim, como resultado, nos deparamos com "espaços diversos" na universidade, configurando a heterotopia, que Foucault (2010b) define como os estudos dos diferentes espaços, considerando a estrutura arquitetônica, o funcionamento e os corpos que circulam.

No primeiro capítulo, intitulado *O mérito como problema político: a emergência da meritocracia e sua relação com o neoliberalismo*, apresentamos inicialmente o debate da problematização em um viés arquegenealógico, trazendo desde a genealogia de Nietzsche (1998) ao pensamento rizomático de Deleuze e Guattari (2011), a fim de pensarmos a problematização do corpo como objeto político, discorrido posteriormente. Partimos, enfim, ao problema político da meritocracia na racionalidade neoliberal, buscando o "como ambos emergiram como problema" no discurso. Aqui, pudemos ver a relação da meritocracia com o neoliberalismo, concluindo que o neoliberalismo é um domínio associado à meritocracia, ambos objetos constituintes do sujeito "empreendedor de si", individualista (afastado da coletividade) e responsável pelo o que tem e vive.

Já em *A universidade enquanto espaço meritocrático*, discorremos acerca dos conceitos fundamentais à pesquisa, retirados da arquegenealogia foucaultiana, como as relações de poder no discurso (FOUCAULT, 1998) e a biopolítica (FOUCAULT, 2008b), que especificamos como o ENEM, visto que é um processo seletivo, atuante por meio de uma prova cuja nota determina quem é apto à universidade. Portanto, discutimos a história do ENEM e da universidade pública no Brasil, ressaltando as políticas neoliberais e os acontecimentos envolvendo o MEC e o Governo Federal. Nessa etapa do texto, trazemos um recorte de enunciados do MEC, de propagandas que enunciam a prova do ENEM como vestibular.

No terceiro capítulo, *Do "sonho realizado" à "balbúrdia": análise das entrevistas*, expusemos o procedimento analítico das entrevistas realizadas. Portanto, contextualizamos o *corpus*, descrevendo a coleta realizada e a fundamentação do procedimento (entrevistas semi-estruturadas, questões norteadoras e transcrição naturalista), com base em Minayo (2001) e Azevedo *et al*. (2017). Nesse ponto, foi imprescindível contextualizarmos, também, os imprevistos causados pela COVID-19, que exigiu a reescrita do projeto inicial e a reformulação do procedimento de realização das entrevistas.

A questão das práticas de confissão (FOUCAULT, 2006b) surge como fundamento para pensarmos a sociedade confidente e, consequentemente, no sujeito confidente. Nas entrevistas, vimos a confissão do sujeito ingressante em relação à universidade: um sujeito heterogêneo, disposto na ordem do discurso de meritocracia, que objetiva a universidade e se autoanalisa em relação aos lugares que ocupa. Observamos, então, a constituição do ingressante por práticas de subjetivação institucionais, à medida que "estuda para passar", mas também um sujeito que questiona (com base em saberes sociológicos sobre desigualdades sociais) o sistema da universidade.

Para melhor organizar os enunciados que possibilitaram tais observações, recorremos aos trajetos temáticos (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1997), salientando o que Foucault (2019) chama de temáticas do discurso, traçando um levantamento, nos enunciados, de temas. Foi por esse viés que dispomos as séries enunciativas elaboradas nos trajetos: 1) A objetivação da universidade; 2) A qual demanda a universidade responde? e 3) Os efeitos de verdade na produção de subjetividade do ingressante.

Em *a objetivação da universidade*, analisamos séries enunciativas cujo objeto discursivo era a universidade. Considerando as práticas de objetivação (FOUCAULT, 2019), chegamos em três séries enunciativas, a saber: a universidade objetivada (pelo sujeito do discurso) como lugar a ser conquistado; a universidade pública como diferenciada da privada e a universidade como lugar de resistência. As três séries somam-se ao trajeto temático da objetivação da universidade, tendo sido a apuração disso um de nossos objetivos nesta pesquisa.

No segundo trajeto, frente à questão *a qual demanda a universidade responde?*, observamos enunciados que apresentam reivindicações do sujeito discursivo em relação às demandas da universidade. Assim, foram elaboradas quatro séries: a problematização do discurso de meritocracia do MEC pelo sujeito do discurso; as cotas como medidas legítimas e úteis socialmente ao sujeito do discurso; as cotas como medidas insuficientes e falhas e demandas de cursos, disciplinas, áreas de conhecimento teórico, programas e políticas institucionais. Destacamos, ao longo desse trajeto temático, o dispositivo de universidade enquanto lugar a ser conquistado, visto que o conceito é compreendido por regras, leis, códigos, enfim, práticas discursivas e não-discursivas que desenham "as linhas" do objeto em questão (FOUCAULT, 2000; 2006b).

Por fim, no terceiro trajeto temático, trazemos como tema *os efeitos de verdade na produção de subjetividade do ingressante*, haja vista o objetivo de pesquisa compreendido

pelo estudo da subjetividade do ingressante nos enunciados recortados ao *corpus*. Nesse ponto da pesquisa, elaboramos quatro séries enunciativas: o ingressante na ordem do discurso de meritocracia do MEC; o ingressante como ativo no âmbito das práticas institucionais: que apresenta uma rotina de atividades intensa no período tópico pré-vestibular; o ingressante que se apresenta como privilegiado por entrar na universidade e por conseguir estudar para o vestibular e o sujeito que se apresenta, em diversas esferas (do pensamento, da sexualidade, da socialização etc.), como mobilizado pela universidade, objetivando a si mesmo como mutável.

Em nossa análise, a universidade enquanto lugar a ser conquistado demonstrou seu funcionamento como um dispositivo, cujos elementos são práticas discursivas institucionais e cotidianas, inerentes às relações de saber-poder: contempladas no sistema de seleção (ENEM), no que é dito pelo MEC sobre o sujeito ingressante (como merecedor da vaga) e na forma que o sujeito ingressante se vê na universidade.

Um ponto relevante é a retomada do enunciado institucional de que a universidade pública é uma *balbúrdia* (demonstrando a contradição), sendo que o problema do discurso pejorativo acerca da universidade é levantado e relacionado à inserção de determinados sujeitos (que não são da elite) na universidade – um lugar historicamente ocupado por corpos de uma elite admitida como diplomada e acadêmica.

A contradição, para Foucault (2019), é sempre presente na formação discursiva e, por isso, essa abordagem é imprescindível nesta dissertação: a heterogeneidade discursiva e do objeto, que foram visíveis em nossa análise. Vimos, então, as condições de possibilidade do discurso de meritocracia e sobre a universidade, respondendo positivamente à hipótese de que a universidade configura-se como lugar a ser conquistado ao ingressante. Este, por sua vez, constitui-se nas práticas "analisáveis historicamente" (FOUCAULT, 2009, p. 275).

Se a análise histórica recebe destaque na arquegenealogia foucaultiana, também ocupa um lugar relevante aos estudos da meritocracia e seu domínio associado – o neoliberalismo. Conforme visto durante o exercício de "escavação dos enunciados", o discurso de meritocracia do MEC é configurado de acontecimentos políticos, estendidos nos saberes acerca da social-democracia e, posteriormente, nos saberes neoliberais e uma tendência potente no ocidente à defesa do pensamento antidemocrático (BROWN, 2019), característico, por sua vez, da subjetividade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016).

A onda de enunciados que elevam a privatização de setores públicos é, no Brasil, um acontecimento considerável à análise discursiva da meritocracia, inclusive no que tange ao mérito para acessar espaços: escolas, cargos profissionais, a própria universidade e mais. Por isso, consideramos o "novo" do acontecimento (FOUCAULT, 2008a, p. 26) imprescindível à emergência do discurso, tendo em vista o movimento da universidade: ora lugar a ser conquistado, ora balbúrdia, no discurso institucional.

A regularidade, devendo ser vista pelos pontos das dispersões (FOUCAULT, 2019), incidem no arquivo: o que foi e é dito sobre a universidade e sua relação com a meritocracia, levando em conta os domínios associados, um conjunto de fatores que tornam o discurso móvel, sem uma origem específica – um ponto de início instantâneo – em linha reta para findar-se. E é no viés da multiplicidade do discurso e da história que as subjetividades se fazem múltiplas.

O sujeito não é produto homogêneo, tampouco restrito a uma possibilidade unívoca. Pensando nisso, as práticas de liberdade (FOUCAULT, 2009) são visualizadas na enunciação, constituindo um sujeito ingressante na ordem do discurso de meritocracia, em sujeição ao sistema de seleção: o ingressante estudou para "conseguir uma vaga", teve uma rotina pré-vestibular distribuída em atividades como trabalho e estudo, porém é autoanalítico, autocrítico e problematiza a existência de desigualdades (o que coloca alguns como privilegiados e outros não). Além disso, apresenta a universidade para mais de um espaço meritocrático: um espaço de experimentação, socialização, mudança e ampliação de conhecimento. Deste modo, os efeitos de verdade, concordando com Foucault (2013a), não são objetivos e unilaterais.

Concluímos, portanto, com a relevância das possibilidades ao sujeito, nas palavras de Foucault (2004b), "sempre livre". Consideramos que o discurso de meritocracia constitui a universidade, colocando-a como um lugar de disputa, selecionado a alguns, como vemos nos enunciados institucionais e, também, na primeira série enunciativa elaborada a partir das entrevistas.

Entretanto, conforme já afirmado, a universidade é, ao mesmo tempo, um espaço de resistência, de circulação de corpos marginalizados e, o que foi resultado bem relevante, um lugar potente à constituição da subjetividade por meio da experiência com o outro, da mutabilidade e mobilidade.

Então, vimos o poder e a resistência de forma indissociável, em uma relação relevante ao processo de subjetivação de um sujeito, este livre para mover-se, questionar,

problematizar, ainda que sempre inserido nos jogos de poder, em jogos de verdade, sujeitos em um conjunto de regras regulamentadoras do arquivo.

Por meio desta pesquisa, compreendemos o poder como relação, bem como nos mostra Foucault ao longo de sua obra. Pretendemos, a partir de agora, pensar mais a universidade como esses tantos espaços possíveis e, sobretudo, prosseguir "visando o problema das coisas", inclusive o problema da meritocracia e do neoliberalismo como elementos fundamentais a uma produção de subjetividade individualista, de quem se esforça para acessar, para permanecer e para existir em determinados espaços. Todavia, sem invalidar, em nossos estudos, a liberdade: a potência das práticas de si, do exercício e do cuidado de si.

REFERÊNCIAS

ANDIFES. *Classes D e E são maioria nas Universidades Federais*. Disponível em: http://www.andifes.org.br/politicas-de-expansao-e-inclusao-contribuem-para-que-as-classes-d-e-e-sejam-a-maioria-dos-estudantes-das-universidades-federais/. Acesso em 20 jun. 2020.

ARAÚJO, Carlos Eduardo. *Por que a ideia de meritocracia privilegia quem já é rico?* Democracia e mundo do trabalho em debate (DMT), 2019. Disponível em: http://www.slate.com/articles/news_and_politics/history/2014/09/the_self_made_man_history_of_a_myth_from_ben_franklin_to_andrew_carnegie.html. Acesso em 22 jul. 2020.

ARISTÓTELES. A política. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. 4. ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991b.

AZEVEDO, Vanessa. et. al. Transcrever entrevistas: questões conceptuais, orientações práticas e desafios. Coimbra: *Revista de Enfermagem Referência*, vol. 4, n. 14, set. 2017.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL, INEP. *5,8 milhões estão inscritos para fazer o Enem 2020*. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/5-8-milhoes-estao-inscritos-para-fazer-o-enem-2020/21206. Acesso em: 02 ago. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. *Canal do MEC*. Disponível em: https://www.youtube.com/user/ministeriodaeducacao. Acesso em: 07 jun. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. *ENEM*: apresentação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791. Acesso em: 10 jun. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. *Prouni*: o programa. Disponível em: http://prouniportal.mec.gov.br/o-programa. Acesso em: 10 jun. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. *SiSU*: como **funciona**. Disponível em: http://sisu.mec.gov.br/como-funciona. Acesso em: 02 jul. 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. *COVID-19*: sobre a doença. Disponível em: https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca. Acesso em: 02 ago. 2020.

BRASIL, Planalto. *O Presidente da República altera a Consolidação das Leis do Trabalho*. Jul/2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm. Acesso em: 02 fev. 2021.

BRAZ, Marcelo. O governo Lula e o projeto ético-político do Serviço Social. *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo: Cortez, ano XXV, vol. 1, n. 78 p. 48-68, jul. 2004.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo*: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CANDIOTTO, Cesar. Ética e política em Michel Foucault. *Trans/form/ação*, online, v. 33, n. 2, p 157- 175, 2010.

CATRACA LIVRE. *MEC cortará verba de universidade por 'balbúrdia'*. Disponível em: https://catracalivre.com.br/videos/mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia/. Acesso em 15 de jul. 2020.

COLLINS, Suzanne. *Jogos Vorazes*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2012.

COLLOR, Fernando. *Brasil*: um projeto de reconstrução nacional. Brasília: Senado Federal, 2008. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/243024/01928.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 22 de jul. 2020.

COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo*: pensar com Foucault. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. Tradução de Thereza Chistina Stummer. São Paulo: Paulus, 2002.

DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. *Portal*. Disponível em: https://www.dieese.org.br/. Acesso em: 02 de fev. 2021.

EXTRA, Globo. *Da 'gripezinha' ao 'vamos tocar a vida', relembre declarações de Bolsonaro sobre a pandemia do novo coronavírus*. Disponível em: https://extra.globo.com/noticias/brasil/da-gripezinha-ao-vamos-tocar-vida-relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-pandemia-do-novo-coronavirus-24572492.html. Acesso em 02 ago. 2020.

FERNANDES, Cleudemar Alves; FERNANDES JÚNIOR, Antônio. O corpo como heterotopia do sujeito. *Working Papers em Linguística*, UFSC – SC, v. 17, n. 2, p. 6 -18, dez. 2016.

FOUCAULT, Michel. Introdução à vida não fascista. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI Félix. *O anti-édipo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

FOUCAULT, Michel. *Le souci de la verite*. Paris: Magazine Littéraire, 1984.

FOUCAULT, Michel. À propos de la généalogie de l'étique: un aperçu du travail en cours. In: DEFERT, D.; EWAL, F. (Org.). *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994. v. 4, p. 609-631.

FOUCAULT, Michel. Subjetividade e Verdade. In: FOUCAULT, Michel. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 107-115.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 13. ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. Sobre a História da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução de Roberto Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault, uma entrevista*: sexo, poder e a política da identidade. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Verve, São Paulo, nº 5, 2004b, p. 260- 277.

FOUCAULT, Michel. Foucault. In: MOTTA, Manoel B (org.). *Ditos e Escritos V*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c, pp. 234–239.

FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Michel Foucault: organização e seleção de textos, Manoel Barros de Motta; tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2006b.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2008a.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France, 1977-1978. São Paulo: Martins Fontes, 2008c.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. *Michel Foucault*: Uma Trajetória Filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2ª. Edição Revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault por ele mesmo. Parte 1. In: *Variantropologia*. 2010b. Disponível em: https://youtu.be/Oy0_KfZnlws. Acesso em 20 jul. 2020.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. 4.ed. Rio de Janeiro, Nau, 2013a.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013b.

FOUCAULT, Michel. *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Ditos e Escritos IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III*: o cuidado de si. São Paulo: Paz & Terra, 2014b.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014c.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II*: o uso dos prazeres. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

FRANK, Robert Harris. *Success and luck*: good fortune and the myth of meritocracy. Princeton: Princeton University Press, 2016.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. In: Eni P. Orlandi. (Org.) [et al.] *Gestos de leitura*: da história no discurso. Tradução de Bethania S. C. Mariani [et al.] 2 Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MENDES, Maíra Tavares. O mito do mérito: ensaio sobre meritocracia e qualidade da educação. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*, UFSC – Florianópolis, SC, vol. 36, n. 4, p. 1302-1320, out./dez. 2018.

MENDONÇA, Ana. Diário de Pernambuco. *Weintraib sobre ENEM*: 'não é para atender injustiças sociais, é para selecionar os melhores'. Disponível em: https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2020/05/weintraub-sobre-enem-nao-e-para-atender-injusticas-sociais-e-para-s.html. Acesso em 02 ago. 2020.

MILANEZ, Nilton. A dessubjetivação de Dolores: escrita de discursos e misérias do corpo-espaço. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, UFG – Catalão, GO, vol. 17, n. 2, p. 367-390, jul./dez. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social*: Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NAVARRO, Pedro. Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia. In: TASSO, Italo. (Org.). *Estudos do texto e do discurso*: interfaces entre língua(gens), identidade e memória. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 59 – 74.

NAVARRO, Pedro. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. *Revista Moara*: Estudos Linguísticos, UFPA, vol 1, ed. 57, p. 8-33, ago./dez. 2020.

NETFLIX BRASIL. (2016). César Charlone; Tiago Mello & César Charlone; Daina Giannecchini; Dani Libardi; Jotagá Crema. *3%*. [seriado]. São Paulo: Boutique Filmes.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*: uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OBJETIVO ARARAQUARA. *As melhores cabeças nas melhores universidades*. Disponível em: https://m.facebook.com/curso.objetivo.araraquara/photos/a.414561478668932/699572693501141/?type=3. Acesso em 01 ago. 2020.

ORLANDI, Eni. *Discurso e leitura*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1993.

ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. Do Enunciado em Foucault à Teoria da Multiplicidade em Deleuze. In: Ítalo TRONCA (org.), *Foucault Vivo*. Campinas: Pontes, 1987, p. 11-42.

ORWELL, George. *1984*. 29ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

PLATÃO. Fédon. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. In: Coleção "Os pensadores".São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PORTO, Maria Célia da Silva. Estado e neoliberalismo no Brasil contemporâneo: implicações para as políticas sociais. In: Jornada Internacional de políticas públicas, 4., 2009. Maranhão. *Anais da IV Jornada Internacional de políticas públicas*: PORTO, Maria Célia da Silva. Maranhão: Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, UFMA, 2009, p. 1-9.

RIZZO, João. Slides Deleuze: rizoma. In: TRINDADE, Rafael. *Deleuze*: Rizoma. Razão Inadequada. Disponível em: https://pt.slideshare.net/joaorizzo1/deleuze-rizoma-razo-inadequada?from_action=save. Acesso em 02 jul. 2020.

RODRIGUES, Felipe de Jesus. Glossário de publicações alternativas. *Imaginário!*, UFPB, João Pessoa – PB, vol. 1, n. 16, p. 136-161, jun. 2019.

RUSMANDO, Luis Marcelo. O problema do monismo em Espinosa. *Cadernos Espinosanos*, USP – SP, v. 1, n. 39, p. 107-124, dez. 2018.

SAMPAIO, Helena. O setor privado de ensino superior no Brasil: continuidades e transformações. *Revista Ensino Superior da Unicamp*, n. 3, jun./set. 2011.

SANDEL, Michael. Justiça: o que é fazer a coisa certa? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. Resenha de MALUF CHAVES, André Luiz. Resenha do livro: justiça "O que é fazer a coisa certa" de Michael J. Sandel à luz da ideologia comunitarista. *Revista de Direito dos Monitores da Universidade*, 2012.

SCHAEFFER, Enrico. Noções de Genealogia Científica. *Revista de História*, USP – SP, v. 21, n. 44, p. 487-514, dez. 1960.

SOARES, Laura Tavares. *Ajuste neoliberal e desajuste social na América Latina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SOUSA, Kátia Menezes de. Discurso e biopolítica na sociedade de controle. In: TASSO, Italo; NAVARRO, Pedro, orgs. *Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas* [online]. Maringá: Eduem, 2012, p. 41-55.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SWANSBURG, John. *The self-made man*: the story of America's most pliable, pernicious, irrepressible myth. Slate, 2014. Disponível em: http://www.slate.com/articles/news_and_politics/history/2014/09/the_self_made_man_history_of_a_myth_from_ben_franklin_to_andrew_carnegie.html. Acesso em 22 de jul. 2020.

TAVARES, Maria da Conceição; MELIN, Luiz Eduardo. Mitos globais e fatos regionais. In: *Globalização*: o fato e o mito. FIORI, José Luiz; LOURENÇO, Maria Skinner de; NORONHA, José Carvalho de. (Org.) Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 41-54.

YOUNG, Michael. *The rising of the meritocracy*. Bristol: Pelican Books, 1958.

YOUNG, Michael. *Down with meritocracy*. The Guardian, 2001. Disponível em: http://www.theguardian.com/politics/2001/jun/29/comment. Acesso em 20 de jul. 2020.

APÊNDICES

A – FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA "Do poder ao discurso de meritocracia: a universidade enquanto lugar a ser conquistado"

Você, aluno de graduação ingressante na UFG-RC entre 2018 e 2019, está sendo convidado(a) para participar, voluntariamente, da pesquisa “Do poder ao discurso de meritocracia: a universidade enquanto lugar a ser conquistado”, de autoria de Tainá Camila dos Santos (mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão), sob orientação do Prof. Dr. Bruno Franceschini. Este estudo tem como objetivo investigar, por meio da Análise do Discurso, de que modo a universidade se configura, discursivamente, como um espaço a ser conquistado.

Diante disso, sua participação consistirá em responder a algumas questões relacionadas com a sua experiência para chegar à universidade, com a sua relação com os exames de seleção (como o ENEM), bem como com a sua relação com a universidade, com o seu curso, compreendendo o que o espaço universitário significa a você.

Devido ao cenário atípico ocasionado pela COVID-19, se você aceitar participar desta pesquisa, concorda em responder a essas questões utilizando ferramentas de videochamada, encontradas em serviços oferecidos online, como o Google Meet e Skype, levando em conta a acessibilidade às ferramentas selecionadas previamente, estando a pesquisadora responsável disponível a responder a quaisquer dúvidas e colocações referentes a isso. Essas medidas são necessárias a fim de não haver riscos relacionados à pandemia que atinjam os(as) participantes.

Os riscos na participação são mínimos, dirigidos ao caso de você não se sentir bem para responder alguma pergunta. Nessas circunstâncias, você tem o direito de negar resposta a qualquer questão e, também, a desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. A sua recusa, seja por qualquer motivo, não acarretará nenhum prejuízo a você.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais, assegurando o sigilo de sua participação. Assim, os resultados serão divulgados nos meios acadêmicos e científicos sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Está assegurada a garantia do sigilo das suas informações. Você não terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à sua participação na pesquisa. Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa e a sua possível participação, você poderá entrar em contato com a responsável pelo estudo: Tainá Camila dos Santos, telefone: (19) 987520493 ou e-mail: santos.tainac@gmail.com. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) também poderá ser consultado caso você tenha alguma consideração ou dúvida sobre a ética dessa pesquisa.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (CAAE 26381619.6.0000.8409). O Comitê de Ética pode ser contatado através do e- mail s ecretaria.cep.ufcat@gmail.com ou do telefone (64) 34417609.

Sua participação é importante e voluntária e terá como benefícios gerar informações que serão úteis para obtenção e aprimoramento de conhecimento sobre o que a universidade representa aos ingressantes e sua problematização como um lugar de conquista. Não haverá, entretanto, benefícios diretos ou imediatos aos participantes. Cabe salientar que todo(a) participante terá direito a cópias impressas ou digitais do documento final da dissertação resultante da pesquisa.

O tempo médio para preenchimento do formulário é de 3 minutos. Preencha com o seu e-mail para receber o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

*Obrigatório

Endereço de e-mail *

Matrícula (apenas estudantes de cursos de graduação com ingresso em 2018 e 2019)*

Curso*

Você tem interesse em participar da pesquisa?*

( ) Sim

( ) Não

Número de telefone celular (opcional)

Você tem disponibilidade para realização de entrevistas em uma data previamente marcada (podendo ser à distância por aplicativos de áudio/chamava de vídeo)?*

( ) Sim

( ) Não

Alguma dúvida? Comente:

Enviar

Google Formulários

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "Do poder ao discurso de meritocracia: a universidade enquanto lugar a ser conquistado". Meu nome é Tainá Camila dos Santos, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Letras – Linguística. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que, em caso de recusa na participação, você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail (s antos.tainac@gmail.com) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (19) 98752-0493. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão, pelo telefone (64) 3441-7609.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

1.1 Título: Do poder ao discurso de meritocracia: a universidade enquanto lugar a ser conquistado

Justificativa: Anualmente, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é aplicado no Brasil, atuando como porta de entrada de inúmeras pessoas à universidade. Se partirmos para a história do ENEM, veremos seu surgimento nos anos 90 com a finalidade distinta de um vestibular, servindo para avaliar o desempenho do Ensino Médio no país. Somente com a aprovação do Programa Universidade Para Todos (ProUni), em 2005, o exame começou a valer como instrumento de seleção de bolsistas integrais e parciais de instituições

privadas de Ensino Superior. Depois, com o Sistema de Seleção Unificada (SiSU), em 2010, o ENEM se consolidou como o maior vestibular do país, sendo o principal sistema de seleção para os Institutos e Universidades Federais.

Conforme o exame foi se tornando um grande vestibular, o Ministério da Educação (MEC), não só se encarregava (se ainda se encarrega) de elaborar as provas, mas também a divulga-las, noticiando as datas, as regras durante a execução e dicas de "que maneira concluir uma boa prova", "como se preparar adequadamente" e "conquistar esse sonho" (BRASIL, 2017). Deste modo, candidatos à universidade são apresentados como responsáveis pelos seus resultados, especificamente pelas suas notas, somadas pela quantidade de pntos obtidos na prova.

Levando em conta a divulgação do MEC sobre o ENEM e o que se diz sobre a universidade, nos indagamos, nesta pesquisa, acerca de que forma a universidade se configura um "lugar a ser conquistado" e como ela é vivenciada pelos ingressantes, que passaram pela experiência do processo seletivo, o ENEM. Nossa proposta é, por meio de entrevistas semi-estruturadas, fazer perguntas que envolvem a experiência do processo seletivo e da entrada na universidade para os entrevistados responderem (se quiserem). Posteriormente, pretendemos realizar a coleta de enunciados que possibilitem visualizar, discursivamente, de que modo a universidade se forma discursivamente para quem a vivencia. Temos a hipótese de que o discurso de meritocracia (como o existente nas propagandas audiovisuais do MEC) atua na configuração da universidade enquanto espaço meritocrático.

Além do exposto acima, justificamos esta pesquisa com a relevância dos estudos discursivos foucaultianos aplicados na realidade social do país e, sobretudo, aplicados para o estudo da subjetividade, uma vez que nossa proposta é investigar o sujeito ingressante e a configuração da universidade (lugar que ele ocupa).

Objetivo:

Geral: Investigar, por meio da análise discursiva do corpus (vídeos do MEC e entrevistas realizadas), como se dá a relação do discurso de meritocracia com a configuração da universidade enquanto "lugar a ser conquistado".

Específicos: Os objetivos específicos são:

- Discutir como, nas entrevistas realizadas, a universidade é objetivada, considerando qual o discurso verdadeiro sobre ela;

- Investigar quais os campos associados que formam essa universidade como "lugar a ser conquistado", na perspectiva dos estudos discursivos foucaulitanos ;

- Descrever a constituição da meritocracia no discurso do MEC e na subjetividade do sujeito ingressante;

- Contribuir aos estudos discursivos no desenvolvimento dos conceitos foucaultianos aqui mencionados, bem como acerca da constituição do objeto meritocracia.

1.2 Procedimentos utilizados na pesquisa ou descrição detalhada dos métodos.

O trabalho é inscrito na Análise do Discurso e terá como fundamentação teórica a arquegenealogia foucaultiana. Deste modo, inicialmente, pesquisaremos, nas obras de Michel Foucault, o suporte necessário para realizarmos uma pesquisa discursiva, nos aprofundando nas noções de discurso, sujeito, objetivação e subjetivação. Posteriormente, coletaremos cerca de dez enunciados do MEC, que apresentam a meritocracia e que discorrem sobre o ENEM e ingresso nas universidades.

Como nosso trabalho envolve entrevistas, baseadas na categoria de vivência tópica e semi-estruturada, descrita por Minayo (2001), submeteremos a proposta ao Comitê de Ética em Pesquisa e aguardaremos a deliberação para, assim, entrevistarmos cerca de dez estudantes ingressantes da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, cujo ingresso ocorreu entre 2018 e 2019. Optaremos por selecionar estudantes de cursos diversos: Letras, Ciências Sociais, História, Geografia, Pedagogia, Educação Física, Matemática, Física, Medicina e Engenharia de Produção, de Computação, de Minas e/ou Civil etc., a fim de apurarmos as diversas experiências em mais de um curso. Diante do quadro da COVID-19, a fim de evitar riscos relacionados à pandemia, as entrevistas serão realizadas individualmente com cada participante por meio de serviços online de videochamada, o que será previamente acordado com os(as) participantes. As entrevistas serão gravadas sem intuito de divulgação de imagem, exclusivamente para, posteriormente, serem transcritas, com permissão de cada participante. Serão levantadas, então, oito questões que envolvem a experiência com o vestibular e com a entrada na universidade, constando que, a todo o

momento, as mesmas questões estarão abertas para discussão e opinião do participante entrevistado, sobre como ele se sente na universidade, por exemplo. Para a coleta e análise dos enunciados das entrevistas transcritas, utilizaremos, como metodologia, a elaboração de séries enunciativas de Foucault (2008), com a finalidade de traçar a regularidade do discurso de meritocracia institucional (do MEC) e o discurso de meritocracia que constitui o sujeito ingressante (analisado por meio das entrevistas) em sua relação com a universidade e com o que ela representa (lugar de conquista social, de ascensão ou não etc). Salientamos a finalidade de refletir se a configuração da universidade se dá, também, pelo discurso do sujeito ingressante sobre ela e sobre si mesmo.

Finalizada as análises das entrevistas, após a dissertação ser entregue e defendida, disponibilizaremos os exemplares para cada participante.

1.3 Adverte-se que há a possibilidade de riscos mínimos na realização da pesquisa, a exemplo do desconforto ou constrangimento ao participante no momento da entrevista. Nesses casos, assegura-se que o participante possui o direito de não responder às perguntas que lhe causarem algum tipo de incômodo ou constrangimento. Caso o participante tenha sintomas como intimidação, angústia, insatisfação, irritação em relação à sua cooperação com a pesquisa, a pesquisadora se responsabiliza por suspender, imediatamente, a atividade e auxiliar o participante no que for preciso caso ele tenha que se deslocar a uma unidade de saúde.

Há, porém, benefícios, como a divulgação de resultados da pesquisa por meio da publicação de artigos e da apresentação oral de comunicações, bem como a possibilidade de o participante expressar as suas opiniões e vivências, que serão levadas em conta em todo o estudo. Deste modo, a pesquisa pretende propiciar a reflexão crítica acerca da universidade e das experiências sociais dos participantes. Para tanto, além da realização das entrevistas, a pesquisadora responsável disponibilizará cópias das publicações aos participantes, incluindo a dissertação, haja vista que serão resultados possibilitados por todos os participantes voluntários.

1.4 Caso haja alguma despesa financeira de sua parte, decorrente da sua cooperação com a pesquisa realizada, tais como de transporte e/ou alimentação, garante-se a você o seu total ressarcimento em espécie, no momento da realização da entrevista.

1.5 Apresenta-se a garantia expressa de sua liberdade, como participante, de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

1.6 Garante-se a sua liberdade, enquanto participante da pesquisa, de se recusar a responder questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento durante a entrevista.

1.7 Declara-se que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.8 Os resultados dessa pesquisa farão parte de publicações de artigos, capítulos de livros, apresentações orais em eventos científicos nacionais e internacionais. Além disso, conforme os resultados parciais forem publicados (artigos, resumos, capítulos e outros), uma cópia digital será enviada para cada participante. Assim que a dissertação for defendida, uma cópia digital do arquivo também será enviada.

1.9 É garantido a você o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrente da sua participação nessa pesquisa.

1.10 É garantido ao participante obter uma cópia impressa e digital deste formulário, disponibilizada em pdf ao fim do preenchimento por e-mail ao participante.

1.11 O tempo médio para leitura e preenchimento deste formulário é de 20 minutos.

*Obrigatório

Caso aceite o convite, você responderá a uma entrevista de natureza semi- estruturada e qualitativa, a qual contém 8 (oito) questões discursivas, perguntadas oralmente pela pesquisadora responsável, em diálogo aberto com você, por meio de videochamada em ferramentas online, como Google Meet e Skype, de acordo com a sua acessibilidade e maior familiaridade. Dessa maneira, marque a opção para permitir ou não a divulgação das suas respostas nos resultados publicados da pesquisa. *

( ) Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

( ) Não permito a publicação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

É garantido o sigilo de seu nome e informações pessoais, assegurando-se o seu anonimato e privacidade enquanto participante dessa pesquisa, caso seja do seu interesse. No entanto, se for do seu interesse a identificação do seu nome nos resultados da pesquisa, basta selecionar a alternativa adequada, que está disponível abaixo: *

( ) Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

( ) Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

Conforme o artigo 28 da resolução nº 510 da Ética na Pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais, os dados a serem coletados nessa pesquisa serão armazenados por 05 (cinco) anos, uma vez que esse material visa à execução e divulgação de produções científicas futuras – em forma de artigos, capítulos de livros etc. –, tornando os resultados de domínio público, sejam eles favoráveis ou não. Toda pesquisa futura a ser feita com os dados que foram coletados nesta pesquisa deverá ser autorizada pelo/a participante e também ser submetida novamente para aprovação do CEP institucional e, quando for o caso, do CONEP. Desta maneira, assinale para permitir ou não a guarda do material a ser coletado, pela pesquisadora, para o uso em pesquisas futuras: *

( ) Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados.

( ) Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados.

Preencha seus dados (para fins exclusivos de validação do termo, sem, portanto, qualquer divulgação das informações). Qual o seu nome? *

RG:*

CPF*

E-mail para contato:

Qual o seu curso na UFG – Regional Catalão?*

Qual o seu ano de ingresso?*

( ) 2018

( ) 2019

Matrícula:

Eu concordo em participar do estudo intitulado “DO PODER AO DISCURSO DE MERITOCRACIA: A UNIVERSIDADE ENQUANTO LUGAR A SER CONQUISTADO”.

Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Tainá Camila dos Santos sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito. *

( ) Li e concordo em participar da pesquisa.

Ao clicar no botão abaixo, o (a) Senhor (a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador. *

( ) Concordo.

Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa e a sua possível participação, você poderá entrar em contato com a responsável pelo estudo: Tainá Camila dos Santos, telefone: (19) 987520493 ou e-mail: santos.tainac@gmail.com. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) também poderá ser consultado caso você tenha alguma consideração ou dúvida sobre a ética dessa pesquisa. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (CAAE 26381619.6.0000.8409). O Comitê de Ética pode ser contatado através do e-mail secretaria.cep.ufcat@gmail.com ou do telefone (64) 34417609.

( ) Estou ciente. Enviar

APÊNDICE C – ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS (TRANSCRITAS)

ENTREVISTA 01

Identificação: SARA

Entrevista: 28/09/2020

Curso: Letras – Português (UFG-Regional Catalão/ UFCAT em transição)

Ingressante de 2018

Pesquisadora: Bom, a gravação começou. Como eu havia comentado, serão oito perguntas norteadoras, é... pra você responder como queira. Meu trabalho tem como objeto de estudo a meritocracia como constitutiva do espaço da universidade.

Sara: Ah, eu sei. Muito legal!

Pesquisadora: Então podemos começar?

Sara: Ahan.

Pesquisadora: A primeira pergunta é "como você imagina a universidade antes de seu ingresso na instituição? E como você vê agora?" (Pausa).

Sara: Como eu imaginava antes e como eu imaginava agora?

Pesquisadora: Isso.

Sara: Eu imagi, é, tipo assim, né... As pessoas que estão ao meu redor, elas nunca fizeram faculdade, as poucas que fizeram me faziam... falavam do, do espaço da universidade como um lugar meio pervertido, tipo que tinha de tudo, cê ia ver tudo o que pensasse na vida, me falavam um monte de coisa, tipo o que o (nome do atual presidente do Brasil) fala em relação à universidade, as balbúrdias, só falavam isso. Quando eu entrei, eu vi que lá é completamente diferente, é um universo que abre sua mente e você aprende muito sobre diversidade, aprende de tudo, completamente diferente a minha visão anterior com a minha visão agora.

Pesquisadora: E... o que que moveu você a entrar mesmo com esses comentários sobre balbúrdia?

Sara: Foi quando eu estava no terceiro ano do Ensino Médio, eu conheci, eu fiz cursinho, e meus professores, muitos da área de humanas falavam... me mostraram que era

completamente diferente dessa visão da universidade, mostraram que tinha a questão da ciência, que a gente podia fazer pesquisa, mestrado e doutorado e que a gente podia crescer e descobrir coisas diferentes.

Pesquisadora: Ah, então (inaudível).

Sara: Em 2016, eu participei do "Vem pra UFU", que é a feira de profissões, tipo que tem na UFG, aí eu conheci o pessoal da Psicologia, a menina, uma das moças que estava apresentando o (inaudível) da Psicologia me falou da pesquisa, e eu queria fazer Psicologia. Eu, na minha mente eu queria entrar na Psicologia pra fazer pesquisa, então eu já fui pensando na pesquisa, eu não fui pra Psicologia, acabei indo pra Letras, mas já fui com a mente na pesquisa.

Pesquisadora: Ótimo, então você já foi querendo pesquisar mais, saber...

Sara: Ahan!

Pesquisadora: Muito bom (pausa). É, a segunda questão, agora, é "qual o seu sentimento frente ao ingresso? O que você pensa sobre sua classificação e consequente aprovação no curso que você escolheu?" (Pausa).

Sara: É, eu entrei... Eu tô na Letras, mas não, no início eu não queria fazer Letras, eu queria ir pra Psicologia. Faltou quarenta pontos pra eu poder entrar na Psicologia, e na época eu fiquei muito chateada, por causa de quarenta pontos eu não entrei no curso que eu queria, mas na minha aprovação na Letras eu entrei em ampla concorrência, entrei, tipo assim, fui aprovada na primeira chamada, mesmo não querendo eu entrei e... Entrar, eu entrei no curso sem expectativa, só que depois foi ganhando o meu coração.

Pesquisadora: Acabou que você gostou da Letras?

Sara: Acabou que gostei, não desisti, não troquei de curso no meio do caminho.

Pesquisadora: E o que você pensa sobre ter sido classificada em Letras, mesmo não tendo sido o seu foco, você pensa que é uma coisa boa?

Sara: Sim, eu entrei numa posição muito boa, em comparação, assim, no ranking, numa classificação muito boa. É... Eu me sinto privilegiada, eu pude fazer cursinho, eu puder estudar bastante em comparação a outras pessoas que eu conheço que não tiveram a mesma oportunidade que eu, então eu me sinto muito privilegiada no meu ingresso no curso de Letras (pausa).

Pesquisadora: Entendi. Posso ir pra próxima questão?

Sara: Pode.

Pesquisadora: Tá. Sobre a política de cotas... "o que você pensa sobre essa questão de reserva de vagas em diferentes modalidades? Qual sua opinião sobre isso?" (Pausa).

Sara: É muito necessário. É muito necessário, muito importante a questão das cotas, porque ajuda muitas pessoas a entrarem na universidade! Tipo assim, a questão da escola pública, tanto a das cotas raciais, a questão de baixa renda... É muito importante, porque ajuda pessoas que não tinham, que... condições de entrar na universidade, que estão ingressando e tendo uma vida acadêmica. Isso é importantíssimo!

Pesquisadora: É, e tem gente que, pra você, então, é... são desiguais as oportunidades? Tem gente que tem mais...

Sara: São! É, tem gente que tem mais, tem gente que tem menos, parece que todo mundo é igual e não é, têm pessoas mais privilegiadas do que as outras (pausa).

Pesquisadora: Entendi. E "o que você pensa sobre a sua preparação pro vestibular, o ENEM, com relação à rotina de aulas, horas de estudo, a sua vida pessoal? Como era?" (Pausa).

Sara: Ai, (nome da pesquisadora), foi uma, foi um baque a época do... do terceiro ano, porque eu já saí do terceiro ano direto pra universidade. Na época eu pude fazer cursinho, a gente, minha mãe trabalhava, tava trabalhando, eu também comecei a trabalhar, a gente juntou e conseguiu pagar. Então... Eu trabalhava de manhã numa escola, das seis até meio-dia, à tarde eu fazia Ensino Médio, tava no último ano do Ensino Médio, e ainda estudava à noite, então... e às vezes, eu pegava um pedaço da madrugada pra terminar de fazer trabalho e revisar matéria, então foi muito corrido na época. O estresse foi tão grande que eu tive uma queda de cabelo, o meu cabelo aqui hoje é meu cabelo novo, porque na época o meu cabelo caiu praticamente todo, e eu passei por um processo... eu tive um problema de saúde, então, assim, foi muito desgastante, veio a ansiedade, veio estresse, e o meu corpo pediu socorro, na época.

Pesquisadora: Era uma rotina muito difícil, então, estudar, trabalhar...?

Sara: Era muito difícil! Era muito desgastante! Era... estudo de manhã, à noite, à tarde... era muito corrido (pausa).

Pesquisadora: Tá bom... E pra você "há diferença entre o espaço universitário e os demais espaços ocupados por você no cotidiano?" Você percebe diferenças entre as pessoas...?

Sara: Sim. A gente percebe a visão das pessoas. Na universidade, assim, a gente vê uma visão mais aberta, em alguns outros lugares que eu frequento não tem uma visão assim de mundo (pausa).

Pesquisadora: Entendi (pausa). E "você conhece alguém que prestou vestibular, especificamente o ENEM, e não conseguiu a vaga que pretendia?"

Sara: Ahan. Sim, eu conheço. Sim, eu conheço muita gente que tentou, se frustrou e hoje desistiu de fazer a universidade, não quis seguir mais a carreira acadêmica. Desistiu.

Pesquisadora: Por conta do processo, mesmo? Desgastante...

Sara: Por conta do processo! É muito desgastante (pausa).

Pesquisadora: E... Agora eu vou falar uma frase, na verdade o que chamamos de enunciado, vou ler pra você e quero saber a sua posição, porque a questão é qual a sua posição, o que você pensa frente a este enunciado. É um slogan do MEC em relação ao ENEM, que é "quem se preparar vai se dar bem" (pausa).

Sara: Nem sempre! Isso é um mito, nem sempre a gente, a pessoa que se prepara se dá bem. Eu falo... Tipo, o ENEM pra mim não é nem tanto uma prova pra ver o seu conhecimento, porque eu conheço muitas pessoas que sabiam, que são inteligentes, que entendiam do conteúdo, mas na hora de colocar no papel, de fazer o ENEM, não conseguiram, não conseguiram fazer a prova, porque... Eu tinha um professor amigo meu que ele falava que o ENEM é mais uma prova de resistência do que uma prova pra testar seu conhecimento, porque ali cê tem quatro horas, cinco, dependendo do dia, pra resolver noventa questões que se você for resolver num dia normal, você gasta quase meia hora pra cada questão, fora uma redação, que a gente que é do curso de Letras é acostumado a escrever, demora pra escrever uma redação, quanto mais uma pessoa que tá saindo do Ensino Médio ou que não teve tempo pra estudar pra fazer uma prova, então, não é sempre que uma pessoa se prepara que ela vai dar conta. Eu falo por mim, porque eu tinha estudado redação, tinha estudado tudo, na hora de escrever não saiu.

Pesquisadora: Até por causa da tensão, também, na hora, né.

Sara: É por causa da tensão, ansiedade, a pessoa fica ali... (Pausa).

Pesquisadora: E a oita e última pergunta. "Você que estar na universidade garante algo pra você no futuro?" (Pausa).

Sara: Ah, eu... Tem... Conheço pessoa... Eu acho que nem sempre garante, porque vai depender muito das oportunidades. A universidade vai trazer conhecimento pra gente, isso ninguém pode tirar, mas a questão de um emprego, de um lugar melhor, eu acho que não.

Pesquisadora: Você acha que ela tem algum, assim, poder sobre a sua profissão futuramente, alguma ascensão social?

Sara: Tem. Na nossa profissão, tem sim. Porque se olhar a questão de currículo, a universidade, o que você fez, a sua produção, tipo, num concurso público, o que você fez, a sua produção na universidade, vai definir a sua colocação na... no concurso que seja. Então, define sim (pausa).

Pesquisadora: Entendi. Bom, antes de finalizar, eu gostaria de agradecer por sua participação, você é a primeira pessoa que eu entrevisto, até agora...

Sara: Gente, que orgulho (riso)! Tô me sentindo honrada, agora.

Pesquisadora: E desculpa pelas complicações com a chamada, porque teve chuva forte aqui e fiquei um tempo sem internet, mas que bom que deu certo, obrigada demais!

Sara: De nada!

Pesquisadora: E aí eu queria perguntar pra você, porque a gente não vai divulgar os nomes reais dos participantes, né, mas a gente vai divulgar nomes fictícios, né. Se você tem uma sugestão de nome, uma sugestão de nome que você queira usar pra você, assim...

Sara: (Pausa) Um nome... Deixa eu pensar, aqui... (Pausa) Coloca Sara, que todo mundo fala que eu tenho cara de Sara.

Pesquisadora: Sara? Tá bom! (Pausa) Então é só isso! Muito obrigada, viu, vou escrever e vou te mandar, vou mandar cópias pra todos os participantes.

Sara: Ahan. Então tá bom! De nada!

Pesquisadora: Boa sorte aí nos estudos!

Sara: Ai, tô precisando, tem muita coisa pra estudar (riso).

Pesquisadora: É! (Riso) Tchau, Sara!

Sara: Tchau!

.....
.

ENTREVISTA 02

Identificação: ARIEL

Entrevista: 02/10/2020

Curso: Física - licenciatura (UFG-Regional Catalão/ UFCAT em transição)

Ingressante de 2019

Pesquisadora: Bom, então eu vou começar fazendo oito questões norteadoras e aí você tem total liberdade pra responder, tanto sua opinião, quanto... questões, assim, de sua vivência, mesmo, tá bom?

Ariel: Tá.

Pesquisadora: Primeiro eu queria falar um pouquinho desse trabalho, qual a motivação desse trabalho, eu tô trabalhando a universidade enquanto espaço meritocrático, então eu quero estudar pra ver, né, a hipótese, concluir sobre essa hipótese, se há o lugar meritocrático na universidade. Então, eu tô... além de pegando enunciados do MEC, falando sobre o ENEM, sobre a universidade como esse lugar, eu tô pegando, também, a própria vivência dos ingressantes. Aí, no caso, eu fiz um recorte pra 2018 e 2019. Você é de qual curso?

Ariel: Eu sou da Física.

Pesquisadora: Ah, sim. Okay, então eu vou fazer a primeira pergunta, posso fazer?

Ariel: Pode.

Pesquisadora: Se tiver alguma dúvida, pode me perguntar.

Ariel: Tá.

Pesquisadora: A primeira questão é "como você imaginava a universidade antes de seu ingresso na instituição? E agora?" (Pausa).

Ariel: Hmm, okay... Então, é... Na verdade, eu esperava que eu encontrasse uma quantidade de pessoas da elite maior, sabe? Eu via a faculdade como uma coisa inalcançável, até porque eu vim de uma cidade muito pequena e lá as pessoas nem falavam sobre a possibilidade de você entrar numa universidade. Não era algo que chegava na gente, assim, sabe, como nas cidade grande, onde desde o primeiro ano do Ensino Médio você já começa a ter um estudo com base no ENEM, coisa do tipo, sabe.

Pesquisadora: E aí então você esperava encontrar mais pessoas de classe privilegiada, por ter, é... vindo de um lugar em que isso não era pensado, assim?

Ariel: Sim. Então, acontece que... (Pausa) até mesmo a própria imagem da universidade chega meia distorcida nas cidades pequenas, né, isso é um problema e reflete um pouco na questão da informação que chega muito mais pra quem vive na cidade grande do que pras pessoas que estão nessa zona, sabe? É o meu caso, por exemplo. Mas enfim, é... Continuando. Quando eu cheguei na faculdade, eu percebi que... era meio que por nichos, sabe, cada curso tinha uma parcela de... pessoas da elite, digamos assim, sabe? Então... No meu curso, por exemplo, da Física, a questão da... da classe mesmo das pessoas, era muito mais evidente que era pessoas de uma classe baixa, é... e coisa do tipo, mas... eu tô num processo que eu tava querendo mudar pro curso de Psicologia, daí eu frequentei uma aula com a primeira turma de Psicologia e no primeiro dia de aula a professora fez uma pergunta, que no curso de Psicologia... "Quem que veio das escolas públicas e quem que veio de escolas particulares?" E apenas cinco pessoas vieram de escolas públicas, então, tipo, foi aí que eu percebi que, cara, é muito dividido, assim, entre os cursos que são bem mais elitizados do que outros (pausa).

Pesquisadora: E você acha que pode ter a ver com as licenciaturas, assim? (Pausa).

Ariel: Com as licenciaturas?

Pesquisadora: É. Se você observou se as licenciaturas são cursos com mais pessoas vindas de escola pública, por exemplo.

Ariel: Eu não consegui perceber isso, porque eu entrei no curso de Física-bacharelado, e no curso de Psicologia é os dois juntos, então eu não consegui fazer essa percepção. Porém, depois, nos cursos... na Física, pelo menos, né, a Física-bacharelado entrou naquele ano, então a gente teve aula junto durante todo o ano, e depois teve uma divisão. O que eu

consegui perceber nessa divisão é que a galera da licenciatura... conse, desistiu, assim, muito mais rápido do que a galera do bacharelado. E eu, pelo menos, consigo enxergar a questão do privilégio dentro disso.

Pesquisadora: Entendi. Bem interessante isso que você coloca, descreve. E aí a segunda questão... Posso ir pra segunda? Ou você quer falar mais alguma coisa sobre isso...

Ariel: Pode.

Pesquisadora: "Qual o seu sentimento frente ao ingresso? O que você pensa sobre a sua classificação e consequente aprovação no curso escolhido?" (Pausa).

Ariel: Nossa, eu acho que eu sou bem privilegiado, porque mesmo tendo vindo de uma cidade pequena, ser de família pobre e tudo mais, a minha classificação foi, no curso, foi altíssima, sabe? Foi em segundo, eu acho, ah... da lista de classificação. E depois eu parei pra analisar como que isso se deu, e tipo, tem toda aquela questão que nem sempre fui desse meio, sabe, antes dos meus pais se separarem eu tinha uma situação financeira melhor, então, o meu início na escola, a base, tudo mais, eu acho que me deu prioridade nesse sentido, então meio que aprendi a estudar cedo, inclusive quando eu... meus pais se separaram e eu fui pra essa cidade onde meus avós moravam, eu fiquei dois anos adiantado, assim, em relação às pessoas que já estudavam lá por essa base de ensino que eu tive antes. Então acho que o meu privilégio foi nesse sentido, sem contar que eu também sou homem, sou cisgênero e sou branco, então... dá pra ver como que isso me deu vantagem pra eu ter essa classificação e poder ingressar na faculdade de primeira, sabe, assim que saí do Ensino Médio consegui entrar na faculdade. É... Porém, têm outros amigos que não conseguiram entrar assim de primeira, que eles trabalharam pra sustentar a casa e eles também era negros e tudo mais, inclusive, tinha situações que eu andava com eles e já gritaram que eles iam me assaltar e coisas do tipo e essas coisas interferem, sabe?

Pesquisadora: Ahan. Sim, com certeza!

Ariel: É... Dá pra perceber que existe essa questão do privilégio (pausa).

Pesquisadora: E aí a terceira questão entra bastante no que você tá colocando, aí é uma questão mais de opinião, mesmo. "Sobre a política de cotas, o que você pensa sobre essa questão de reserva de vagas em suas diferentes, diversas modalidades?" (Pausa).

Ariel: Eu acho que em si a política de cotas, ela não... não consegue dar conta de toda questão. Claro, sou super a favor da política de cotas, é necessário, só que o que acontece? Na Universidade de São Paulo tem cota pras pessoas trans, aí as pessoas trans entram nessa universidade, elas não podem usar o banheiro do qual gênero elas se identificam, e elas se deparam com alunos e funcionários transfóbicos, aí o que que acontece? Ela vai lá e sai do curso. E atualmente 0,2% de toda a população universitária, se eu não me engano, é trans. Só 0,2% ou 0,02, não sei. Mas... não adianta colocar a pessoa lá dentro, sabe? Ela tem que ter meios pra se permanecer nesse lugar, então eu acho que deveria mudar nesse sentido. Aqui em Catalão, por exemplo, têm muitos funcionários... eu posso falar isso?

Pesquisadora: Ahan.

Ariel: Têm muitos funcionários que são transfóbicos demais, funcionários que são homofóbicos demais, e como essas pessoas vão continuar dentro desse lugar se elas não têm essa... Tipo, precisa de uma estabilidade emocional pra poder lidar com isso, e têm as questões psicológicas, tem a questão da perseguição. Isso influencia se a pessoa vai ficar naquele meio ou não. E falando da política de cotas em si, as pessoas, elas têm oportunidades diferentes. Não tem como a gente medir a oportunidade que eu tive na minha vida, sendo homem, sendo cis, sendo branco, com as oportunidades de uma pessoa trans, mulher, negra têm, né? Ela tá ali lutando pra sobreviver, como é que ela vai entrar nessa universidade e tudo mais? Como é que uma pessoa que precisa ajudar a família com, trabalhando para se sustentar, para se manter viva e ter condições de entrar na universidade? (Pausa).

Pesquisadora: E assim, eu tô bastante pensativa com o que você tá falando, mesmo, porque assim, é mais do que a questão de entrar na universidade, é como você vai se manter lá dentro, né?

Ariel: Sim.

(Videochamada trava e há queda na internet do participante).

Ariel: Eu acho que deu uma quedinha. Conseguiu pegar o que eu falei da questão?

Pesquisadora: Consegui, sim. Mas tudo bem, só avisar se acontecer e voltamos, qualquer coisa.

(Internet do participante sofre, novamente, uma queda, fazendo com que fosse necessário reiniciar a chamada e outra gravação para prosseguir com o roteiro de perguntas).

Pesquisadora: Tá. Então eu vou pra questão de número quatro. “O que você pensa sobre a sua preparação para o vestibular, o ENEM, com relação à sua rotina de aulas, horas de estudo e vida pessoal?” (Pausa).

Ariel: Nossa, foi bem tranquilo!

Pesquisadora: Foi tranquilo?

Ariel: Foi tranquilo, porque eu não... É, foi tranquilo. Eu não precisava trabalhar, eu consegui me organizar cedo, até, para estudar pro ENEM. Eu só estudava de manhã, então, de tarde e de noite eu tava com tempo livre, então foi tranquilo nesse sentido. É... agora, assim, tem gente que não tem a possibilidade, né? Então a gente tem que pensar nessas pessoas também antes de falar qualquer coisa sobre a preparação e tudo mais. Por exemplo, a gente teve uma pérola do maravilhoso Governo, que... teve aquela propaganda, lá, de “estude, se reinvente”, não sei o que, aí tipo, não considerou que têm pessoas que não têm acesso à internet, e meses depois eles aumentam o preço dos livros, sabe? Tipo, como? Olha a contradição aí, sabe! Tipo, a gente tá claramente vivendo um Governo que está

sendo feito só para elitistas e só para elitis, para as pessoas da elite, sabe? Ai, o Governo não tá se preocupando nem um pouco com as pessoas que estão fora dessa bolha e não tá nem um pouco preocupado em criar mecanismos para que essas pessoas tenham, para que consigam realmente estudar para tentar nota boa e entrar no vestibular, porque ele sabe que pessoas que teve uma base vão conseguir ter uma nota alta, assim, muito mais fácil do que pessoas que não têm. Então, com relação a mim, a mim, foi tranquilo, eu consegui me preparar bem, eu consegui estudar bem, mesmo vindo só de escola pública, só que assim... a realidade, ela não se resume a mim. Então... é isso, eu acho (pausa).

Pesquisadora: Sim, você acha, então, que as questões que você colocou sobre privilégio, elas entram muito aí, também, né?

Ariel: Nossa, com certeza! Com certeza! Porque... eu não precisava trabalhar e tem gente que precisa trabalhar às vezes até os dois turnos, além de estudar, para conseguir ajudar dentro de casa. Então, (inaudível) encaixar o tempo pra estudar, não só a questão de tempo, a questão do psicológico, a questão de ter um dia cansativo, a questão de ela *viver* (ênfase com a entonação) sem saber o que vai comer mês que vem, tipo, essas preocupações eu não tive (pausa).

Pesquisadora: Sim, entendi... É... Posso ir pra próxima questão?

Ariel: Pode.

Pesquisadora: É... "Pra você, há diferença entre o espaço universitário e os demais espaços ocupados por você cotidianamente?"

Ariel: Diferença?

Pesquisadora: É, o que você... as pessoas, o meio da universidade e outros espaços que você frequenta.

Ariel: Ah, sim, sim! Tem muita diferença, nossa! De verdade. É... Bom, de certa forma todo mundo que tá dentro da universidade tem um certo privilégio, né. O que eu consigo perceber pelo menos dentro da minha família, é que as pessoas, elas não têm aquele... Não têm um estudo, mais, muita gente da minha família é analfabeta e eu fui... depois do meu irmão né, eu fui o segundo das únicas pessoas da família que conseguiram entrar numa universidade pública e quando eu vou discutir questões com as pessoas, eu percebo essas diferenças, sabe? Não só na questão de discussão política ou coisa do tipo, mas também sobre... a questão da vivência, mesmo, a questão do pensamento... Outra coisa que eu percebo aqui fora da universidade, eu consigo enxergar que as pessoas, elas são mais homofóbicas, porque... dentro da universidade tem essa perseguição, mas fora, pelo menos aqui na cidade de Catalão, é uma cidade totalmente homofóbica, então, nos arredores, eu percebo que isso acontece com mais frequência. Não é ter uma visão... enganada, pode ser, porque eu não tô aqui há muito tempo, eu tô aqui há dois anos e pouquinho, mas é pelo menos o que eu percebi e frequentando os lugares, né. Hmm... Dentro da universidade eu vi que tem mais diversidade... não, diversidade não! Diferença entre as pessoas, é...

sexualidade, e todas essas coisas, inclusive dentro da universidade eu consegui me politizar mais sobre isso. E é isso, tem bastante, tem diferença (riso) (pausa).

Pesquisadora: E você conhece alguém que prestou o vestibular, especificamente o ENEM, e não conseguiu a fa, a vaga que pretendia? (Pausa).

Ariel: Sim! Eu tenho uma amiga que ela não, ela não conseguiu a vaga, prestou vestibular duas vezes e ainda não conseguiu, mas tá tentando e... É uma pessoa que tem muitos problemas familiares e coisas do tipo, a família homofóbica, ela não é hétero, então as coisas prejudicam bastante, principalmente as questões psicológicas dela, o cansaço emocional para conseguir estudar com essas coisas... Hmm, chô vê, tem mais! Meu primo, também. Nossa! Pior que eu não tinha parado pra pensar nisso, porque todas as pessoas que eu tô citando, que eu tô conseguindo pensar, que não conseguiram entrar na universidade, têm umas características parecidas. Meu primo, ele também não conseguiu, faz dois anos que ele tá tentando e ele não conse, e eu nem saí da cidade onde eu ficava e... uma vez ele tentou pagar uma faculdade e desistiu na metade, então... Isso entra naquela questão que o pobre tá tendo que pagar a faculdade, enquanto o rico tá entrando na universidade pública, né. Enfim (pausa).

Pesquisadora: Tá. E... Qual é a sua posição frente ao enunciado, slogan do MEC, "quem se preparar vai se dar bem"? (Pausa).

Ariel: Totalmente patético! É bizarro como que as pessoas pensam que você, não, tipo, é que as pessoas que estão lá, fazendo essas propagandas, vivem na bolha delas de que todo mundo tem um lugarzinho pra estudar, tem dinheiro pra pagar um curso, tem acesso a uma internet boa, que não fica travando, que não fica caindo... Nem todo mundo tem essa possibilidade, tem gente que não, que vai pra escola apenas para *comer!* (ênfase com a entonação). E como que essa pessoa, ela vai sentar num espaço, vai pagar uma internet boa e vai começar a estudar? Não é uma questão de preparação, tem muita diferença social envolvida, tem muito dano histórico que alguns grupos, eles foram acometidos e mais. Então, tipo, é totalmente irreal! Totalmente... É difícil até de falar sobre isso, porque como que a gente chegou nesse ponto, né, de... Enfim, voltamos ao ano dois mil, onde a universidade era apenas para os ricos (pausa).

Pesquisadora: Ahan. Demais. (Pausa). E a última questão é "você acha que estar na universidade garante algo para você no futuro?" (Pausa).

Ariel: Hmm... Não, porque só o fato de estar na universidade não significa, necessariamente, que eu vou seguir, me manter nela até o final, porque tem a questão... têm várias questões que a gente não espera que acontecem, que acabam acontecendo, e questões internas da universidade que podem fazer com que eu desista da universidade ou coisas do tipo, têm questões externas, também, que influenciam nisso, então... Por exemplo, eu tinha uma amiga que entrou pro curso de Física e... ela voltar pra cidade dela porque a família dela tava passando necessidade porque era ela que sustentava. Então, estar na universidade não garante que você vai ficar nela e estar na universidade não garante que você vai ter um futuro sobre isso. *Apesar* (ênfase com a entonação) de que ninguém faz

uma faculdade pra ficar desempregado, ou não pensando em nada no seu futuro profissional, né, mas... não é garantia de que tudo isso vai ser, não à toa a gente tem políticas estudantis, né, para tentar conseguir fazer com que estudantes permaneçam dentro da universidade. Têm no caso, por exemplo, a bolsa permanência, a bolsa moradia, a bolsa alimentação, o repasse financeiro para a inclusão digital que tem agora, durante a pandemia, tanto quanto o repasse financeiro para a implantação do RU, então a gente precisa mesmo de um suporte, sabe, para conseguir se permanecer lá dentro e lidar com toda essa rotina de estudos, até conseguir sair dela. *Ainda assim* (ênfase com a entonação), depois que você sair da universidade, *se* (ênfase com a entonação) você sair, não é garantia de que você vai conseguir um emprego por conta disso, você pode ficar quatro anos procurando emprego, que você pode acabar ficando desempregado, principalmente se você for de uma classe... minoritária, sabe? Principalmente se você for negro, se você for trans, é... se você for pobre, enfim. Tudo isso vai interferir. Não é só o fato de você terminar uma faculdade, de você estar nela, que vai garantir o seu futuro, porque não vai (pausa).

Pesquisadora: Tá bom, nossa, quase que eu te aplaudo por respostas tão completas (riso). Gostei bastante dessa conversa. E pra te informar, assim, eu vou disponibilizar cópias a todos os participantes, assim que eu tiver escrito a dissertação e defendido. E aproveitando... Eu queria saber, a gente vai usar nomes fictícios, né, queria saber de um nome, se você tem um palpite pra você, que você gostaria que eu utilizasse (pausa).

Ariel: Hmm... Nomes fictícios...

Pesquisadora: Sim, um nome, um nome que você goste, que não seja o seu, né.

Ariel: Pode por... sei lá... Ariel.

Pesquisadora: Daniel?

Ariel: *Ariel* (ênfase com a entonação).

Pesquisadora: Ariel. Ah, tá! Boa escolha, um bom nome! (Pausa). Tá bom, muito obrigada! Se você tiver dúvida, comentário, pode me falar... Mantenho contato. Te agradeço muito!

Ariel: Obrigado você! Eu que agradeço e foi muito bom, eu amei as perguntas! Isso me fez pensar bastante, também, a respeito desse espaço que eu estou e também pra olhar mais ao redor, assim, e ver o que interfere na vida das pessoas que pelo menos eu tive contato para elas não estarem dentro desse espaço, né, para não conseguir, sabe? Minha cabeça fez tipo... explodiu aqui (riso).

Pesquisadora: É (riso). A gente fica sempre pensando, eu também penso sempre nisso. Mas... É isso, viu. E aí quando eu fizer tudo, te encaminho.

Ariel: Tá bom!

Pesquisadora: Brigada, tchau!

Ariel: Tchau!

.....
.

ENTREVISTA 03

Identificação: GRADA

Entrevista: 06/10/2020

Curso: Psicologia (UFG-Regional Catalão/UFCAT em transição)

Ingressante de 2018

Pesquisadora: Tá, começando, então, eu vou fazer assim... algumas perguntas norteadoras relacionadas à pesquisa, que estuda a constituição da universidade enquanto espaço meritocrático "a ser conquistado". Aí já seguimos com a gravação e vou fazer a primeira questão, certo?

Grada: Okay.

Pesquisadora: A primeira pergunta é "como você imaginava a universidade antes do seu ingresso? E agora?" (Pausa).

Grada: É... Como eu já fiz uma faculdade anteriormente, mas na privada, eu... eu fiquei muitos anos no cursinho, porque eu queria fazer Medicina, então eu imaginava que a federal seria um mundo, é... um mundo completamente diferente do que eu já havia vivenciado como... em outro nível superior, e eu achei que muitas coisas que eu tinha visto, ou vejo na universidade, acontece, eu achava que na universidade, por exemplo, não ia acontecer. E eu achava que, pelo falo de você tá estudando, assim, "estou estudando numa universidade federal" realmente significava nível e qualidade de ensino, mas depois que eu ingressei aqui na UFG de Catalão, que agora é UFCAT, eu percebi que muitas coisas não são como eu imaginava, meio que com, assim, eu tinha uma ilusão e a realidade era bem diferente do que eu... do que acho que a maioria das pessoas imaginam, depois que ingressam (pausa). Eu não vejo, assim, tem muita diferença, logicamente a gente sabe o que tá por trás da diferença do que é setor privado, do que é setor público, têm muitas diferenças. No meu curso, especificamente, eu vejo, não vejo tanto comprometimento por parte dos professores, eu não vejo empenho por parte dos professores, de *alguns* (ênfase com a entonação) professores, não vou generalizar, tá? Mas de alguns professores... Eles não... Tem uma normativa que regulamenta as nossas ações dentro da universidade, que é o RGCG, com certeza cê já deve ter ouvido falar, mas eu vejo que os professores não cumprem esse RGCG e eu, aqui, tenho sido considerada a pessoa chata, a pessoa dos protestos, a pessoa das denúncias, porque eu... eu, eu li esse RGCG umas vinte vezes desde que eu entrei aqui, porque eu denuncio tudo quanto é professor. Eu mexi nesse SIGAA pra descobrir tudo quanto é coisa, por exemplo, se eles faltam, a gente tem uma forma de denunciar lá, né, de denunciar não, falar que o professor não compareceu naquela aula, porque assim, é uma desmarcação de aula, com n desculpas, com promessas de reposição que nunca acontecem, professores que conseguem terminar o semestre letivo *um* (ênfase

com a entonação) mês antes, não sei, então assim... professores que... eles votam, têm que passar o plano de ensino no colegiado "aprovado", aí eles chegam jogam isso na sala, não seguem, não seguem as propostas, tiram assim, é que... eu tenho um professor aqui, que parece que ele faz proposital, assim, ele traz textos, tipo assim, de mil, é, artigos de mil novecentos e noventa e oito e, assim, da área médica, super desatualizado, às vezes traz artigos escritos dez anos atrás, mas lá dos Estados Unidos que não refere, não reflete a nossa realidade, sendo que eu sei que tem muita gente boa, fazendo muita coisa boa no país. Então eu não consigo entender essa postura, porque a maioria dos meus professores não moram em Catalão, então parece, assim, que passaram num concurso, porque não conseguiram passar numa universidade entre aspas "melhor", num lugar melhor, e estão aqui e parece que... como estão aqui, que parece que é uma terra sem lei nos confins do "não sei da onde", então pode-se fazer as coisas do jeito que quer, como quer. E aí, como eu já tenho uma idade bem destoante da idade dos meus colegas, obviamente que eu leio documentos, obviamente que eu cobro, obviamente que eu enfrento professor, então eu sou aquela pessoa dos, do período que professor já tem certo problema de vim, de pegar nossa turma, fala que nossa turma é difícil, mas não é porque nossa turma é difícil, é porque na nossa turma temos duas pessoas, que é eu e é uma pessoa que é professora também da UFG aqui, só que ela faz Psicologia comigo, e a gente contesta. Ela conhece bem também as normas e a gente não aceita.

Pesquisadora: Hum... É...

Grada: (Continua) Então eu percebo que por mais que o curso é integral e esse... e é bem puxado, mas eu ainda acho que a gente não tem essa qualidade de ensino aqui, porque têm metodologias e metodologias e professor que não consegue ter isso na sala de aula, não adia... Eu, particularmente, tem professor que eu prefiro estudar sozinha, que o que ele fala lá não me agrega absolutamente em nada, então, de certa forma, eu estou numa universidade federal, mas é um pouco decepcionante, pra mim, porque eu acho que, por exemplo, assim, a (nome de universidade privada) tem um nível maior, meu curso, pelo menos, o nível da (nome de universidade privada) tem um nível maior do que o daqui de Catalão, não sei de outros lugares (pausa).

Pesquisadora: Entendi... E seguindo as questões, agora, "qual é o seu sentimento frente ao ingresso? O que você pensa sobre sua classificação e consequente aprovação no curso que você escolheu?" (Pausa).

Grada: Então, eu não estou no curso que eu escolhi, né. Porque como eu tô numa segunda graduação, eu tô na segunda graduação, então eu queria é fazer Medicina. Então eu, eu fiquei muito tempo no cursinho, eu largava, eu abandonei tudo pra estudar porque eu queria Medicina. Então eu entrei aqui com, por aquele processo de vagas remanescentes e eu passei em primeiro lugar aqui... mas não foi algo assim que... não foi, acho que não foi como eu sentiria se tivesse passado pra Medicina, porque minha nota sempre deu pra Psicologia, inclusive já tinha passado lá em... em Grande Dourados, em Mato Grosso, a Psicologia é bem classificada lá... Eu já tinha passado, fiz um semestre e meio de Farmácia na UFG em Goiânia... Então, assim, como é muito difícil conseguir pra Medicina e em

qualquer outro curso eu entraria na UFG, não foi uma coisa assim "ai, nossa! Tô hiper feliz!". Eu entrei porque, na Psicologia porque... eu tava numa situação particular da minha vida que ou eu entrava na universidade, ou eu entrava na universidade, né, pra fazer. Mas eu tô conseguindo gostar do curso, apesar de todos esses problemas, eu tô amando o curso. Eu acho que eu deveria ter feito isso antes, inclusive, a Psicologia (pausa).

Pesquisadora: Foi uma surpresa sobre você tar amando o curso, então?

Grada: Sim! Essa é uma, apesar de todas essas deficiências que eu te falei, eu realmente tô *muito* (ênfase com a entonação) apaixonada pelo curso, tanto que eu acho, eu me arrepen... tem hora que eu me arrependo de ter perdido tanto tempo tentando Medicina (pausa).

Pesquisadora: É... O outro curso que você fez foi em que, por curiosidade?

Grada: Enfermagem. Eu fiz Enfermagem, terminei, trabalhei, depois eu entrei, eu fiz um ano e meio de Medicina na Argentina, eu fiz quase um ano de Farmácia em Goiânia, porque eu sempre quis Medicina (pausa).

Pesquisadora: Tá, bastante coisa, hein! A terceira questão é "sobre a política de cotas, o que você pensa sobre essa questão de reserva de vagas em suas diferentes modalidades?" Qual sua opinião sobre a política? (Pausa).

Grada: Apesar de eu não ser beneficiária, né, da política de cotas, eu sou *completamente* (ênfase com a entonação) favorável à política de cotas, visto que nosso país foi o último país a abolir a escravidão, e mesmo assim, quando aboliu, ainda... ainda continuou tendo o tráfico negreiro, né, o, o tráfico de, de pessoas escravizadas e como eu sou da raça negra, né, eu (inaudível) todas as consequências dessa escravidão. Na minha época, quando eu saí do Ensino Médio, não existiu, não existia essas políticas, então era *muito*, *muito* (ênfase com a entonação) difícil pra quem não estava *muito*, *muito* (ênfase com a entonação) preparado, não conseguia entrar na universidade (inaudível). Então, assim, eu lembro quando o pessoal falava USP, pra mim era como, era algo inalcançável. Quando eu pensava assim "UNIFESP", eu falava "Nossa, nunca vou estar lá!". Então, se não fosse a política de cotas pra dar uma oportunidade às pessoas que não tiveram ensino, é... muito bem preparado, é, um ní, um nível de qualidade pra entrar na universidade, essas pessoas não estariam lá, mesmo porque, mesmo com as cotas, a USP, a média pra entrar na USP, em qualquer curso, ainda é bem alta no ENEM. Tipo assim, eu nunca tirei a nota, mesmo agora, se eu fosse cotista, eu não conseguiria entrar na, na USP, por causa da nota mínima que eles impõem lá pra entrar na USP, que é alta (pausa). Eu acho que é uma questão de, realmente... é... é... tem que ser um comprometimento político de, de... pagamento de dívidas, mesmo! Porque nós herdamos, o povo negro herdamos todas essas questões de que ele... de invisibilização, de esquecimento por parte do Estado, é, a população negra é a mais pobre, é a que estão nas favelas, são as que estão em serviços subalternos, são as que *menos* (ênfase com a entonação) estão em cargos, é, em cargos... considerados cargos "bons", né, bom salário, então, é uma dívida histórica, sou completamente favorável não só nas universidades, para concursos públicos e para qualquer tipo de processo seletivo (pausa).

Pesquisadora: Bacana sua reflexão sobre! (Pausa) É... A próxima pergunta é "o que você pensa sobre a sua preparação para o vestibular, com relação, né, ao ENEM, com relação à rotina de aulas, horas de estudo e sua vida pessoal?" (pausa).

Grada: Vou, vou, eu aprendi a estudar quando eu fiz Medicina na Argentina, então, eu sempre, eu, eu, eu... Depois disso, eu consegui desenvolver uma rotina de estudo com horários, tudo muito definido, apesar da minha vida, de eu ser casada, na época ainda tinha dois filhos, quando eu cheguei aqui em Catalão que eu tava com a minha terceira filha, e no último ano que eu fiz cursinho meu ex-marido não queria me apoiar mais pagando cursinho, então eu tive que estudar sozinha e grávida. Então, que que eu fiz, como eu queria *muito* (ênfase com a entonação) tirar uma nota boa no ENEM, eu comprei um curso online, então eu deixava meus filhos, de manhã, na creche, a outra na escola, e ia pra biblioteca de uma faculdade perto da minha casa. No período que eles estavam na escola eu passava na biblioteca, então eu criei várias rotinas, por exemplo, durante o caminho que eu ia até a escola, eu ia ouvindo a CBN, que era notícias, eram oportunidade de eu ter acesso a notícias. É... Eu passava a manhã inteira com o celular desligado, muito intenso, aos sábados eu ia, todo sábado, pra biblioteca, e só resolvia prova do ENEM, num final de semana pra uma modalidade, no outro final de semana pra outra modalidade, e eu fiz isso durante um ano, estando grávida e meus filhos com conve, eu tinha uma filha que passava com psicólogo, pedagogo, com todos esses e outros fatores, fora as minhas consultas de... E aí eu já chegava tarde em casa, tinha uma rotina de estudo, eu colocava eles pra dormir nove horas, ainda tinha uma rotina de estudos até... nove horas da noite. Foi quando eu tirei uma nota melhor no ENEM, mas não suficiente pra entrar em Medicina, ainda.

Pesquisadora: Mas assim, com... Era esgotante, pra você, essa rotina?

Grada: Nossa!! Muito cansativa, porém prazerosa, porque eu, eu amo estudar! Eu realmente... acho que assim, se tivesse salário pra quem estudasse, eu ia ganhar o melhor salário, porque eu realmente sou muito comprometida com estudos, muito comprometida. Nessa quarentena eu acho que fiz mais de trinta cursos, assim, eu amo estudar! (Pausa).

Pesquisadora: É... A próxima é "para você, há diferença entre o espaço universitário e os demais espaços que você ocupa por... pelo cotidiano?" (Pausa).

Grada: Não entendi a pergunta.

Pesquisadora: Se há uma diferença entre o espaço da universidade, as pessoas que convivem nesse espaço, físico e social, as coisas que acontecem nesse espaço e outros espaços, por exemplo, o espaço de casa. Se você nota, assim, alguma diferença...

Grada: Uh! *Gritante*! (ênfase com a entonação). São dois universos completamente diferentes, o, o espaço da universidade é uma bolha que muita das vezes seria o mundo, em muitos aspectos seria o mundo que a gente gostaria de viver, com liberdade de expressão, liberdade sexual, é... é... é... acesso ao conhecimento, acesso a boas discussões, acesso ao crescimento intelectual... é um problema que sair desse mundo, dessa bolha, e vir pra realidade, a gente se depara com a contrariedade. E muitas vezes a gente é visto como

marginalizado porque a gente tá querendo revolucionar, a gente tá querendo mudar as coisas que sempre funcionaram de tal maneira, e não é, e não é, então são dois mundos, são dois mundos (pausa).

Pesquisadora: Sim, são. Você conhece alguém que prestou vestibular, é, especificamente o ENEM e não conseguiu a vaga que pretendia em uma universidade?

Grada: Conheço! (Pausa).

Pesquisadora: E qual é a sua posição frente ao enunciado "quem se preparar vai se dar bem"? É do MEC sobre o ENEM.

Grada: Essa frase nessa pandemia?!

Pesquisadora: Sim. É um slogan, na verdade.

Grada: É excludente! Totalmente excludente, porque vivemos realidades *completamente* (ênfase com a entonação) diferentes, porque o Brasil, ele já é um país de realidades diferentes, então não dá pra dizer pra um menino, que é da comunidade indígena, onde que não tem internet, que se ele se preparar, ele vai conseguir passar no ENEM. Mesmo com a política de cotas, ele não vai conseguir passar no ENEM, porque há outros indígenas, que estão na cidade, esses têm internet, esses vão conseguir passar no ENEM. É totalmente excludente, violento e mais uma vez é uma posição de um Estado omisso com a realidade do Brasil (pausa).

Pesquisadora: E a última questão é "você acha que estar na universidade é garantia de algo pra você no futuro?" (Pausa).

Grada: *Com certeza* (ênfase com a entonação). Porque quem aproveita... Como eu estudei, é, em universidade pública, a universidade pública tem algo maravilhoso que a universidade particular não tem, que é essa questão da pesquisa e da formação de um sujeito crítico, que na particular eu não tive isso, porque eu poderia ter passado por consciência de raça lá em dois mil e... noventa e nove, quando eu fiz minha primeira universidade, e eu nunca tive consciência de raça lá, eu tô passando por consciência de raça aqui, por quê? Porque eu faço parte de grupo de estudo, eu faço parte de coletivos, faço parte de militâncias, foi aqui que eu me descobri feminista, foi aqui que me desco, porque antes eu me decla, eu me autodeclarava como parda, e agora eu me autodeclaro como preta, porque eu estou conhecendo a história do meu país, da onde vieram (inaudível) os meus antepassados, então, *com certeza* (ênfase com a entonação) eu posso garantir que, como eu não tô nessa universidade a passeio, quando eu sair daqui eu vou conseguir uma boa vaga no mercado de trabalho, porque eu sei que tô me dedicando. Na outra universidade, eu estudava e trabalhava, essa eu só estudo, essa eu tenho mais tempo pra me dedicar, essa eu tenho outras oportunidades, inclusive, assim, de fazer mobilidade acadêmica, que é o que eu quero fazer... Então, claro e evidente, e é gritante que existem muitas possibilidades de... de um futuro bem promissor e o fato de eu estar numa universidade federal, apesar das deficiências que nós temos (pausa).

Pesquisadora: Tá bom. É muito interessante isso que você coloca, os contrastes, sobre os jogos de poder, a questão do funcionamento da universidade e até a localização, pela UFCAT não ser central e todos os impactos que isso têm sobre o que dizem sobre ela. E sobre a bolha, é... a universidade é uma zona de privilégio, né? Por poucos ainda terem acesso, apesar de ser mais do que em muitos tempos passados...

Grada: Eu posso dizer por mim! Eu sou a única da minha família por parte de pai e por parte de mãe numa universidade pública. E olha que minha família é grande pra cacete. Eu fui a única! Têm vários primos com diplomas, meus irmãos com diplomas, mas todos de universidade privada. E outra, eu tô com quarenta e um anos, eu vim conseguir isso agora, numa época em que, teoricamente, não era pra estar na universidade, porque existe muito preconceito, inclusive por parte da minha família, "ah, você já é formada, por que que você quer fazer outro curso?", "ah, você é mãe, agora não é sua vez, é a vez dos seus filhos!", existe muito preconceito, eu enfrento preconceito na universidade, no espaço, como se ali não fosse o meu lugar, não era para eu estar ali, que eu estou incomodando, né, mas enfim, eu sei que eu estou num lugar privilegiado, onde não deveria ser (pausa).

Pesquisadora: Ahan, entendo. E muito obrigada por suas respostas. Eu gostaria que você me desse um nome que você, assim, que fosse fictício, que não fosse seu, o seu nome real, né, pra eu utilizar na hora de fazer, de fazer as análises, porque a gente vai utilizar, manter o anonimato, e aí um nome que você gosta, que você queira... (Pausa).

Grada: Vou dar o nome de Grada.

Pesquisadora: Grada?

Grada: Isso.

Pesquisadora: Tá!

Grada: E eu gostaria de ter um feedback depois da sua...

Pesquisadora: Nossa, vai ter sim, eu ia dizer agora! Eu ia falar isso também. Eu vou mandar cópias pra todas as pessoas que participaram e vou manter contato, também.

Grada: Ah, eu gostaria de saber o resultado, que eu acho interessante porque eu sempre cito quando estou argumentando alguma coisa, eu gosto de citar que as pessoas fizeram pesquisa e quais conclusões que elas chegaram através das pesquisas.

Pesquisadora: Tá bom...

Grada: Eu já tenho mais ou menos uma noção do que você vai chegar lá no final.

Pesquisadora: É? (Riso).

Grada: Mas... pode ter os números que comprovem.

Pesquisadora: Vou retornar! E muito obrigada mesmo!

Grada: Eu que agradeço!

Pesquisadora: Tchau!

Grada: Tchau, bom dia!

.....
.

ENTREVISTA 04

Identificação: BERNARDO

Entrevista: 08/10/2020

Curso: Psicologia (UFG-Regional Catalão/ UFCAT em transição)

Ingressante de 2019

Pesquisadora: Bom, a minha pesquisa, ela é sobre a universidade enquanto lugar a ser conquistado, e eu pesquiso por meio do discurso, mesmo, é, então eu investigo o discurso que constitui esse lugar, é, meritocrático. É a hipótese da pesquisa, de que é um lugar constituído pelo discurso de meritocracia, e eu tô analisando tanto o discurso do Ministério da Educação, né, que é a instituição, quanto do sujeito que vivencia a universidade, que ingressa na universidade. É... então, por isso o meu objetivo de fazer as entrevistas... São oito questões norteadoras, então, assim, tem toda a liberdade pra transitar, pra falar o que pensa, o que quer falar e é isso. Aí quando você tiver pronto, é só falar, que eu vou fazer a primeira pergunta pra você. E se você tiver alguma dúvida, cê pode me falar, também (pausa).

Bernardo: A gente pode começar, e eu gostei muito do tema. Então, foi (inaudível) e eu quero me submeter a isso, porque muito se fala, mas pouco se sabe, né, o que se passa, porque... Acho que até dentro da universidade tem essa visão mesmo, né, meritocrática. Aí você vai poder falar, e eu quero ler essa dissertação sua (riso)...

Pesquisadora: Ah, eu vou mandar pra todo mundo que tá participando!

Bernardo: Demais. Cê defende ela no final do ano que vem, né?

Pesquisadora: Não, eu defendo ela *já* (ênfase com a entonação), pro comecinho do ano que vem, já.

Bernardo: Ah, no comecinho, já! Então já tá bem encaminhado.

Pesquisadora: É porque eu tive que atrasar um pouco as entrevistas por causa da situação da pandemia, de ter que refazer o projeto porque antes ia ser entrevista presencial, acabou atrasando tudo no Comitê de Ética... E é delicado, porque muda tudo à distância, até acessibilidade, mesmo...

Bernardo: É, muda tudo.

Pesquisadora: Deixa eu abrir aqui...

Bernardo: Tá bom.

Pesquisadora: Só pra confirmar... Você é de que curso, mesmo?

Bernardo: Sou da Psicologia.

Pesquisadora: Psicologia. Tá! Posso fazer a primeira questão?

Bernardo: Pode fazer!

Pesquisadora: "Como você imagina a universidade antes de seu ingresso na instituição? E agora?" (Pausa).

Bernardo: Boa pergunta! (Riso). É... (Nome da pesquisadora), tá tendo barulho que tá incomodando?

Pesquisadora: Não, pode falar, que tá dando pra ouvir bem.

Bernardo: Ah, tá, dá pra ouvir... Então, eu imaginei a universidade como um espaço de... Eu tinha, eu tinha um ideal que é um espaço que eu ia entrar e que eu ia ficar perdido, mas isso não aconteceu, aconteceu depois que eu entrei, então eu fiquei perdido, mas era um espaço que eu tinha, a minha visão de universidade era um lugar em que as pessoas, principalmente as pessoas, eram diferentes, tinham outra perspectiva, fugindo do padrão, né, de onde eu vim do Ensino Médio, então... Eu tinha essa visão e que era, ó... olha só, era uma visão *bem* (ênfase com a entonação) estadunidense, de filme norte-americano, que eu tinha. E quando eu entrei não era exatamente nada, ou quase nada disso, algumas coisas continu... algumas coisas ainda são como eu imaginei, então as pessoas seriam mais... pessoas mais alternativas, é, professores legais, é um espaço na qual eu ia me constituir mais, eu ia me identificar mais... É tipo isso, só consigo falar isso (pausa).

Pesquisadora: Tá bom! É uma questão que... até eu, quando elaborei essa questão com meu orientador fiquei pensando, né, que faz parte de um imaginário... A universidade, ela é um lugar que faz parte do nosso imaginário antes da gente entrar, então, assim, como é esse impacto da gente entrar e ter contato com essa realidade, mesmo. Bem interessante! Vou fazer a próxima questão... (Pausa). "Qual é o seu sentimento frente ao seu ingresso? O que você pensa sobre a sua classificação e consequente aprovação no curso que você escolheu?" (Pausa).

Bernardo: O meu sentimento frente a essa conquista que eu tive, foi assim "ufa, ainda bem que eu consegui, porque... agora eu não preciso passar mais estresse, não preciso ficar idealizando que é isso que eu quero, que eu preciso, que é o melhor lugar". Então, quando eu vi a minha aprovação pelo... pelo resultado do SiSU, eu falei assim "gente, que delícia, agora eu consegui!" Então... eu vi a minha classificação e falava assim "poxa!"... É... Essa questão, assim... Quando, quando eu vi o resultado eu caí nessa ideal meritocrática, que eu

pensei “ah, minha classificação...” Então, e as outras pessoas que tavam querendo o mesmo curso? Talvez não a mesma universidade, mas seria uma opção também... E cadê elas, né? E aí eu fui fazer uma análise, fui observar as pessoas que tavam ao meu redor, e foram poucas as que conseguiram ingressar no Ensino Superior público, a maioria foram pra, pra privada, então isso acabou que remete uma ideia de meritocracia... Então eu pensei “nossa, talvez pode ser que seja consequência do meu esforço”. E eu tinha, assim, eu tive essa visão, mas eu também tinha consciência que não é exatamente isso, né, que remete questões sociais, então quando eu reparei, eu fiquei assim “poxa, mas... que legal, mas e as outras pessoas?”, e aí eu fui fazer uma observação e pensei “poxa, é, então as minhas condições, a minha condição de poder, é... deslocar da minha casa pra poder ir pra escola, não ter que trabalhar, fazer a escola com trabalho, então meu Ensino Médio, ele foi destinado somente a estudar...” E eu já vejo isso como... não deve... não deveria ser privilégio, mas essa condição que a gente tá de desigualdade acaba sendo um privilégio, né, porque eu não preciso preocupar com trabalho, mas eu preciso preocupar somente com o estudo. Então, isso acaba que afeta, né, o estudar, é... Então, eu pensei “poxa, então, eu não precisei trabalhar, então pode ser que eu tenha sido favore... que favoreceu, é uma variável que favoreceu isso” e... Então, eu tinha, é... eu tive o meu computador, eu tive a minha internet, então isso também favoreceu essa questão de estudar... Foi essas variáveis, essas variáveis aí, mas... Eu respondi a todas as perguntas ou ficou faltando uma nessa mesma?

Pesquisadora: Respondeu.

Bernardo: Respondeu? Tá.

Pesquisadora: É... A terceira questão... “Sobre a política de cotas, o que você pensa sobre essa questão da reserva de vagas em suas diferentes modalidades?” (Pausa).

Bernardo: Super essencial! Inclusive, eu sou cotista. Ah, eu entrei por cotas e, pegando essa bagagem de cotas, eu sou, é... aluno bolsista, também, inclusive da alimentação do RU lá da universidade, então é essencial, é preciso, sim, a gente precisa ter... essa pseudo-reparação, só que não é reparação, porque ao mesmo tempo que a gente tem essa oportunidade, que é limitada, mas... quando pega as pessoas que vão passar por cotas, ao mesmo tempo que eu tô entrando nesse, nessa condição de cotista, tem exclusão de outras pessoas juntas a mim. Então... Eu não sei falar muito mais, é, então, eu vejo isso como necessidade, porque se não fosse a cota eu nem provavelmente, eu não teria entrado na universidade, não teria mesmo! E... pegando a consequência da cota, talvez eu não conseguiria me manter também, na universidade, porque exemplo, vou almoçar e jantar todo dia no RU, só isso dá o que, duzentos golpes, quase, duzentos, trezentos reais. Então é assim... um alívio! (Pausa).

Pesquisadora: É, aí entra a importância das bolsas, também, né, da assistência pra manter a pessoa, não só pra ela ingressar, que também é importante, mas pra ela ser mantida, né? Porque muitas saem porque não conseguem se manter...

Bernardo: Exatamente! Pra ser mantida! Ahan.

Pesquisadora: Bom, a quarta questão. “O que você pensa sobre a sua preparação para o vestibular, o ENEM, com relação à rotina de aulas, horas de estudo e vida pessoal?” (Pausa).

Bernardo: Eu tive... Eu tive... Eu acho que em questão, eu tinha comentado sobre eu não precisar trabalhar, não tinha estudo e trabalho, então a minha preparação pro ENEM, ela se deu somente por meio do Ensino Médio. O meu Ensino Médio foi legal, o ensino foi de qualidade porque eu estudei no Instituto Federal, não sei se você tem conhecimento ou se já estudou, mas o ensino é legal, então isso me favoreceu muito. Então, minha rotina de estudo era o que... o Ensino Médio é integrado com o Ensino Técnico, então eu ia às sete da manhã, voltava meio-dia e voltava uma e voltava umas quatro, então eu passava o maior tempo do meu dia na escola, revisando que a gente tinha questão de professores muito bons, professores mestres, doutores, é... Infelizmente, mas felizmente favorece no ensino, é, então, a minha preparação foi dessa forma, não foi para além disso, só foi essa questão do Ensino Médio mesmo (pausa).

Pesquisadora: É... “Para você, há diferença entre o espaço universitário e os demais espaços ocupados por você no cotidiano?” (Pausa).

Bernardo: Como assim?

Pesquisadora: Diferença do lugar, das pessoas que circulam, do funcionamento, do espaço... Por exemplo, seus familiares frequentam esse espaço ou não? É semelhante ao que eles frequentam?

Bernardo: Ah, entendi, agora. Meus familiares não frequentam (riso). E eu acho que tá longe de frequentar esse espaço. Então, eu vejo que tem essa discrepância de espaços entre as pessoas. Porque na universidade, eu vou pegar a minha sala, vou pegar o curso de Psicologia, que eu consigo falar. Eu... Quando eu entrei no curso, eu falei assim “poxa, mas que galera”, porque a galera vai de carro pra faculdade, tem gente que “ah, tá, eu moro em tal lugar, eu vou embora todo final de semana”, então, assim, é uma... Cê vê que são pessoas que têm condições. Então, em outros espaços não se vê quase isso, então é uma galera mais diferenciada, até em questão de... em questão social, mesmo, não só econômica, mas é um gosto musical diferente, é conversa diferente, é um se posicionar diferente, é se vestir diferente... É (pausa).

Pesquisadora: É, uma das coisas que eu achei interessante, assim, de pensar nessa questão, é sobre o que a gente pode discutir nesse espaço, né. Muita gente relata que quando vai pra universidade conhece visões que nunca tinha ouvido falar antes. E que a universidade ela é um lugar que dá mais... não é liberdade... é mais uma sensação maior de liberdade...

Bernardo: (Nome da pesquisadora), isso é bem legal e curioso, porque foi essa uma das sensações que eu tive quando eu entrei! Porque a gente assume diversas configurações, né, então o que eu falo, como eu me comporto, por exemplo, na minha cidade, na minha casa, é completamente diferente, totalmente. Tipo, eu não vou falar pra minha mãe que eu transei ontem e que eu tava fumando maconha, mas na universidade eu já me sinto numa

condição de liberdade pra poder falar isso pra qualquer pessoa, talvez. Até dentro da sala de aula, os professores, às vezes, alguns, dão abertura pra determinado assunto. Então, a gente entra lá e (inaudível). Aqui na minha cidade, como é de interior, então a galera, a galera, a gente é próximo de Brasília, então a galera fala assim "nossa, esse pessoal... esse pessoal que vai pra UnB volta super rebelde, super rebelde, super diferente, é, voltam gays, sapatão, maconheiros". São ideias, assim (riso), eles falam ideias distorcidas, mas é exatamente essa questão, porque a gente tem essas condições, a gente se depara e a gente se constitui, né, nesse movimento aí. Então, eu sou aquilo, eu só até então não me encontrei, então quando eu deparo, eu quero, então eu vou querer. E uma das coisas que eu mais achei legal no processo de entrar na universidade, foi ter essas perspectivas que eu não teria, que eu não tinha, e se eu não tivesse entrado, eu não teria (pausa).

Pesquisadora: Ahan! (Pausa). E "você conhece alguém que prestou vestibular, especificamente o ENEM, e não conseguiu uma vaga que pretendia na universidade?" (Pausa).

Bernardo: Conheço, conheço. É... A maioria das pessoas que estavam próximas a mim conseguiram entrar, mas eu falo assim que... é mais próximo de conversar, de trocar ideias. A maioria conseguiu, não que conseguiram na faculdade que pretendia, ou pra entrar na pública, ou conseguir uma bolsa cem por cento pelo ProUni, mas em medidas conseguiu, conseguiram (pausa).

Pesquisadora: Okay. A próxima é "qual a sua posição frente ao enunciado 'quem se preparar vai se dar bem'?". É um slogan de propaganda do ENEM, feito pelo MEC (pausa).

Bernardo: (Riso) Aí você dá uma porrada, fortalece essas ideia, aí, meritocrática, coaching, "estude enquanto eles dormem", né? "Façam enquanto eles estão descansando", mas talvez seja a ideia, mesmo, do Ministério. *Foi* (ênfase com a entonação) a ideia deles, aí. "Quem se prepara vai se sair melhor, se sair bem", não é! É igual a propaganda que tava tendo antes, não sei se tá tendo ainda, do ENEM, que têm as pessoas, aí tem um computador, e tem um quarto belíssimo, com várias bandeiras do Brasil... E eu fiquei pensando "quem tem essa quantidade de bandeiras do Brasil?"... E eu não tenho nenhuma! E nem tenho pretensão de ter!

Pesquisadora: Sim! E assim, essa propaganda é um choque social bem grande, né. Porque todo mundo tem acesso à internet, tem, por exemplo, conhecimento de como se organizar pra estudar, então aparenta que tá com tempo livre, não tem que trabalhar, né, e... Aí, às vezes eles colocam *uma* (ênfase com a entonação) pessoa negra ali pra falar que colocou uma pessoa negra, né.

Bernardo: (Riso) E porque eu acho que é uma condição... tipo de diretrizes mesmo, né?

Pesquisadora: É, tem a pauta da representatividade, né, que é super importante, só que tem esse reforçar do discurso de que "olha, todo mundo pode, todo mundo é capaz, todo mundo tem dinheiro e condições pra isso"...

Bernardo: (Riso) E, ao mesmo tempo que ele coloca, que eles acham que tá bonito, mas tá muito mais feio, porque é muito excludente. Então, gente, não é assim, eu não vou (riso)... As pessoas não vão ter a condição de ter uma cadeira confortável, uma mesa e um computador ideal, um quarto super iluminado, e é isso, "depende de mim agora", e tem os materiais...

Pesquisadora: Internet...

Bernardo: Internet, é, possivelmente um ar condicionado, um ventilador... E não é assim (pausa).

Pesquisadora: É mesmo. Peraí... A última questão é "você acha que estar na universidade garante algo pra você no futuro?" (Pausa).

Bernardo: Na minha percepção, assim... É, até então, ela continua assim, mas ela era muito mais antes de entrar. Quando eu entrei, eu pensei "gente, é, não dá uma garantia", que é daquele ideal, né, ideal de "vou entrar, vou ter um Ensino Superior", não, hoje em dia não dá essa sustentação, muito pelo contrário, me dá essa incerteza (pausa).

Pesquisadora: Mas você acha que, por exemplo, em termos de constituição sua, você tinha comentado muitas coisas... Você acha que isso é real na sua vida?

Bernardo: Sim, sim. Eu acho que essa constituição subjetiva, de um sentido subjetivo, é essencial, né, você precisa assumir novos espaços e ter novas experiências, mas pensando na questão de empregabilidade, de estabilidade, isso é incerto (pausa).

Pesquisadora: Tá bom. São essas as questões, mesmo. Eu te agradeço muito pelas respostas e eu queria fazer uma última pergunta pra você, que é... A gente não vai identificar ninguém por nome, né, é uma medida do nosso trabalho, só que a gente vai colocar nome fictício, um pseudônimo, então eu tô perguntando pra todo mundo que tá participando qual o nome que sugere. Então você pode sugerir o nome que você quiser e assim que eu tiver a dissertação, eu vou enviar pra todo mundo que tá participando.

Bernardo: Ótimo! É... tá. Isso é lá do código quatro meia meia, mas não pode, mesmo eu falando que quero o meu nome verdadeiro não pode, né, ou pode?

Pesquisadora: Então, a medida do nosso trabalho é que não iremos identificar, por motivos de resguardo, mesmo e...

Bernardo: Ah, tá. Então tá bom. Eu vou escolher um aqui... (Pausa) Seria... Pode colocar Bernardo.

Pesquisadora: Bernardo?

Bernardo: É.

Pesquisadora: Tá bom. Nossa, muito obrigada, suas respostas foram muito boas, dá pra pensar muita coisa do meu trabalho, e a gente vai mantendo contato, eu vou informando sobre quando tiver pronto...

Bernardo: Tá bom, muito obrigado, também, pela recepcionalidade e muito sucesso pra você! E a gente vai se comunicando, tá?

Pesquisadora: Ah, obrigada! Tá!

.....
.

ENTREVISTA 05

Identificação: CAROLINA

Entrevista: 26/10/2020

Curso: Letras – Português (UFG-Regional Catalão/ UFCAT em transição)

Ingressante de 2018

Pesquisadora: Bom, eu queria agradecer. Obrigada por fazer parte, por querer participar da pesquisa, é bem importante! E... eu não sei se você sabe mais ou menos do que fala o meu, a minha dissertação, mas eu tô fazendo uma investigação, assim, dentro da Análise do Discurso, do Foucault, sobre a universidade como espaço de meritocracia, é, como espaço conquistado... E aí eu quero entender como ela se configura assim, como ela acontece pras pessoas que estudam nela, e eu quero entender isso pra vocês que ingressaram entre os anos dois mil e dezoito e dois mil e dezenove. E aí eu tenho aqui algumas questões, são oito questões norteadoras, e aí eu vou fazer elas pra você e você responde conforme a sua vivência, conforme a sua opinião. Tá bom? (Pausa).

Carolina: Tá bom! Eu li mais ou menos, eu gostei bastante!

Pesquisadora: Ai, que bom! E depois eu vou disponibilizar pra vocês, é, todos os participantes, uma cópia pra vocês terem acesso, mesmo, tá? Quando eu terminar a dissertação.

Carolina: Tá bom!

Pesquisadora: Bom, a primeira questão é "como você imaginava a universidade antes de seu ingresso na instituição? E agora?" (Pausa).

Carolina: Oi, não entendi, cortou.

Pesquisadora: Tá, peraí. "Como você imaginava a universidade antes de seu ingresso na instituição? E agora?" (Pausa).

Carolina: Nossa, eu acho que... Nossa! Agora pra mim responder é mais difícil, né, porque a gente pensa o tanto de tempo que eu já tô na faculdade, mais do que eu pensava antes. Nossa, mas eu lembro que era uma coisa totalmente diferente do que eu pensava que era, porque... é, então, eu vim de outra cidade, né, então pra mim foi, foi, foi complicado, porque além de ingressar pra ter, por estar numa nova fase, eu estar numa nova fase da minha vida, eu tive que sair da casa dos meus pais e também passar por essa fase de morar sozinha, mas é, eu imaginava... chô vê... Nossa! (Pausa). Então, que fosse uma coisa mais assim, é... tanto na Letras, eu pensava totalmente diferente, eu pensava que fosse uma coisa mais, é... É assim também, só que eu pensava que seria mais, é, de mais leitura, eu pensava que era um livro por... por aula, assim.

Pesquisadora: Ahan! E aí você pensava que era muito questão de Gramática Normativa, também?

Carolina: Nossa! Quando eu vim eu pensava que ia ser mais análise sintática, essas coisas, e não foi, não foi isso. Assim, a gente já começou com Introdução aos Estudos da Linguagem, né? Aí já... já desconstruiu tudo o que eu pensei que fosse.

Pesquisadora: É, desconstrói mesmo!

Carolina: Sim!

Pesquisadora: Posso ir pra segunda questão?

Carolina: Pode!

Pesquisadora: É... "Qual é o seu sentimento frente ao seu ingresso? O que você pensa sobre a sua classificação e consequente aprovação no curso que você escolheu?" (Pausa).

Carolina: É, pode repetir? Eu não entendi, cortou um pouco.

Pesquisadora: Tá bom (pausa). "Qual é o seu sentimento frente ao seu ingresso? O que você pensa sobre a sua classificação e consequente aprovação no curso que você escolheu?" (Pausa).

Carolina: Hm, tá. Então, eu não esperava passar pra cá, tanto é que era a última opção, passar pra cá. Então, eu tentei, né, pra todos os lugares mais próximos de Brasília, que era onde que eu morava, e... minha última opção era pra cá, tanto é que eu tava, eu nem fui na primeira chamada, eu vim, eu passei na segunda chamada, aí quando eu passei eu vim, não tinha outra opção e vim. Mas eu gostei bastante de... de ter vindo, sabe? Mas no começo não era uma escolha, não era uma opção ter vindo pra cá (pausa).

Pesquisadora: Entendi... A terceira questão... Se você não entender, pode perguntar de novo que eu te falo, tá?

Carolina: Tá!

Pesquisadora: Essa questão é mais sua posição, é... "Sobre a política de cotas, o que você pensa sobre essa questão de reserva de vagas em suas diferentes modalidades?" (Pausa).

Carolina: Então, eu acho super válido, é, tanto eu que... eu entrei em ampla concorrência, mas eu a, eu penso que se eu precisasse, é, de baixa renda, é... eu tinha o direito de ingressar em baixa renda, porque eu sei das minhas dificuldades, do tanto que foi difícil estudar em escola pública, de tá no ensino, da diferença, da desigualdade do ensino de escola pública e o de escola privada... Eu tenho consciência disso, tanto das outras classes, racial, porque... é, a gente vê, isso é no cotidiano, que a gente vê. Até na escola a gente via essa desigualdade entre o branco e o negro, então eu acho, também, que isso é super válido pra o ingresso na faculdade (pausa). Mais alguma?

Pesquisadora: Tem. "O que você pensa sobre a sua preparação para o vestibular, o ENEM, com relação à sua rotina de aulas, horas de estudo e vida pessoal?" (Pausa).

Carolina: Quando eu tava estudando pra passar no ENEM?

Pesquisadora: Isso.

Carolina: Então, no terceiro ano do Ensino Médio foi bem corrido, porque eu já trabalhava, né, precisava trabalhar, aí eu trabalhava meio período, estudava o terceiro ano e ainda ia pro cursinho à noite, porque eu tinha conseguido uma bolsa no cursinho social. Então, era ti, era os três turnos do meu dia e todo dia eu fazia os mesmos, o mesmo percurso, então pra mim foi *bem* (ênfase com a entonação) complicado. Tanto é que, pra te falar, é, sendo, sendo sincera mesmo, eu não pegava pra estudar em casa. É... os finais de semana eu aproveitava pra fazer as coisas da escola, mas estudar conteúdo do ENEM eu não estudava, eu estudava mais... era no cursinho, mesmo (pausa).

Pesquisadora: Por conta dessa rotina, né, que você tinha?

Carolina: Sim! Por... Ainda tinha as coisas do terceiro ano, que também não é fácil, né! É, o terceiro ano. Aí eu tinha que fazer trabalho, essas coisas, prova... (Pausa).

Pesquisadora: É mesmo! (Pausa). E "para você, há diferença entre o espaço universitário e os demais ocupados por você cotidianamente?" (Pausa). Por exemplo, você percebe uma diferença quando você tá em casa, quanto tá na faculdade, as pessoas com quem convive, que transitam...

Carolina: Eu acho que agora não, porque como eu moro sozinha, é, eu moro com o meu namorado e... e também a gente frequenta a mesma faculdade, eu acho que não tem tanta. Mas eu acho que se eu morasse em Brasília com a minha família, teria muita diferença. Eu acho que isso me prejudicaria. Mas agora não, tá sendo mais fácil assim.

Pesquisadora: Ahan. Então esse processe de morar sozinha é muito importante, né?

Carolina: Sim! É... porque... Eu mesma individual, nas minhas condições, é... Morar com a minha família é muito conturbado, então eu preferi vim, por isso foi também uma escolha

eu vim pra cá, pra mim poder morar sozinha, mesmo passando pela dificuldade de morar sozinha, mas eu acho que compensaria mais pra mim, pra mim ter mais tranquilidade de estudar... (Pausa).

Pesquisadora: Entendi. E "você conhece alguém que prestou vestibular, especificamente o ENEM, e não conseguiu a vaga que pretendia?" (Pausa).

Carolina: Conheço. Eu mesma, né, porque quando eu prestei o ENEM, no começo, eu queria Jornalismo, e não foi isso a minha realidade, porque quando a gente está no ensi, na escola, a gente idealiza muito. É, e eu sempre quis, meu sonho sempre foi ser jornalista, então, na escola eu idealizava muito isso. No terceiro ano que a gente percebe a realidade, percebe, no cursinho eu percebi... porque eu nunca tinha feito o ENEM, então no cursinho eu comecei a perceber aqueles conteúdos, comecei a perceber que era de *toda* (ênfase com a entonação) a minha trajetória do Ensino Médio, e que eu poderia não conseguir o que eu queria porque Jornalismo era mais difícil, ainda mais na UnB, né, que é mais concorrido lá, então, eu sempre falo que nunca passou, assim, pela minha cabeça, vim pra uma universidade em Catalão e cursar Letras. Eu acho que foi mais, é... da minha realidade, mesmo. A minha idealização era, era, era cursar Jornalismo e conti, continuar lá em Brasília (pausa).

Pesquisadora: Ahan, entendi. Tá (pausa). E "qual a sua posição frente ao enunciado 'quem se preparar vai se dar bem'?", que é um enunciado do MEC sobre o ENEM. O que você pensa sobre isso?

Carolina: Quem se prepara se dá bem?

Pesquisadora: Isso.

Carolina: É! Sim! É, idealizando pode ser que seja isso, mas na realidade não é, porque como... eu, no meu terceiro ano, eu precisava trabalhar, precisava estudar, precisava... aí tinha que fazer cursinho à noite, então, pra mim, eu me preparei dessa forma. Porque assim, mesmo me preparando dessa forma, eu não consegui passar no que que eu queria mesmo, que era Jornalismo. É, e tipo, é, eu entendo que eu me preparei, mas não sei se no mesmo, no mesmo grau que eles pedem, né. E eu acho que não, porque se eu não consegui passar... (Pausa).

Pesquisadora: Mas você acha que isso era mais uma questão da realidade, que você tinha que trabalhar, estudar, ou uma questão de mérito, de você não ter se dado o máximo...?

Carolina: É, eu acho... Sim, eu acho que pela minha realidade, é... é... eu me dei o máximo, porque... eu acho que, por exemplo, se eu só estudasse, se eu só fizesse o terceiro ano, eu acho que eu conseguiria me dar o máximo mais, me dar ao máximo de acordo com aquela situação, mas eu me dei ao máximo de acordo com a situação de que trabalhava, estudava, de que fazia o cursinho. Então, eu acho que me dei ao máximo dessa forma, se fosse em outras circunstâncias eu acho que meu máximo seria diferente, sabe?

Pesquisadora: Ahan. Bom... E a última questão é se "você acha que estar na universidade garante algo pra você no futuro" (pausa).

Carolina: Não entendi. Repete?

Pesquisadora: "Você acha que estar na universidade garante algo pra você no futuro?" (Pausa).

Carolina: Então, é, meu, tipo, eu sempre tive aquele sonho, eu acho que eu vim mais pra cá por isso, de achar que faculdade era tudo, que eu tinha que sair do Ensino Médio e entrar numa faculdade, porque era aquilo dali pra mim, não tinha outra opção, e se tinha outra opção era, tipo... de outras coisas, tipo limpeza e coisas assim. É, então, é, entrar na faculdade, é... no começo, aquela questão da idealização, né. No começo, eu sempre soube, eu sempre achei que daria futuro, porque a gente entra com outra percepção, tipo assim, "nossa, é tão difícil de entrar! É tão difícil de conseguir tá aqui!", "a gente é tão privilegiado, então por que que a gente não vai conseguir um futuro? Por que a gente não vai ser diferente das outras pessoas?", então eu acho que é isso. Tipo, é, quando eu comecei aqui, até agora eu ainda acho que dá futuro, porque se eu tô passando por... por... é... por tudo isso na faculdade, né, porque a gente sabe que não é fácil, então, eu acho que sim, que dá futuro, mas eu, eu sei, eu tenho medo de ser aquela quebra de expectativa do Ensino Médio, de, de eu tá em outra fase, só que achando e tendo essa expectativa e depois que eu me formar, é, sendo totalmente diferente, igual foi com meu Ensino Médio, de eu achar que eu ia cursar o curso que eu queria e depois ter acontecido tudo o que aconteceu, assim (pausa).

Pesquisadora: Entendi, é um receio, né, que você tem, assim... Mas acho que toda essa mudança sua, que você tá me contando, a universidade, ela atua nisso também, né. Ela tá na mudança sua, de ter saído de casa, de ter crescido de alguma forma. Então, só de pensar nesse crescimento, talvez a universidade já muda sua vida, o seu futuro, né? Porque você é outra pessoa.

Carolina: Sim, a universidade já mudou, né. Porque quando eu vim pra cá, foi esse o motivo, de estudar e era isso, se eu, se eu não tivesse estudando, então não tinha o porquê de eu estar aqui. Então, eu acho que já mudou bastante! Por isso que eu vejo, eu sei, tem muita gente que me fala tipo "ah, você pensa muito que... você se esforça muito pra tirar boa nota na faculdade, você acha que isso vai dar alguma coisa no seu futuro?" Tipo, é "não vai ajudar em nada no futuro! Tem gente que não faz faculdade e ganha muito mais do que um professor!" e tem essas coisas assim, né. Aí eu fico com medo, porque (inaudível) se esforça pra estudar, pra tirar boas notas, pensando que isso vai ajudar a gente no futuro, eu tenho receio de não ser isso, de a gente tá se esforçando por nada, assim. Mas a gente tem que tentar alguma coisa, eu acredito nisso (pausa).

Pesquisadora: Sim! É, eu queria agradecer você, né, essas foram as questões... E eu queria fazer só uma última pergunta, qual o nome que você gostaria de associar às suas respostas no trabalho, porque a gente não vai colocar o nome real, mas vai colocar nome fictício, um pseudônimo, mesmo. Qual que você gostaria?

Carolina: Nossa! (Riso). Ai, é difícil! Deixa eu ver... Eu quero colocar o nome da, porque eu também estudo AD, né, com o (nome de um professor do curso de Letras), é... mas eu quero lembrar! É um nome da escola... Eu assisto uma série, é, "Segunda Chamada", aí eu quero colocar... Acho que é Carolina Maria de Jesus, o nome!

Pesquisadora: Carolina?

Carolina: É Carolina Maria de Jesus mesmo, o nome! Pode ser, então, Carolina, mesmo!

Pesquisadora: Tá bom! Anotado aqui! Muito obrigada e qualquer coisa, só me procurar, logo volto com a cópia!

Carolina: Tá bom! De nada!

Pesquisadora: Até!

Carolina: Até!

.....
.

ENTREVISTA 06

Identificação: CLARICE

Entrevista: 26/10/2020

Curso: Letras – Português e Inglês (UFG-Regional Catalão/ UFCAT em transição)

Ingressante de 2018

Pesquisadora: Então, primeiro eu queria agradecer você pela disponibilidade, tá difícil, tá bem difícil pra gente seguir com esse processo todo de pesquisa na quarentena, com essa pandemia... E minha pesquisa ia ser presencial, mas tive que planejar de novo por conta disso aí.

Clarice: Ahan.

Pesquisadora: O meu projeto se chama "Do poder ao discurso de meritocracia: a universidade enquanto lugar a ser conquistado" e eu pesquiso o discurso de meritocracia nesse espaço e lugar, né, pela AD, pelo Foucault, Michel Foucault, o (nome do orientador) é meu orientador e meu objetivo é estudar essa configuração, mesmo, desse espaço da universidade, ouvindo também dos ingressantes, o que eles têm a dizer sobre esse momento da vida deles, o contato com a universidade, é, tudo isso.

Clarice: Ai, que legal!

Pesquisadora: São oito questões norteadoras, eu vou fazer pra você, e aí você vai me respondendo elas, pode ser?

Clarice: Tá bom. Ahan.

Pesquisadora: Vou começar com a primeira questão... "Como você imaginava a universidade antes de seu ingresso na instituição? E agora?" (Pausa).

Clarice: Nossa! Então, é... especialmente a universidade federal, eu tinha uma ideia um *pouquinho* (ênfase com a entonação) engessada, ainda. Então eu achei que ia ser, tipo assim, os professores bem hostis e grossos, já cobrando milhões de coisas já de primeira, ah... que... Não sei, não sei porque que eu pensava isso, mas eu pensava que tinha tipo aqueles, aquele negócio de high school, que você vê nos filmes um pouco, não só daquele jeito, mas um pouco assim, sabe? E quando eu entrei foi totalmente diferente, pelo menos os professores que eu peguei, no primeiro período, foram todos muito legais, muito amáveis, eles sempre conversavam com a gente, eles fez um ambiente bem... tipo, fez a gente se sentir confortável. Eu fiz muitas amizades, conheci muita gente, então foi bem diferente do que eu imaginava (pausa).

Pesquisadora: Entendi. Interessante a sua experiência sobre isso, sua visão! É... Posso ir pra segunda questão?

Clarice: Ahan, pode ir!

Pesquisadora: Tá. "Qual o seu sentimento frente ao seu ingresso? O que você pensa sobre a sua classificação e consequente aprovação no curso que você escolheu?" (Pausa).

Clarice: É... Quando eu decidi que eu ia fazer Letras, né, tipo, eu já tava bem focada que era isso que eu queria fazer, mas eu ainda tava *um pouco* (ênfase com a entonação) em dúvida entre Letras e Psicologia, e eu consegui uma classificação boa nos dois e foi o que me deixou muito confusa... Mas eu fiquei feliz por ter escolhido Letras, percebi que realmente isso... E assim, eu mesma não tive nenhum problema com classificação, nem nada... É... Isso que eu respondi ou entendi errado?

Pesquisadora: Não, tá certinho! (Pausa). É... a terceira questão é uma questão de opinião, mesmo. "Sobre a política de cotas, o que você pensa sobre essa questão de reserva de vagas em suas diferentes modalidades?" (Pausa).

Clarice: Eu acho completamente justo ter esse estilo de cotas, porque, por exemplo, eu sei muito bem que eu sempre fui privilegiada em sempre estudar em escola particular, eu fiz meu Ensino Médio em uma escola federal, então eu já entendia mais ou menos como é que funcionava o ambiente, eu fui muito bem preparada pra entrar. Mas eu tenho plena consciência de que essa não é a realidade de todo mundo, tem muita escola que não te prepara, que ela mesma não tem uma base boa, ou mesmo que o aluno não tenha disponibilidade pra poder se dedicar aos estudos tanto assim. Então, eu acho nada mais do que justo que tenha esse estilo de gostas, mas... eu não sei. Eu achei interessante como são feitas as entrevistas, quando eu entrei, mas, por exemplo, é *muito* (ênfase com a entonação) você burlar isso, sabe, uma pessoa branca passar pela cota de pardo, nossa, isso acontece muito, aí eu acho que eles erram, erram um pouquinho (pausa).

Pesquisadora: É a falha né, pra fazer...?

Clarice: Hm. Ahan!

Pesquisadora: Tá, a quarta questão agora. "O que você pensa sobre a sua preparação pro vestibular, o ENEM, com relação à sua rotina de aulas, horas de estudo e vida pessoal?" (Pausa).

Clarice: Nossa, foi horrível! Foi um dos piores anos (riso), assim, falando de estudo mesmo, foi um dos piores anos da minha vida, de verdade, assim! Nem pensando em faculdade, porque faculdade é estressante o suficiente, só que foi, assim, *péssimo* (ênfase com a entonação) o meu ano de ENEM! Porque era... Eu estudava em tempo integral na escola, e aí eu chegava à noite e tinha a aula do preparatório do ENEM, vida pessoal, assim, só final de semana e olha lá, porque ainda tinha muita coisa pra fazer, muita coisa pra estudar, e às vezes eu deixava de lado pra poder relaxar, então, assim, foi um ano que eu passei extremamente estressada, tentando focar em tudo, mas na verdade, por ter tanta coisa pra fazer, não conseguia era focar em nada... Então assim, eu era, toda semana de prova eu sempre chegava em casa chorando um pouco, falando "nossa, eu não vou conseguir, eu não vou dar conta, é coisa demais, é sei lá quantas matérias do Ensino Médio, sei lá quantas matérias do ENEM, não consigo!", foi *muito* (ênfase com a entonação) difícil!

Pesquisadora: Muita pressão, também, né? (Pausa).

(Queda na internet da pesquisadora, que retorna para a sala após alguns segundos)

Clarice: Acho que sua internet caiu, né?

Pesquisadora: Foi! Acho que agora tá tudo certo! Esperar carregar...

Clarice: Tá!

Pesquisadora: Agora apareceu?

Clarice: Ahan!

Pesquisadora: Tá. Sobre a sua resposta, eu comentei que é um momento de muita pressão que a gente passa, assim... de ter que passar pro vestibular...

Clarice: Sim, definitivamente! Ter que passar, que curso fazer, será que eu fiz a escolha certa...? Eu tava bem certa de que eu queria Letras, mas assim, sempre eu ficava pensando em outras, eu pensava assim "ixi, mas e se não for isso?" (Pausa).

Pesquisadora: Ahan! (Pausa) E a quinta questão... "Para você, há diferença entre o espaço universitário, da universidade, e os demais espaços que você ocupa, que vive cotidianamente?" (Pausa).

Clarice: É, eu acho que, na verdade, na universidade eu me sinto mais... como eu posso falar... mais tranquila, porque eu posso ser eu mesma, posso fazer o que eu quiser... E

geralmente no ambiente familiar a gente não tem essa liberdade. Então, eu gosto, eu sempre gostei bastante do ambiente da universidade por causa disso (pausa).

Pesquisadora: Entendi. É... "Você conhece alguém que prestou vestibular, especificamente o ENEM, e não conseguiu a vaga que pretendia em uma universidade?" (Pausa).

Clarice: Hmm... Sim, eu conheço. É... É pra especificar, tipo, quem foi?

Pesquisadora: Se você quiser, você pode comentar...

Clarice: Ahan. Era uma amiga que ela queria muito fazer Medicina, só que ela estudava na mesma escola que eu, ou seja, zero tempo pra dedicação, porque a gente já tinha aula em tempo integral, e acho que é porque... era Instituto Federal, né, então eu acho que a gente tinha umas dezesseis, dezessete matérias, ainda tinha curso de Informática, sei lá mais o que... Aí ela não conseguiu, aí ela acabou entrando em Enfermagem na UFG, mas assim, foi um baque *muito* (ênfase com a entonação) grande pra ela. Eu também tenho outros amigos que não conseguiram passar de primeira, passaram na segunda chamada, que isso, assim, *simplesmente acabou* (ênfase com a entonação) com o psicológico deles, sabe, de até o dia de aparecer o resultado da segunda chamada, assim, de ficar chorando desesperado o dia inteiro, assim, *acabou* (ênfase com a entonação) com o psicológico deles, isso de não conseguir entrar ou de não conseguir entrar de primeira.

Pesquisadora: Ahan. Por conta de ter que ficar nessa espera, aflição, assim?

Clarice: Ahan!

Pesquisadora: Hm, tá. "Qual é sua posição frente ao enunciado 'quem se preparar vai se dar bem'"? É um enunciado do MEC em uma propaganda chamando para o ENEM. Um slogan do MEC sobre o ENEM (pausa).

Clarice: Ai, eu sinceramente só posso dizer que eu acho essa frase ridícula, né?! Tá bom que "quem se prepara se dá bem", mas não é só isso que a gente tem que levar em conta, é quem *pode* (ênfase com a entonação) se preparar, quem tem esse di, esse privilégio, porque era pra ser direito, mas não é, mas quem tem o privilégio de poder se preparar pra se dar bem, e olha lá também, porque eu conheci muitas pessoas que fizeram o Ensino Fundamental e Médio inteiro em escola particular, com os melhores professores, os melhores estudos, mas mesmo assim o psicológico interferiu na hora e não, não conseguiram. Então, eu acho que têm *muitas* (ênfase com a entonação) camadas aí, não tem nada a ver com "quem se prepara se dá bem", não... (Pausa).

Pesquisadora: Ahan. E a última questão. "Você acha que estar na universidade hoje garante algo pra você no futuro?" (Pausa).

Clarice: Com certeza! Tá na faculdade abriu *muitas portas* (ênfase com a entonação) pra mim, me fez, assim, eu decidir melhor o que eu quero fazer no futuro e melhorar a minha escrita, melhorar a minha fala, e... Ah, e basicamente, assim, tudo o que eu pretendo fazer depende da faculdade e foi graças à faculdade (pausa).

Pesquisadora: Tá bom. É... chô vê aqui... É isso mesmo o que eu tinha pra te perguntar, oito questões breves, né, aí vai muito de cada pessoa a forma que responde, mais direta ou não, mas sempre tudo muito válido. E eu agradeço *demais* (ênfase com a entonação) as suas respostas, o nosso diálogo, e eu queria fazer uma última pergunta, só pra fechar...

Clarice: Tá bom.

Pesquisadora: Eu queria saber qual o nome usar no trabalho, porque a gente não vai especificar, usar a identidade real, né, então, qual o nome que você gostaria, assim. Porque quando eu publicar, quando eu terminar o trabalho, eu vou disponibilizar pra vocês que participaram, né, aí pra você consultar pelo nome que você escolheu.

Clarice: Ahan. Tá... Hm... Clarice (riso).

Pesquisadora: Clarice?

Clarice: Isso.

Pesquisadora: Tá bom. Então é isso. Muito obrigada, viu?

Clarice: Por nada! Eu espero ter ajudado. Espero que dê tudo certo com as outras entrevistas...

Pesquisadora: Brigada! Tchau!

Clarice: De nada! Tchau!

.....
.

ENTREVISTA 07

Identificação: HELLEN

Entrevista: 26/10/2020

Curso: Letras – Português (UFG-Regional Catalão/ UFCAT em transição)

Ingressante de 2018

Pesquisadora: Primeiro, eu gostaria de agradecer, né, pela iniciativa de participar da minha pesquisa, mesmo nesses tempos que estão tão difíceis, é, a pandemia, né, tudo fica muito mais complicado. E... te falar um pouquinho, assim, só brevemente, que a minha pesquisa é na área dos Estudos da Linguagem e eu estudo a meritocracia como constitutiva da universidade. Eu quero entender como a universidade, ela pode se configurar como um espaço de meritocracia, né, um espaço dito como "de mérito" na vida das pessoas que ocupam ela. É... São oito questões, e você pode ser breve, ou mais subjetiva, enfim, você responde como quiser. Elas têm relação com a sua vida na universidade, a sua entrada na universidade e também com sua posição sobre algumas coisas. Certo?

Hellen: Tá.

Pesquisadora: A primeira pergunta é "como você imagina a universidade antes de seu ingresso na instituição? E agora?" (Pausa).

Hellen: Antes de entrar na faculdade, eu não tinha tanta... idealização dela, porque eu estudei em escola pública, onde a gente não era instigado... não era que a gente não era instigado a fazer faculdade, a gente não era instigado a estudar *pra* (ênfase com a entonação) fazer faculdade, a gente era instigado pra trabalho, essas coisas. Mas quando eu entrei na faculdade, eu acabei tendo a visão totalmente diferente do que eu imaginava. Eu imaginava que acabaria sendo uma escola, a escola que eu estudava, que nada mudaria, que as coisas viriam sempre ao meu alcance, como era minha escola, o professor procura sempre o aluno, essas coisas, mas quando eu cheguei na faculdade, a gente já tem um baque bastante... bastante *forte* (ênfase com a entonação), porque é *completamente* (ênfase com a entonação) diferente, porque é todo mundo vivendo rápido demais, as coisas são rápidas demais, muitas vezes a gente não tem informação sobre as co... a informação necessária, a informação necessária não em questão de disciplina, isso jamais, os professores são ótimos, mas tô falando de projetos, essas coisas, "ah, posso ou não posso fazer isso?", "quem que pode fazer isso?" e... É isso (pausa).

Pesquisadora: Ah, obrigada, vou pra próxima! "Qual é o seu sentimento frente ao ingresso e o que você pensa sobre a sua classificação no curso escolhido?" que... você desejou, né?

Hellen: A primeira coisa foi satisfação pessoal, porque foi algo que eu estudei pra conseguir e eu consegui, então a primeira coisa foi satisfação pessoal. A segunda, eu acredito que tenha sido um ponto de partida, porque sempre que tem, a gente vai começar algo novo é "nossa, agora vai, agora vai funcionar!". Acho que quando eu entrei na faculdade a segunda coisa que eu pensei, fora a minha satisfação pessoal, foi "agora a minha vida vai mudar, vai começar nova, vai começar de novo!" (riso) e é isso, fiquei com satisfação pessoal e pense, imaginei que mudaria, mas realmente mudou, a minha, a vida de todo mundo muda como um ciclo novo, né, era um ciclo novo que tava começando, eu estava animada pra eles e mudou a minha vida (pausa).

Pesquisadora: Bacana a ideia e o sentimento de um novo ciclo! (Pausa). Indo pra próxima... "Sobre a política de cotas, o que você pensa sobre essa questão da reserva de vagas em diferentes modalidades?" (Pausa).

Hellen: Extremamente necessário! A gente deve isso às pessoas, é um passado que o Brasil tem, é extremamente necessário a política de cotas, é extremamente necessário! Devia ter mais ainda (riso)! Mas... o pessoal já tá lutando pra tirar até essas que têm. E deveria ter mais... é... porcentagem maior, sabe? É extremamente necessário a política de cotas dentro das universidades! (Pausa).

Pesquisadora: Legal, obrigada pela sua resposta! (Pausa). E... "o que você pensa sobre a sua preparação para o vestibular, o ENEM, em relação à rotina de aulas, às horas de estudo e sua vida pessoal?" (Pausa).

Hellen: O meu preparo pra ingressar na faculdade começou na metade do segundo ano, tarde, né, eu sei. É porque foi num período que eu mudei de colégio, eu saí de um colégio da minha cidade, um colégio público, e fui pro colégio militar de Catalão, que abriu na cidade. Até então, do meu primeiro à metade do segundo ano, como eu disse, eu não era... a gente não era motivado a entrar pra faculdade, a gente nem era motivado a estudar, a gente estudava porque tinha que estudar. Quando eu entrei no colégio militar, eu tive uma nova visão, a gente era apresentado a uma nova visão e projeto de vida e eu, a escola era em tempo integral, então eu estudava das... das sete e quinze da manhã às cinco da tarde, sempre me preparando pro ENEM, principalmente no meu terceiro ano. Depois, é, da... Como eu chegava em casa às seis horas a gente ainda... eu mais meus amigos tinha um grupo, a gente repassava conteúdo de matéria, essas coisas e... foi isso! Do meu, da metade do meu segundo ano e terceiro ano fui tendo aula no colégio militar integral das sete e quinze da manhã às cinco da tarde e chegava em casa e repassava no caderno, repassava os estudos, no fim de semana eu não estudava. É demais pra uma pessoa estudar no fim de semana! (Pausa).

Pesquisadora: E aí, no caso, é, contando a sua experiência, você considera que... que o fato de você ter ido pra um colégio integral, que isso te aproximou mais desse... dessa vontade de ter um Ensino Superior, dessa, desse foco, também, maior? (Pausa).

Hellen: Eu acho que não foi nem tanto por ter sido um colégio integral, foi mais por ter... pelo colégio em si ter uma visão diferente do meu antigo colégio. É... o colégio cobrava mais, ele mostrava a realidade pra gente, então foi mais por causa do colégio, mas a questão do estudar pra entrar na faculdade, o tempo integral me ajudou muito, o período integral, porque eu tenho certeza que se eu não estudasse num colégio integral, eu não teria estudado o tanto que estudei pra entrar na faculdade (pausa).

Pesquisadora: Entendido... A próxima questão é se "pra você, existe diferença entre o espaço universitário e os demais espaços ocupados por você no seu cotidiano?" Como a universidade e o espaço doméstico, por exemplo... (Pausa).

Hellen: Do meu espaço doméstico?! Eu sou a primeira da família a entrar numa universidade e... a minha vida na faculdade é completamente separada da minha vida doméstica. *Completamente* (ênfase com a entonação) separada! Não tem assunto em comum, nem nada, mas o meu círculo social, de amigos, a maioria do colégio que eu estudei estão na faculdade também, então, a gente tem uma proximidade na questão da faculdade, mas no círculo doméstico não (pausa).

Pesquisadora: "Você conhece alguém que prestou vestibular, especificamente o ENEM, e não conseguiu a vaga que... tava pretendendo?" (Pausa).

Hellen: Conheço! Tem meu irmão que pretendia fazer (inaudível)... Direito na faculdade federal, não conseguiu, e fez vestibular numa... pra uma particular. E tem meu outro irmão que tentou fazer qualquer curso e não conseguiu e desistiu de fazer ENEM (pausa).

Pesquisadora: E “qual a sua posição frente ao enunciado “quem se preparar vai se dar bem”?” É um enunciado retirado de uma propaganda do MEC sobre o ENEM (pausa).

Hellen: É completamente irresponsável, porque têm pessoas que não têm condições de se preparar. “Ah, mas é só pegar um livro e ler”, não, não funciona assim! Tem gente, tem mãe que tem que olhar criança, tem aluno que não tem tempo, que trabalha, que precisa ajudar a comprar comida, tem gente que não tem *estrutura* (ênfase com a entonação) pra estudar. É uma frase completamente irresponsável, porque eles falaram que “ah, quem estuda, consegue!”, mas como quem estuda? Quem não tem tempo de estudar, quem não consegue estudar, quem tem muita dificuldade e não, e não tem condições de pagar um cursinho?! Porque cursinho ajuda, se não ajudasse, então por que o tanto de aluno de escola particular fazendo cursinho? É completamente irresponsável, eles colocam a solução meia boca e não dá a solução completa, esse mundo é “ah, quem estudar consegue passar”, mas por que que eles não apresentam meios pras pessoas conseguirem estudar? É uma frase completamente irresponsável! (Pausa).

Pesquisadora: E “você acha que estar na universidade hoje garante algo pra você no futuro?” (Pausa).

Hellen: Não, não garante. Hmm... Porque o mercado de trabalho está debulhando pessoas e eu conheço, tenho amigos que já formaram, estão desemprega, estão procurando emprego fora da área que já formaram, então eu acredito que a faculdade não garante um futuro, mas ajuda! Eu tenho mais oportunidade fazendo, no mercado de trabalho, fazendo uma faculdade, do que não fazendo, mas é... Não garante, mas ajuda! (Pausa).

Pesquisadora: Bom, muito obrigada por suas respostas! Todas muito, assim, reflexivas, mesmo, então muito obrigada! E eu queria só te perguntar mais uma coisa a respeito do nome fictício que você quer que eu use, porque por medida do Comitê de Ética, a gente não vai utilizar os nomes reais. E avisando que, depois que eu terminar a pesquisa, eu vou encaminhar cópias pra vocês, todos os participantes, que são essenciais nisso tudo aqui.

Hellen: Pode ser iniciais do meu nome?

Pesquisadora: Não estamos usando iniciais, mas se essa for a sua opção, podemos ver.

Hellen: Pode ser Rosa, então. Tem que ser completo?

Pesquisadora: Jura? É que já temos alguém com esse nome! (Riso). E não precisa ser completo. Só um nome mesmo.

Hellen: (Riso). Hellen, então.

Pesquisadora: Então tá! Certinho.

Hellen: Se precisar de mais alguma coisa e estiver ao meu alcance, é só chamar.

Pesquisadora: Fico agradecida! Você também. Mantenho contato! Até mais!

Hellen: Até!

.....
.

ENTREVISTA 08

Identificação: TIAGO

Entrevista: 28/10/2020

Curso: Letras – Português (UFG-Regional Catalão/ UFCAT em transição)

Ingressante de 2018

Pesquisadora: É, primeiro eu quero te agradecer por aceitar participar da minha pesquisa. E... é... mais ou menos, assim, vou explicar pra você. É um trabalho de mestrado, meu trabalho investiga a constituição da universidade pro sujeito que habita ela, como um lugar de meritocracia, um lugar a ser conquistado... E aí eu tô entrevistando ingressantes pra visualizar a vivência de cada um em relação à... quando entrou na universidade. Então, eu vou fazer oito questões aqui pra você responder à vontade, tá?

Tiago: Tá bom, certinho.

Pesquisadora: Bom, a primeira questão é "como você imagina a universidade antes de seu ingresso? E como é agora?" (pausa).

Tiago: Então... Eu acho que a visão que a gente tem antes é muito diferente. Eu tinha uma visão um pouco próxima porque eu tive a oportunidade de estudar no Instituto Federal, então já dava pra conhecer um pouco, assim, do funcionamento, e que também tem, tem graduação, então, eu conheci um pouco mais, é... Mas a visão em geral, eu acho que a gente tem muito essa visão quando a gente tá de fora, né, como você falou no início, é da meritocracia, né... do... de um lugar selecionado para alguns só, e aí isso gera até uma insegurança na gente, né, "será que eu vou conseguir, porque talvez o nível da outra pessoa seja maior do que o meu...", "será que eu vou conseguir acompanhar?". Então eu tinha uma visão assim, um certo medo, até, de não conseguir me adaptar à questão de horários de estudo, à questão de... de não conseguir acompanhar o que, o conteúdo, que se passa na, nas aulas. E hoje em dia eu tô muito mais tranquilo, assim, a visão que eu tenho hoje é de um espaço bem democrático, é, onde a gente pode participar bastante, assim, do processo de...de ensino, eu acho muito legal, a questão de, da gente... pelo menos na UFCAT, né, da gente poder montar nossa grade, é... da gente poder ter um diálogo bom com os professores, eu vejo isso no curso de Letras, com a coordenação do curso. Então eu vejo a universidade bem dessa forma mesmo, assim, dá pra gente ter essa oportunidade de participar de... de ser protagonista, também, desse processo de ensino, é... E também nos prepara pra isso, né, como seres pensantes... Eu vejo por esse lado (pausa).

Pesquisadora: Ahan. Tá, obrigada pela sua resposta! Eu vou pra segunda, agora, é...

Tiago: Pode fazer.

Pesquisadora: “Qual o seu sentimento frente ao seu ingresso? O que você pensa sobre a sua classificação e consequente aprovação no curso escolhido?” (Pausa).

Tiago: Eu não entendi muito bem a pergunta, assim...

Pesquisadora: Tá, eu vou repetir. “Qual é o seu sentimento frente ao seu ingresso? O que você pensa sobre a sua classificação e consequente aprovação no curso escolhido?” (Pausa).

Tiago: Hm. Então! Sentimento frente ao ingresso... Eu acho que foi de bastante alegria, assim, de... de questão de sonho realizado, mesmo, é... E, por outro lado, até de muita expectativa também! E gera sempre essa questão, como eu já tinha falado na resposta anterior, do medo e da insegurança, né, será como, com o que vai ser, como que, é, quem que a gente vai encontrar lá, eu acho que gera também toda a questão, assim, pra quem vem de outra cidade, a questão de que você vai ter que lidar com a vida, não só com seu estudo, mas é uma vida totalmente nova, né! Você vai ter que encontrar ali uma passagem da sua vida, eu tinha dezessete anos, então, sempre morando com meus pais, então... Eu acho que todo esse sentimento, ele juntou, né, e eu acho que não tem como separar uma coisa da outra, eu acho que tudo culmina, é... num total, num inteiro, assim. E a questão da classificação era o que mesmo?

Pesquisadora: Era o que você... peraí. O que você pensa sobre a sua classificação e... que culminou na sua aprovação, se você sentiu uma pressão sobre “ser bem classificado” ou se não, se era “só estar dentro”, mesmo...

Tiago: Então, eu tinha muito essa questão, assim, de ser, de ser bem classificado, até ver de uma forma um pouco diferente. Eu acho que a gente preocupa muito com isso, até pela questão do status, e eu acho que talvez a gente é até desconstruído nisso depois que a gente entra, é... de querer postar na rede social como é que a gente foi classificado... Eu... Eu entrei por cotas, aquelas cotas de... por... por renda e por ter estudado em escola pública a vida inteira. Então, se... se eu não me engano, eu acho que eu fui aprovado em primeiro lugar nessa cota. É... Então, eu fiquei muito feliz, eu acho que foi de extrema importância, também, por mais que eu acho que eu seria aprovado também na ampla concorrência, mas... me deu uma segurança muito grande, né, durante aquele processo, porque eu sabia que aquilo ali era meio que um espaço reservado pra mim, né, dentro da minha realidade, e que aquilo ali tava me dando essa garantia, né, então... teve, assim, muita importância (pausa).

Pesquisadora: Tá, eu vou pra próxima... (Pausa). Sobre... aí é uma questão de opinião, que você até já tocou nesse assunto, né. É... “Sobre a política de cotas, o que você pensa sobre essa questão de reserva de vagas em suas diferentes modalidades?” (Pausa).

Tiago: Sim. Então, como eu já havia falado, eu acho que é de extrema importância, por diversos aspectos. É... Falando assim, de uma forma geral, por todas as cotas, eu acho que

tem muito a questão de insegurança pela forma de... preparo que a pessoa teve a oportunidade durante a sua vida. É... A gente sabe, é, fica claro pra todo mundo que algumas pessoas, elas tiveram mais oportunidades do que outras, e por isso elas têm, é... como eu posso dizer... têm nelas algo do ensino que é mais agregado. Então eu acredito ser de extrema importância, por todos os tipos de cotas, eu acho que... é... muitas e muitas pessoas que entraram através, pelas cotas, têm o mesmo pensamento que eu, assim, o mesmo sentimento que eu, que... com certeza, foi muito importante nesse processo todo (pausa).

Pesquisadora: É... A próxima questão é "o que você pensa sobre a sua preparação para o vestibular, o ENEM, com relação à sua rotina de aulas, horas de estudo e vida pessoal?" (Pausa).

Tiago: (Riso) Então, como eu tinha falado, eu estudei no Instituto Federal, lá era... a gente fazia o Técnico e o Médio ao mesmo tempo, é... O Instituto, ele dá o foco no Ensino Técnico, o foco lá não é no Ensino Médio, é no Técnico. Então... eu encontrei vários desafios nesse sentido, porque eu estudava o dia inteiro, né, manhã e tarde, à noite era um horário que eu queria chegar e descansar, tipo, fazer nada, e às vezes eu tinha que ficar na escola até mais tarde pra fazer alguma outra coisa, tipo projeto, essas coisas... É... Então eu acho que foi muito difícil nesse sentido, até pra muita gente, até pras pessoas que não estudam em... em tempo integral, a questão do horário, tipo conciliar um tempo onde você vai resolver suas coisas pessoais e outras coisas com o horário da escola e também com o tempo que você vai estudar. Sem falar que nem todo mundo, por exemplo, no meu caso eu não pude, não pude fazer um cursinho por essa questão do tempo, né, outras pessoas que não têm condições de fazer um cursinho, na cidade talvez não oferta um cursinho gratuito, então, talvez elas... deixam de fazer algo que poderia somar muito, né, contar muito o preparo delas, por diversas questões, seja questão de tempo, questão de rotina, seja também questões financeiras que não vão permitir que elas façam isso. Então, na minha for... no meu preparo, o que eu sentia, a grande dificuldade que eu senti foi muito essa questão de tempo, mesmo, de conseguir conciliar as minhas coisas do dia e também estudar, às vezes, é... o cansaço fala mais alto, a gente só quer descansar (pausa).

Pesquisadora: Ahan. Sim, né, a rotina, você tem... Até muita gente que trabalha, né, às vezes nem é o ensino integral, só que aí puxa muito, com certeza isso afeta, né?

Tiago: Sim! Trabalham... E muitas pessoas trabalham, né, os alunos do Ensino Médio (pausa).

Pesquisadora: Sim! E a próxima questão é "para você há diferença entre o espaço universitário e os demais espaços ocupados por você no cotidiano?" Aí explicando um pouquinho essa questão... em relação às pessoas que transitam nesse espaço, que fazem esse lugar da universidade, se você nota alguma diferença com outros espaços...

Tiago: Sim! Como eu tinha falado, acho, na primeira resposta, eu vejo a universidade como um espaço muito democrático, ela dá voz, e a gente tem uma voz muito grande, e também essa... Tem uma visão diferente que eu tinha, não me lembro de ter falado isso

agora, porque eu achava que a universidade tinha algo pronto, que você tinha que seguir aquilo, ser daquele jeito, senão você seria rejeitado e eu vi que não! Têm vários tipos de... vários pensamentos, pessoas de todas as formas... e eu acho isso muito legal! Então, algo que eu acho que me averiguou muito, assim, que esse espaço me proporciona a cada dia, é essa questão de conhecer coisas novas, né, de conviver com pessoas que vêm de ci, de lugares diferentes, né, que têm sotaques diferentes, que têm costumes diferentes, que têm religiões diferentes... Então cê passa a respeitar mais! É... Você continua o mesmo ou muda, também, a gente muda muito, mas eu digo assim... talvez a sua essência segue a mesma, segue acreditando, segue os seus princípios, mas você aprende a respeitar as diferenças, você aprende a conviver muito melhor com todas as pessoas, então... é... isso é um ponto muito forte que eu vejo! Nos outros espaços que eu convivo talvez... é... falta um pouco disso, assim, de compreender, de ver também que... o mundo, ele hoje... a gente tá, tá mudando de uma forma muita rápida, né, muita coisa tá acontecendo. É... E a forma que a gente, que essa geração interage com as coisas, assim, é muito diferente de... de tempos passados. Então, às vezes eu vejo que isso falta em muitos espaços e a gente tem muito na universidade, então é algo que eu gosto muito! (Pausa).

Pesquisadora: É o conhecer, né? A universidade parece que proporciona muito esse contato, que você talvez não teria se não tivesse nesse espaço, né.

Tiago: Na universidade, né? Sim! Eu vejo muito isso!

Pesquisadora: A próxima questão é se "você conhece alguém que prestou o vestibular, especificamente o ENEM, e não conseguiu a vaga que pretendia em uma universidade" (Pausa).

Tiago: Sim, conheço. Assim, eu conheço pessoas... Quando a gente fala de não conseguir a vaga que pretendia, também pessoas que foram pra outros cursos, também? Ou...

Pesquisadora: Ahan. Sim! Pessoas que podem ter entrado em outros cursos por não terem...

Tiago: Sim, sim! É, eu conheço bastante! Na minha cidade mesmo, alguns amigos, pessoas que não conseguiram, inclusive eu até tive... até legal, isso! Conversei recentemente com um amigo, e ele até, é... ele iniciou nesse ano, numa faculdade aqui da cidade, privada, um curso que ele não queria e também num lugar, né, que ele não queria. E ele tava entrando até nessa questão da... de como isso tem se tornado um peso pra ele, e tá sendo difícil, eu acho que entrou essa pandemia, as aulas à distância, remotas, eu acho que pesou ainda mais! É... E eu vejo... Talvez as pessoas, hoje, elas tenham uma pressão muito grande, né, por já terminar o Ensino Médio, cê vai ter que entrar numa faculdade federal, numa Universidade Federal... E às vezes, se ela não consegue, ela desiste daquele curso, tenta entrar em outro curso que tá a nota de corte mais baixa e vai praquele curso. É... E aí, às vezes, ela não se identifica e lá na frente ela troca de curso. Já vi muitos casos assim, também. Então, na minha turma mesmo, têm várias pessoas que... não, não... Letras não era a primeira opção e elas entraram por essas questões, a nota, não ter conseguido o curso que queria. Algumas, interessante, têm algumas pessoas que hoje amam o curso, né, gostam muito do curso, depois que começaram a fazer... E outras pessoas, também, que

não se encontraram, ficaram pouco tempo e saíram, também. Então eu acho que é uma questão até bacana, assim, de se refletir (pausa).

Pesquisadora: Ahan, verdade! É... Quer falar mais alguma coisa sobre isso?

Tiago: Não, não! Pode passar.

Pesquisadora: A próxima questão é "qual a sua posição frente ao enunciado 'quem se preparar vai se dar bem'"? É um enunciado do MEC sobre o ENEM...

Tiago: É... (Riso) Chega a ser um pouco estranho, engraçado, eu sei que não tem graça nenhuma, mas... Quando você fala isso, você meio que exclui as condições das pessoas, né, generalizando, como se todo mundo tivesse as mesmas condições para se preparar, né, e aquele que não conseguiu ele não se esforçou, ele não tentou, ele não merece, né, reforça até, aí a gente acaba entrando nisso, que é a meritocracia, "ele não se preparou, ele não se esforçou, então ele não merece estar naquele local", porém, é, várias, várias pessoas se preparam, mas elas não conseguem naquele momento, elas vão conseguir um ano depois... talvez até nem vão conseguir... Mas mesmo assim elas se prepararam, se esforçaram, elas se dedicaram bastante. Então, eu acho que é uma... é uma fala muito injusta, eu acho! Acho que, que... pode até causar um sofrimento e aumentar essa pressão que eu tinha falado na resposta anterior, é... Porque fica tudo, é como se, cê coloca tudo na mão do aluno, né, "se você se preparar, vai se dar bem", então... Aí junta a pressão da escola, junta a pressão da família... "ah, mas se você não conseguiu, você não se preparou", né, "não teve seu preparo". Só que as condições que alguns têm pra se preparar são muito diferentes das que outros têm pra se preparar, então eu acho que tudo isso tem que ser levado em consideração. Quando você usa uma frase dessa, no meu ponto de vista, você tá excluindo algumas dificuldades, algumas diferenças que as pessoas encontram, então eu acho muito injusto, você fazer isso (pausa).

Pesquisadora: É, você... Soa como uma responsabilização, né? Da pessoa...

Tiago: Isso, isso! Você joga tudo pra cima daquela pessoa!

Pesquisadora: Ahan!

Tiago: É... "Se você se preparar, você vai conseguir!" (Pausa).

Pesquisadora: E... "Você acha que estar na universidade garante algo para você no futuro?" (Pausa).

Tiago: É... Eu acho que garante eu trabalhar com o que eu gosto, a garantia que eu tenho é essa, "eu vou fazer o que eu gosto pra minha vida". Eu até falo muito assim, eu converso assim com as pessoas, quando eu vou conversar sobre a universidade, eu acho que as pessoas têm muito a visão de talvez, ah, aquela frase "pra você ser alguém na vida, você tem que fazer... tem que ir pra alguma universidade, tem que fazer uma graduação"... Eu... Primeiro, o que é "ser alguém na vida", né? Já é um questionamento que a gente tem. É... Quando a pessoa fala isso, ela tá atribuindo, ela tá relacionando a ter dinheiro, né, a ter

uma condição financeira melhor, e eu não vejo por esse lado, eu acho que... têm muitas pessoas que nunca fizeram, nunca entraram numa universidade e têm uma condição financeira ótima, até melhor que pessoas que se graduaram. É... Então, pra mim, a garantia que eu vejo, e que eu acho necessário isso, é fazer o que eu amo. Até falo pras pessoas, "se a profissão que eu quisesse pra minha vida, ela não exigisse que eu fizesse uma graduação, eu não faria uma graduação". Eu não tô fazendo uma graduação só pra cumprir um protocolo, pra falar que eu fiz, só por nome ou por dinheiro, mas pra exercer aquilo que eu quero exercer na minha vida, pra fazer aquilo que... que eu amo, né, que eu quero me dedicar diariamente. Então... é essa garantia que eu vejo, questão de... de... Mas é claro que a gente sabe de algumas coisas, também, a gente... é... alguns... não sei se é a palavra correta, privilégios... Mas assim, algumas coisas também vêm atribuídas ao fato da gente ter uma graduação, também, né. Talvez a questão do olhar das pessoas ser diferente, a questão de... talvez, também, alcançar determinados postos, né, salários... Mas... o que eu busco, o que eu almejo com a graduação é de fato o que eu tinha falado antes, a questão de exercer a profissão que eu amo (pausa).

Pesquisadora: Legal a sua resposta. É... Bom, essas foram as perguntas. Gostei bastante das suas falas, foram bem relevantes pro tema de discussão! Aí eu queria só falar pra você que... quando a dissertação for finalizada, eu vou te enviar.

Tiago: Eu fico feliz em ter ajudado!

Pesquisadora: Eu vou enviar pra vocês todos que participaram da pesquisa. E eu queria fazer uma pergunta pra você...

Tiago: Tá.

Pesquisadora: Em relação ao nome pra utilizarmos na pesquisa, porque a gente não vai utilizar os reais, né. Aí eu queria uma sugestão sua...

Tiago: Eu não... Eu não consegui (inaudível). Travou tudo.

Pesquisadora: Travou? Peraí. Tá travando agora ou tá dando pra me ouvir?

Tiago: Não, tá dando. É que só tava dando alguns cortes...

Pesquisadora: Tá. Então, eu falei pra você se você tem alguma sugestão de algum nome, um pseudônimo, pra utilizarmos na pesquisa, o nome que vai te representar.

Tiago: (Pausa) Qualquer nome?

Pesquisadora: Qualquer um que você quiser.

Tiago: Pode ser qual... qualquer nome?

Pesquisadora: Sim.

Tiago: (Riso) É assim... Eu vou falar o primeiro que veio na cabeça... Pode ser Tiago?

Pesquisadora: Pode! Tiago?

Tiago: Pode. Isso!

Pesquisadora: Tá bom. Então é isso, assim... Tô disponível pra qualquer dúvida, vou manter contato, vou te mandar quando finalizar a escrita... E você pode me procurar se quiser falar sobre o projeto, sobre a pesquisa...

Tiago: Certo. Qualquer coisa, também pode me procurar.

Pesquisadora: Obrigada, viu!

Tiago: De nada!

Pesquisadora: Tchau!

Tiago: Tchau! Boa tarde!

Pesquisadora: Boa tarde!

.....
.

ENTREVISTA 09

Identificação: ROSA

Entrevista: 29/10/2020

Curso: Psicologia (UFG-Regional Catalão/UFCAT em transição)

Ingressante de 2018

Pesquisadora: Bom, a gravação começou. Então, vou explicar rapidinho da minha pesquisa e se você tiver alguma dúvida, é só perguntar, tá?

Rosa: Tá bom.

Pesquisadora: Eu tô trabalhando com a meritocracia e como ela constitui... a minha hipótese, né... como ela constitui a universidade como espaço meritocrático, lugar, lugar "a ser conquistado". E... eu tô trabalhando tanto com os enunciados institucionais, que é do MEC, sobre o ENEM como porta de entrada a esse lugar "universidade"... as contradições também, né, ao longo dos Governos, sobre o que é esse lugar, o que falam sobre... pra gente pensar nas políticas que envolvem a universidade, e também quero ouvir de vocês, do sujeito ingressante, quero ouvir a opinião dele, as vivências dele... como foi o ingresso na universidade, independente do curso mesmo.

Rosa: Joia.

Pesquisadora: Qualquer dúvida, pode perguntar. Eu vou seguir oito questões, que são breves. Mas fique à vontade pra falar como quiser e o que quiser...

Rosa: Não, sem problema, de boa.

Pesquisadora: Vou iniciar, tá bom?

Rosa: Tá. Vamo ver o que essa pesquisa vai nos mostrar, né (riso).

Pesquisadora: Nossa, com certeza muita coisa (pausa)... Eu vou fazer a primeira pergunta, então... Pode fazer? (pausa)

Rosa: Beleza.

Pesquisadora: Tá. A primeira é "como você imaginava a universidade antes de seu ingresso na instituição? E agora?" (Pausa)

Rosa: Vixi Maria! (riso) Agora ficou difícil, hein! (riso) Então, é... eu vou partir sim das... das duas experiências que eu tive como aluna, né... é, num primeiro momento era muito diferente a universidade, era muito pequena, né, mas agora, pra mim, assim, pra te falar a verdade, foi meio decepcionante, sabe? Eu esperava muita coisa do curso, é, em termos de discussão, informação e, é... eu tô, eu tô no meio do curso, praticamente, né...

Pesquisadora: Já?

Rosa: Sim! Aliás, era pra tá mais pra frente, parou tudo... (riso) Assim, eu esperava uma discussão teórica mais densa... eu esperava um comprometimento maior do... dos meus colegas e... assim, não era o que eu esperava, sabe, pra te falar a verdade, do curso, do corpo docente, da Psicologia enquanto ciência... Eu imaginava uma coisa e eu tô descobrindo que... que não tem essa potencialidade toda, mas talvez seja muito por conta da minha experiência pessoal, né, tipo, alguém que já tá na segunda graduação... Às vezes é difícil conviver com a geração diferente, né, eu acho que talvez seja um pouco por isso, porque os relatos, assim, quando a gente pergunta, eu sempre escuto assim "ah, é melhor do que eu esperava", né, e tal. E... pra mim, pessoalmente não... (Pausa) Não era aquilo que eu esperava. Pra... (riso) te falar a verdade, né (riso), em termos de discussão teórica, mesmo, assim, da... da Psicologia como ciência e acho que também do... do comprometimento, do envolvimento, sabe, dos professores, mesmo. Eu esperava que era uma coisa e eu tô vendo que... meio que... não é.

Pesquisadora: Entendi. E... deve ser diferente, assim, pra você, uma suposição minha diante da sua fala, mas você enquanto professora, no lugar de professora de um curso, ser aluna de outro curso, ingressar como aluna em outro curso e outro tempo. Você acha que isso também implica nesse sentimento seu? (Pausa)

Rosa: (...) Então... Assim... Eu acho que... é... eu já vivi situações bem interessantes, né, do tipo, é... você percebe às vezes que é desconfortável, que o colega acha desconfortável porque tá dando aula pra você, é... Às vezes rola um desconforto dos alunos, tipo, é... eu

ouvi coisas do tipo assim “ai, a gente fica sem graça de falar as coisas”, né... Já passei por situações muito interessantes, tipo (riso)... Professor tá lá explicando e aluno tá com dificuldade, não consegue entender e... eles viraram pra mim e falaram “Rosa, explica aí!”(riso) e eu meio que explicar e eles tirarem sarro do professor... Umas situações meio loucas, sabe, assim, é... nesse sentido. Mas há exceção, a maioria dos professores, é, me trata super bem, é super compreensivo porque eu trabalho, faço curso, então... eu sempre tô precisando faltar uma aula, né, é uma coisa ou outra. Então, assim, esse tipo de desconforto não rola. O que me incomoda mesmo é o fato de a Psicologia ser uma ciência muito nova, então, ela tem uns...é... como vou te explicar... o debate teórico dela é muito frágil, ainda, sabe, assim... é em termos de teoria, mesmo, sabe, por exemplo, a Psicologia Sócio-histórica, que é do campo do marxismo, de onde eu venho, ela... ela é muito frágil enquanto teoria mesmo, muito jovem, muito nova, muita coisa pra fazer ainda, então... Acho que às vezes me causa um pouco de estranhamento isso, né. No mais, acho que rola umas coisas, tipo assim, é... eu conheço os meus direitos como aluna (riso) porque eu conheço as legislações da universidade toda, eu tô na universidade como professora há vinte e cinco anos, eu tô há trinta anos na universidade, então eu conheço como é que são as regras do jogo, então as coisas... Em alguma coisa eu meio que não aceito, “tá, não é assim, não pode ser assim, isso vai prejudicar o aluno”... então eu fico meio que me policiando pra num... não entrar muito nessa esfera, né. Mas assim, é estranho... eu fui fazer Psicologia porque... primeiro porque era um sonho que eu tinha, né, desde adolescente eu queria muito e eu fiz o ENEM porque eu precisava do ENEM pra pedir vaga no curso, né, pra entrar como portadora de diploma e eu acabei passando no ENEM, a minha vida fez, virou de cabeça pra baixo de uma hora pra outra e... mas é, assim... também pra sair da esfera que eu tava na universidade, né, eu achava que eu tava muito acomodada, num lugar muito difícil de conviver, então... e quis fazer alguma coisa pra ocupar o meu tempo e ocupei (risos). É muita energia, né, assim... Os meus filhos cresceram, né, eles hoje são rapazes. É... meu marido trabalha muito, também tá fazendo faculdade, então, eu pensei “bom, é a hora, né, então vamo lá!”, mas assim, ficou um pouco isso, sabe, eu não sei se às vezes eu criei uma expectativa e tal, mas o curso é bacana, é legal, e eu acho que vai... têm bons desafios aí, pela frente, né (pausa).

Pesquisadora: Com certeza, ainda tem pela frente.

Rosa: Assim espero!

Pesquisadora: Bom, vou fazer outra questão agora. É... “Qual é o seu sentimento frente ao ingresso? O que você pensa sobre a sua classificação e aprovação no curso que você escolheu?” (Pausa)

Rosa: (...) Pra mim foi uma surpresa, eu nunca imaginei que depois desses anos todos longe do Ensino Médio, sem contato com isso, nunca pensei que iria passar na prova do ENEM. Pra mim foi uma surpresa e foi um momento, assim, muito interessante, porque eu passei na chamada pública, né, então quando eu vi o resultado eu falei “ai... nem vou mexer com isso, não, deixa pra lá...”, “Não! Põe seu nome aí na lista!”, as pessoas ficaram me incentivando, então e... Foi assim, foi muito emocionante passar na chamada pública,

porque eu não sabia como funcionava, eu cheguei lá e eu vi chamando as pessoas e falei assim “bom, acabaram-se as vagas e eu vou embora que eu tenho mais ou que fazer, né, eu tô cheia de trabalho” e eu me lembro que uma técnica me pegou e falou “não, você não pode sair, você tem que ficar até o fim, não sei o que...” e... e foi assim, muito interessante porque (riso)... todos os técnicos estavam lá, assim, torcendo pra eu passar, pra eu ser chamada, né, lá, solidarizando, e eu peguei a última vaga da chamada pública pra ampla concorrência. Quando leram o meu nome, todos os técnicos tavam em cima do palco, aplaudiram, gritaram, vibraram, né... foi... foi muito interessante! E pra mim, foi assim... eu fiquei muito emocionada, né, foi a realização de um sonho muitos anos depois, né. É... você trinta anos depois, você olhar e falar assim “nossa, eu consegui entrar pro curso que eu queria”, né, e foi... “passei no ENEM!”, é “eu passei no ENEM!”, né. Então foi... foi um pouco assim, né, foi bem legal, bem emocionante, assim, o momento da entrada, é... e talvez teve um impacto diferente, sabe. Eu acho que quando a gente é jovem, a gente vê de uma outra forma, vê de uma outra perspectiva, sabe, quando a gente é jovem a gente passa e “ah, passei, né, tudo bem, eu tô feliz” e tal... mas quando a gente tá numa situação como eu, por exemplo, que já aprendi, né, que cada vitória, cada pequena vitória é muito grande na vida da gente, então, assim, tem um sabor muito especial pra mim, né. (Pausa) Não sei se é isso que você perguntou... Se você quer que eu fale mais alguma coisa...

Pesquisadora: Sim, foi sim. E sua resposta foi bem intrigante em relação ao sentimento, assim, mesmo, de ter conseguido a vaga, tudo...

Rosa: E a universidade pra mim, ela nunca foi um lugar de trabalho. A minha relação com a universidade, ela sempre foi muito forte, muito intensa. É como eu falei, né, eu tô há trinta anos, então, cada tijolinho daquela universidade, cada luta, cada, né... cada pedacinho daquilo ali tem muito da minha vida e tem... tem muito da universidade na minha vida, né, é... Então eu nunca fui aquela pessoa assim “a universidade é lugar de trabalho”, que eu vou lá, trabalho, vou pra casa e tá tudo bem, a universidade sempre foi um campo de militância, sempre foi um campo de luta, de construção e realização. Então, eu acho que me sinto, assim, duplamente realizada, sabe, de ter feito, me formado aqui, de ter ingressado como docente aqui, de estar aqui esses anos todos, e agora estar de novo como aluna, né, é... realizando um sonho na universidade que eu ajudei a construir, então, é muito significante isso tudo pra mim , né.

Pesquisadora: Sem dúvidas. E... a terceira questão é opinião, mesmo, sua posição sobre a política de cotas... “O que você pensa sobre essa questão de reserva de vagas em diferentes modalidades?” (Pausa)

Rosa: Ah, eu acho fantástico, né, acho maravilhoso. Eu, como professora, eu vi a cor da universidade mudar, eu vi o sexo da universidade mudar, né, eu vi a classe da universidade mudar, então, assim, é uma coisa maravilhosa, quando eu entro dentro de uma sala, seja como aluna, seja como professora, e que eu vejo a diversidade que a universidade se transformou graças à questão de cotas, né, então eu acho que é uma política fundamental, essencial, que mudou a universidade, porque quando esses alunos chegam... eles nos obrigam, também, a nos posicionar diante de tudo isso, né. Obviamente que eu sou uma

educadora freiriana, então, eu tô nesse movimento. Não é unanimidade, mas eu acho importantíssimo. Só que tem uma coisa que ainda precisa mudar, sabe, as pessoas precisam, é... pensar melhor nessa questão, porque... eu, como aluna, por exemplo, na minha turma, aconteceu uma coisa muito interessante, o curso de Psicologia, ele é um curso de elite, né, porque ele é de tempo integral e a meninada chega todo mundo muito jovem e vem de famílias bem estabelecidas e a primeira coisa que chamou a atenção, quando eu entrei na turma, foi que, como eu entrei já tinha um mês que já tinha começado as aulas, né, eu observei, como geógrafa, é, eu fui fazer a leitura espacial (riso) da minha sala... e eu observei nitidamente, por exemplo, que tinha um grupo que estava unido e segregado, então, era uma galera que sentava em uma fileira de carteiras num canto da sala, né. Sempre os mesmos. Eu já bati o olho e já achei estranho, porque eram os negros da sala e você observava, eu sou muito observadora, né, que provavelmente eram os mais pobres, também, da sala e... e foi muito marcante isso pra mim, e isso foi se reforçando ao longo do curso, sabe, essa galera, ela sempre sentava no mesmo lugar, todos juntos e...e... e, assim, eu fazia trabalho, eles, a turma, não se misturava, então eles foram se auto-segregando ou foram segregados pela turma, né, e isso me marcou muito e eu fiquei pensando assim "como a gente ainda tem dificuldade" e aí um dia a gente foi fazer atividade numa disciplina e eles falaram... e eles falaram do lugar deles, de... é... mostrando pro restante da turma o quanto a realidade deles era diferente. E foi assim... porque na Psicologia... eu... (riso)... eu tô brigada com a Psicologia esses dias, porque eu acho que todo mundo faz Psicologia pra sofrer, pra chorar, porque não tem lógica a coisa, né, e aí foi aquele momento de catarse, todo mundo chorou, todo mundo se abraçou, todo mundo pediu desculpas, mas no dia seguinte a relação continuou. Então, eu observo, assim, que a gente tem alunos muito individualistas, né, e as cotas, elas trazem uma realidade muito diferente pra alguns, sabe. Então... o curso de Psicologia, sendo um curso de elite, o que que acontece com os alunos cotistas? Esse processo que eu te narrei, sabe, eles começam a vivenciar essas dificuldades, a dificuldade de acompanhar o ritmo, a dificuldade de ter um lugar onde morar... Eu tenho uma aluna, eu tenho uma colega que é indígena, né, ela passou três meses dormindo no chão, porque ela não tinha a menor condição, mas os alunos, também, sabe! É muito lindo você falar, você dizer que existe, mas ações efetivas por parte dos colegas, de ajudar, é muito difícil. Eu tenho também uma colega que é mãe de três filhos, né, e... então, pra ela, não é fácil fazer o curso, ela é separada, tem três filhos... E eu sempre observo que quando tem um problema que é de um, não tem alteridade, sabe, as pessoas não estão dispostas a comprar a briga porque esse é o problema dela. E as outras quarenta e nove alunas da sala não são mães, não têm filhos pequenos, então elas não sabem, por exemplo, a dificuldade que é se colocar uma disciplina à noite, fazer uma disciplina à noite, por exemplo, depois de ter ficado o dia todo fora de casa, né. Então eu observo muito isso, sabe, às vezes você tem políticas que partem da própria instituição, mas, é... os próprios alunos acabam produzindo uma política que segrega, é... no comportamento, no dia-a-dia, e eles vão meio que excluindo, sabe, e eu acho que isso marca muito as pessoas que entram por cotas, é...e mesmo as que não entraram por cotas, mas que de alguma forma não estão dentro dessa padrão e dessa norma, sabe, eu observo muito isso, às vezes isso me chateia muito, porque você tem todo um discurso, né, "ah,

porque eu sou legal, porque eu sou bacana" e você lê um texto, você lê o Paulo Freire e você "babababa, porque eu sou desconstruída", mas na hora do, da prática, mesmo, a gente observa que, sabe, a coisa não caminha assim... enfim, né. Mas é fundamental, não pode nem pensar em acabar com esse negócio, né... a gente tá, tipo assim, segurando porque eu não acredito muito que com esse discurso, se continuar as coisas como estão, acredito que a cota cai. Inclusive eu costumo dizer que a política de cotas, ela foi um dos elementos que mais pesou na quebra do pacto que o PT tinha com a elite, porque a elite aceitou tudo, pode dar esmola, você pode dar o curso, pode dar muita coisa, menos a universidade, é, porque a universidade empodera. Então, a política de quando o PT implantou e instituiu a política de cotas, instituiu o ENEM, instituiu o SiSU, é... rompeu-se o pacto imediatamente. Porque não é fácil, sabe, assim, eu vejo isso nitidamente, é... não há empatia, não solidariedade, não há... não há! É muito difícil você perceber isso nos cursos de elite. Na Geografia, por exemplo, onde eu dou aula já é mais... mais tranquilo, sabe? Assim, porque já são... já são todos pobres, todos trabalhadores, então parece que tem algo que une ali, mas nos cursos da elite... (pausa) E aí, por exemplo, como membro da Comissão de Assédio, a gente recebe n relatos de aluno, né, que passa por situação como essa que eu tô te relatando, de um coletivo não entender a minha, a minha necessidade de indivíduo (pausa).

Pesquisadora: Entendi! Bacana e complexo, assunto que rende...

Rosa: E você pode me cortar (riso), porque se deixar, eu falo pra caramba...

Pesquisadora: Claro que não vou te cortar, magina, isso tudo é muito importante, né.

Rosa: Sim! (Riso)

Pesquisadora: Bom, outra questão, agora? (Pausa) É... "O que você pensa sobre a sua preparação pro vestibular com relação à sua rotina de aulas, horas de estudo e sua vida pessoal?" Cê falou que era meio que uma surpresa, mas como é que pra você vivenciar essa nova rotina, assim...? (Pausa)

Rosa: (Suspiro) Nossa! É um caos, né! Assim... não é fácil, porque eu estou num curso que não é feito pra quem trabalha, é um curso todo pensado, formatado pra quem tem dedicação exclusiva pra estudar, né. E aí de repente chega uma aluna lá que trabalha, que é mais velha, então, assim, é um... é um caos. É muito difícil, é... você conciliar o estudo com trabalho, com família, é, com as outras demandas (pausa). Mas pra mim, pra mim, assim, eu tenho uma lógica muito louca, assim, eu preciso trabalhar, trabalhar, pra mim, é uma coisa que... Todo mundo parou na pandemia, todo mundo entrou em crise, eu fui trabalhar! Né, assim, acho que foi o ano que eu mais, assim, vou produzir (riso) dos último anos, porque eu tenho uma lógica que funciona muito, muito assim, sabe, eu tenho que fazer. Então, por exemplo, eu, eu tive semestre que eu tinha seis disciplinas como aluna e estava dando três disciplinas como professora, então, assim, é muito pesado, é... mas é a minha, eu funciono bem dentro dessa lógica. Mas assim, isso é de mim, a maioria das pessoas, é, não funcionam assim. Eu acabei de orientar agora uma pesquisa de PIBIC sobre o adoecimento de mulheres na universidade, e a gente tem dados, assim, alarmantes, né, de mulheres que adoecem, porque... já é uma luta você conseguir chegar na universidade.

Somos maioria? Somos maioria, mas não significa que a universidade foi feita pra nós. Então, assim, você tem uma quantidade enorme, né, de relatos! A gente passou um questionário e a bolsista, ela tem, por exemplo, assim... uso de medicação, adoecimento, relatos, porque, assim, é pesado você ser mulher, trabalhar e estar na universidade. Não... Não é uma coisa legal, sabe, assim, não é pra saúde mental, pra saúde física... E têm dias que pesa, né, pra mim... pesa! Agora, por exemplo, eu tô no meio de um processo seletivo porque eu também sou do Programa Interdisciplinar de Direitos Humanos, em Goiânia, e eu tô no meio de um processo seletivo. E lá, é assim... Quinze vagas pra mestrado, dez pra doutorado e duzentos e setenta candidatos...

Pesquisadora: Nossa!

Rosa: (...) Mas assim... (riso) no meu eixo, por exemplo, que é o de interseccionalidades, eu li cinquenta projetos de pesquisa, e como é interdisciplinar são projetos de a a z. Então, sim, têm períodos que fica bastante cansativo, e aí junta com aquela coisa... parte chata de ser aluno, tipo aquela disciplina que você odeia (riso). "Nada a ver, muito chato", né, junta com... tipo, sei lá, você tem que ficar quatro horas na sala de aula, né, ter aquele tempo pra poder estar lá e fazer aquele negócio... é... Aí tem umas aulas que são super bacanas, por exemplo, eu adorava fazer Filosofia, fiz um ano de Filosofia (riso). Nem precisava fazer (riso) e fiz um ano de Filosofia! Eu adorava as aulas, né. Pra mim era, era, assim, uma terapia, era maravilhoso, eu saía de lá flutuando e tal, mas nem toda aula é assim, então, tem hora que pega, sabe, tem hora que você tá muito apertada pro trabalho e você tem que ficar ali ouvindo aquela aula chata pra cara... ainda bem que não posso falar, né, não pode falar mal de professor (riso). Aquela aula chata para caralho, aquele professor que não tem um pingo de didática, ou então, tipo, aquele assunto que não é o que você quer, não é disso, não é isso o que eu quero fazer com o curso, mas eu preciso fazer a disciplina porque ela é obrigatória... Então, assim, essas coisas pesam, né, mas... Mas a maior parte, pra mim, pessoalmente, é gratificante. Eu só acho assim, né, eu sabia que era um curso integral, que era um curso nesses moldes e que eu ia ter que me dedicar, mas como eu já dou aula há vinte e cinco anos, então, dar aula pra mim não é mais um grande problema, né... Eu consigo levar bem, eu consigo me organizar, mas tem dia que pesa, tem dia que fica bem pesado, bem assim "não é fácil"... E os números, né, depois eu posso te passar, que ela vai publicar agora no CONPEEX, né, é... ela tem números bem interessantes de adoecimento, mesmo, a gente adoece porque está num espaço que... em nenhum momento foi pensado pra nós, mulheres, não atende nossas necessidades como mulheres, como mães, como trabalhadoras, é... a gente se depara com atitudes de usar o saber pra te oprimir, né, então a gente vê muito isso na universidade, é, de professor não se preocupar se você trabalha ou não, se você tem família ou não, se você, né... Então, assim, é uma cobrança de um nível extremo e desnecessário, no meu ponto de vista, né, de algumas coisas... Então eu acho que a gente mata um leão por dia pra tá na universidade, né, porque a gente tem toda essa estrutura patriarcal que pesa na nossa cabeça e toda uma estrutura colonial, também, porque esse saber, ele é usado o tempo todo não pra te libertar, mas pra te oprimir, né, na maioria das vezes a gente sente isso, né... Acho que é geral, assim (pausa).

Pesquisadora: Agora eu vou te fazer uma questão que... assim, quando pensei que ia entrevistar você, como geógrafa, né, eu lembrei muito dessa questão. É... "Pra você, há diferença entre o espaço da universidade e os demais espaços ocupados por você no seu cotidiano?" (Pausa)

Rosa: Nossa! (Riso) É difícil... (riso) porque eu trabalho na universidade, estudo na universidade (riso), eu nem saio da universidade, né!

Pesquisadora: Pra além de uma zona de trabalho, né.

Rosa: É... E como que eu vejo? Eu vejo a universidade... ligando um pouco com isso que eu acabei de te falar, é... A minha grande mágoa com a universidade é essa, é que ela deveria ser esse espaço de emancipação, de empoderamento, de libertação... (pausa) Mas a gente acaba tendo um espaço opressor, machista, sexista, normativo, é... A gente acaba tendo muito mais isso dentro da universidade, né, do que, efetivamente, uma emancipação. É... eu vejo a universidade e, aí, não é só essa universidade, é a universidade como um todo, né, é, muito carente de uma renovação, de repensar, de rever alguns princípios, alguns valores, é... Eu acho que... também tem uma outra coisa que é muito complicada na universidade, que é a disputa, seja uma disputa por poder, né, e aí, meio que o poder como gestão, seja uma disputa intelectual, né, "eu preciso ter o melhor lattes, preciso orientar mais, eu preciso ter mais projetos", que é uma coisa que o professor universitário precisa ter, né, a gente precisa, eu tinha... a minha orientadora de mestrado falava assim "a gente precisa ter vaidade acadêmica, a gente *tem* (ênfase com a entonação) que ter vaidade acadêmica" (riso), né, mas a vaidade acadêmica, ela tem que ter um limite, também, né, ela não pode ser algo que... é... que toma conta da tua vida, que você não faz mais nada, né e... é muito diferente, porque... engraçado que eu nunca tinha pensado nisso, porque eu sou a mesma pessoa dentro e fora da universidade, assim, eu frequento quase que os mesmos espaços, digamos assim, né... Mas eu acho a universidade conservadora, eu acho a universidade um ambiente adoecedor, competitivo, é, muito machista, né, e... de uma certa forma acaba tolhendo, né, algumas ações que poderiam ser bacanas, essa disputa... É um ambiente muito competitivo, né. Um ambiente muito competitivo, muito corporativo, né, a gente vê muita coisa errada e a gente sabe que não vai mudar, por mais que você denuncie, que você diga alguma coisa, que você, né... não vai mudar. Então... eu vejo essa diferença, que nos movimentos sociais você tem uma coletividade muito forte, mas na universidade você tem uma individualidade muito forte, né, eu acho que esse é um dos grandes entraves que a gente tem pra poder fazer... é... o processo revolucionário caminhar. É um pouco isso, sabe? Que a universidade ela ainda é esse espaço. Eu acho que o bar é machista, eu acho que vários outros espaços têm isso, mas isso, na universidade, é muito forte. Eu sou mulher, eu estive na universidade esse tempo todo, e eu digo, assim, de uma forma muito tranquila, eu sempre tive que fazer mais, sempre, o tempo todo, sabe?! Eu sempre tive que fazer mais, que, sabe... fazer melhor... Pra poder me colocar pra conseguir sobreviver, não é pra ser respeitada, é pra sobreviver, mesmo, né, porque senão você é trucidada ali dentro. É um espaço muito competitivo.

Pesquisadora: É... pela sua colocação, a mulher carrega muito um estigma, assim, né, mulher que questiona, é... colocada numa zona de histeria, né? É colocada assim "ai, aquela professora é muito politizada, muito chata" e o homem, geralmente, quando questiona do mesmo jeito, pode não enfrentar isso, né, pode ser um "professor legal", "professor desconstruído", né?

Rosa: É! E a gente tem uma... uma outra relação, né? Como a gente tem um público grande de mulheres, o professor, ele é sempre amado, né, ele é sempre um ídolo, e a professora não, a professora é sempre a chata! E é isso que você falou mesmo, né, a histérica, é a que briga por tudo, porque a gente precisa brigar o tempo todo porque senão não sobrevive e eu, por exemplo, venho de um departamento que agora que tá mudando, mas a maioria era homens. Quando tinha uma disputa, quando tinha uma competição, é... o tom era sempre "aqui em cima", né, sempre o tom deles... o tom é mais alto. Se você não se coloca, você é trucidada e se você se coloca, você é histérica, então... (riso) não tem muito pra onde correr, né. E como aluna, também, eu vejo muito isso, né, a coisa do... do professor te oprimir porque você é mulher, né, então há essa tentativa o tempo todo e me incomoda muito que as alunas não façam essa leitura, porque elas acham legal, desconstruído, bacana, mas elas estão dentro de um jogo do patriarcado que é muito perverso, e aí elas (inaudível) outras colegas a favor do professor, né, isso é um movimento que... eu só observo (riso), como aluna eu só fico ali observando, fico meio refutante, mas tem... tem muito isso, então as, essa competividade, essa coisa, assim, aparece muito na universidade (pausa).

Pesquisadora: Bom...

Rosa: Se eu não, não responder o que você tá precisando, aí, você pode...

Pesquisadora: Não, tá ótimo!

Rosa: Pode ir me pressionando, tá? (Riso).

Pesquisadora: As respostas estão muito boas (riso), eu sei...

Rosa: (Riso)

Pesquisadora: E nesse sentido todo, aí, que estamos conversando, você conhece alguém que prestou o vestibular, especificamente o ENEM e não conseguiu a vaga que pretendia em uma universidade?

Rosa: Nossa, agora eu vou te contar uma história muito triste. É... É uma coisa, assim, que me marcou muito. Como eu te contei, eu passei na chamada pública, né, e... eles já tinham chamado todos os candidatos para as vagas disponíveis e eu fiquei lá sentada, porque a (NOME DE FUNCIONÁRIA) não me deixou ir embora, me segurou, "cê não pode sair, ninguém sai, ninguém entra", aquele negócio horrível... e eu tava sentada lá no fundo do, do auditório e de repente eu vi que o pessoal era chamado, ia lá nas mesinhas pra poder... é... comprovar, né, porque as cotas você tem que comprovar, renda, essas coisas, e de repente voltou uma menina, adolescente, né, claro, prestando o ENEM, essa coisa toda, ela

voltou chorando muito e ela sentou atrás de mim, e ela chorava copiosamente, assim, ela tava *soluçando* (ênfase com a entonação), e eu me virei, né, fui tentar amparar, porque ela tava bem destruída, fui amparar e tal e eu conversei com ela e falei "mas o que que aconteceu, o que que foi?", aí ela me disse assim, que ela tava concorrendo à vaga por cotas de... renda salarial, né... mas a empresa onde o pai dela trabalhava não liberou o contracheque pra ela poder trazer pra poder comprovar pra... pro pessoal, lá, na hora da chamada, né. E ela tava assim, desesperada, ela chorava muito, chorava muito, né, e eu fui... falei "não, mas como assim, né?! Não tem jeito de mandar por e-mail? A gente tenta imprimir" e tal, não, ninguém pode levar pra ela um documento lá dentro e ela também não podia sair, essa é a situação da chamada pública, né, e aquela situação, ela me incomodou muito, né, eu falei assim "Nossa! Mas cara... é muita sacanagem, né, e a pessoa..." e ela não era daqui de Catalão, ela veio... (pausa) acho que do nordes, do norte, que era muito longe, na época, e aquilo me incomodou muito, e ela chorando, chorando, soluçando, e eu tentando acalmar, e aí de repente eu perguntei assim "mas pra qual curso você quer entrar?" e... aí aquilo me devastou, porque ela perdeu a vaga que eu ganhei. Ela queria Psicologia, e foi exatamente a vaga dela, né, que voltou pra rodada, que foi a única que não tava com os documentos todos, então foi a vaga, aí a vaga voltou... E quando volta eles começam de baixo pra cima na lista, então passam todos os cotistas pra depois chegar na ampla concorrência, né... (Suspiro) E assim... e aquilo me doeu muito, sabe, ao mesmo tempo que eu estava muito feliz por ter conseguido, né, eu tava muito devastada por ter presenciado aquela cena dela, né... E, assim, me tocou muito, eu pensei muito naquela época de quantas pessoas querem, né, estar na universidade, sonham em entrar pra universidade, e de repente a gente se depara com tantas pessoas que *estão* (ênfase com a entonação) na universidade e que não têm noção disso, não têm essa dimensão, sabe, tipo, não se dedica, num... faz de qualquer jeito e tal, mas a gente nunca, nunca para pra pensar nisso, né, que "eu entrei na universidade, mas alguém não entrou" e que esse alguém que não entrou talvez quisesse até mais do que eu, talvez fizesse mais diferença na vida dela do que na minha, é... Eu carrego isso comigo até hoje, sabe, de pensar que eu, eu fiquei com a vaga dela, né. Isso foi... difícil pra eu digerir, sabe, no, no processo todo. E eu fico pensando muito isso, que às vezes, é... a gente tem tantos alunos que poderiam valorizar muito a oportunidade, né, mas... sei lá, tá num outro rolê, não tá a fim, enfim, é isso. Mas por exemplo, eu tentei três vestibulares pra Psicologia quando eu era adolescente, eu não conseguia passar, né, eu passava a primeira fase, chegava a segunda fase, eu tomava um bolo. Então, assim, é muito ruim! Principalmente quando é essa idade, né, que a gente tá escolhendo a profissão, que a gente tá pensando o futuro... é muito frustrante! Eu acho muito perverso o sistema de seleção pra entrar na universidade (pausa).

Pesquisadora: É... e qual a sua posição frente ao enunciado "quem se preparar vai se dar bem"? (Pausa).

Rosa: Nossa, assim, Darwin adora essa frase, né, assim, seleção natural puríssima, né... (Riso).

Pesquisadora: Essa frase, só pra te informar, é retirada do slogan do MEC sobre o ENEM.

Rosa: É, esse último agora, né. É tipo assim, o mundo está acabando, as pessoas estão morrendo, tem um milhão... mas "ah! Você se prepara!" Eu acho que ela reflete muito um pouco do que é a universidade, porque a universidade é isso aí, as pessoas pensam assim na universidade, salve-se quem puder, "problema é seu, eu não tenho nada a ver com isso", por isso que eu te disse que isso é a parte da universidade que mais me frustra, porque você reproduz uma lógica determinista, é como se... é... basta você querer, é tipo coaching, né, parece uma coisa de coaching, "você quer, você vai, você faz, você consegue" e não é assim, né, não é dessa forma. É... Eu sou uma mulher de cinquenta anos, que tem toda uma carreira, toda a minha formação, e eu tenho as minhas dificuldades pra fazer o curso, né, e... Eu fico olhando, por várias vezes, eu tive alunos que dormiram na minha aula e... por que que eles dormiram? Porque eles trabalhavam oito, nove, dez horas, iam sem se alimentar, sem passar em casa, sem tomar um banho, super cansados, é... Então, assim, é impossível você achar que condições de classe, gênero e raça não interferem na... no seu desenvolvimento dentro da universidade. Não deveria, né! Pelo próprio princípio da universidade não deveria, mas o que a gente mais vê se reproduzindo é isso, o que as pessoas acreditam é nisso, né, que se o aluno se saiu mal o problema é dele, é... Eu nunca parei, eu nunca paro pra pensar que eu posso estar adotando uma didática que não tá alcançando o meu aluno, que eu posso tá isso, que... não, nunca sou eu, é sempre ele! "Porque se ele se esforçar, ele vai conseguir!", "cê não tá vendo o Fulano, ali, que é pai de família?", que é isso, "ele consegue!" Então, assim, do campo que eu venho do saber, da Geografia, né, a gente tem uma corrente epistemológica que se chama determinismo, né, e o princípio básico é, é, é esse, né, "você pode, você consegue!" Então, assim, eu acho que eu nunca ouvi uma frase tão absurda, mas é isso o que eu vivencio dentro da universidade o tempo todo, é muito tranquilo, é muito confortável a gente reproduzir a lógica do opressor, né, dentro de um espa... quando você está num espaço de poder. E... é uma briga enorme, porque vão dizer que a gente tem dois projetos de universidade, aquele que quer emancipar e aquele que quer formar pro mercado, né, e quando você pega cursos que estão preocupados em formar pro mercado, é, o que a gente mais ouve é isso, "você consegue, se vira, vira a noite, papapa", pa, né, isso é uma falácia enorme, enorme! Ninguém aprende, é, com fome, isso, né, eu te falo assim... Ninguém aprende com fome, ninguém aprende com sono, é, ninguém aprende com dor, ninguém aprende adoecido, então... esse projeto de universidade que tá aí, ele atende aos interesses de uma sociedade opressora (pausa).

Pesquisadora: É! E é interessante você falar essa parte sobre o determinismo, porque, até então, na minha pesquisa, é... Primeira coisa, a meritocracia é atrelada ao neoliberalismo, né, o discurso meritocrático tá no neoliberalismo, e a questão do determinismo também é muito real, tanto que a meritocracia ela funciona como um determinismo social, né, "quem pode, pode, quem não pode, não pode", né, "quem faz alcança e quem não faz, não alcança".

Rosa: É, e isso começa lá na entrada, né, quer dizer, você passa *se* (ênfase com a entonação) você for o melhor, como se fosse assim, né, como se existisse essa coisa de "eu sou o melhor", "eu sou o pior", né. Então já começa lá nesse processo, né, já, já começa desde o dia que você vai pra escola, parece que a gente vai pra escola pra... reforçar essa

coisa meritocrática mesmo, né. E a meritocracia ela é extremamente perversa, porque ela esconde atrás do indivíduo um problema que é social, né, então ela pega um fracasso e joga nas tuas costas, um fracasso que é social, né, vira um fracasso pessoal, e aí você precisa do coaching, né, pra poder ir lá pra te falar que você pode, que você consegue, mentira! Gente! A gente não consegue assistir aula com cólica menstrual, fala sério, né! E aí as pessoas inventam coisas, mas que é isso mesmo e, infelizmente, de novo, a universidade reforça isso (pausa).

Pesquisadora: Sim! É... a última questão que vou colocar é "você acha que a universidade garante algo para você no futuro?" (Pausa).

Rosa: (Suspiro) Olha, eu acho que garante, porque ela... ela te abre muitas possibilidades, então, ela pode não te garantir um emprego, por exemplo, mas ela vai te garantir conhecimento, é, minimamente, e aí a gente precisa ver o outro lado da universidade, né, por mais que tenha todos os problemas que eu te falei, a gente também tem, é, a outra dimensão, que é o projeto emancipatório, então a gente tem, é, muitos professores que abraçam esse projeto, temos projetos de pesquisa, a gente tem... a gente tem muita coisa legal dentro da universidade, a gente tem muita coisa ruim, mas a gente tem *muita* (ênfase com a entonação) coisa legal. E eu acho que a universidade, ela forma pra vida, sabe, ela não forma pra você ter um emprego, ou pra você ter um bom salário, ela não é nada disso! Não é... não... não é esse o rolê que embora as pessoas reproduzam e tal. Então, eu sempre acredito que quando a gente convive no espaço da universidade alguma coisa a gente leva, sabe, é, seja amizade, seja conhecimento, seja aprendizado teórico, técnico, pra exercer a minha profissão, é, o aprendizado político de conviver, das lutas, dos embates, né, então, eu, eu penso assim, que universidade tinha que ser tipo creche, sabe, assim, creche é pra todo mundo, pra todas as crianças precisam de creche pro seu processo de desenvolvimento, e acho que todo jovem e... idoso, enfim, toda pessoa de qualquer idade precisa de uma universidade também pra, pro processo de desenvolvimento, conhecimento, de autoconhecimento, é... a universidade é muito potente, né, ela é muito potente (pausa).

Pesquisadora: Ótimo! Então, é isso. Eu adorei tudo. Contribuiu demais pra minha pesquisa.

Rosa: Ah, eu também...

Pesquisadora: Assim que eu tiver os resultados da pesquisa e defender, envio uma cópia a você, okay?

Rosa: Certo!

Pesquisadora: Uma última coisa. Como você gostaria de ser chamada na pesquisa? Um nome fictício que você queira...

Rosa: (Pausa) Rosa. De Rosa Luxemburgo, porque eu adoro ela.

Pesquisadora: Ah, legal! Pra qualquer coisa, dúvida... estou aqui pro contato. Então é isso. Té mais!

Rosa: Até!

.....
.

ENTREVISTA 10

Identificação: ISABELA

Entrevista: 05/11/2020

Curso: Letras Português e Inglês (UFG-Regional Catalão/UFCAT em transição)

Ingressante de 2018

Pesquisadora: É... Bom, primeiro eu queria agradecer, né, pela sua disponibilidade, assim, vocês participantes estão ajudando e muito na pesquisa. Por conta de ser online as pessoas ficam um pouco perdidas, né, o que é compreensível, porque essa conjuntura toda de pandemia tá muito difícil, mas... aí eu queria só explicar um pouquinho antes de começar com as questões da minha pesquisa...

Isabela: Tá.

Pesquisadora: (...) Eu não sei se você sabe especificamente do que ela trata, mas ela aborda o espaço da universidade como um espaço meritocrático, sabe, de conquista. É... a hipótese que eu tenho na pesquisa é que a universidade... ela pode significar esse espaço para as pessoas que a habitam. E aí eu estudo, mesmo, o discurso, Análise do Discurso, que é a área desse projeto. E aí eu quero ouvir de vocês, ingressantes à universidade qual, quais são as questões envolvidas na vivência de vocês, é... do ingresso, né, do ENEM, enfim. E aí eu tenho oito questões aqui, norteadoras e que eu vou fazer pra você e que você pode responder de acordo com o que você tiver, assim, o que você quiser responder. É... Se você tiver alguma dúvida durante isso, você pode me falar, tá? Sobre a pesquisa. Posso começar?

Isabela: Pode.

Pesquisadora: Então tá. (Pausa). Me diz, como você imaginava a universidade antes do seu ingresso na instituição? E agora?

Isabela: Ah, sim... Ah, deixa eu pensar um pouco...(Pausa) Eu achava que a universidade antes de..., antes do meu ingresso, era um lugar muito rígido porque essa era a impressão que os professores da escola passavam. No terceiro ano tinha aquele concurso, aquele discurso constante de que só entrava quem dava o sangue pra entrar, assim, até que no jornal, até hoje tem isso, passava muito aquelas entrevistas de estudantes que estudavam dezesseis horas por dia e aí os professores colocavam isso na nossa cabeça, sabe? Então, cê tem que se matar de estudar porque na universidade é só... isso no caso da universidade federal, que tinha esse... esse... esse, essa pressão em cima com os alunos e tinha até um pouco de desmerecimento com a universidade particular porque eles falavam assim “ah,

faculdade particular qualquer um entra, cê pagou, cê entrou. Agora a pública não, é só quem deu o sangue pra entrar". E assim, é realmente um processo difícil, né, o ENEM não é um processo fácil, mas eu percebi que a faculdade não é só aquilo que... que eles contavam. Se a gente parar pra perceber, todo mundo que entra ali realmente passa por um processo difícil, só que são pessoas de variáveis tipos. Não falo só assim... de etnia, de raça... falo também gente que trabalha, gente que tem filho, gente que em algumas salas... a gente tem pessoas com quarenta, com cinquenta anos estudando, então, é que... (Pausa). Hoje em dia eu vejo a universidade como um ponto de encontro muito diversificado, deveria ser mais, mas que, assim, já é um bom começo e eu acredito muito nisso, porque... na minha época, eu pensava que ia ser só aluno de dezesseis, de dezessete, dezoito anos entrando, eu não imaginava que ia estudar com gente mais velha que eu, com pessoas que já tem família formada. Então, acho que eu tive essa... a minha perspectiva ampliou, é, nesse sentido (pausa).

Pesquisadora: E o que você sente frente a seu ingresso? O que você pensa sobre a sua classificação e aprovação no curso escolhido?

Isabela: Classificação, no caso, aquela ordem?

Pesquisadora: É. A ordem da seleção, mesmo.

Isabela: Ah, tá. Eu... (riso) eu terminei o Ensino Médio em 2017 e eu só entrei na faculdade em 2018, então, assim, quando eu entrei na faculdade, eu só queria entrar. Se eu fosse a última, sei lá, se eu passasse, assim, só nos últimos pontinho, pra mim já tava ótimo, porque quando eu não entrei, que foi em 2017, eu terminei em 2016 e em 2017 eu fiquei à deriva, eu entrei num estado de choque, tipo, como assim eu não entrei? Tinha isso também na escola... você terminou a escola tinha que entrar direto na faculdade, cê não pode ficar à toa, à toa, né, uma aluna parada. E aí foi um choque pra mim, então, quando eu entrei, eu não me importei muito, assim, nessa classificação, mas eu lembro, assim, que eu... eu não tinha muito conhecimento, tem muita coisa na faculdade que eu não conhecia, por exemplo, tem aquela chamada... acho que é chamada pública que chama. Eu não fazia ideia que aquilo existia e... quando eu entrei nesse curso eu fiquei muito feliz, porque... é o curso que eu queria. Eu lembro que na minha sala os professores até falavam "ah, tem gente que entra em Letras porque tá perdido, não sabe o que quer"... Mas, assim, eu me senti muito feliz porque foi o que eu queria. Era... foi uma decisão minha e eu consegui passar... (Pausa)... Deu pra responder essa?

Pesquisadora: Sim, claro. Respondido. Então, outra questão, posso?

Isabela: Pode.

Pesquisadora: É sobre as políticas de cotas... O que você pensa sobre a reserva de vagas em suas diversas modalidades?

Isabela: Ah... (riso). Eu acho que a política de cotas é uma tentativa de reparação histórica, é... com os negros, com os índios... E, assim, é muito importante, eu acho, indispensável e,

inclusive, eu acho que ela ainda é pouca, deveria ser mais, é... deveria ter mais vagas ofertadas, porque... a gente ouve muito aquele discurso de "aaaah, mas todo mundo é igual", tá, é todo mundo igual, deveria ser, só que você entra numa sala de Ensino Médio e a gente tem muito mais branco do que qualquer outra minoria e... isso é, assim, muito preocupante porque o Brasil é formado por muitos negros e também por brancos, então, assim, o que que acontece que não tem o mesmo tanto de gente na sala de aula e na universidade? Então, assim, a cota, ela é uma tentativa de tentar igualar e... eu sou muito a favor, assim, eu defendo muito, defendo bastante, eu acho que é imprescindível e acho que, assim, o nosso esforço ainda é pouco, deveria ter mais, deveria ter mais vagas, ser mais divulgado, ser... Realmente ser um programa mais fomentado (Pausa).

Pesquisadora: Obrigada pela resposta.

Isabela: Por nada.

Entrevistadora: A quarta questão é o que você pensa sobre a sua preparação para o ENEM, é... com relação à rotina de aulas, horas de estudo e conciliação com a vida pessoal?

Isabela: Nossa! Era... (Pausa) era exaustivo, porque no terceiro ano do Ensino Médio eu comecei a trabalhar como jovem aprendiz. Então, de manhã eu estudava, à tarde eu ia pro emprego, ou pro curso, que era em dias intercalados, e quando eu chegava à noite, seis horas da tarde, eu tinha que fazer atividade da escola, depois tinha que ir pra escola estudar... Então, assim, eu não tive aquela disciplina pra estudar, eu não conseguir ter aquela disciplina pra estudar pro ENEM metodicamente, porque eu tava exausta e, quando eu tava no Ensino Médio, no último ano, eu não sabia que curso que eu queria, então eu ficava pensando assim "gente, mas eu vou estudar, vou me esforçar pra que, se eu não sei...?" Eu sabia que eu queria ir pra universidade... foi, assim, é uma coisa que eu sempre tive comigo, eu queria conhecer esse ambiente, ter experiência, mas eu não tinha ideia de que curso, profissão... e aí era uma coisa que me desmotivava muito... (Pausa) E a gente vê os professores falando "ah, cê tem que estudar dez horas por dia, dezesseis horas por dia porque é concorrência..." Tinha muito professor que falava que as amizades que a gente tinha na sala de aula, no Ensino Médio, seriam os concorrentes, assim, eles tentavam até fazer os alunos virassem um contra... era realmente uma competição! Então eu não consegui me, me dedicar, assim, o tanto que eles pediam, pro ENEM, e teve uma hora que eu só aceitei isso, eu peguei e pensei "tá, eu não vou me matar de estudar porque eu tô trabalhando, eu tô estudando e pra mim é impossível", então, assim, eu fiz o meu melhor, eu tentei estudar, tentei acompanhar alguns cursinhos da faculdade... tentei acompanhar as aulas disponíveis no youtube, né, que sempre têm, né, "os assuntos mais caídos", mas foi isso, basicamente (pausa).

Pesquisadora: É bem importante isso tudo que você falou, né, porque parece ter sido complicado, pra você, ter tido que se dedicar ao ENEM trabalhando e outras coisas...

Isabela: Sim! Exatamente! Mas eles não levavam, assim, em consideração, né, era como se todo mundo tivesse o mesmo tanto de tempo disponível e o mesmo ritmo de estudo, né, e isso também varia muito.

Pesquisadora: Sim. É... (pausa) e depois que você entrou... pra você tem diferença entre esse lugar, espaço da universidade, físico e social, e os demais espaços que você convive cotidianamente?

Isabela: Nossa! Vejo muita diferença. Eu vejo que os meus círculos na faculdade, tanto de amigos quanto de colegas, ou então só de pessoas que eu passo assim mesmo... é muito mais diversificado do que, por exemplo, na minha própria família... ou então quando eu vou assistir filme no cinema, ou quando eu vou comer em algum lugar... (pausa) É muito mais diversificado no sentido de etnia e também no sentido de minorias LGBT, essas coisas... é bastante mais diversificado (riso). Aí eu até... eu peguei... eu tenho esse costume, agora, de quando eu entro em algum lugar reparar a quantidade de gente branca e a quantidade de gente negra, por exemplo, até sobre essas questões passadas de "Black Lives Matter", todo esse movimento que teve, eu pesquisei muito, andei estudando muito e, assim, é assustador o tanto que nesses outros ciclos, círculos fora da faculdade, a quantidade de gente branca é, assim, sempre maior, sempre gritante (pausa).

Pesquisadora: Ahan... E você conhece alguém que prestou vestibular, especificamente o ENEM, e não conseguiu a vaga que pretendia?

Isabela: Conheço! Muita gente! Pessoas que estudei junto... ou pessoas que tentaram o ENEM uma ou duas vezes... bastante pessoas (pausa).

Pesquisadora: Entendi...

Isabela: A pesquisa de vocês é voltada pra faculdade, é... pública, né?

Pesquisadora: Isso. E estamos entrevistando o pessoal ingressante na UFG Regional Catalão, mesmo, por questão do recorte, mas sim, é voltada para a universidade pública.

Isabela: Ahan... Os maiores casos que eu conheço de pessoas que tentaram pública e não conseguiram foram migrar pra universidade privada. E, assim, não é gente rica. São pessoas que, por exemplo, fazem financiamento com aquele programa...

Pesquisadora: Fies?

Isabela: Isso! E começou a trabalhar, sabe, pra tentar, porque assim... não tinha o tempo e disponibilidade de ficar estudando e repetindo ENEM até conseguir passar e aí preferia ir pra particular e aí, de todo jeito, pagar as mensalidades.

Pesquisadora: Sim! E é uma questão frequente esse debate sobre a universidade pública, ainda que pública, ser mais frequentada por quem tem privilégio do tipo não precisar trabalhar e afins...

Isabela: Com certeza! E é muito mais.

Pesquisadora: Mas hoje, você colocou, até, que apesar disso, há pessoas diversas na universidade, né? Ainda que historicamente tenhamos a universidade construída para a elite.

Isabela: Sim, eu acho, verdade! E é interessante perceber, também, que desde que as pessoas que não são da elite vêm ocupando esse espaço público, é... vamos dizer, assim... a fase da universidade vem caindo, as críticas tão sendo maior... sabe?

Pesquisadora: Sim, como a questão da balbúrdia, né?

Isabela: Exatamente!

Pesquisadora: Você acha, então, que a universidade pública começou a "perder credibilidade" por causa do que é dito sobre as pessoas que ocupam ela hoje?

Isabela: Sim! Exatamente. A gente percebe muito isso! (Pausa)

Pesquisadora: Certo. E a próxima questão é ligada a tudo conversado aqui... "Qual é a sua posição frente ao enunciado do MEC sobre o ENEM 'quem se preparar vai se dar bem'?"

Isabela: É uma frase muito tendenciosa, porque... quando a gente vê essa frase, a primeira coisa que eu penso é "quem se prepara se dá bem, mas de qual lugar cada pessoa tá se preparando?" Qual? Por exemplo, a gente não pode partir do princípio de que todo mundo tem as mesmas condições e aí deveriam alcançar os mesmos resultados, porque têm alunos, igual eu, que trabalhou, têm alunos que chega em casa e têm que ajudar família, têm alunos que têm problemas, têm, então, assim... a gente tem uma quantidade muito diversificada de cotidianos, então, é... quando o ministério fala essa frase eu penso que eles tão pintando a cara de um aluno que não representa todos os alunos do Brasil. É aquele aluno que terminou a aula e ele pode ir pra casa, não tem nada pra fazer além de estudar e essa não é a realidade de todo mundo, alunos do Brasil, é dos privilegiados. Assim, é realmente um privilégio você sair da escola e não ter que se preocupar com fazer almoço, não ter que se preocupar com olhar seu irmão mais novo, não ter que se preocupar com trabalho...(Pausa) É isso.

Pesquisadora: Bom, a última questão é "você acha que estar na universidade garante algo pra você no futuro?"

Isabela: Eu acho que... (inaudível).

Pesquisadora: Desculpa, não ouvi.

Isabela: Acho que não... Não, calma, deixa eu pensar (riso) (Pausa). Eu acho que garante... não, eu não acho que garante, porque... uma coisa que eu percebi muito, pelo menos no curso que eu faço, que é Letras, é que só a graduação nem sempre é o suficiente. Tem, é... Hoje em dia, é cada vez mais requisitado qualificações, por exemplo, é, no caso de Letras, os professores tão sempre batendo na tecla "já faz, já procura um mestrado, já pensa na linha de mestrado que você quer, porque eu acho que quanto mais você se qualificar, mais você vai ter oportunidades". E hoje em dia a graduação não é uma qualificação, assim, que garante que você vai ter uma coisa boa. (Pausa) Mas esse é meu ponto de vista como estudante de Letras, porque os alunos de outros cursos que tiverem só a graduação, eles já podem começar a atuar, já em Letras nem todos os casos é assim (Pausa).

Pesquisadora: Ahan. Bom, essas foram as questões e eu agradeço muito pelo nosso diálogo aqui. Eu vou aproveitar muito dessa entrevista e vou encaminhar, assim que escrever os meus resultados e defender, cópia da pesquisa a você, tudo bem? Pra todos os participantes. E pra finalizar, queria saber se você tem alguma questão e se... qual o nome fictício que você gostaria que utilizasse na pesquisa pra me referir a você?

Isabela: Ah, eu sugiro Isabela!

Pesquisadora: Isabela? Tá bom.

Isabela: Eu acho que não ficou nenhuma dúvida. Eu li o termo, lá, você falava um pouco sobre a pesquisa, explicava como ia ser... então não ficou nenhuma dúvida não, entendi a proposta, o objetivo... (Pausa)

Pesquisadora: Então tá certo. Eu vou manter contato e qualquer questão você pode falar comigo. E mais uma vez, muito obrigada mesmo.

Isabela: Por nada! Sucesso! Eu gostei muito do tema da sua pesquisa. Acho que vai ficar um trabalho brilhante!

Pesquisadora: Obrigada! Até logo!

Isabela: Tchau!

.....

ANEXOS

A – PARECER DE APROVAÇÃO DO PROJETO NO CEP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Do poder ao discurso de meritocracia:a universidade enquanto lugar a ser conquistado

Pesquisador: TAINA CAMILA DOS SANTOS
Área Temática:
Versão: 3
CAAE: 26381619.6.0000.8409
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.248.365

Apresentação do Projeto:
O projeto de pesquisa intitulado "Do poder ao discurso de meritocracia: a universidade enquanto lugar a ser conquistado", proposto pela pesquisadora responsável Tainá Camila dos Santos, trata de investigação realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos da Linguagem – modalidade Mestrado, da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão – UFCAT em transição, sob orientação do Prof. Dr. Bruno Franceschini, também pesquisador do projeto. E conta com o apoio financeiro da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior. As informações elencadas nos campos "Apresentação do projeto", "Objetivos da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas do Arquivo contendo as Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1582148_E1.pdf) de 18/08/2020 e do Projeto Detalhado Modificado. Trata-se de Emenda ao Protocolo CAAE: 26381619.6.0000.8409, aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa da UFG/Regional Catalão (CEP-UFG/RC) sob o Parecer Consubstanciado número 3.772.469/2019, de

15/12/2019.

Introdução

"... quem se preparar vai se dar bem" (BRASIL, 2017) Desde 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é encarregado de avaliar o desempenho do estudante concluinte da escolaridade básica (BRASIL, 2018). Posterior à implantação do exame, o Governo Federal aprovou, em 2005, o Programa Universidade Para Todos (ProUni) e em 2010 o Sistema de Seleção Unificada (SiSU). O primeiro, com o objetivo de conceder bolsas parciais e integrais para estudantes de Ensino Superior nas instituições privadas e o segundo, apresentado como um sistema informatizado do Ministério da Educação (MEC), com a função de possibilitar que pessoas se candidatem, virtualmente, às vagas oferecidas por instituições públicas (também de Ensino Superior) de diversas regiões do país. Tanto para o ProUni quanto para o SiSU, o critério primordial para a seleção dos candidatos às vagas nas instituições contempladas é ter realizado a prova do ENEM. Assim, o que era uma avaliação de desempenho escolar tornou-se a porta de entrada para a maior parte das universidades brasileiras. Desta forma, a cada edição, o MEC publica diversos vídeos e demais materiais divulgadores do ENEM, que são disponibilizados nas redes sociais e que inclusive vão ao ar na televisão, os quais enunciam as datas das provas, alterações de regras, limite de horário e, constantemente, "dicas de superação" e "conselhos para se sair bem na prova e entrar na Universidade dos sonhos". Um exemplo pode ser visualizado em um dos vídeos divulgados, em que uma jovem canta, enunciando "Quem se preparar vai se dar bem" (BRASIL, 2017). Podemos refletir, nesses enunciados, sobre a possibilidade de identificar o objeto meritocracia, na medida em que se propaga que "ir bem no ENEM" é questão de preparo do candidato, isto é, designando o sujeito como único responsável por sua entrada (ou não) nesse lugar almejado, em uma evidência de um discurso meritocrático. A partir dos fatos discorridos acima, temos, como proposta para esta pesquisa, investigar o funcionamento discursivo acerca da constituição do objeto "universidade como um 'lugar a ser conquistado", com vistas a problematizar se há, no domínio das condições de possibilidade dos enunciados, um discurso de meritocracia e, caso haja, como esse discurso se configura. Para tanto, nos fundamentaremos na arquegenealogia foucaultiana, compreendendo as relações de saber-poder que, segundo Foucault (1998), constituem o sujeito, interligadas às condições de possibilidade, imprescindíveis à produção de discursos. Além disso, à abordagem do discurso de meritocracia, estudaremos o conceito de governamentalidade (ao refletirmos acerca

da objetivação e subjetivação do sujeito candidato) e o acontecimento direcionado ao ENEM que, apresentado como meio de seleção de estudantes para as universidades, torna possível a emergência de enunciados como os presentes nos vídeos oficiais do MEC. Para a efetivação da discussão pretendida, posteriormente ao levantamento bibliográfico e apontamentos teóricos, realizaremos um recorte de enunciados institucionais do Governo Federal (publicados pelo MEC) e de enunciados retirados de entrevistas imprescindivelmente protocoladas e aprovadas pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão – com discentes ingressantes à Universidade, a fim de investigar, em todo o corpus, se é possível identificar o discurso de meritocracia nesses enunciados e pensar na subjetividade do sujeito ingressante frente ao imaginário da Universidade, observando de que forma esse sujeito é objetivado e consequentemente subjetivado pelas práticas discursivas que o envolvem, como no caso do discurso presente em vídeos sobre o ENEM. Pretendemos, nas entrevistas, orientadas na modalidade "história de vida tópica" (MINAYO, 2001), questionar sobre a vivência dos entrevistados durante o processo de concorrência às vagas ofertadas, abordando, inclusive, a memória discursiva desse lugar "Universidade", o que ela significa e como ela representa ou não, para esses sujeitos, a ascensão social.

Hipótese:

A hipótese principal é que o discurso de meritocracia subjetiva o sujeito ingressante à universidade, uma vez que ele é constituído de práticas discursivas, isto é, práticas que o objetivam no discurso, como em "quem se preparar vai se dar bem" (BRASIL, 2017). Nesse enunciado, o sujeito é objeto responsável por suas ações, por "se dar bem", portanto o resultado depende do seu preparo. Quando deparamo-nos com o "se dar bem", a Universidade também é objeto no discurso, afinal, surge como uma recompensa ao "bom preparo" do candidato. Por isso, objetivamos investigar de que modo esse lugar meritocrático da Universidade é configurado e de que forma o sujeito se constitui nesse lugar.

Metodologia Proposta

Nesta pesquisa, contemplada nos estudos discursivos, teremos como principal instrumento metodológico a entrevista, lembrando que o projeto se classifica na pesquisa qualitativa e social, compreendida pela interpretação de dados através da observação e descrição que, ao progredir, apresenta a precisão necessária à orientação da investigação científica (MINAYO, 2001). Quanto ao tipo de entrevista visada,

optamos pela entrevista semi-estruturada que, conforme Minayo (2001) articula a estruturada e a não- estruturada, isto é, de forma que a abordagem seja mais ou menos dirigida, com perguntas formuladas, porém, com liberdade para abordar o tema. Ainda sobre a modalidade da entrevista, partiremos para o que a autora chama de "história de vida tópica" (MINAYO, 2001, p.58) como estratégia para focalizar no setor da experiência do sujeito candidato à universidade. Em razão da pandemia da COVID-19, frente às recomendações da OMS de distanciamento social, optaremos pela realização das entrevistas via online, por meio de aplicativos de videochamada, o que será esclarecido aos participantes no TCLE. Assim, transcreveremos o material obtido por meio do registro audiovisual das entrevistas. Salientamos que imagens e áudios dos participantes jamais serão divulgados, apenas divulgaremos os resultados transcritos e autorizados por seus autores. A seleção de participantes se dará pela manifestação inscrita do formulário: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfnssMt9qmZFq6aVkYB6buQ-n0C0iL019soYT5c0MDWrpI82w/viewform, dirigido à comunidade acadêmica na UFG-RC para encaminhamento, por e-mail, do link do TCLE para leitura e preenchimento.

A partir do preenchimento do TCLE disponível no link online (https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSehss5crIgfUTqELUeIDmvWLaogXf1xAX0SLCLoyFzFageZuA/viewform), posteriormente, as datas das entrevistas serão acordadas com cada participante (individualmente), para serem realizadas via online (por Skype ou Google Meet). Posteriormente às entrevistas e haja vista que coletaremos também enunciados do MEC em propagandas do ENEM, partiremos para a análise, por meio da elaboração de séries enunciativas explicitada por Foucault (2008), a fim de cartografarmos o discurso de meritocracia na constituição do sujeito ingressante e da universidade.

Critério de Inclusão:
O critério de inclusão de participantes descreve que as entrevistas serão propostas a alunos (regularmente matriculados) com mais de dezoito anos, ingressantes em quaisquer cursos (de graduação) da UFG- Regional Catalão, cujo ingresso ocorreu entre os anos de 2018 e 2019.
Critério de Exclusão:
As entrevistas não serão propostas para pessoas com idade inferior a dezoito anos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:
Investigar, por meio da análise discursiva dos enunciados que compõem o corpus, como se dá, partindo da perspectiva foucaultiana, a relação do discurso de meritocracia com a configuração da Universidade enquanto "lugar a ser conquistado".
Objetivo Secundário:
• Discutir como, nas entrevistas realizadas, a universidade é objetivada nas práticas de confissão do sujeito ingressante, tendo em vista o funcionamento do dispositivo de confissão e a relação com as práticas de objetivação do objeto de discurso "universidade";
• Cartografar a constituição de um dispositivo de UNIVERSIDADE ENQUANTO ESPAÇO MERITOCRÁTICO, de modo a evidenciar como o campo associado do objeto "universidade e meritocracia" é constituído por diferentes ordens discursivas;
Descrever os efeitos de verdade no processo de objetivação e subjetivação dos sujeitos configurados pelos discursos presentes no corpus de análise, observando o funcionamento do conceito de memória discursiva como um conceito-motor para a produção dos discursos sobre a universidade e os discursos meritocráticos relacionados a ela;

• Contribuir aos estudos discursivos no desenvolvimento dos conceitos foucaultianos aqui mencionados, bem como acerca da constituição do objeto meritocracia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:
Diante da possibilidade de riscos mínimos, como o constrangimento, a qualquer momento da entrevista, o participante terá total direito de negar resposta ou, ainda, de desistir da sua participação na pesquisa. Caso o participante se sentir intimidado e ameaçado durante a entrevista, bem como com sintomas ansiosos e angustiosos, o pesquisador terá a responsabilidade de encaminhá-lo à unidade de saúde mais próxima, de forma imediata, arcando com os custos necessários, como o deslocamento.
Benefícios:
Os benefícios incluem a divulgação de resultados da pesquisa por meio da publicação de artigos e da apresentação oral de comunicações. Pretendemos, com essa

divulgação, ampliar a reflexão crítica sobre o espaço da universidade e o discurso constituinte desse espaço. Aos participantes entrevistados, serão disponibilizadas cópias digitais dos trabalhos em que as entrevistas constam, além de cópias da dissertação final defendida.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo que tem por objetivo "investigar a relação do discurso de meritocracia com a configuração da Universidade enquanto 'lugar a ser conquistado'", e terá a participação de 10 estudantes da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, que tenham prestado o ENEM nos anos de 2018 e 2019. A pesquisa é relevante para a área das Ciências Humanas em geral e em especial para os Estudos da Linguagem e da Cultura. Sua importância revela-se na proposta de ampliar "a reflexão crítica (inclusive aos entrevistados) sobre o espaço da universidade e o discurso constituinte desse espaço". O estudo, realizado em nível de mestrado, foi apresentado e aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa da UFG/Regional Catalão (CEP- UFG/RC) sob o parecer número 3.772.469/2019, de 15/12/2019. A pesquisadora responsável apresenta emenda ao protocolo de pesquisa "em razão da pandemia da COVID-19, frente às recomendações da OMS de distanciamento social, optaremos pela realização das entrevistas via online, por meio de aplicativos de vídeo chamada, o que será esclarecido aos participantes no TCLE". O material obtido por meio do registro audiovisual das entrevistas será transcrito. A pesquisadora afirma ainda que "imagens e áudios dos participantes jamais serão divulgados". De acordo com a pesquisadora a "seleção de participantes se dará pela manifestação inscrita do formulário: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfnssMt9qmZFq6aVkYB6buQ-n0C0iL019soYT5c0MDWrpI82w/viewform, dirigido à comunidade acadêmica na UFG-RC".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

a - Informações básicas do projeto descritas na Plataforma Brasil em acordo com o projeto detalhado e demais documentos, data de 18/08/2020.

b - Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) modificado: foi apresentado 01 (um) termo de consentimento com os esclarecimentos solicitados nas normativas da CONEP/CEP.

c- Projeto detalhado modificado: foi apresentado projeto de pesquisa, elaborado em

acordo com as normativas da CONEP/CEP, contendo: Introdução; Justificativa; Objetivos; Fundamentação Teórica; Metodologia; Riscos; Benefícios; Das Questões Norteadoras das Entrevistas; Cronograma de Pesquisa; Orçamento Detalhado do Projeto; Referências.

d – Formulário de Participação na Pesquisa - foi apresentado um documento indicando o texto básico em que os possíveis participantes, de acordo com as condições de participação (descritas brevemente nesse formulário), manifestarão interesse em participar da pesquisa. O documento está de acordo com a Nota de Orientação para Pesquisas Online emitida pelo Comitê de Ética na Pesquisa da UFG/Regional Catalão (CEPUFG/RC).

e - Carta de Resposta às Pendências: foi apresentado um documento indicando as respostas às pendencias apontadas no Parecer número 4.219.168 de 18/08/2020, em acordo com as normatizações da CONEP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sobre a Carta de Resposta às Pendências apontadas no Parecer número 4.219.168 de 18/08/2020, e anexada ao protocolo CAAE: 22121019.2.0000.8409:

1- Inserir nas informações básicas do projeto detalhado, descritas na Plataforma Brasil, os critérios de inclusão dos participantes.

Resposta à pendência 1: Conforme solicitado, os critérios de inclusão foram acrescentados no texto do projeto detalhado (p. 13) e na Plataforma Brasil (item de critério de inclusão, p. 4): O critério de inclusão de participantes descreve que as entrevistas serão propostas a alunos (regularmente matriculados) com mais de dezoito anos, ingressantes em quaisquer cursos (de graduação) da UFG-Regional Catalão, cujo ingresso ocorreu entre os anos de 2018 e 2019.

Parecer: Pendência Atendida

- Explicitar no item Metodologia, tanto do Projeto detalhado quanto das informações básicas do projeto descritas na Plataforma Brasil, os procedimentos metodológicos que serão utilizados para se chegar aos potenciais participantes que comporão o grupo da pesquisa. Resposta à pendência 2: Seguindo o solicitado, revisamos a redação da metodologia, explicitando os procedimentos metodológicos necessários e que sofreram mudanças por conta da pandemia da COVID-19. No projeto detalhado (p. 11-12), consta o seguinte texto: e) Diante da COVID-19 e da suspensão de aulas presenciais na instituição, conforme recomendações da Organização Mundial da

Saúde (OMS), reformulamos as condições primordiais para a realização das entrevistas, resultando em uma emenda do projeto. Mantendo o período de distanciamento social e pensando na segurança dos participantes, pretendemos entrevistar com auxílio de serviços e aplicativos online (como o Google Meet), que oferecem videochamada, com total consentimento dos entrevistados para a gravação do diálogo, com o objetivo posterior de transcrever o material. Para tanto, submeteremos a proposta para o CEP, com fornecimento dos documentos necessários, como o TCLE (desenvolvido em meio eletrônico, disponível em https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSehss5crIgfUTqELUeIDmvWLaogXf1xAX0SLCLoyFzFageZuA/vi ewform) e o formulário para inscrição dos interessados no projeto, disponível no link: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfnssMt9qmZFq6aVkYB6buQn0C0iL019soYT5c0MDWrpI82w/vi ewform. Este formulário foi produzido com o intuito de ser divulgado, em meios online, à comunidade acadêmica da UFGRC, a fim de esclarecer o projeto e selecionar possíveis participantes. f) Nesta etapa, será divulgado o Formulário de Participação na Pesquisa a estudantes, via online (em grupos do facebook, da UFG-RC). Este formulário será constituído por uma breve apresentação da pesquisa (bem como dados relevantes, como o número de autenticação do projeto no CEP) e, posteriormente, para que o interessado preencha, dados como e-mail, matrícula (com ano de ingresso), curso e a manifestação de interesse obedecendo aos critérios de inclusão (alunos ingressantes em cursos de graduação entre 2018 e 2019 e com mais de dezoito anos). Aqui será perguntado, também, acerca da disponibilidade da realização de entrevistas por vias online (por meio do Skype ou Google Meet). O formulário será gerado pelo google docs. Link acima. g) Diante dos dados preenchidos do formulário, realizar-se-á um levantamento de dez possíveis participantes (considerando, novamente, os critérios de inclusão e exclusão), em contato por e-mail com cada um deles e certificando o interesse na participação. Em seguida, será disponibilizado o TCLE (link acima) para leitura e preenchimento dos participantes, de forma eletrônica, em link compartilhado por e-mail, também em google docs, conforme as instruções da Nota de Orientação para Pesquisas Online emitida pelo Comitê de Ética. Para a realização das entrevistas, será previamente combinada com cada participante uma data para a realização de chamada de vídeo e desenvolvimento das entrevistas, de modalidade semi-estruturada, com oito questões norteadoras que abrangem a vivência tópica do participante em relação ao vestibular e ao ingresso na universidade. Após isso, as entrevistas serão transcritas e os

enunciados recortados sob a ótica dos conceitos de confissão e subjetividade do sujeito, concepções essas foucaultianas. A alteração também ocorreu na Plataforma Brasil (item Metodologia de Análise de Dados, p. 4): A metodologia de análise de dados segue os seguintes pontos: 1. Recorte de enunciados do MEC sobre o ENEM, a partir da identificação do objeto meritocracia; 2. Elaboração de séries enunciativas dos enunciados inicialmente coletados, respondendo às questões: 1) quem fala? e 2) de quem se fala? (FOUCAULT, 2008), a fim de observar a objetivação do sujeito ingressante pelo MEC; 3. Nesta etapa, será divulgado o "Formulário de Participação na Pesquisa" a estudantes, via online (em grupos e facebook, da UFG-Regional Catalão. Este formulário será constituído por uma breve apresentação da pesquisa (bem como dados relevantes, como o número de autenticação do projeto no CEP) e, posteriormente, para que o interessado preencha, dados como e-mail, matrícula (sem necessidade de identificação por nome), curso e a manifestação de interesse obedecendo aos critérios de inclusão (alunos ingressantes em cursos de graduação entre 2018 e 2019 e com mais de dezoito anos). Aqui será perguntado, também, acerca da disponibilidade da realização de entrevistas por vias online (por meio do Skype ou Google Meet). O formulário será gerado pelo google docs. Link: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfnssMt9qmZFq6aVkYB6buQn0C0iL019soYT5c0MDWrpI82w/vi ewform; 4. Diante dos dados preenchidos do formulário, realizar-se-á um levantamento de dez possíveis participantes (considerando, novamente, os critérios de inclusão e exclusão), em contato por e-mail com cada um deles e certificando o interesse na participação. Em seguida, será disponibilizado o TCLE para leitura e preencimento dos participantes, de forma eletrônica, em link compartilhado por e-mail, também em google docs, conforme as instruções da Nota de Orientação para Pesquisas Online emitida pelo Comitê de Ética. Link do TCLE: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSehss5crIgfUTqELUeIDmvWLaogXf1xAX0SLCLoyFzFageZuA/vi ewform; 5. Para a realização das entrevistas, será previamentecombinada com cada participante uma data para a realização de chamada de vídeo e desenvolvimento das entrevistas, de modalidade semi- estruturada, com oito questões norteadoras que abrangem a vivência tópica do participante em relação ao vestibular e ao ingresso na universidade; 6. Após isso, as entrevistas serão transcritas e os enunciados recortados sob a ótica dos conceitos de confissão e subjetividade do sujeito, concepções essas foucaultianas, a fim de analisar a objetivação e subjetivação do sujeito ingressante. Parecer: Pendência Atendida

2 – Atualizar o Cronograma de Pesquisa, tanto do Projeto detalhado quanto das informações básicas do projeto descritas na Plataforma Brasil.
Resposta à pendência 2: As devidas alterações foram realizadas, (cf. Plataforma Brasil, p.5, no item do cronograma) e no projeto detalhado (p. 16-17, itens 8.3 e 8.4).
Parecer: Pendência Atendida

3 – Atender ao exposto na Nota de Orientação para Pesquisas Online emitida pelo Comitê de Ética na Pesquisa da UFG/Regional Catalão (CEP-UFG/RC), disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1059/o/Notas_pesquisas_online_-_CEP.pdf
Resposta à pendência 4: Correspondendo às orientações da Nota de Orientação para Pesquisas Online, o TCLE foi alterado para o formato de formulário no google docs. O termo terá o link enviado por e-mail por meio do preenchimento anterior do "Formulário de Participação na Pesquisa", em que os possíveis participantes, de acordo com as condições de participação (descritas brevemente nesse formulário), manifestarão interesse em participar da pesquisa. Tal formulário será compartilhado em redes sociais, em postagens referentes à UFG-Regional Catalão e em grupos de alunos de cursos diversos no whatsapp. Cabe constar que tanto nesse documento quanto no TCLE são explicitadas as condições de entrevistas por via online, por alternativas de uso como Skype ou de serviços como Google Meet. Link do formulário: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfnssMt9qmZFq6aVkYB6buQn0C0iL019soYT5c0MDWrpI82w/viewform.
Parecer: Pendência Atendida

4 – Adequar o TCLE, explicitando como a assinatura do participante será coletada.
Resposta à pendência 5: O TCLE foi modificado, considerando as exigências frente à pandemia COVID-19. Por isso, o documento foi convertido estruturalmente em um formulário do google docs, acessível por link que será enviado por e-mail aos interessados na participação. O TCLE foi modificado a fim de que a assinatura e ciência do participante sejam realizadas de forma online, por meio do preenchimento de dados e da declaração de consentimento. Assim, o documento é disponibilizado por link de pesquisa (conforme sugestão do CEP às pesquisas online).

Link:
https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSehss5crIgfUTqELUeIDmvW
LaogXf1xAX0SLCLoyFzFageZuA/viewform.

Parecer: Pendência Atendida

Todas as pendências foram atendidas e a presente emenda ao protocolo (CAAE: 22121019.2.0000.8409) não apresenta pendências ou inadequações. Todos os preceitos éticos foram atendidos.

Ante relato o meu parecer é pela aprovação, s.m.j. deste Comitê.

Considerações Finais a critério do CEP:
Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/UFG/Regional Catalão - UFCAT considera a presente solicitação de Emenda APROVADA, pois a mesma foi considerada em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP/UFG/RC o Relatório Final, baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, de acordo com o primeiro parecer consubstanciado de aprovação emitido anteriormente a esta emenda.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇOES_BASICAS_1582148_E1.pdf	18/08/2020 23:37:45		Aceito
Outros	Carta_Resp_Pend_Taina_Santos.pdf	18/08/2020 21:51:29	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado_Modificado.pdf	18/08/2020 21:17:49	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Formulario_Participacao.pdf	18/08/2020 21:16:17	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Modificado.pdf	18/08/2020 21:15:59	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	tcle_alterado_emenda.pdf	23/06/2020 12:55:30	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito

Justificativa de Ausência	tcle_alterado_emenda.pdf	23/06/2020 12:55:30	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado_emenda.docx	23/06/2020 12:52:41	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito
Outros	check_list.pdf	22/11/2019 19:37:46	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito
Outros	declaracao_capes.pdf	22/11/2019 19:28:04	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito
Outros	entrevista_coleta_de_dados.pdf	22/11/2019 19:22:17	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_ufg.pdf	22/11/2019 19:20:01	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_de_compromisso.pdf	22/11/2019 19:17:58	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_pesquisa.pdf	22/11/2019 19:15:23	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.docx	22/11/2019 19:09:34	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	22/11/2019 19:05:53	TAINA CAMILA DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

CATALÃO, 31 de Agosto de 2020

Assinado por:
Adriana Freitas Neves
Coordenador(a)